

Universidade Federal de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Marília Martins Bandeira

“No *galejo* da remada”:

Estudo etnográfico sobre a noção de *aventura* em Brotas, SP

São Carlos

2012

“No *galejo* da remada”:

Estudo etnográfico sobre a noção de *aventura* em Brotas, SP

Marília Martins Bandeira

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (orientador – UFSCar)

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCar)

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF)

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B214gr

Bandeira, Marília Martins.

"No *galejo* da remada" : Estudo etnográfico sobre a noção de *aventura* em Brotas, SP / Marília Martins Bandeira. -- São Carlos : UFSCar, 2012.

195 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Antropologia. 2. Sociologia. 3. Corporalidade. 4. Natureza. 5. Esportes de aventura. 6. Rafting. I. Título.

CDD: 306 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas.coordenacao@ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Marília Martins Bandeira

27/06/2012

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos
Universidade Federal Fluminense / UFF

Submetida à defesa em sessão pública
Realizada às 15:00h no dia 27/06/2012.

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos

Homologado na CPG-PPGAS na
_____ª Reunião no dia ____/____/____.

Profa. Dra. Clarice Cohn
Coordenadora do PPGAS

Resumo

Investigar o uso e a elaboração da noção de *aventura* no contexto esportivo brasileiro foi o objetivo primeiro deste estudo. Devido à imensa variabilidade da experiência contemporânea da *aventura*, procurei acompanhar os seus desdobramentos concretos em uma versão local de onde surgiram indagações sobre sua especificidade. Parti, então, de como era refletida e racionalizada e, ao mesmo tempo, de sua prática na cidade de Brotas (SP), autodenominada a *capital brasileira da aventura*. O estudo da *aventura* neste contexto, empreendimento inegavelmente corporal, me levou a colocar meu próprio corpo a serviço de sua compreensão e a focar o *rafting* brotense como condição de possibilidade deste experimento. Contudo, durante a sua realização percebi que a *aventura* apresentava o componente esportivo da prática apenas como um dos tantos elementos possíveis de sua vivência. Ao passo que me esforçava para transportar ao texto, então, as muitas vertentes, objetos em disputa, categorias de acusação e discursos de autoelogio que circunscrevem as matizes da noção de *aventura* cheguei, sobretudo, ao entendimento de que as principais preocupações da *aventura* em Brotas dizem respeito não apenas ao amadorismo esportivo, como também à profissionalização do turismo e, antes, a um projeto ambiental. Através do tratamento destes temas a *aventura* enquanto trabalho aflorou como uma questão imprevista e central à pesquisa etnográfica. E notei que ela está comprometida com uma ideia peculiar de *natureza* e é produzida em oposição à noção de *radicalidade*. Mas que, embora a exaltação da *natureza* produza o afastamento da *radicalidade*, a última é retomada na medida em que a noção contemporânea de *aventura* é criada para, e passa a exigir, um certo tipo de turista ou esportista e um tipo específico de trabalhador, o *condutor de aventura*, cujas práticas estão relacionadas não à evitação, mas ao enfrentamento de certos *riscos*, matizados pelas noções de *segurança* e técnica.

Palavras-chave: corporalidade, natureza, técnica, *rafting*, *aventura*.

Abstract

To investigate the use and development of the idea of *adventure* in Brazilian sports field was the main goal of this study. Due to the enormous variability of the contemporary experience of *adventure*, I tried to follow the developments of a local version from where doubts about its specificity emerged. I started, then, on how this notion was thought and rationalized and, at the same time, on its practice in the city of Brotas (São Paulo state), self entitled the *Brazilian capital of adventure*. The study of *adventure* in this ambiance, undeniably embodied, led me to put my own body to work for its understanding and to focus on rafting practice in Brotas, as the condition of possibility of this experiment. However, during the experimentation I realized *adventure* held the sporting component only as one of the possible elements of its exploring. While making the effort to put in words so many angles, objects in dispute, categories of accusation and self-praising discourses that circumscribe the hues on the concept of *adventure* I ended on acknowledging that the main concerns of *adventure* in Brotas regard not only the amateur sport, but also the professionalization of tourism and, before it all, an environmental project. Through the problematization of these themes, "*adventure* as work" came up as an unpredicted matter but a core question to the ethnographic research. And I noted that it is compromised with a peculiar notion of *nature* and that it is produced in opposition to the concept of *radicality*. But that, even though the exaltation of *nature* produces the detachment of *radicality*, the last one is regained as the contemporary notion of *adventure* is created so that, and it then demands, a certain type of tourist and a specific kind of worker, *the adventure conductor*, whose practices are related not to the avoidance, but to the facing of certain risks, mingled with the notions of safety and technique.

Key words: corporeality, nature, technique, rafting, adventure.

Agradecimentos

À Maria de Fátima Martins Bandeira, por carregar comigo, literalmente, o peso das mudanças de casa para a universidade, de lá para o campo e de volta. Por se ocupar do extenuante trabalho e de inúmeros problemas da vida doméstica para que eu pudesse me dedicar integralmente à escrita deste texto e, apesar disso, ter sido quem mais sofreu as consequências do meu cansaço e as frustrações desse processo. Mas, principalmente, porque atuou diretamente nele: leu, ouviu, releu e reouviu incontáveis vezes esse e outros textos. Esse agradecimento nunca será suficiente frente à dedicação de toda uma vida e de todas as recusas feitas para que eu pudesse ter escolha.

A Valter Oscar Bandeira, por sempre oferecer toda a estrutura e arcar com tudo o que se fazia necessário para cumprir com as exigências deste e de todos os outros processos de formação pelos quais escolhi passar. Por abdicar do direito à dúvida e ao erro e por deixar de pensar em seu próprio cansaço e em suas expectativas a fim de se fazer provedor e porto seguro de nossa família. Espero poder um dia devolver o alívio, a tranquilidade e o descanso que lhe faltaram em todos esses anos.

À Mariana Martins Bandeira, minha irmã caçula, por trazer doces e música a esse mestrado, pelo incentivo nos momentos de dúvida e fraqueza e por encher de sorrisos e leveza a minha vida. A Daniel Ramos da Fonseca pelo amor, confiança, paciência, interesse e disposição em compartilhar deste mundo acadêmico e pelo socorro em campo. À Vera Rocha por participar forçosamente das leituras em voz alta e por ouvir sempre bem humorada meus resmungos.

À Ana Lúcia Martins e Morete Bandeira pelo exemplo na atividade docente, à primeira por me apresentar a atividade acadêmica como caminho possível e pelo incentivo à pesquisa e à segunda pela motivação literária e pela revisão das primeiras versões de alguns capítulos. As duas por estarem ao meu lado nesse percurso, acompanhando as minhas publicações e exposições sempre com tanto carinho.

A Messias Basques pela genialidade e generosidade (o primeiro abrigo, a ajuda com a cidade, a galinha caipira com quiabo e a vaca atolada feitos atenciosamente nos domingos em que terminávamos trabalhos finais para que não perdêssemos tempo, as sugestões de leitura, os empréstimos de livros e filmes, a revista que criou e que mantém com muito esforço para todos os alunos do programa, as conversas e debates sempre atentos e conselheiros) e a revisão às pressas da versão final.

À Michele Maestro por dividir comigo o espaço que não tinha em seu primeiro quartinho, pela companhia na empreitada de encontrar e montar um apartamento e pela dignidade e doçura. A Caio Manhanelli por me tomar por irmã mais nova, pelas caronas, pelas lutinhas, pela panqueca e por me deixar usar seu quarto enquanto esteve fora. À Karina Biondi pelo brilhantismo e gentileza e pela leitura do primeiro esboço deste texto. À Thaís Mantovanelli pelas motivadoras energia em campo e coragem na vida, os papos, as danças e as gargalhadas, pela lasanha de berinjela e por me levar a Brotas. À Carla Camargo pela receptividade e companheirismo na insegurança e na burocracia. E à Jacqueline Lima e todas as Maria Bonitas pela receptividade e por me acolherem em sua república nas idas à São Carlos, pós-escrita.

À Carolina Bonzo pelo interesse, cumplicidade e amor de sempre. À Daniela Nagy pela criatividade inspiradora, as corridas e por mais um *abstract*.

Ao Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo por aceitar orientar este projeto e por me chamar de volta ao recorte de pesquisa quando os devaneios furtavam a objetividade necessária à escrita de uma dissertação. Ao Prof. Dr. Jorge Mattar Villela pelas excelentes disciplinas ministradas, pelo interesse em colaborar ativamente para a minha formação acadêmica, por levar a sério o ofício de orientar, pela indicação da edição especial da *Anthropology Today* sobre meu tema de pesquisa e pelo privilégio de sua participação no meu longo exame de qualificação. Ao Prof. Dr. Felipe Vander Velden pelas conversas francas e por compor a banca de defesa.

Ao Prof. Dr. Martin Curi, pelo convite para o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Esporte e Sociedade (NEPESS) da Universidade Federal Fluminense, pela companhia na barca para Niterói, pelo suporte em Caxambu e pela leitura do projeto de dissertação. Ao Prof. Dr. Luiz Rojo pela receptividade na RBA, RAM e em sua linha de pesquisa do NEPESS, presença e preocupação com minha jornada acadêmica e por compor a banca de defesa. À Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes pela acolhida e a todo o NEPESS pela acolhida e incentivo entre pastéis de siri e bolinhos de bacalhau no Caneco Gelado do Mário.

Ao Prof. Dr. Cleber Dias, pelo incentivo tão importante desde 2005, pelo convite para o Grupo de Estudos Esporte, Lazer e Natureza e por todas as conversas e leituras em diferentes estados do Brasil, congressos, restaurantes vegetarianos, botecos e feiras. Ao Prof. Dr. Luiz Afonso Vaz de Figueiredo, pela amizade e leitura dos primeiros capítulos. Aos professores Ms. Dimitri Wuo, Dr. Giuliano Pimentel, Ms. Ênio Pereira, Dra. Gisele Schwartz, Ms. Leonardo Madeira, Dra. Alcyane Marinho, Ms. Igor Armbrust e a todos os amigos do LEL e do CBAA pelo incentivo, confiança e carinho.

A Fabíola, Robinho, Evandro, Zulu, Tarzan, Jean Claude, Betão, Muriçoca, Mormaço, Guê, Jú, Genildo, Pezão, Marco Ivan, Véio do Rio, Cabeça, Igor, Thiago, Jean Carlo e Luciana, Natália, Kika, Ana Carol, Cecília, Juliana, Marina e seus pais, e, em especial, “meus filhos” João, Lê, Plácido, Zequinha, Jorge, Nando, Biel e Duzinho por me ajudarem a encontrar hospedagem, por mostrarem os caminhos e as *linhas d’água*, por responderem as perguntas, pela marcação dos mapas e pela ajuda com as cordas, por apontarem as direções, ditarem as músicas, por terem me levado em seu bote e corrigido os meus movimentos.

À equipe Bozo D’água, em suas diferentes formações: Kekê, Fabinho, Paulinho, Zé Prego, Mãozinha, Samuka, Serginho, Leão, Rufus, e, em especial a Lucas da Silva, o capitão Coré, que inspira minha sincera admiração, por sua trajetória e sua disposição de professor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa que permitiu que eu me dedicasse exclusivamente a esta pesquisa.

A.ven.tu.ra f. acontecimento extraordinário, sucesso estranho e inesperado; proeza; façanha buscada por espírito aventureiro ou deparada por acaso; caso notável ou famoso de qualquer gênero; risco, perigo, sorte inopinada; sucesso romanesco//F. aventure//I. adventure * aventureiro m., que comete ação arriscada* 2. Fig., o que vive do expediente, sem moral, sem modo de vida conhecido, entregue aos baldões do acaso // F. adventurer // I. Adventure (Magalhães, 1960).

SUMÁRIO

PARTE ZERO: Da aventura antropológica à antropologia da <i>aventura</i>.....	07
PRÓLOGO.....	07
INTRODUÇÃO.....	13
Adendo sobre os turistas de aventura.....	17
Duas temporadas, três movimentos, dois textos.....	18
CAPÍTULO 1. A “AVENTURA” METODOLÓGICA.....	26
1.1 Um estudo desde o corpo.....	27
1.2 Das condições de trabalho.....	29
1.3 <i>No galejo da remada</i>	34
PARTE 1: Narrativas, instituições e a invenção do <i>profissional de aventura</i>.....	42
CAPÍTULO 2. 22°17'12'' SUL, 48°07'35'' OESTE.....	42
2.1 Nota sobre as narrativas de Brotas.....	49
2.2 A narrativa geológica.....	50
2.3 A narrativa fundadora.....	52
2.4 Sobre a política e o ecoturismo brotense.....	56
CAPÍTULO 3. COMO NASCE UM CAMPO DE PESQUISA: SOCIOGÊNESE DA AVENTURA EM BROTTAS.....	66
3.1 Ecoturismo + Esporte Radical + Segurança = Turismo de Aventura.....	66
3.2 Problemas da Aventura.....	74
3.3 Oficialmente Aventura.....	80
3.4 Turismo Esportivo, mas poderia ser esporte turístico.....	81
CAPÍTULO 4. DO AVENTUREIRO PROFISSIONAL AO <i>PROFISSIONAL DE AVENTURA</i>	88
4.1 A bóia, o remo e a corda.....	101
4.2 <i>Rafting</i> Sertanejo.....	114
4.3 <i>Frente! Ré! Segurou! Piso!</i>	118
4.4 <i>Conduzir e Competir</i> em Brotas.....	121
PARTE 2: Corpos, técnicas e a formação do <i>atleta de aventura</i>.....	127
CAPÍTULO 5. QUANDO SER ESPORTISTA É DIFERENTE DE SER ATLETA.....	127
5.1 Anônimos Supercampeões: os “Palhaços da água” e o campeonato mundial.....	129
5.2 Onde estão as <i>rafteiras</i> ?.....	142
CAPÍTULO 6. EVENTOS COMPETITIVOS, ROTINAS DE TREINAMENTO E TÉCNICAS.....	154
6.1 O campeonato brasileiro de <i>rafting</i> de 2010 desde meu diário de campo.....	154
6.2 Um campeonato de <i>rafting</i> segundo suas regras.....	158
6.3 A rotina de treinos na escolinha de <i>rafting</i> do Coré.....	166
6.4 <i>Leme, meio e proa: sobre trabalhar alto ou baixo</i>	168
6.5 <i>Ler o rio e entender com o braço</i>	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
REFERÊNCIAS.....	185
ANEXOS.....	191

PARTE ZERO: Da aventura antropológica à antropologia da *aventura*

PRÓLOGO

Imagino que o leitor tenha alguma ideia sobre aventura. Nós que nascemos sob o que se convencionou chamar de tradição ocidental sabemos de que tipo de coisa se trata, já que quase não há ação humana que não possa ser qualificada como uma aventura. Em nossas sociedades dicionarizadas sua definição canônica é abstrata porque geral; vaga porque multiforme, dependendo das circunstâncias, pode adquirir um sentido positivo ou pejorativo na qualificação de algo. Entretanto, é preciso haver elementos fundamentais que nos permitam classificar automaticamente um fato ou outro como uma aventura.

Apesar do uso livre e corrente da expressão aventura no Brasil, ela tem sido tratada na bibliografia em ciências humanas, na maioria das vezes, como um qualificativo e sinônimo para tudo aquilo que tem um componente desconhecido, incontrolável e, portanto, inusitado e desafiador. Mas seu uso apenas retórico e descontrolado – do qual os antropólogos procuraram, em um primeiro momento, distanciar a antropologia para afirmá-la como ciência ou, mais tarde, aproximar a antropologia, a partir do método etnográfico, para conferir a ela seu diferencial¹ –, fez com que ela fosse negligenciada enquanto fenômeno.

Em *Tristes Trópicos*, Lévi-Strauss já agendava o tema das “viagens de aventura” para investigação enquanto fenômeno social: “Quase não se viajava há cerca de vinte anos, e não eram as salas Pleyel cinco ou seis vezes repletas que acolhiam os contadores de aventuras.” (1996, p.16) Entretanto, ao passo que colocava as viagens da antropologia em comparação àquelas de aventura, empreendia julgamento tão duro contra as últimas que desencorajaria levá-las a sério e como objeto de estudo:

Esse gênero de relato encontra uma aceitação que para mim continua inexplicável. A Amazônia, o Tibete e a África invadem as lojas na forma de livros de viagem, narrações de expedição e álbuns de fotografias [...]. Longe de despertar seu espírito crítico ela pede cada vez mais desse alimento, do qual engole quantidades

¹ Para Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos* (1955 [2009]): “Não há lugar para a aventura na profissão de etnógrafo; ela é somente sua servidão, pesa sobre o trabalho eficaz com o peso das semanas ou dos meses perdidos no caminho; das horas improdutivas enquanto o informante se esquiva, da fome, do cansaço, às vezes da doença; e, sempre, destas mil tarefas penosas que corroem os dias em vão e reduzem a vida perigosa no coração da floresta virgem a uma imitação do serviço militar... que sejam necessários tantos esforços e desgastes inúteis para alcançar o objeto dos nossos estudos não confere nenhum valor ao que se deveria mais considerar como o aspecto negativo do nosso ofício. As verdades que vamos procurar tão longe só tem valor se desvencilhadas dessa ganga.” (p.15) Já para Ruth Cardoso em *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa* (1986): “A nossa *Aventura Antropológica* pode lembrar a visão romântica que cerca os antropólogos, quase sempre confundidos com excêntricos aventureiros que se lançam em estranhas viagens por regiões desconhecidas ou espaços urbanos inabituais. Mas, mesmo rejeitando estas pinceladas românticas, não seria enganoso dizer que a pesquisa é sempre uma aventura nova sobre a qual precisamos refletir. É o que tentamos fazer neste livro.” (p.13)

fantásticas. Ser explorador agora é um ofício; ofício que não consiste, como se poderia acreditar, em descobrir, ao cabo de anos de estudo, fatos até então desconhecidos, mas em percorrer elevado número de quilômetros e acumular projeções de fotos e vídeos, de preferência em cores, graças as quais se encherá uma sala, vários dias seguidos, com uma multidão de ouvintes para quem as trivialidades e banalidades parecerão milagrosamente transmutadas em revelações [...]. O que ouvimos nessas conferências e o que lemos nesses livros? O rol dos caixotes levados, as estripulias do cachorrinho de bordo e, misturados às anedotas, fragmentos desbotados de informação, disponíveis há meio século em todos os manuais, e que uma dose pouco comum de impudência, mas na exata medida da ingenuidade e da ignorância dos consumidores, não teme em apresentar como um testemunho, que estou dizendo? Como uma descoberta original. Sem dúvidas há exceções, e cada época conheceu viajantes honestos [...]. Meu objetivo não é denunciar as mistificações ou conferir diplomas, mas compreender um fenômeno moral e social, muito próprio da França e de aparição recente, mesmo entre nós. (Lévi-Strauss 1996, p.15-16)

A confissão paradoxal de que a aventura seria a motivação do próprio autor para construir sua carreira da maneira como o fez, contida em trechos de entrevistas que concedeu nas mais diversas ocasiões e que estão compiladas no documentário *Viajantes Radicais pelo caminho de Lévi-Strauss*, tais como: “Eu era muito apaixonado por campismo, caminhada e alpinismo, além disso tinha o desejo de conhecer outros horizontes,” ou “Eu tinha uma carreira em filosofia, uma carreira nobre, mas monótona. Por outro lado, meus gostos pessoais tinham mais a ver com a aventura...” não ajudou a posicionar a aventura como objeto de reflexão antropológica, apenas a empurrou para uma discussão metodológica insipiente que se ocupa em assumi-la ou não como o “tempero” do fazer antropológico.

Entre as exceções, ou seja, entre aqueles nas ciências sociais que procuraram problematizar a aventura estaria Simmel, que sobre ela escreveu ainda em 1911² e que embora tratasse de fenômenos outros, tais como a aventura amorosa, apostava na aventura como “uma forma de vida que pode se concretizar em uma multiplicidade de conteúdos de vida não decididos de antemão”.

Esta proposição simmeliana, em uma leitura apressada, poderia parecer se aplicar à *aventura*³ da qual trata este estudo. Entretanto, enquanto o autor descreve a aventura como experiências pontuais que se situam fora do decurso cotidiano da vida, assemelhadas àquela do sonho⁴. Este trabalho versa sobre vidas inteiras compostas de *aventura*, de *aventuras* contínuas e rotineiras.

² Publicado em inglês em 1971.

³ Termos grafados em itálico correspondem neste texto a termos nativos ou expressões próprias ao campo etnográfico. Expressões entre aspas indicam palavras estrangeiras, citações e termos do senso comum.

⁴ Para ele, mais precisamente do que quando tratamos de outros conteúdos de nossa vida, uma aventura tem começo e fim bem definidos e nisto constitui seu centramento em um sentido próprio. Esta delimitação decisiva daria à aventura uma forma autossuficiente, como se, de alguma maneira, nela, assim como na arte, se resumisse e se esgotasse toda a vida.

Para o autor, a aventura produz uma necessidade nova e significativa para a vida: a de se retirar da estabilidade para construir sua própria legitimação, o que seria uma excentricidade. Por isso, segundo ele, na aventura se aposta tudo na chance flutuante, no destino e no que é impreciso: “derrubamos a ponte atrás de nós, adentramos o nevoeiro, como se o caminho devesse nos conduzir sob quaisquer circunstâncias.” Na *aventura* que apresentarei a seguir, embora também se deixe a ponte em direção ao nevoeiro, uma série de prescrições deve ser respeitada. A aposta não é tanto no destino, mas nas capacidades físicas, motoras e técnicas do *aventureiro* treinado para enfrentá-lo.

No contexto de Simmel (1971), o aventureiro seria aquele que trata o que na vida é incalculável como, em geral, tratamos o que pode ser calculado com segurança. Nas palavras do autor, ele seria um tipo social de ousadia peculiar. O exemplo extremo do indivíduo anistórico, que vive no presente. Na *aventura* contemporânea, por sua vez, calcula-se de fato, mas através de instrumentos, unidades de medida e protocolos de segurança o que antes parecia incalculável.

O aventureiro, segundo Simmel, crê que o desconhecido é seguro para ele por sua convicção fatalista. A de que seu destino - o qual não conhece - é com certeza inevitável. Por isso, a atividade do aventureiro frequentemente pareceria loucura aos olhos dos outros.

O aventureiro confia, de algum modo, em sua própria força; antes de tudo, porém, confia em sua própria sorte; no fundo, ele se fia em uma singular união não diferenciada de ambas. A força, da qual ele está seguro, e a sorte, da qual ele não está seguro, convergem nele - subjetivamente - em direção a um sentimento de segurança. Se a essência do gênio é caracterizada por uma relação imediata com as unidades misteriosas, que na experiência e na decomposição operada pela razão se separam em fenômenos completamente isolados, então, o aventureiro genial vive, como que com um instinto místico, no ponto onde a marcha do mundo e o destino individual por assim dizer ainda não se diferenciaram um do outro. (1971, p.194)

O *aventureiro* atual, entretanto, crê que o desconhecido é seguro para ele por sua convicção nas técnicas (de deslocamento, de sobrevivência e de resgate) e nas tecnologias (equipamentos) e em sua excelência em lançar mão delas, em suas muitas combinações possíveis, em acordo com o imponderável.

Porque, então, realizar uma discussão sobre aventura, quando já se dispõe da abrangente explanação oferecida por Simmel? Porque há um tipo de *aventura*, em suas muitas versões possíveis, como demonstrarei a seguir, que não é operado como uma questão de sorte, mas antes como uma questão de técnica. E também porque não é mais uma experiência vaga. Há discursos oficiais e oficiosos sobre ela: leis, estatutos, editais, ementas, normas e manuais que a regulam enquanto empreendimento coletivo. E porque Simmel faz uma sociologia e não

uma antropologia da aventura. É dos casos objetivos, de suas peculiaridades, da *aventura* enquanto prática e da reflexão na *aventura* sobre a aventura que Simmel não fala.

Por isso, parto desta apresentação mais geral para me voltar aos fenômenos concretos relacionados à *aventura* atualmente. Aqueles que, especificamente no contexto brasileiro, associam práticas conhecidas como *ecoturismo*, *educação ambiental* e *esportes radicais* em categorias síntese como *esportes de aventura*, *turismo de aventura* e, finalmente, apenas, *aventura*.

A esta altura o leitor deve estar se perguntando se este trabalho não é demasiado amplo e pretensiosamente especulativo ao se propor transitar entre tão diferentes campos, como o esporte, o turismo e a educação. No entanto, é essa aparente confusão que confere ao fenômeno sua devida dimensão e sua realidade nunca compartimentalizada. Por ela trilho uma experiência etnográfica na tentativa de estabilizar a noção de *aventura*, sem, contudo, pretender aprisioná-la a definições precisas que a fariam perder a ideia de fluxos entre modos de vida sempre em transformação.

O leitor verá que nestas dinâmicas aventureiras as fronteiras entre lazer e trabalho, esporte e turismo, sensibilidade ambiental e treinamento físico são suficientemente porosas e reversíveis. Isto porque, ao menos no contexto brasileiro, *aventura* não só é um termo de uso habitual para qualificar situações quaisquer, como passou a nomear e definir *eventos* cada vez maiores e mais frequentes (entre eles, os circuitos de *corrida de aventura*,⁵ a *Adventure Sports*

⁵ As *corridas de aventura* são expedições competitivas, geralmente realizadas em ambiente *natural*, nas quais equipes de dois a cinco integrantes, com ao menos um participante de sexo oposto aos demais, utilizam-se da combinação de variadas técnicas corporais (entre as quais as mais comuns são: o *trekking*, o *mountainbike*, a *canoagem* e as *técnicas verticais*). Estas já são, isoladamente, modalidades esportivas peculiares. Mas, na *corrida de aventura* além de estarem combinadas em uma só *prova* - o que demanda conhecimento e habilidades múltiplos de todos os membros da equipe, a elas é associada *aorientação* (percorrer, por meio de seu próprio trajeto, capacidade de interpretação de mapas e cartas topográficas, competência em *navegação* e criação de uma estratégia logística um terreno pré-determinado pela organização da *prova*, sendo o ganhador aquele que o faz dentro do menor tempo possível). Segundo Seabra (2003), criada pelo francês Gerárd Fusil a *corrida de aventura* tomou vida em 1989, com a Raid Gauloises, ou The Raid, organizada por ele na Nova Zelândia. Seu interesse por procedimentos militares de desafio físico e *orientação na natureza* levaram-no a conceber a ideia de combinar distintas técnicas corporais com o objetivo de explorar um local sem a utilização de equipamentos motorizados. Com o tempo, a apreciação estética das paisagens e o discurso ambientalista foram incorporados como fundamentos simbólicos que suportam a prática e seu próprio discurso oficial. Este discurso é compartilhado pela Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA), fundada com o objetivo de aliar “o prazer do esporte a uma nova visão, um novo estilo de vida, que integra o homem à natureza, o esporte à conscientização da necessidade de preservação ambiental.” E que, fundada por Alexandre Freitas em 1998, realizou a primeira *corrida de aventura* do Brasil, a Expedição Mata Atlântica (EMA), e instaurou um circuito brasileiro de *corridas de aventura*. Mais recentemente a realização da prova *Ecomotion Pro*, como seletiva para o campeonato mundial de corridas de aventuras, *Adventure Race World Championship*, posicionou o Brasil em definitivo como destino de *aventura* de competição.

Fair,⁶ o *Festival Brasileiro de Filmes de Aventura, Turismo e Sustentabilidade* - o FATU⁷ - e o *Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura* - CBAA⁸), instituições (tais como *clubes de aventura*⁹, a *Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura* (ABETA) e a *Brazilian Adventure Society* - BAS¹⁰), bem como revistas especializadas¹¹ e programas de rádio e televisivos¹² que tem relação com o tema¹³.

⁶ Criada em 1999, propõe a formalização de um mercado para a *aventura* no Brasil e um espaço de encontro para os *aventureiros*: expedicionários dos mais diversos, viajantes, mas também, esportistas não competidores e atletas junto aos empreendedores do turismo e fabricantes de artigos de *aventura* e mídia especializada. Tenho acompanhado a feira anualmente para a confecção deste trabalho desde 2007.

⁷ No mesmo ano em que foi criada a ABETA, aconteceu, também dentro da *Adventure Sports Fair*, o primeiro passo para o que seria o Festival Brasileiro de Filmes de Aventura e Turismo. Yuri e Vera Sanada, conhecidos como o *casal aventura* por viverem em um veleiro que também era uma ilha de edição e terem criado o primeiro *website* e programa de televisão sobre *aventura* do Brasil, idealizaram a mostra competitiva de cinema que acontece anualmente em Socorro e que em 2011 estava na oitava edição incorporando novo elemento à proposta: a sustentabilidade.

⁸ Acompanhei este congresso em todas as suas edições. Desde a primeira em Camboriú – SC em 2006; em Governador Valadares – MG em 2007; em Santa Tereza – ES em 2008; em Mucugê – Ba em 2009; em São Bernardo do Campo – SP em 2010; Pelotas – RS em 2011 à Rio Claro – SP em 2012.

⁹ Como o Clube da Aventura Kalapalo (<http://clubedaaventurakalapalo.blogspot.com/>), O Clube de Aventura de Londrina (<http://www.clubedeaventura.com.br/>) e o Clube dos Aventureiros (<http://www.clubedosaventureiros.com/>).

¹⁰ No interior da *Adventure Sports Fair* pude acompanhar, em 2008, a sua criação. De acordo com o site oficial, a BAS tem como missão facilitar a uma quantidade cada vez maior de pessoas: “a descoberta de um estilo de vida emocionante, saudável, seguro e ecologicamente correto, tanto em atividades junto à natureza como através do turismo, dos esportes de aventura ou de expedições autônomas.” E tem como objetivos: “Ser o elo entre os aventureiros brasileiros e deles com outros países; incentivar projetos de aventura com base na preservação das culturas locais, do meio ambiente e do desenvolvimento humano; apoiar pessoas ou grupos de pessoas que organizam expedições com objetivo de descoberta de novos lugares, novos conhecimentos e novas emoções respeitando a natureza e a cultura local, planejadas de modo a reduzir riscos aos envolvidos e o impacto ambiental; fornecer “chancela” da BAS aos projetos formatados nos mais altos níveis de profissionalismo, a fim de “certificar” os mesmos perante o mercado da aventura; estabelecer relações entre aventureiros e empresas interessadas em apoiar atividades de aventura, incentivar novo público a escolher a aventura como opção para uso de seu tempo livre; apoiar as empresas de produtos e serviços voltados à prática de atividades de aventura de maneira segura, confortável e acessível a todo tipo de público; e divulgar o país no exterior como destino de aventura.” A BAS apoia projetos como os da família Müller, da ONG Médicos da Terra, do fotógrafo André Dib (que tem como tema paisagens da *natureza*, trilhas e expedições, povos e tradições e festas populares), o projeto *Challenging your dreams* (volta ao mundo do casal Grace Downey e Robert Ager), entre outros, e divulga quaisquer iniciativas de seus membros. De cursos, oficinas, expedições à organização e participação em provas esportivas.

¹¹ Além da *Aventura e Ação*, pioneira no Brasil, participaram da *Adventure Sports Fair* ocasionalmente a *Lonely Planet Magazine*, *Ecoaventura*, *Campismo* e *Go Outside*, que promove desde 2006 o prêmio *Outsiders: Aventureiros do Ano* e desde 2011, no Brasil, o Festival de Filmes *Outdoor Rocky Spirit*.

¹² Na rádio Eldorado, *Território Aventura*; no canal SPORTV, *Zona de impacto*; na ESPN, *Planeta EXPN: Surf* e *Planeta EXPN: Aventuras*; na Multishow, *Extremos*, *Não conta lá em casa*, *Vai pra onde*, *Pé no caminho*, *Minha praia*, *Nalu pelo mundo*, *Outros lugares*, *Pé no chão*, *Se joga*, *Kayak*, *Batom* e *Parafinae Viagem sem fim*. Além dos programas há disponíveis canais a cabo associados ao tema como o *Woohoo* e o *Off*.

¹³ É sintomático também o número crescente de disciplinas acadêmicas que desde a década de 1990 fazem parte dos currículos dos cursos superiores de Educação Física, Esporte e Turismo e não necessariamente tem aventura no nome, mas trabalham com elementos caros a tal conceito, tais como: na Universidade Federal de Pelotas Excursionismo para o curso de Licenciatura em Educação Física; Atividades Físicas de Ação na Natureza e Esportes de Aventura para o curso de Bacharelado em Educação Física; na Universidade Federal de São Carlos Esportes na natureza para o curso de licenciatura em Educação Física; na Universidade de São Paulo Modalidades Alternativas Terrestres e Modalidades Alternativas Aquáticas para o curso de bacharelado em Esporte.

Ao realizar este primeiro mapeamento do emaranhado de interesses e práticas, instituições e *eventos* que orbitam em torno da noção de *aventura*, observe que não pretendo reduzir toda *aventura* a uma ou outra destas ideias, mas, ao contrário, sinalizar para o fato de que as pessoas envolvidas com *aventura* nestes diferentes contextos operam sínteses e circulam entre eles. Estas coincidências, iluminam os pilares que as permitem agrupar os dados mais distintos sob a categoria *aventura* e compor suas vidas na *aventura*, o que reforça estas versões como a face mais contemporânea do conceito aventura, a aventura enquanto fenômeno.

INTRODUÇÃO

Depois de minha iniciação científica e monografia de conclusão do curso de bacharelado em Educação Física, em cinco anos de estudos sobre o surfe, pude perceber a complementaridade entre esta prática e outras atividades ditas praticadas na *natureza*. Ao questionar alguns dos surfistas com quem convivi sobre porque corriam, remavam, escalavam e pedalavam com tanta frequência, recebia a resposta: - “É porque eu corro *aventura*.” Motivada por esta frase, iniciei uma incursão em campo, em busca de uma nova questão de pesquisa que abarcasse essa conduta, como eles a chamavam, *multiesportiva*, já que diversas modalidades esportivas não convencionais me eram dadas a conhecer pela variedade de práticas, ditas “praticadas na *natureza*,” das quais estas pessoas eram adeptas. A possibilidade de “interação com a *natureza*” e os diferentes desafios físico-motores propiciados por seus elementos apareciam nos discursos de meus interlocutores como critérios privilegiados na decisão e adesão pela prática de uma ou outra modalidade esportiva.

É claro que não poderia acompanhar em detalhes as rotinas de prática e dos praticantes de cada uma delas, até porque a inovação neste campo é desejável e hibridizações, novas técnicas e equipamentos são criados a todo o momento. Mas enquanto me perguntava sobre qual seria a melhor opção de recorte para a pesquisa, tendendo para aquela que congrega diferentes modalidades, acabei por observar como elas eram associadas através de uma ideia mais geral de *aventura*.

Naquele momento, assim como no presente, o termo *aventura* não era o único em voga e as inúmeras possibilidades de nominação daqueles cujas vidas se apresentavam como objeto de estudo me levaram a realizar uma pesquisa preliminar a esta. Com o intuito de compreender em que situações chamar estas práticas de *esportes na natureza*, *esportes radicais*, *esportes de aventura*, *esportes de risco*, *esportes de ação* ou *esportes ao ar livre* realizei minha aproximação do campo na forma de um levantamento de sua divulgação na mídia. Sem saber quem priorizar neste segundo momento, mas notando a crescente difusão do termo *aventura*, pretendia com esta investigação me familiarizar com o que liam e como se divulgavam, entender as diferenças entre termos e definir o que usar em meu projeto de mestrado para não cometer o equívoco de dizer que estudava tais pessoas, enquanto observava outras.

No entanto, cheguei à conclusão que embora os termos *radical* e *aventura* fossem mais frequentes, não havia consenso no que se referia a sua utilização pelos praticantes

entrevistados pelo jornalismo escrito em geral, nem pela mídia especializada escrita. Tanto entre eles, quanto com os outros, esses termos pareciam intercambiáveis. Além disso, não pude deixar de notar que nos jornais impressos de grande circulação como O Globo, A Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo, as notícias sobre estas atividades apareciam com muito mais frequência e espaço nos cadernos cotidiano e turismo ao invés do caderno esportes. Embora estas práticas fossem chamadas esportes, as pessoas que os praticavam se declaravam e eram referidas mais como *adeptos* ou *esportistas* - no sentido, nativo, daqueles que partilham de um *estilo de vida* ou que conviviam em *tribos urbanas* - do que como atletas competitivos.

Depois notei que muitas destas práticas eram muito recentes no mundo, sendo recém-chegadas ou recém-criadas no Brasil, com exceção do surfe e do montanhismo, e que não poderiam contar com a estrutura organizacional dos circuitos competitivos já conhecidos. Talvez por isso se revestissem de certa conotação de curiosidade nestas matérias.

Por coincidência, pessoas próximas, além dos interlocutores de pesquisa, amigos¹⁴ e colegas passaram a praticar modalidades relacionadas à *aventura*. Tomei este fato arbitrariamente, como a justificativa para optar pelo termo *aventura* como a expressão que mais via em circulação. Seja porque aqueles que a personificavam se identificavam com ela, seja porque a negavam, mas principalmente porque estava em disputa e presente em *eventos*¹⁵ e discussões, para a consolidação destas práticas e idéias, dos quais participavam e sobre os quais eles me contavam.

Eventos diversos que compunham, principalmente no sudeste do Brasil, um tipo de circuito de festivais, competições e feiras que orbitam em torno do tema e que fazem circular pessoas que convergem em certos interesses e valores. Procurei, então, participar de tantos *eventos de aventura* quantos fosse possível para recolher dados preliminares à confecção do projeto de mestrado que originou esta pesquisa.

Para tanto, busquei conversar com pessoas envolvidas das mais distintas maneiras com *aventura*, em especial os organizadores e expositores dos *eventos*. Eles foram muito receptivos em oferecer suas ideias sobre o que vem a ser a *aventura* contemporânea, enquanto se promoviam e a seus empreendimentos e me apresentaram, como em um mostruário, outras

¹⁴ Principalmente João Bellini e Jorge Elage, meus queridos veteranos no curso de Educação Física, a quem agradeço pela atenção, apoio e paciência em esclarecer minhas inúmeras dúvidas ao longo de todos esses anos.

¹⁵ A ideia de *evento*, neste trabalho, é tomada como categoria nativa. No sentido que lhes atribuem seus participantes são grandes encontros organizados, festivais, competições esportivas e feiras de atrações para o público e de negócios.

peessoas que julgavam imprescindíveis à conformação do campo da *aventura* no Brasil e seus praticantes expoentes.

A primeira impressão advinda destas experiências era que a incerteza sobre o comportamento da *natureza* parecia condição de possibilidade da *aventura* contemporânea vivida através de ações corporais específicas. A corporalidade e o sentido de desafio físico e motor pareciam-me centrais nas ações que caracterizavam ou figuravam como o objetivo de uma *aventura*: o alcance de um cume, a descida de um cânion, a navegação em um rio de corredeira, a transposição de um vale em bicicleta, por exemplo, ou a combinação deles como em uma *corrida de aventura*. Isto indicava certo consenso sobre existirem lugares mais propícios geograficamente que outros para a *aventura*¹⁶.

Além disso, nos discursos daquelas pessoas e de suas instituições conhecidas nos *eventos de aventura*, apareciam como locais de interesse, treinamento e, por consequência, destinos turísticos e de trabalho propícios às práticas ditas de *aventura*: Três Rios, no Rio de Janeiro; Bonito, no Mato Grosso do Sul; Brotas, em São Paulo, e, posteriormente, Três Coroas, no Rio Grande do Sul; Foz do Iguaçu, no Paraná; Extrema, em Minas Gerais; e Socorro, em São Paulo, sem falar nas muitas chapadas e serras brasileiras. Entre estas cidades, Brotas viria a ser considerada, ou divulgada, como a *capital brasileira dos esportes de aventura*, e depois a *capital brasileira do turismo de aventura*, até chegar a ser chamada somente *capital da aventura*, em oposição à Bonito, que priorizava o termo ecoturismo.

Ao procurar por um recorte mais específico de pesquisa, um lugar de onde empreender uma observação “de perto e de dentro”, uma observação participante, ou melhor, uma “participação observante” como enfatiza Wacquant (2002), Brotas foi, portanto, minha escolha. Diante da vastidão de realidades distintas às quais o conceito *aventura* remete, procurei, em específico, aquele que se apresentava como uma concepção nativa revelada pela experiência etnográfica. Brotas, considerada a *capital brasileira da aventura*, imaginava eu, ofereceria esta condição com mais circunscrição que qualquer outro local possível de pesquisa.

O objetivo desta pesquisa foi, então, investigar a elaboração e o uso da noção de *aventura* no contexto esportivo brasileiro e problematizar alguns de seus pilares, como suas peculiares corporalidades e concepções de *natureza*. Em um segundo momento, tornou-se objetivo também sugerir que *aventura* não é um termo qualquer, mas, uma noção importante para além dos estudos sobre esporte, um conceito síntese, plástico e escorregadio e que torce

¹⁶ Este dado pode ser melhor apreendido através do atual *slogan* da cidade escolhida para a feitura desse estudo: “Brotas: naturalmente divertida”.

categorias estabelecidas como esporte, turismo, trabalho e lazer. Além disso, em alguma medida, esta dissertação tornou-se também uma etnografia de uma cidade/comunidade e de uma profissão/ofício. A partir de Brotas, onde vivi de Junho de 2010 à Março de 2011, este estudo pretende se distinguir daqueles de cunho especulativo ou ensaístico e investigar a *aventura* através de um contexto local e de uma realidade concreta.

Visto que *capital brasileira dos esportes de aventura* foi um título comercial atribuído a um destino turístico, antecipo a crítica sobre uma análise que privilegiaria o mercado da *aventura* e não a *aventura* em si. Apesar de conhecer pessoas que vivem as práticas de *aventura* no Brasil sob outras lógicas, a do excursionismo, por exemplo, e que se opõem a esta versão que ela adquiriu em Brotas, não acredito que haja uma *aventura*, muito menos “em si,” e concebo mercados como sistemas de construção de significados que não operam apenas em acordo com uma lógica utilitária, mas também com lógicas simbólicas. Nesse caso, ali onde uma visão superficial e preconceituosa só veria formas de lazer e consumo, minha trajetória em campo possibilitou perceber outras instancias e identificar inúmeros personagens para os quais o problema central é a *aventura* enquanto trabalho.

Para além de sua prática turístico-esportiva que poderia ser lida como lazer, a *aventura* em Brotas se apresenta como um fenômeno também e talvez muito mais, para os residentes na cidade, como um fenômeno do campo do trabalho. Digo isto porque além da concepção de *aventura*, o contexto da formação de *profissionais de aventura*, a hierarquização do trabalho com *aventura*, o *rafting*¹⁷ como modalidade mais prestigiosa neste cenário e a possibilidade de uma atuação internacional como atleta de *rafting* dissocia na prática não só a ideia de *aventura* da ideia de lazer, mas também a ideia de lazer daquela de esporte competitivo.

Ou seja, para esta parte da população de Brotas a *aventura* não é entendida como um ou outro, mas como trabalho, esporte e lazer. Equação na qual esporte é diferente de lazer, ou seja, é empreendimento sério, disciplinado, que se pretende profissional. Estas questões, que não eram problemas *a priori*, foram oferecidas pelo campo desde a perspectiva daqueles que as vivem.

¹⁷ O *rafting* é uma modalidade de canoagem em rios de corredeira realizada em bote inflável de seis lugares, três de cada lado, e com remos individuais de uma pá. Modalidade esportiva derivada de um tipo de navegação desenvolvida e uma embarcação utilizada, segundo o senso comum, pelo exército alemão e transformada em tipo de passeio e atividade comercial nos Estados Unidos. Esta prática constitui além de prestigiosa modalidade esportiva da cidade, a atividade oferecida como seu maior atrativo enquanto destino turístico.

Adendo sobre os Turistas de aventura

Adianto que embora tenha iniciado este estudo de uma condição muito próxima a dos *turistas de aventura*, porque era uma forasteira em uma cidade turística a participar de atividades que são oferecidas como passeios, não problematizarei sua condição. Sobre os turistas já existem outros estudos (Stigliano e César, 2002 e Lage, 2009, por exemplo). Apesar de serem em sua maioria pesquisas de mercado que os concebem como um público alvo a ser atingido pela *aventura* enquanto mercado em construção, eles nos trazem uma boa ideia de seu quadro socioeconômico.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Observatório de Turismo da Diretoria de Turismo e Entretenimento de São Paulo¹⁸, em sua edição de 2009 a *Adventure Sports Fair* recebeu em quatro dias cerca de cinquenta e cinco mil pessoas, entre as quais 53,7% eram do gênero masculino e 48,5% trabalhavam como autônomos. A renda da maioria (31,7%) era de 5 a 10 salários mínimos e a faixa etária predominante de 30 a 39 anos (38,4% do total). O grau de instrução mais citado foi o superior (41,1%). Ainda segundo esta pesquisa, mais de 21% do público foi composto por turistas, dos quais 1,5% eram estrangeiros (Lage, 2009).

Outra pesquisa intitulada *O perfil do turista de aventura e ecoturista no Brasil*, realizada pela Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) em parceria com o Ministério do Turismo, publicada em Março de 2010, aponta que dos 904 entrevistados selecionados após um *survey* nas capitais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, que seriam os estados em que “mais pessoas procuram por serviços turísticos,” 30% dos entrevistados eram de classe A, 56% de classe B e 10% de classe C, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil.

Além disso, traços marcantes encontrados sobre o *turista de aventura* foram a predominância de solteiros (42%) e alta escolaridade (22% com ensino médio completo, 27% com ensino superior completo, 31% com ensino superior incompleto, 13% com pós graduação). Destes, 29% afirmaram que em alguma das viagens feitas nos últimos 12 meses, dentro do Brasil, o principal objetivo foi entrar em contato com a natureza, observar ou praticar atividades na natureza. Sobre estes dados o estudo esclarece que o *turista de aventura* deve ser entendido como um comprador de atividades comercialmente oferecidas, ou seja, que os turistas totalmente autônomos, conhecidos como expedicionários ou exploradores, não compuseram o universo de pesquisa deste trabalho (p.13). Também foram excluídos aqueles

¹⁸ Disponível em:

http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/images/stories/observatorio/3_boletim_semestral_2009_2.pdf

que fizeram viagens apenas para praticar atividades em caráter esportivo ou para participação em eventos, promoção de produtos e serviços ou algum treinamento (p.19). Não foi permitido que participassem da pesquisa aqueles que trabalham ou têm alguém muito próximo trabalhando em empresa de transporte, agência, operadora de viagens, hotel, pousada ou qualquer atividade ligada ao turismo; cursos de turismo, inclusive estudantes de turismo (p.24).

Como se verá adiante é exatamente do que não compõe o universo da pesquisa citada que se ocupa o presente estudo. Em Brotas, aqueles envolvidos com *aventura* são ou desejam ser autônomos em sua prática, daí tornarem-se *guias* de turistas, são pessoas que têm a *aventura* não apenas como opção de lazer, atividade turística ou esporte, mas como trabalho e elemento central de suas vidas.

Duas Temporadas, Três movimentos, Dois Textos

Para um estudo daqueles que compõem a comunidade brotense, não daqueles que a visitam e, mais especificamente, para um estudo daqueles que, na comunidade brotense, operam/produzem *aventura* e se constroem com ela – em oposição àqueles que a experimentam ocasionalmente - o conceito de tempo em Brotas constitui um ponto de interesse. Eu não tinha conhecimento da diferença de dinâmicas de vida em Brotas em distintos períodos do ano e lá cheguei em um momento delicado para as pessoas da cidade envolvidas com *aventura*: a *baixa temporada*. Isso determinou sobremaneira as condições de realização deste estudo.

O tempo ecológico é cíclico e percebido na cidade, assim como em outros contextos, através das quatro estações do ano. O tempo social, entretanto, baseia-se na divisão do ano em dois períodos em acordo com a frequência das chuvas e das visitas de turistas: o das *cheias* e o das *secas*. Esses dois momentos, mais ou menos correspondem aos tempos denominados pela população estudada, ou seja, os *profissionais e atletas de aventura: alta temporada e baixa temporada*. Mas, neste contexto específico, significam o período do ano não só em que o rio está mais *cheio* ou mais *vazio*, mas em que a temperatura ambiente e da água são mais agradáveis e o número de *clientes* é maior ou menor devido às férias escolares. A *alta temporada*, então, corresponde aos meses de Novembro à Março e pode, eventualmente, também referir-se ao mês de Julho, quando o rio não está *cheio*, mas há maior número de visitantes devido ao recesso do meio do ano. Os demais meses correspondem à *baixa temporada*.

Notar-se-á, ao longo deste texto, as dinâmicas de influência entre limitações ecológicas (em específico aquelas do rio Jacaré Pepira Mirim, que corta a cidade), relações sociais, atividades econômicas e estruturas políticas em Brotas. A peculiaridade destas relações se dá na caracterização do rio Jacaré, como é chamado, como um rio *constante* do ponto de vista das atividades de *aventura*. Ou seja, enquanto outros *rios de corredeira* brasileiros apenas possibilitam sua apropriação lúdica, principalmente através do *rafting* na cheia, ou seja, na *alta temporada*, o rio Jacaré pode também ser navegado *na seca, na baixa*. Portanto, ser *constante* é o mesmo que ser navegável o ano todo, independentemente das estações de chuvas.

Além do título de *capital brasileira de turismo de aventura*, como mencionado em tópicos anteriores, Brotas também sustenta a fama de *capital brasileira do rafting*. Assim explica Serginho, *condutor de rafting*, atleta de *rafting* da equipe Bozo D'água, e também de canoa polinésia¹⁹ e *Stand Up Padle*²⁰, educador físico, *personal trainer* e professor de canoagem:

Falam que Brotas é a capital do *rafting* no Brasil porque lá tem um rio que você consegue descer o ano todo. Geralmente os rios na seca, não dá pra descer porque ficam muito rasos. Então, lá o rio não pára. E isso fez o *rafting* crescer bastante em Brotas. A beleza natural e uma condição da natureza que fazia com que desse pra gente descer sempre. Porque, por exemplo, tem o Rio do Peixe em Socorro, que pra mim é mais forte que Brotas, mais técnico que Brotas, muito bom, mas só dá pra trabalhar seis meses por ano, na época das chuvas, né? De Dezembro a Março, de Dezembro à Abril, mais ou menos. E Brotas se nivela ao Rio do Peixe na alta, pra mim são os melhores rios de São Paulo, mas na baixa o Jacaré continua sendo um rio gostoso de descer porque não fica tão raso, não tem tanta pedra exposta que fica parando o bote.

Descobriria após chegar ao campo, entretanto, que mesmo com um dos rios próprios ao *rafting* entre os mais frequentados e *constantes* do país, e da possibilidade de receber turistas durante todo ano, *na baixa*, como dizem, não se veem as pessoas no Rio Jacaré com tanta frequência e as rotinas corporais que eu procurava investigar são mais escassas. A sazonalidade, além disso, constitui um problema trabalhista, na medida em que os *profissionais da aventura* são prestadores de serviço autônomos, em sua maioria não por opção, e que sofrem com a condição informal de seus acordos de trabalho na medida em que nos períodos em que não há turistas, não há remuneração.

¹⁹ Canoa rígida e estreita que se equilibra em uma estrutura anexa flutuante, ligada à ela por duas astes para uma, duas ou seis pessoas, em que se utiliza o remo com uma pá, alternando os lados das remadas.

²⁰ SUP é uma modalidade de esporte a remo em pé em cima de uma prancha larga que propicia tanto travessias em águas calmas, quanto o surfe.

Quando cheguei à cidade havia uma organização de muitos profissionais em exigir de seus empregadores uma remuneração fixa. Nestas ocasiões eles evitavam conversar na minha frente. Todavia, pude perceber que recebiam contrapropostas que os deixavam descontentes e muitos se demitiam e tentavam arranjos melhores em outras *agências*. Depois percebi que eventualmente voltavam às suas *agências* de origem, e novamente partiam para outras. Ou seja, que a circulação entre *agências* é constante, mas particularmente acentuada *na baixa*, quando as dificuldades financeiras parecem marcar o “humor” dos *guias* que se referem à vida de *aventuras*, sobretudo, a partir de seus problemas, enquanto *na alta* o fazem através de suas benesses.

Aqui cabe outro adendo. Apesar de os termos *guia* e *instrutor* ainda serem utilizados informalmente para nomear aqueles que se autodenominam *profissionais da aventura* – ou seja, que trabalham junto a leigos, usualmente *turistas*, viabilizando sua participação em práticas que demandam certa expertise, correntemente conhecidas como atividades de *turismo de aventura* –, eu descobria que o termo *condutor de turismo de aventura*, ora *condutor*, forjado para eliminar certas ambiguidades terminológicas e cessar disputas políticas em torno deste mercado e de seus ofícios, era acionado pelos próprios trabalhadores com a intenção de conferir-lhes e ao seu ofício conotação de profissionalismo, seriedade e formalidade, a partir da qual desejavam ser tratados. A constituição desta terminologia é contada por José Carlos de Francisco Junior, o Jú, zootecnista, produtor de café e proprietário da confecção de *moda aventura* Mata D’entro, que foi proprietário da primeira *agência de turismo de aventura* de Brotas, de mesmo nome, e empresário do turismo por quinze anos:

O guia, guia turístico, era um profissional da Embratur que poderia não querer se envolver com aventura. Já o instrutor soava como alguém que fosse ensinar a técnica, e não tínhamos tempo para isso, além do que teria que ser alguém da educação física. Então, nos perguntando qual seria o melhor termo para aquelas pessoas que teriam uma atuação mais local e ao mesmo tempo envolvendo algum risco e habilidade esportiva específica chegamos à palavra condutor. E nossa, como se discutiu! Tinham tantos fóruns, tantas discussões, ações do governo, capacitações. Nossa, como tinha debate, tinha debate em todo lugar, pra formular definições de tudo, desde o profissional até a definição de cada atividade, via internet, oficinas, encontros. Começou com o governo Fernando Henrique definindo ações e termos via Ministério do Meio Ambiente, depois mais diretamente com a aventura foi o Ministério do Turismo e a ABETA trabalhando essas noções, e pra isso se usava muito a *Adventure Sports Fair*.

Voltando à *baixa temporada*, como o movimento de turistas era ínfimo e a maioria dos *profissionais de aventura* são trabalhadores não registrados, remunerados apenas quando há atividade com turistas, era comum que alguns deles aceitassem bicos em outras

localidades. A falta de *clientes* demandava de parte dos *condutores* grande circulação não só entre *agências*, mas também entre áreas de atuação, cidades, estados e até países. Nesta fase do ano, exceto em feriados prolongados, devido ao pouco movimento de *turistas/clientes*, as atividades voltadas para as competições se intensificavam.

Para os atletas de *rafting*, outono/inverno, exceto o mês de Julho, é a fase das competições nacionais e internacionais (vide tabela abaixo, que esquematiza o calendário de competições do ano de 2012) e a falta de trabalho, pelo número reduzido de turistas, permite que viagem para delas participar. Não sem dificuldades financeiras, Coréia, Bósnia, Zimbábue, Áustria e Costa Rica eram alguns dos lugares aonde já haviam competido.

Tabela 1. Calendário de Competições da Equipe Bozo D'água (2012)

Campeonato	Local	Data	Modalidade
Europeu	Áustria, Wildalpen	08/05-15/05	R4*
Brasileiro	Juquitiba, São Paulo	18/06-24/06	R4
Mundial	República Tcheca Ceske-Budejovice	23/08-27/08	R4
Europeu	República Tcheca Tranavka	28/08-02/09	R4/R6**
Copa do Mundo	República Tcheca Tranavka	08/09-09/09	R6
Panamericano	Canadá, Quebec	19/09-24/09	R6
Copa do Mundo	Canadá, Quebec	19/09-24/09	R4/R6
Pré-mundial	Nova Zelândia	A definir	R6
Brasileiro	Brotas, São Paulo	28/09-30/09	R6

*R4 *rafting* com equipes de quatro componentes no bote

**R6 *rafting* com equipes de seis componentes no bote

Os demais *condutores* tentavam manter a renda, ou parte dela, com serviços de manutenção dos equipamentos das *agências* e os *bicos*. Montar um circuito de *arvorismo*²¹ para uma pousada, treinar futuros guias de *rafting* de um novo *destino de aventura* ou guiar no Jalapão, onde era *alta temporada*, são exemplos do por que ao retornar a Brotas após um congresso ou de uma consulta médica, mesmo que minha ausência do campo de pesquisa fosse breve, já não encontrava os interlocutores com quem havia estabelecido contato na cidade.

Apresentando esta questão para alguns deles, qual seja, a dificuldade de encontrá-los e de manter vínculos contínuos para aprender sobre suas rotinas e adquirir suas técnicas, sugeriram que eu me inscrevesse nos cursos gratuitos de formação de *condutores*, que seriam

²¹ Travessia entre o topo de árvores através de cordas, plataformas, cabos de aço e escadas de madeira. Técnicas originalmente utilizada para fins de pesquisa, neste contexto, utilizadas em forma de circuitos para passeio e desafio físico e psicológico.

oferecidos pelas *agências*, como de costume, para renovar a mão de obra para a *alta temporada*, do final de Julho à Outubro.

Esta seria, segundo diversas pessoas da cidade, a melhor forma de receber informações sobre as técnicas da *aventura* em um período concentrado de tempo e o modo como se formaram aqueles atletas e *condutores*. Inscrevi-me nos primeiros cursos que foram divulgados, um de cada tipo: *técnicas verticais* e *águas brancas*.

Técnicas verticais correspondem ao conjunto de técnicas de descida, ascensão e movimentação em desníveis verticais que se utiliza de equipamentos tais como: cordas, fitas, mosquetões, freios, cinto-cadeirinha ou “*baudrier*” e a administração de *nós*. *Águas Brancas*, por sua vez, se refere ao conjunto de técnicas de navegação em rios de corredeira, nos quais as pedras e desníveis agitam a água produzindo espuma que confere a referida cor. Veremos oportunamente que esses dois tipos de especialidades são categorias de classificação para as diversas atividades de *aventura* oferecidas em Brotas e que as *agências turísticas* de Brotas são compostas de dois departamentos, um para cada uma delas.

Entretanto, nas duas oportunidades em que as inscrições de cursos foram abertas não houve número suficiente de inscritos para que acontecessem. Então, a fim de suprir a falta dos cursos, foi-me sugerido que começasse a treinar com as equipes *competitivas de rafting*, que eram auxiliadas pela equipe super campeã Bozo D’água, em especial por Coré, seu capitão e técnico. Somava-se a essa situação o fato de que a equipe feminina treinada por ele, (chamada Brotas 40°), estava desfalcada e precisava de uma nova componente.

Para as *técnicas verticais*, sugeriram que eu iniciasse o programa de estágio para *condutores*, que seria o passo seguinte ao curso e consistiria em dar assistência aos *condutores de técnicas verticais* já formados, diretamente nas *bases de operação*, em procedimentos junto aos *clientes*. Neste caso, cada *condutor* que eu acompanhasse, primeiro me introduziria na atividade como se fosse uma *turista* (no que chamam de período de *integração com a atividade*), por determinado número de vezes, transmitindo consecutivamente o conteúdo do curso ao longo das práticas.

Pode parecer estranho, mas a antropóloga aparecia para eles instantaneamente como alguém elegível à condição de *condutora* e como alternativa para compor uma equipe de nível competitivo internacional de *rafting*. O contexto é mesmo bastante informal. Embora seja difícil permanecer nele devido às exigências físicas e, segundo eles, psicológicas, não é preciso muito além de vontade e coragem para adentrar nestas dinâmicas de formação e atuação em *aventura* em Brotas.

Na medida em que minha estatura avantajada e trajetória de vida no esporte e na educação física conferiram-me certa compleição física de atleta eu lhes parecia bastante adequada ao desempenho destas atividades. Especialmente no contexto competitivo, visto que o *rafting* ainda é uma modalidade amadora e relativamente desconhecida e, segundo eles, é muito difícil encontrar mulheres interessadas em competir. Procurei, então, utilizar de meu “pequeno capital esportivo,” para usar um termo de Wacquant (2002), composto pela prática de dez anos de handebol e forró, cinco anos de capoeira e de empreendimentos etnográficos anteriores, com as práticas de surfe e salsa.

Contudo, ambos os *coordenadores de atividades* que propuseram a alternativa do *estágio de condução* e que haviam se comprometido pessoalmente comigo saíram da *agência* em que trabalhavam em torno de uma ou duas semanas depois. Um fora demitido e o outro pediu demissão. Embora tenha iniciado o acompanhamento das atividades junto aos *condutores de vertical*, começou a haver uma mudança significativa no quadro de *condutores*. Muitos daqueles que eu já conhecia e que conheciam minha situação pediram demissão em solidariedade ao seu *coordenador*. A esta altura eu me dava conta também do quão inapropriado seria pretender problematizar os dois tipos de técnicas, visto a complexidade e imensa variabilidade de cada uma.

Tinha aprendido também que as *agências* esperam que o investimento em informar e formar alguém na *aventura* seja retribuído em bom serviço e disponibilidade para completar a escala de trabalho. Ao contrário disso, eu não estaria disponível. Eu iria embora da cidade com o término dos meses de que dispunha para o trabalho de campo (que eram mais ou menos correspondentes ao tempo que se leva para poder começar a atuar junto aos *clientes* sem restrições, algo em torno de seis a nove meses). Para não constranger o novo *coordenador*, que logo também pediria demissão, a investir seu tempo em alguém que não comporia o quadro de funcionários ao final do processo, decidi mudar de estratégia em campo.

A esta altura, a importância do *rafting* para a cidade estava muito clara e passei a acompanhar apenas as suas rotinas, já que seu contexto competitivo e sua associação a uma escolinha para iniciantes recém criada tornavam minha presença naquele espaço menos estranha. Neste período, vislumbrei em Brotas, a transição pela qual muitos deles passavam entre três momentos. Embora, no meu caso, nunca tenham se completado: a passagem de *turista* à *condutora* e de *condutora* à *atleta*²². Essa dissertação se baseia, portanto, em uma

²² Como se verá a seguir, em Brotas, o termo atleta marca o esporte competitivo e o termo esportista se refere à prática de lazer expedicionária ou de exploração com desafio físico.

experiência de aprendizagem em curso. É um esforço de reflexão a partir de algo imprevisto pelo projeto de pesquisa, fruto do que aparentemente deu errado em campo.

Embora incompleto, devido às tardias opção por focar esta modalidade e inserção na escolinha, o início do processo de aprendizagem do *rafting* nestas circunstâncias trouxe dados importantes. A *aventura* enquanto trabalho, a condição sazonal do *profissional de aventura*, seus problemas e anseios, as alternativas que criam os *condutores* e sua concepção e estratégias de participação no esporte e turismo são apenas alguns exemplos.

Em Agosto de 2010, fiz inscrição na Escolinha de Rafting da Associação Brotense de Esportes Aquáticos, criada por iniciativa dos atletas da equipe Bozo D'água. Eu nunca havia praticado qualquer esporte com remos e por isso pensava estar à maneira de Wacquant (2002), em situação de perfeita neófito. Entretanto, e diferentemente do autor, nunca deixei de sê-lo. Por isso, esta dissertação é composta de dois textos com estatuto e estilo díspares.

Imaginava esta discussão sempre a partir das técnicas, mas parecia que quando estava lá não conseguia ver, fazer ou aprender o suficiente. Isto porque era *baixa temporada*²³, porque os cursos não aconteceram, porque os *coordenadores* se demitiam, porque havia constrangimentos de gênero e classe ou porque os congressos acadêmicos, dos quais participei, concentravam-se nesse mesmo período. Quando finalmente comecei a treinar fui afastada devido a uma tendinite no punho por dois meses e as técnicas de remada eram infinitamente mais complexas do que eu poderia prever.

Por tudo isso, o movimento em campo se deu ao contrário da cronologia que conduz este texto. Procurei, antes de mais nada, uma inserção técnica na *aventura*, mas acabei por apreender melhor as narrativas sobre Brotas. Enquanto estive forçosamente afastada da prática, enquanto não havia prática para observar e devido ao caráter dos treinos, fluido ao longo do rio²⁴, minha situação em campo se caracterizou mais como a de ouvinte do que como a de uma observadora (no sentido do olhar) ou praticante. Escrevi este texto, então, em duas partes que se contrastam pelos tipos de dados e estilos díspares, mas que, espero, se complementem em uma compreensão mais abrangente do fenômeno *aventura*.

Durante o tempo em que os treinos cessavam, ou em que estive afastada, a prática dava lugar às narrativas sobre a prática da *aventura* e foram esses dados que me permitiram construir a contextualização que a primeira parte da dissertação, intitulada “Narrativas, instituições e a invenção do *profissional de aventura*,” se propõe apresentar. Construí essa

²³ Quando teria oportunidade de presenciar a *alta temporada*, no verão de 2010 para 2011 tive um gânglio linfático enfartado, o difícil diagnóstico me afastou da cidade praticamente por todo Janeiro e Fevereiro.

²⁴Via os botes por alguns instantes e depois não os via mais durante longos minutos.

parte de forma que o leitor possa dispor de uma boa contextualização histórico-sociológica sobre o campo, para que depois adentre em sua, tão nova, problematização antropológica. Ela é composta de três capítulos.

No segundo capítulo, *22°17'12" sul, 48°07'35" oeste*, coordenadas geográficas de Brotas, apresento as narrativas, inclusive a geológica, sobre a cidade e como se reuniram as condições para que se tornasse uma *cidade da aventura*. No capítulo três, *Como nasce um campo de pesquisa: sociogênese da aventura em Brotas*, discuto como *ecoturismo, esporte radical e segurança* foram combinados para a apropriação lúdica de cânions e rios de corredeira, cunhando assim um *turismo esportivo* e/ou esporte “turístico”, e como esse contexto permitiu emergir a *aventura* enquanto ofício. No quarto capítulo, *Do aventureiro profissional ao profissional de aventura*, problematizo a situação do *profissional de aventura* através de suas questões e as alternativas que criam para contorná-las.

Na segunda parte, “Corpos, equipamentos e a formação do *atleta de aventura*”, composta de dois capítulos mais as considerações finais, procuro prover o leitor com a etnografia realizada em Brotas. No capítulo cinco, *Quando ser esportista é diferente de ser atleta*, apresento as diferenças entre o *rafting* de expedição e de competição e introduzo o leitor à história da equipe brasileira de *rafting* competitivo, que é a mais vitoriosa não só no Brasil²⁵, como no circuito mundial, além de me colocar em campo através da participação na escola de *rafting* a ela associada em um esforço de reconciliação com minha experiência pessoal e de encontrar também na frustração e na falta, dados a serem problematizados.

No capítulo seis, *Eventos Competitivos, rotinas de treinamento e técnicas*, adentro a estrutura dos campeonatos e discuto de que modo o seu formato determina as rotinas de treinamento e saberes corporais específicos do *rafting*. Apesar de procurar descrevê-la à partir do que foi vivido, como não consegui aprender a fazer *aventura* de forma autônoma, me apóio, para confeccioná-la, no que as pessoas dizem sobre o que fazem e sobre como me instruíam a fazer, bem como na observação *in vivo* da gênese social e do desenvolvimento de atletas de *rafting*, que culminou com a formação e vitória no campeonato mundial da modalidade da equipe júnior da Bozo D’água, chamada Brotas Bozo²⁶, constituída através da escolinha da qual participei.

Nas considerações finais, procuro realizar uma rápida incursão de volta aos argumentos da dissertação para apresentar, resumidamente, o que este estudo encontrou como os pilares da *aventura* brotense que, acredito, compõe o tipo de *aventura* contemporânea.

²⁵ Sagraram-se enecampeões brasileiros no final de setembro de 2012.

²⁶ Já tetracampeã brasileira em sua categoria.

CAPÍTULO 1. A “AVENTURA” METODOLÓGICA

Para falar de método, convém, antes de tudo, expor minha concepção de antropologia. Ela é, obviamente, provisória e problemática, a ponto de ser potencialmente contraditória, visto que estou no início do meu processo de formação intelectual, mas assumirei o risco de tentar elaborá-la, na medida em que determina e é determinada pela forma e conteúdo do texto que segue.

Concebo a antropologia, nesse momento, não como uma ciência de explicações, demonstrações ou o que o valha. Concebo a antropologia como uma ciência para levantar questões ou como uma ciência das problematizações. Especialmente uma ciência que busca, em realidades objetivas, temas contestadores das teorias científicas e senso comum estabelecidos. Que empreende um esforço de privilegiar o diferente e o ponto de vista do pesquisado, sem esquecer que ele é percebido na relação com o ponto de vista de um pesquisador que é diferente de outros. Valorizo a evidência da alteridade porque acredito que ela cumpra, no âmbito das ciências e direitos humanos, melhor papel que qualquer generalização sobre o humano, papel diplomático e mediador porque cria bases para novos pensamentos. Assim como Strathern (2006), e com alguma inspiração feminista²⁷, confio que a realização cumulativa da antropologia é construir constantemente as condições a partir das quais o mundo pode ser apreendido novas maneiras, é uma contraprodução deliberada.

Acredito, portanto, assim como Clifford (2008), que os dados não são coletados, mas sim construídos. E não só na relação do antropólogo com aqueles que estuda, mas também, como é o caso desta dissertação, na relação do pesquisador com seu orientador, com os membros de suas bancas de qualificação e defesa, com os professores das disciplinas que cursou, com seus colegas e seus campos e com as expectativas das agências financiadoras de sua pesquisa. Toda esta conjuntura leva a assumir como pressuposto a fragilidade da crença na neutralidade científica enquanto permite admitir que os dados emergem do estabelecimento de relações, sempre interessadas e que as tentativas e descobertas dos antropólogos são sempre incompletas e provisórias.

A antropologia seria, assim, uma ciência que não nega seus vieses, ao contrário, deve esforçar-se por conhecê-los e explicitá-los ao leitor, para que ele saiba das condições de

²⁷ Aspiração muito recente e insipiente no sentido de reconhecer tanto as perspectivas das mulheres como as dos homens, com especial atenção à promoção das perspectivas e interesses das mulheres, já que, acredito, somos ainda tão submetidas a situações de desigualdade e bastante ausentes dos investimentos acadêmicos. Neste trabalho, devido às características do campo esta investida é diminuta e praticamente restrita ao ponto de vista da minha feminilidade.

produção de cada pesquisa e porque dispõe de tais dados ao invés de outros. Dados que são problematizados privilegiadamente pela escrita etnográfica, escrita que explicita a produção dos dados na convivência e diferença entre pesquisador e pesquisados, promovida por estudos de campo, preferencialmente que zelem por alguma continuidade, em termos de tempo de duração, que permita o registro de mudanças políticas, movimentos conceituais, transformações técnicas e não de cenas estáticas incompatíveis com a vida humana.

Etnografia, assim como a concebo neste estudo, é, então, o modo de apresentação desses dados sobre fluxos vitais distintos, ou aspectos deles, construídos por meio de técnicas de pesquisa empírica que prevêm a importância do compartilhar de um ambiente, de rotinas e de interações significativas e, preferencialmente, duradouras, entre pesquisador e pesquisado, que assim tornam possíveis descrições mais dinâmicas e complexas dos fenômenos humanos. E que encontram seus sentidos muito menos nas convergências e homogeneidades dos discursos formais, acessados pelas pesquisas estatísticas, por exemplo, e muito mais nas ambigüidades, contraditoriedades e conflitos da vida prática.

As fotografias²⁸, pequenas filmagens, observações e conversas registradas em áudio, histórias de vida gravadas através de trinta e cinco entrevistas e anotações diárias em meu caderno de campo, fornecem os dados produzidos para o texto que segue. Nele alguns interlocutores com quem conversei apenas uma ou duas vezes aparecem pontualmente em citações de suas boas explanações sobre determinadas questões e outros me acompanham com mais constância e dão a tônica e o drama de um tipo de vida composta de *aventura*: a do *profissional e atleta de aventura* brotense. Ocasionalmente revisito os dados, menos etnográficos, coletados anteriormente para o projeto, entre outros tipos de vidas aventureiras conhecidas nos *eventos de aventura*, anteriormente mencionados, em um esforço comparativo.

1.1 Um estudo desde o corpo

Pra mim a aventura serve para acumular experiências motoras e experiências físicas. Para saber que você pode aquilo que você quiser. Mas, não no sentido irresponsável, no sentido do potencial humano. E isso passa por entender o seu físico mesmo, o seu corpo, porque você só vive através do seu corpo. E o aprendizado da aventura é esse. Pra mim essa é a recompensa. É *in loco*, é na prática.

²⁸ Além das minhas fotografias inspiradas por um olhar etnográfico utilizo, a título de ilustração, neste texto as imagens dos fotógrafos da *agência* na qual mais tempo realizei minha observação participante, Tiago Surian e Diego Ortiz, a quem agradeço imensamente.

Esta narrativa de João Bellini - *corredor de aventura*, instrutor da *Outward Bound Brasil* e educador físico da *assessoria esportiva* Núcleo Aventura - sobre a *aventura* imediatamente me remeteu às reflexões de Loïc Wacquant (2002) sobre como realizar uma etnografia à partir de contextos em que os ofícios do corpo são centrais:

Como dar conta, antropológicamente, de uma prática tão intensamente corporal, de uma cultura totalmente cinética, de um universo no qual o mais essencial transmite-se, adquire-se e desdobra-se aquém da linguagem e da consciência? (p.15).

Aceitei deliberadamente, como quadro metodológico, o desafio proposto pelo autor, qual seja, a produção de dados diferenciados para uma compreensão destes universos, como os chama, “culturas cinéticas”, no limite entre a teoria e a prática. Sua sugestão seria mergulhar não apenas no campo, mas também nas práticas pessoalmente. A partir de seu interior, não apenas no sentido da primazia do campo de pesquisa, mas do próprio corpo do pesquisador, viver sua aprendizagem e experimentar na prática suas principais etapas. A apreensão nativa é, para Wacquant (2002), condição indispensável para o conhecimento adequado deste tipo de objeto, que:

Teoricamente instrumentada, deve permitir ao sociólogo apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põem em operação cotidiana aqueles que o habitam. Se é verdade, como afirma Pierre Bourdieu, que nós “aprendemos com o corpo,” e que “a ordem social inscreve-se no corpo por meio desse confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre abre um grande espaço para a afetividade”, então impõem-se que o sociólogo submeta-se ao fogo da ação *in situ*, que ele coloque, em toda a medida possível, seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no cerne do feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar. (Wacquant, 2002, p.12)

Este é o primeiro pressuposto metodológico deste trabalho. Esta dissertação, portanto, também procura, assim como o fez o autor, retratar uma experiência pessoal de iniciação a um ofício do corpo. Mas não só isso.

Descobriria ao longo do processo de aprendizagem da *aventura* que, assim como preconiza Sautchuk (2007), a sintaxe dos gestos tem estreita relação tanto com os instrumentos envolvidos na ação, como com o ambiente no qual são desempenhados. Ou seja, uma explanação sobre os sentidos dos processos técnicos da *aventura* demanda, além de um investimento pessoal porque corporal, um esforço de compreensão sobre não-humanos, neste caso objetos e fenômenos naturais mais que animais, possivelmente envolvidos nesta atividade técnica. Assim como propõe o autor para uma abordagem da pesca no estuário do rio Amazonas:

É neste sentido que me valho de trazer para a abordagem etnográfica das técnicas de pesca os elementos conceituais dos estudos das condutas motoras. Estes permitem pensar as “sínteses corporais” concretamente, pensando o corpo, tomando o corpo como sistema flexível, baseado na articulação e na interação com outros elementos e que se configura como uma unidade de percepção e ação que não coincide necessariamente com os limites anatômicos. (Sautchuk, 2007, p. 15).

Inspirada, assim como o autor pela antropologia da natureza de Descola e Pálson (1996) e pela etnografia da técnica e antropologia ecológica de Ingold (2000), considero a pesquisa neste campo como um aprendizado – um *enskilment*. E atento para seu alerta. É necessário não tomar esse pressuposto metodológico como fazer individual.

Ele propõe explicitar o peso das diferenças entre pesquisador e nativo, a começar pelas capacidades de percepção e de ação. Assim, sugere que a interação prática tem seu valor etnográfico na medida em que as diferenças de estatuto, de intenção, de envolvimento, de sentido e inclusive de competência numa dada prática são levadas em consideração, inclusive como instrumentos heurísticos. Nesta parte “zero” da dissertação, portanto, procuro atender a este pressuposto metodológico me colocando no texto em primeira pessoa através de meus esforços, expectativas e frustrações.

1.2 Das condições do trabalho

Ao final do ano de 2009, com o término das disciplinas correspondentes aos créditos que tive que cursar como requisito para a obtenção do título de mestre ao qual esta dissertação se endereça, quando faxinava meu apartamento em São Carlos para fazer a transição ao campo, fui interrompida por uma dor na coluna lombar que não me permitia estender o tronco. Depois de ser resgatada por meus pais e das duas hérnias de disco descobertas, fui afastada das atividades de pesquisa e encaminhada a um tratamento médico e fisioterápico.

Nesse ínterim, Thaís, minha colega de mestrado e amiga a quem agradeço imensamente, começou a dar aulas de sociologia em uma escola de Brotas. Esta escola empregava ainda outros moradores de São Carlos que iam e voltavam todos os dias pelo percurso de aproximadamente quarenta e cinco minutos, juntos e se revezando em seus carros. À medida que a dor na coluna diminuía e que conhecia os novos colegas de Thaís, em meados de Março de 2010, conversávamos sobre os dias em que os carros de professores não iam cheios e ela me auxiliou a conseguir caronas com eles - principalmente Gilberto, Reinaldo e

Talita, a quem também agradeço muito - para realizar minhas primeiras incursões na cidade, que tinham como objetivo encontrar onde morar.

Aproveitei também o feriado de Páscoa para fazê-lo com minha família que fora conhecer a cidade onde eu moraria e fiz com eles alguns passeios, tais como uma sequência de *tirolsas*²⁹, uma *trilha*³⁰, um *canionismo*³¹ e um *rafting*, que parecia ser a atividade mais procurada. Enquanto esperava minha vez na fila de *clientes* que aguardavam na beira de uma cachoeira, conversando com o *guia* sobre a dificuldade de encontrar onde morar, mencionei a pesquisa e ele se prontificou a colaborar, tanto em relação a dicas sobre moradia quanto com a minha iniciação técnica, já que disse ter uma empresa de *consultoria em aventura* que oferecia cursos para leigos. Eu disse que voltaria na semana seguinte para continuar a procura por um lugar onde ficar e ele me deu seu endereço de e-mail, propondo-me que entrasse em contato ou o procurasse diretamente na *agência* em que trabalhava.

Na semana seguinte, fui de São Carlos a Brotas de carona com Gilberto e Thaís para procurá-lo, já que não respondia meus e-mails. Como chegamos às sete horas da manhã, a *agência* estava fechada. Esperei que abrisse sentada num banco de madeira que fica na calçada. Quando a *agência* abriu, por volta de oito horas, perguntei por ele, que só chegaria depois das nove. Decidi, então, tomar café da manhã. Enquanto voltava da padaria mais próxima, uma mulher vindo na minha direção me interpelou: - “Então deve ser você a loira que anda atrás do meu marido, né?” Eu perguntei quem era o marido dela. Como resposta recebi o nome do *guia* que havia levado a mim e minha família no passeio do feriado de Páscoa. Constrangida, respondi a ela que não era a loira que procurava seu marido, mas uma *cliente* que fazia uma pesquisa e que procurava por informações. Depois desse embarço inicial, do qual me desvencillei explicando sobre o mestrado e dizendo que era comprometida,³² perguntei a ela como sabia que eu havia procurado por ele. Ao que ela respondeu: - “Ah minha filha, as meninas da *agência* logo me avisaram quando você passou lá. Porque sabe como é, né, a gente tem que se ajudar. Essas turistas vem aqui e acham que podem tudo e em homem não dá pra confiar.” Na mesma semana eu ouviria as meninas da recepção de outra *agência* elogiando os corpos dos *atletas de rafting* e me alertando: - “Ó, mas os poucos que prestam, são sérios, não vão tentar nada com você, os outros nenhum presta, pode esquecer, é melhor ficar longe”.

²⁹ Deslize em corda sobre um acidente geográfico com o objetivo de alcançar seu outro lado.

³⁰ Caminhada ao ar livre, em ambiente natural e irregular, geralmente um caminho na vegetação.

³¹ Exploração de Cânions através de um conjunto de técnicas, usualmente de ascensão e descida com uso de cordas para a transposição de cachoeiras.

³² Na verdade, acredito que a informação sobre meu “estado civil” tenha proporcionado mais tranquilidade que aquela sobre minha vinculação institucional.

Durante vários dias andei pela cidade a visitar imobiliárias que raramente tinham imóveis disponíveis e a ligar para números de telefone encontrados em placas de oferecimento de aluguel. Pequenos imóveis baratos pareciam não existir. Descobri que prédios de apartamentos de fato não existem na cidade, no máximo construções de dois e três andares na forma de sobrados. A esta altura Thaís me apresentara Paulinho, professor de Educação Física de sua escola, que era também *condutor de turismo* e *atleta de rafting* competitivo. Segundo ela, Paulinho tinha voltado há pouco de uma competição e receberia uma homenagem da escola porque era bicampeão mundial da modalidade, fato que eu desconhecia completamente.

Paulinho me apresentou a seus colegas de *agência*, uma das maiores da cidade, e pediu que me recebessem. Esses me apresentaram a outros que me levaram a seus *coordenadores* que, por sua vez, me apresentaram ao dono da *agência*. Achei por bem pedir-lhe autorização para transitar em seu estabelecimento, antes que passasse por outra situação constrangedora e potencialmente negativa à continuidade da interação com aquelas pessoas.

Ele autorizou, gentilmente, sugerindo que esperava de mim que não transitasse em outras *agências* levando informações sobre a sua e também que eu poderia aprender as técnicas de *aventura* para que, “naturalmente” como pós-graduanda, eu auxiliasse os *guias* com os clientes estrangeiros que eventualmente apareciam, mas nos quais focavam sua publicidade naquele momento com expectativas para os dois *eventos* que, potencialmente, trariam mais turistas estrangeiros ao Brasil: a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Também afirmou que desejava conhecer os resultados da pesquisa.

Conhecendo esta intenção de leitura da dissertação no campo e, antes, o direito ao anonimato de qualquer interlocutor de pesquisa, mas principalmente como medida de proteção àqueles que não se contiveram em dividir comigo seus problemas e dilemas, nos casos mais potencialmente cheios de implicações negativas às suas carreiras, usarei o recurso da descrição mais geral, com o perdão do leitor para trechos possivelmente fugidios. Ao me referir pontualmente a interlocutores que concederam entrevistas, lançarei mão de iniciais de nomes fictícios, com exceção dos pioneiros na *aventura* brotense e de atletas da equipe Bozo D’água que se veem como figuras públicas e não fizeram questão do anonimato.

Ao mesmo tempo em que passei a ter nessa *agência de turismo* uma referência, um lugar de onde começar a estabelecer relações, um lugar para sentar, aquecer minha marmitta, usar o banheiro, conversar e, mais tarde, receber formação e alimentação como *condutora aprendiz*, descobria a importância da equipe Bozo D’água de *rafting* competitivo para a cidade. Na época, associada à *agência* por um contrato de apoio e patrocínio, o que ficava

evidente devido a um pôster da equipe e uma grande mesa de troféus que decoravam a recepção da *agência*.

Entretanto, como o *esporte de aventura* competitivo não era *a priori* meu foco e porque tinha recebido informações referentes ao comportamento esperado das forasteiras para com os atletas, achei mais adequado pedir informações e estabelecer relações primeiro com as recepcionistas das *agências*, que eram em sua maioria mulheres.

Elas me informaram que normalmente os imóveis da cidade disponíveis para aluguel são grandes e aqueles que não são nascidos na cidade acabam dividindo aluguéis - embora sejam casas compartilhadas como a de muitos universitários não são chamadas repúblicas³³ em Brotas. Mas, disseram-me também que é difícil conseguir proprietários dispostos a fazer contratos para isso, já que os mesmos preferem alugar seus imóveis apenas na *alta temporada* por um preço alto, ao invés de alugá-los mensalmente por um valor irrisório em comparação. Além disso, disseram-me os funcionários das imobiliárias que os proprietários de imóveis não gostam de alugar para pessoas jovens como eu, que vem trabalhar na cidade nas *agências de turismo*, já que a bagunça, os churrascos e a falta de cuidado com o imóvel são muitos reclamados.

“As meninas da recepção,” como são chamadas, disseram ter procurado pessoas que tivessem vagas em suas casas ou que estivessem dispostas a fazer um contrato de aluguel comigo e encontraram uma recepcionista de outra *agência* que topava. Fui conhecê-la e ela já tinha encontrado uma casa de dois quartos que o proprietário aceitara alugar nessas condições vistas como não ideais. Isto porque a casa não estava acabada. Ela já havia se mudado e sobrara para mim o quarto que ainda não tinha piso ou luz. Disse a ela que precisava pensar e continuei procurando.

Devido à falta de imóveis disponíveis comecei a cogitar aceitar o quarto inacabado que me fora oferecido, mas soube que a menina com quem dividiria a casa gozava de “má reputação” na cidade. Os boatos diziam que ela já havia “pegado” todos os *guias da agência* em que trabalhava.

Diante da constante vigilância desde as portas das recepções das *agências*, das alianças e trocas de informação entre recepcionistas e esposas donas de casa e da importância

³³ Para Costa (2007), o sentido da palavra “república” no contexto universitário remete à ideia de coisa comum, espaço que nunca deixa de ser público. Ao tratar das casas dos estudantes universitários, o autor lembra que é indispensável que uma república tenha um nome; elas são fundamentalmente conhecidas por seus nomes próprios e não pelos nomes, cursos ou qualquer outra referência aos seus moradores; aliás, mesmo os moradores ao referirem-se à suas casas chamam-na pelo nome e não simplesmente por “casa.” Algumas repúblicas duram muitos anos, por vezes décadas e, mesmo que se mude o espaço físico, mantêm o nome que vem desde o começo. Ao contrário, em Brotas, as moradias dos guias não compartilham desta ideia de continuidade e superioridade aos componentes, são chamadas casas e referidas pelos nomes de seus moradores.

desse tipo de julgamento moral, do qual me dava conta, achei que não seria estratégico para uma forasteira, que por um tempo seria vista inevitavelmente como a turista ameaçadora de casamentos, morar com alguém mal afamada na cidade. Também não quis procurar abrigo em casas de família para não arriscar provocar mal entendidos entre uma mulher e seu marido. Passei a insistir que precisava encontrar um lugar pequeno para morar sozinha devido a minha demanda por silêncio por causa da pesquisa. Pensei que a solução seria, então, uma edícula. Algumas me foram indicadas e também o único conjunto de *flats* da cidade, chamado *Paradise*. Mas alertaram-me que ele era mais caro e muito difícil de conseguir vaga.

Das três edículas que encontrei, uma tinha regras de permanência que não me agradaram, outra tinha sua porta principal de vidro, muito frágil e insegura para o meu gosto e a proprietária da terceira desistiu de alugá-la. Quando passei a cogitar alugar mensalmente um quarto em um hotel simples com internet, mas que custaria em torno do dobro do que eu pagava em São Carlos, ou seja, todo o valor de minha bolsa de mestrado, soube que um *flat* vagaria.

Surpresas, as “meninas da recepção” que me ajudavam receberam a notícia de que eu conseguira sem esforço a vaga. Pelo que disseram, a governanta devia ter optado por mim por não ser *condutora* e por estar sozinha na cidade, em detrimento de um casal que estava na fila de espera que ela achava muito “bagunceiro,” e de um *condutor* solteiro que potencialmente levaria para lá “uma vagabunda a cada noite.” Quando soube que havia outras pessoas interessadas no flat há mais tempo pensei que isso poderia me custar uma nova antipatia, mas já havia firmado o acordo verbal.

O conjunto de *flats* correspondia a um conjunto de cinco sobradinhos geminados com cozinha e sala no primeiro andar e um quarto e um banheiro no segundo andar, conectados por uma escada “caracol”, e uma vaga de garagem na frente de cada um. A construção era nova, fácil de limpar e harmoniosa. Deixou-me muito satisfeita porque além de comportar minhas coisas reunia tudo que julgava precisar: garagem, silêncio e ótima localização – aproximadamente três quarteirões do rio e cinco quarteirões das principais *agências turísticas* da cidade – e, a revelia do que me diziam, ótimo preço. Nos R\$470 mensais estavam inclusos também água, luz, internet *wi-fi* e uma faxina semanal. Ou seja, não era tão mais caro que os R\$300, apenas de aluguel, da edícula e mais barato que os R\$600 em média que me custava morar em São Carlos. Entretanto, depois de me mudar percebi que o *flat* era referido como uma moradia privilegiada na cidade.

1.3 No galejo da remada

Em Junho de 2010, ao me mudar definitivamente para a cidade de Brotas numa quinta-feira às dezenove horas, observava um treino da equipe Bozo D'água no trecho do rio próximo à minha casa, ao lado de um componente das equipes secundárias que comentava comigo: “Olha lá, estão galejando!” Ao questioná-lo sobre o que isso queria dizer, ele balançou o tronco pra trás e pra frente. Ou seja, o *galejo* é um movimento do corpo no sentido de impulsionar o barco para frente que complementa o uso da força do braço e das costas na remada, quando há cansaço. Pode significar também o compasso, ritmo forte imposto à remada que reflete em um sutil movimento do tronco e também à instabilidade sofrida pelo *rafteiro* posicionado no bote.

Quando perguntei se *galejar* era uma coisa boa, ele disse: “Se for *galejar*, tem que ser todo mundo junto. Se um começa a *galejar* mais de cansaço é ruim. Mas se outro não pode remar por algum motivo e ele *galejar*, já ajuda, ele não vira só um peso morto no bote e se eles decidem que todos vão *galejar* forte e remar forte pode até impulsionar mais o barco.” O *galejo da remada* é, principalmente, um recurso ou efeito da remada contra a correnteza. A remada que precisa ser mais forte e rápida exige mais do tronco que acaba por se deslocar pra frente e pra trás. É por isso que esta expressão intitula esta pesquisa. Em campo eu parecia sempre remar contra a correnteza.

A esta altura eu começava a dimensionar o obstáculo que ser mulher poderia constituir à minha integração à *aventura* brotense. Como já havia passado por algo semelhante no surfe e como me interessava realizar uma etnografia sobre técnica e corporalidade e a partir de meu próprio corpo, pensei que levar ao limite minha iniciação na prática e selar minha legitimidade em campo como aprendiz, seria o suficiente para amenizar estas dinâmicas de exclusão de gênero.

Entretanto, o lugar das mulheres em Brotas é predominantemente a casa, a recepção das *agências* e, eventualmente, a *condução* em atividades vistas como mais simples, como a *trilha*, a *tirolesa* e o *arvorismo*. Enquanto isso, eu traçava desavisadamente uma trajetória em campo que me levaria a frequentar o contexto de formação de *condutores e atletas de rafting*, atividade considerada das mais complexas e, conseqüentemente, neste lugar, ambiente dos mais masculinizantes.

Isso produziu tensões e limitações para a pesquisa. Por exemplo, os homens considerados sérios procuravam não conversar muito e não sentar comigo nos bancos das calçadas, ônibus ou numa mesa de restaurante ou padaria. Quando conversavam comigo

procuravam ser breves e manter o olhar para baixo. Alguns considerados “não sérios” apresentavam uma postura sedutora com a qual tive extrema dificuldade em lidar.³⁴ E aqueles moderadamente desenvolto eram potencialmente repreendidos por suas namoradas e mulheres por interagirem comigo, o que não só me deixava extremamente constrangida, como por vezes me interditava determinadas situações.

Assim aconteceu em uma noite em que entrevistava um *guia*, por ser ele presidente de uma associação local, na frente de uma casa de *guias* onde acontecia um churrasco, assim como ele havia sugerido, sentados no meio fio da calçada. Durante a entrevista o celular tocava insistentemente e, em certo momento, ele julgou que precisava atender. Ouvi então uma voz feminina gritar no outro lado da linha: - “Quero ver agora se você tem coragem de mentir. Você vai me dizer agora o que você está fazendo com essa mulher. Eu estou vendo vocês. Se você não voltar agora pra casa eu vou atrás dela”. Ele foi embora, para o meu alívio, mas não houve maneira de retomar a entrevista.

Além destas dinâmicas embaraçosas, outras situações apresentaram-se bastante restritivas ao meu acesso às rotinas e ao estabelecimento de relações de confiança com os *condutores*. Depois de ter me mudado para o flat, e de maneira inversa ao que acontecera nos *eventos de aventura*, embora alguns *condutores* contassem ter conhecido outros que lá viveram, sempre havia comentários que me marcavam como alguém de classe social³⁵ diferente a que pertenciam os *condutores* em geral, tais como: - “Nossa, você mora no flat? Desculpa, então.” Se nos *eventos* eu me via estabelecendo relações com pessoas de classes sociais mais abastadas que a minha - não conseguia vislumbrar como aquelas pessoas viabilizavam seus caros empreendimentos *aventureiros* -, em Brotas os *profissionais de aventura* pareciam estranhar como eu viabilizava uma estadia no flat sem trabalhar na cidade. O fato de ter carro entre aqueles que dispõem em sua maioria de bicicletas e motos corroborava para esse entendimento.

Intrigada com estas posturas percebi que meus vizinhos de *flat* eram funcionários do alto escalão da usina de cana de açúcar e de uma das maiores fazendas de laranja da cidade,

³⁴ Minha dificuldade em lidar com estas situações em campo nada teve a ver com uma expectativa por objetividade científica e neutralidade do pesquisador, já discutidas em alguns trabalhos internacionais como: KULICK, Don; WILLSON, Margaret (orgs.). *Taboo: Sex, Identity, and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork*. London: Routledge, 1995. E, em específico no Brasil: ROJO, Luiz Fernando. *Rompendo Tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo*. Cadernos de Campo, 2005, p.41-56. Tem sim a ver com formas de abordagem inevitavelmente associadas por mim aos assédios já sofridos em distintos ambientes de minha trajetória pessoal e profissional.

³⁵ Uso classe no sentido atribuído pelo IBGE, por exemplo, como coletividades delimitadas por faixas de renda: A, B, C, D, E. Se a análise for realizada a partir da renda de meus pais, pertença, de fato, a uma classe social muito mais privilegiada que a maioria deles.

que vinham de seus municípios durante os dias úteis, mas depois voltavam aos seus lugares de origem. Ou seja, eu passei a ser associada definitivamente aos forasteiros de classe social abastada, enquanto entre os *condutores* havia um que tinha comprometido seriamente uma das pernas, sem perspectivas de recuperação, em um acidente com um tampa de caldeira da usina e outro que havia perdido um dedo em um acidente na fazenda de laranja, ambos lutando por indenizações.

Somado a isso, quando estabeleci os primeiros contatos em busca de moradia, as pessoas que conhecia sempre me aconselhavam em relação a como conseguir um emprego na cidade. Eu explicava que precisava aprender as técnicas e rotinas da *aventura*, mas que não podia ser remunerada por isso, já que dispunha de um contrato de financiamento de pesquisa que versava sobre dedicação exclusiva. Esta situação ficou sempre muito obscura para eles e promoveu desconfiança. Quem era essa pessoa que “não precisava trabalhar” e ainda assim morava em um dos melhores locais da cidade? Colaborar comigo poderia prejudicá-los? Porque perderiam seu tempo com minhas perguntas? Percebia, assim, certa resistência em relação à minha presença em diversas ocasiões.

Mesmo depois de ser convidada pelo técnico responsável a compor a equipe feminina de *rafting* que representaria a cidade no campeonato brasileiro da modalidade, de participar regularmente dos treinamentos junto aos atletas juniores e de estar diariamente na *agência* como *condutora aprendiz*, talvez eu nunca tenha deixado de ser vista como uma *cliente* ou *turista* por alguns, e pior, não havia termo específico para isso, mas eu era mesmo uma forasteira para muitos outros.

Frequentemente esquecida ou propositalmente deixada de lado, ainda não entendo como as outras pessoas que treinavam ficavam sabendo das mudanças de planos. Além dos períodos de viagem de competição do técnico no qual os treinos eram suspensos, muitas vezes chegava para treinar e não havia treino ou o horário havia sido alterado. Ou eles já tinham saído em uma descida inesperada com turistas, ido para outra cidade aproveitando uma carona imprevista para fazer uma *descida* em outro rio, ido procurar patrocínio ou o treino havia sido desmarcado com antecedência por qualquer outro motivo, mas eu não ficava sabendo.

Quando isso acontecia eu procurava conversar com aqueles *condutores* que estavam disponíveis e acabava às vezes recebendo mais informações sobre a “história” da *aventura* na cidade ou sobre outras técnicas do que sobre o próprio *rafting* ou, quando não havia ninguém, ia até a biblioteca da cidade e lia trabalhos já confeccionados sobre Brotas e o tema.

Pareceu-me que a amizade e confiança que Wacquant (2002) diz ter experimentado com os frequentadores de Woodlawn e que lhe permitiram se “fundir com eles” não foi por

mim experimentada entre os adultos. Mas, embora minha expectativa romântica de “fusão” com os nativos tenha sido frustrada em relação aos adultos, acredito ter experimentado alguma amizade com os adolescentes.

Entretanto, ao mesmo tempo que eles me traziam para o interior das dinâmicas do *rafting* com mais tranquilidade e leveza, não tinham autorização para falar sobre certos temas ou para me dar acesso a determinadas situações. Esqueci, ao me inspirar em Wacquant (2002), que além de dispor de três anos em campo, muito mais do que um mestrado possibilita, o autor assume que o caráter “oportunista” de sua inserção em campo foi o principal fator a tornar possível a pesquisa:

De fato não entrei no *gym* com a finalidade expressa de dissecar o mundo do pugilismo. Minha intenção inicial era servir-me da academia de boxe como uma ‘janela’ para o gueto, para observar as estratégias sociais dos jovens do bairro [...] e foi somente ao final de 16 meses de presença assídua, e depois de ter sido entronizado como membro do círculo dos *Boys Club*, que decidi, com o aval dos interessados, fazer do ofício de boxeador um objeto de estudo totalmente à parte. Não há dúvida de que jamais ganharia a confiança nem me beneficiaria da colaboração dos frequentadores de Woodlawn se tivesse entrado na academia com o firme propósito de estudá-la, porque essa própria intenção teria irrevogavelmente modificado meu *status* e meu papel no contexto social e simbólico considerado (Wacquant, 2002, p.26).

Sentia-me sempre bastante deslocada, a pedir licença e procurar minimizar o mal estar que a minha presença parecia causar, como em qualquer campo de pesquisa. Mas principalmente por ser uma mulher em um universo quase exclusivamente masculino, me incomodavam sobremaneira dinâmicas que à primeira vista pareciam de exclusão e preconceito.

Além disso, o pressuposto desta pesquisa era não escrever sobre algo que não sei fazer, por questões éticas e epistemológicas, já que no campo da *aventura* é importante ter certo “conhecimento de causa” para merecer autorização para dela falar e visto que meu referencial wacquantiano se comprometia com esse experimento a partir do próprio corpo do pesquisador. Entretanto, desta vez, tive que fazê-lo.

Minha disposição prática e o gosto pela técnica, justamente aquilo que eu acreditava ser minha chave de acesso à antropologia, ou potencialmente a minha contribuição para ela, sucumbiam, entre outros fatores, à urgência das lesões. Além das duas hérnias de disco já mencionadas, a dor que me acometia o joelho esquerdo, multilesionado desde os dezesseis

anos, só piorava depois da cirurgia de reconstrução de ligamentos pela qual passei em 2005³⁶. Finalmente em campo, em meu terceiro dia de treinamento, uma dor no punho esquerdo seguida de incômodo constante e crescente me imobilizou por um mês, levando-me de volta à fisioterapia por ocasião de uma tendinite.

Diferentemente da fratura no nariz de Wacquant (2002), que o obrigou a “uma inatividade propícia a um retorno à reflexão”, minha lesão foi extremamente precoce. Embora depois tenha me levado a pensar a relação desses *rafteiros* com suas lesões, sofrê-la restringiu muito minha aprendizagem técnica. E isto nos leva às narrativas sobre *aventura*, apreendidas no tempo em que estava imobilizada ou não havia treinos.

³⁶ Em 2009, quando iniciei o mestrado descobri que como resposta à retirada de um enxerto do tendão patelar para a reposição do ligamento rompido, um calo ósseo pontiagudo se formava e perfurava o tendão patelar que era acometido de uma fibrose.

Caderno de Imagens 1: Atividades de *aventura* em Brotas

Foto 1. Saída de uma trilha



(Foto: Marília Bandeira)

Foto2. Chegada de trilha em cachoeira



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 3. Circuito de *arvorismo*



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 4. Trecho de *arvorismo*



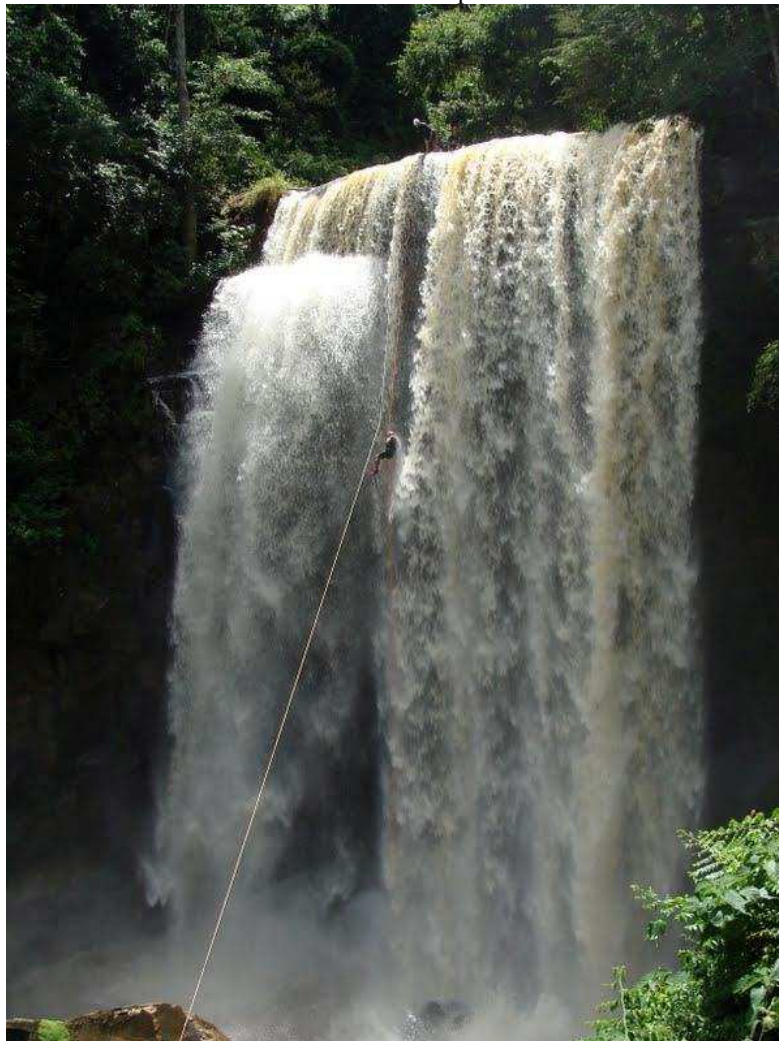
(Foto: Marília Bandeira)

Foto 5. Saída de um *canionismo* em época de *seca*



(Foto: Diego Ortiz)

Foto 6. *Canionismo* em época de *cheia*



(Foto: Diego Ortiz)

Foto 7. Rafting comercial



(Foto: Tiago Surian)

Foto 8. Rafting competitivo



(Foto: Marília Bandeira)

PARTE 1: Narrativas, instituições e a invenção do *profissional de aventura*

CAPÍTULO 2. 22°17'12" SUL, 48°07'35" OESTE

Brotas, segundo seu *website* oficial,³⁷ está localizada na região central do estado de São Paulo, a 208 quilômetros, em linha reta, a noroeste da capital do estado e a 60 quilômetros a sudoeste de São Carlos. A cidade pode ser acessada, desde São Paulo, através das Rodovias Anhanguera ou Bandeirantes seguidas da Rodovia Washington Luiz e da Rodovia Paulo Nilo Romano. Um veículo de passeio realiza esta viagem em aproximadamente duas horas e quarenta e cinco minutos, e um veículo de transporte coletivo em, aproximadamente, três horas e trinta minutos.

Ao chegar à cidade, ainda na rodovia, notei placas sinalizadoras e de propaganda que demarcam os contornos simbólicos que conferem a sua singularidade, expressos numa palavra: *aventura*. Após passar o portal da cidade, o ginásio e a rodoviária, chegar à igreja matriz, percebi que à sua frente encontram-se as três avenidas principais: Avenida Rodolpho Guimarães, Avenida Mário Pinotti e Avenida Marginal. Paralelas entre si e perpendiculares ao Rio Jacaré Pepira, a primeira conduz o transeunte do rio à saída da cidade, enquanto a segunda leva até o rio, e a terceira, com uma mão de direção de cada lado de um de seus afluentes, o córrego da Lagoa Seca, permite o trânsito para os dois destinos (vide mapa esquemático da cidade em anexo).

Entre estas avenidas estão algumas das principais heranças do passado cafeeiro do município, notadamente praças e casarões do século XIX. Além delas e dos restaurantes, sorveterias, mercados, bancos e demais estabelecimentos comerciais correspondentes ao centro da cidade, chamaram atenção inúmeros estabelecimentos de nomes peculiares: Brotas Aventura, Águas Radicais, Território Aventura, Alaya Expedições, EcoAção, Vaca Náutica, Terra de Aventura, H2Omem, entre outros, concentrados nos três quarteirões finais da Avenida Mário Pinotti, próxima ao rio Jacaré Pepira e que dá acesso à ponte que o transpõe para a passagem dos carros.

Ouvir alguns transeuntes permitiu compreender que estes nomes tratam de estabelecimentos de *agências de turismo*³⁸ e, para quem pensava que tais *agências* só cumpriam a função de venda de passagens ou *pacotes turísticos* compostos de traslados e hospedagem, aproximar-me delas possibilitou compreender que são, na verdade, o que se

³⁷ <http://www.brotas.sp.gov.br>

³⁸ A implantação do turismo em Brotas e a dinâmica e significados que assumiu ao longo do tempo serão apresentadas ao longo da dissertação.

chama na cidade de *operadoras* ou *receptoras, de turismo*, pois realizam passeios e atividades no destino turístico.

No caso de Brotas, as atividades e passeios estão muito relacionados às formas de visitar e desfrutar o rio Jacaré Pepira. Há muitas narrativas sobre como a população antiga caçava, pescava e coletava frutas às margens do rio Jacaré, o que de fato continua acontecendo em menor escala na coleta de amora e manga, e também sobre os clubes de natação, assim como aquela de C. J., *condutor de turismo de aventura*.

Menino aqui é danado pra fazer estilingue, quando eu matei meu primeiro passarinho eu chorava, mas tive que ver como era, né?! E aí você começa a aprender desde pequeno a pescar, essa bacia aqui, a gente pescou muito desde moleque aqui, vinha nadar. Aqui, depois, adolescente a gente tomava cachaça e vinha nadar, uma hora da manhã, só de shorts, e catava cascudo, que é o peixe. Comia ele cru, ali mesmo, mascava ele ali, arrancava o couro, comia a carne e tomava pinga, tomava jurubeba. Depois subia pros boteco de novo, eu com os camaradas, comendo peixe e fazendo graça...

Muitas dessas narrativas dizem que os meninos desciam trechos do rio nadando e que instigados pelas *águas brancas* ousaram atravessá-las sobre tábuas de madeira e quaisquer outros materiais que permitissem essa experimentação. Finalmente, perceberam que câmaras de ar de pneus de caminhão permitiam deslizar sobre *corredeiras* ainda maiores. Essa brincadeira de meninos, porque ainda é raro encontrar meninas nestas ocasiões, foi batizada de *boiacross* quando passou a ser caracterizada como um esporte improvisado e se tornou atrativa para os visitantes e paulatinamente oferecida como serviço turístico, ao passo que eventuais turistas a identificavam como uma “típica” experiência de Brotas.

Eu comecei como lazer, naturalmente, como qualquer nativo de Brotas, com seus seis, sete anos de idade, fugindo da escola, matando aula. A mãe que nem louca pela beira do rio, procurando os filhos que ficavam descendo corredeira de boia de caminhão, só de bermuda e chinelo havaianas. Então, já tem afinidade com o meio, e você vai ganhando cada vez mais conhecimento técnico e vendo o que é bom. Faz curso. Seguro isso, seguro aquilo, capacete, colete. Vê que é bom, começa a entender. Começa a estudar primeiros socorros, vai se aprofundando e aí você vai vendo que tem que ter a segurança. E é isso que faz ter o movimento que tem hoje aqui. As pessoas vêm pra fazer isso (C. J.).

Brotas reivindica para si a “invenção” do que se costumou chamar *descer o rio de boia*.³⁹ Neste sentido, o *boiacross* brotense teria sido um marco para o que entendem como um tipo de vocação esportiva e o impulso para a implantação de outras atividades de contato

³⁹ As populações do Parque Estadual do Alto Ribeira (PETAR) rivalizam com Brotas e afirmam que o *boiacross* surgiu da necessidade dos paleontólogos em explorar suas cavernas e o Rio Betary, na década de 1970.

com o rio, principalmente sua *descida*: outras experimentações, embarcações e desafios corporais.

Caderno de Imagens 2: Relações com o rio Jacaré no perímetro urbano



Foto 9: Ao final das avenidas principais (foto Marília Bandeira).



Foto 10: Trecho represado onde ocorrem treinos diários de rafting (Foto: Marília Bandeira).



Foto11. Ponte pênsil e queda da represa, limite do local de treino (Foto: Marília Bandeira).

Foto 12. Rio Jacaré desde a Casa de Máquinas



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 13. Rio Jacaré na Primavera



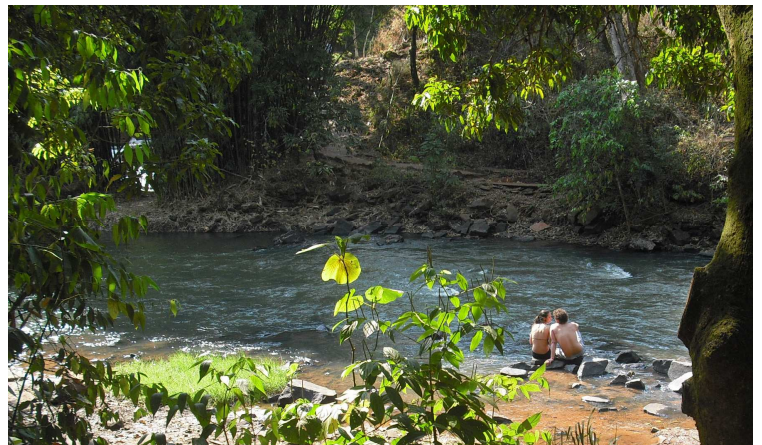
(MaríliaBandeira)

Foto 14. Políticas de Segurança da Prefeitura no Parque dos Saltos



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 15. Namoro no rio Jacaré



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 16. Menino e corredeira



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 17. À revelia da sinalização



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 18. Placa específica deste trecho



(Foto: Marília Bandeira)

2.1 Nota sobre as narrativas de Brotas

Ao iniciar este capítulo é inevitável parafrasear Prado (2003) quando diz “o que quer que se deseje pesquisar e entender da vida na Ilha Grande hoje há que se considerar esse componente que é o ‘turismo’.” Isto significa que, neste capítulo, para chegar a falar sobre esporte, problematizar as práticas de *aventura* e, em específico o *rafting*, preciso apresentar ao leitor a cidade de Brotas e a sua construção, tanto material como simbólica, como cidade turístico-esportiva.

Sempre que me apresentava como pesquisadora aos moradores de Brotas, embora acreditasse e pedisse para observar suas rotinas ou dia-a-dia, ou seja, o tempo presente, sugeriam, em contrapartida, que eu procurasse pessoas que pudessem contar “como tudo começou”. Era com narrativas que mesclavam cientificismo, uso do recurso da memória e história extraoficial que tais brotenses falavam sobre a cidade e sobre si mesmos. Três momentos principais se destacavam nestas “contações:” a história da formação geológica⁴⁰ da região, a história da fundação da cidade e a história da *aventura*.

As histórias sobre a geologia são contadas por seus especialistas. As histórias sobre as pessoas mais antigas são contadas pelos brotenses mais velhos, através de fragmentos de memória sobre o que contavam os seus familiares e, também, através de testemunhos. E as contadas pelos mais jovens através do que dizem os folhetos turísticos, os “sites” da internet e a prefeitura.

Por ocasião de minha primeira experiência com *aventura* na cidade, após comprar um passeio de *rafting* e de me acomodar no ônibus junto aos outros *turistas*, um dos cerca de oito *condutores* que se sentavam ao fundo tomou a frente do ônibus e passou a contar uma história de Brotas:

Bom dia? Não ouvi. Bom dia? Agora foi melhor. Vocês não tomaram café da manhã hoje? Porque vocês estão prestes a experimentar uma das aventuras de Brotas, hein? Bom gente, vou apresentar pra vocês rapidamente o que é o nosso *rafting*. Ele é feito no rio, o rio Jacaré Pepira, que tem esse nome que significa jacaré ralado. Alguns dizem que ele ganhou esse nome porque os Jacarés que bobeavam se davam mal nas suas corredeiras e outros dizem que os índios que viviam aqui matavam os jacarés para comer e soltavam eles nas corredeiras pra sua pele soltar da carne. Acontece que muito tempo depois de toda a interação da nossa população com o rio, desde os índios, quiseram trazer um curtume pra cidade, que ia matar o nosso rio. Então, a população se organizou pra que isso não acontecesse e pensou um jeito de conseguir gerar empregos sem destruir nossa natureza, e aí que veio o turismo de aventura. A primeira atividade que foi feita foi o boiacross, que já era uma brincadeira aqui dos

⁴⁰ Entendida como privilegiada.

muleques da cidade. Quem já fez o boiacross aqui? Pois é, quem não fez tem que experimentar, é só ver os horários depois com “as meninas da recepção”. E depois veio o *rafting*. No que consiste o *rafting*? Nós vamos equipar vocês com um capacete, um colete salva-vidas e um remo cada um e cada bote vai ter um condutor. O condutor vai pedir que vocês ajudem ele a direcionar o bote pra gente descer o rio. Assim que a gente chegar na nossa base de operação nosso coordenador vai passar pra vocês todas as técnicas pra isso e antes de cair no rio, cada condutor vai treinar com vocês na água parada. Quem precisa se trocar, lá tem banheiro, mas deixem suas coisas no ônibus porque nós não vamos voltar mais lá, o ônibus vai pegar a gente em outro lugar depois. E passem protetor e repelente. Alguma pergunta?

Aqueles que trabalham com *aventura* contam aos *turistas*, nas suas rotinas padronizadas de atendimento ao *cliente*, uma história que nunca é atribuída a uma fonte ou autor, mas que está contida nos manuais e apostilas de formação, oferecidos pelas *agências turísticas* às quais estão vinculados.

Apesar de quase nunca haver um autor citado pela população local, nos folhetos turísticos, em *websites* e matérias jornalísticas sobre Brotas, ou pela prefeitura, é possível identificar fragmentos do “Almanach de Brotas” de 1906 e do “Nosso Album,” do jornal “O Progresso” de 1933, anuários que cumpriam o papel de informativo histórico e de inventário do município, talvez únicos exemplares deste tipo preservados e disponíveis para leitura na biblioteca municipal.

Além disso, o que se encontra como informação da prefeitura e em seu *website*, muitas vezes replicado nos demais, também se encontra em uma historiografia sobre Brotas publicada pela Diretoria de Turismo e Cultura, em 1996. De autoria da equipe Tempo Composto,⁴¹ o trabalho é encontrado em formato de livro e intitulado *Brotas: cotidiano & história*. Este mesmo projeto recolheu os artefatos que deram origem ao museu da cidade que, juntamente com a biblioteca municipal, o centro de inclusão digital e o centro de informações turísticas estão localizados em seu Centro Cultural.

É possível perceber também que uma replicação deste trabalho, em versões simplificadas e reduzidas, constitui o corpo dos inventários turísticos realizados pela Secretaria de Turismo e Cultura e Secretaria de Meio Ambiente da cidade, associado a trabalhos de gestão ambiental, engenharia florestal ou gestão em turismo, muitos deles realizados em parceria com a prefeitura.⁴²

Após verificar inúmeros parágrafos idênticos entre suas páginas na biblioteca, suponho que estes documentos se tornaram as introduções de relatórios e informativos

⁴¹ Adriana Ramos, Leila Bussab, Mônica de Souza e Silvia Sansoni.

⁴² Tais como o Plano de Desenvolvimento Turístico (ECA - USP, Departamento de relações públicas, publicidade e propaganda e turismo, coordenação: Profa. Dra. Dóris Van de Meene Ruschmann, 1995); o Plano de Marketing (idem, 1996); o Projeto de Aproveitamento Turístico da Primeira Cachoeira do Astor (íbidem, 1996) e o Roteiro para diagnóstico turístico de localidade receptora (Prefeitura municipal de Brotas, s.d.).

turísticos emitidos pela prefeitura a serem utilizados nos guias turísticos impressos e nas oficinas e cursos de capacitação para profissionais relacionados ao mercado do turismo, quando o mesmo passou a ser implementado. Esses informativos, por sua vez, provavelmente serviram de referência para as apostilas elaboradas pelas *agências turísticas*, quando as mesmas tomaram para si o processo de capacitação⁴³ de *guias turísticos* e, posteriormente, cunharam a função de *condutores de turismo de aventura*.

Quero dizer com isso que, embora pareça, à primeira vista, uma meta-narrativa sem autoria e atemporal, as narrativas sobre a cidade de Brotas - que abrangem desde sua formação (geológica) e seu mito de origem (habitação) até os motivos de sua conformação atual - contêm muito de uma dissolvida história tornada oficial. Vamos a ela.

2.2 A narrativa geológica

Segundo o *website* da prefeitura, a cidade de Brotas situa-se nas coordenadas geográficas 22° 17' 12'' de latitude sul e 48° 07' 35'' de longitude oeste do meridiano de Greenwich, com seu núcleo urbano a uma altitude de 636,30 metros acima do nível do mar. Geologicamente, a cidade estaria localizada na Bacia Sedimentar da Província do Paraná. O que caracteriza seu relevo como um conjunto de planaltos, cuevas basálticas concêntricas e morros testemunhos que drenam suas águas para os rios Paraná e Uruguai.⁴⁴

De acordo com as autoras, o processo de sedimentação de detritos trazidos de outras áreas constituíram os arenitos da região e o escoamento de lavas vulcânicas, através de fraturas na crosta terrestre conformaram seus basaltos. A combinação da porosidade do primeiro, que permite fluir para a superfície o aquífero Guarani,⁴⁵ com a impermeabilidade do segundo permitiu a formação de cursos d'água, tais como os rios Jacaré Pepira e Jacaré Guaçu e os ribeirões Pinheirinho, Tamanduá, do Lobo e dos Pintos. Ou seja, terrenos mais permeáveis sobre rochas basálticas (mais impermeáveis) garantem, assim, a perenidade de nascentes ou minas d'água e um fluxo mínimo constante, mesmo nas estações secas do ano,

⁴³ Mais recentemente, a prefeitura voltou a atuar diretamente na formação dos *profissionais de aventura* oferecendo seminários de atualização. O I Seminário Técnico de Condutores de Turismo de Aventura foi oferecido pela prefeitura de Brotas em 2010. Em 2012 foi oferecido o II Seminário Técnico de Condutores de Turismo de Aventura. De acordo com meus interlocutores isso se deve à necessidade de atualização dos profissionais em acordo com as normas da ABETA e aos problemas que foram identificados ao longo dos anos de formação oferecida exclusivamente pelas agências. A programação do segundo *evento* está em anexo.

⁴⁴ Os morros testemunhos seriam, na explicação local, morros isolados pela erosão que se destacam abruptamente em paisagens de planície ou planalto e as chamadas cuevas basálticas seriam um tipo de planalto encontrado na região. Segundo Ramos, et al. (1996), esta formação ficou conhecida localmente como Serra de Brotas.

⁴⁵ Segunda maior reserva subterrânea de água doce do mundo. Disposta no subsolo do centro-sudoeste do Brasil, o nordeste da Argentina, o noroeste do Uruguai e o sudeste do Paraguai.

neste caso, o inverno. Seria esta a condição do rio *constante*, possível de *descer* até mesmo na *baixa temporada*.

A decomposição do basalto teria produzido as terras roxas da região, solos férteis que propiciaram seu cultivo. Enquanto as áreas em que o arenito foi predominante desenvolveram-se em solo com vegetação de campos, que se prestaram às atividades pastoris.

2.3 A narrativa fundadora

Estas atividades, as pastoris, foram desenvolvidas após Martim Afonso de Souza ter chegado à região no ano de 1532, e fundado uma capitania. Tempos depois, José Ignácio Ribeiro Ferreira, como secretário do governador da Província de São Paulo, Martim Lopes Lobo Saldanha, e de seu sucessor, Cunha Menezes, obteve a concessão de treze léguas de sesmarias. José Ignácio teria falecido solteiro em 1818, propiciando a tropeiros e mineiros a exploração de suas terras no que era conhecido por Sertão de Aracoara. Com o esgotamento das minas de ouro, os movimentos dos mineiros para regiões de terras virgens e dos boiadeiros teriam dado continuidade à povoação.

Segundo Ramos (1996), a ocupação da região no decorrer do século XVIII consistiu em entroncamentos, postos de troca, de descanso, de muda de animais, de carga e abastecimento para os comboios que iam do litoral às minas ou, posteriormente, da Vila da Constituição, atual Piracicaba, à atual Araraquara. Esses pontos mantinham distâncias aproximadas de um dia de viagem, o que equivalia a trinta ou quarenta quilômetros, e passaram a se desenvolver em torno dos rios, por causa do abastecimento de água e a se tornar postos de produção de produtos de necessidade dos viajantes para sua comercialização (p.44).

Segundo as autoras, o português José Ribeiro da Silva Reis teria requerido, no final do século XVIII, terras no Sertão de Aracoara que lhe foram concedidas por ser ele dono de dez escravos, o que teria dado origem à imensa sesmaria de Araraquara. A introdução da cana-de-açúcar em São Paulo teria absorvido boa parte da população desta sesmaria. Ele teria construído sua casa próxima ao rio Jacaré Pepira e depois cedido suas terras em lotes a seus oito filhos.

Entre eles, Antonio Ribeiro da Silva e Francisca Ribeiro dos Reis teriam ficado com a parte que corresponde a Brotas e a última ainda teria construído uma casa de pouso para viajantes no local chamado Fazenda Velha. Em 1839, uma capela teria sido erguida por sua vontade no local que se tornaria o Sítio do Salto, dando origem à maior fixação de pessoas no local (Ramos et al., 1996).

De acordo com a publicação *Nosso Álbum* (1933) – citando o Dicionário Geográfico da Província de São Paulo, de João Mendes de Almeida - a palavra Brotas viria de *pór-a-oita*, indistintamente referida como termo guarani e tupi. Segundo o periódico, esse termo remeteria a quedas, saltos e faria alusão à sucessão de quedas do rio Jacaré Pepira Mirim, e que teria sido associada a Brotas por causa de sua sonoridade.

Entretanto, segundo o mesmo periódico, a palavra brotas era frequente na literatura brasileira e portuguesa. Poderia ser uma derivação de abróteas, planta europeia de virtudes medicinais, ou ainda ser uma remissão ao brotar de plantas que ocorria após os acampamentos dos tropeiros ou ao brotar de olhos d'água, hipótese compatível com as características geológicas da região. Segundo Ramos *et al.* (1996), ainda, o nome pode ter sido atribuído ao local, em referência à imagem de Santa Maria das Brotas, ou Nossa Senhora das Brotas, estátua de meados do século XIX, para quem Francisca Ribeiro dos Reis teria erguido a capela acima citada e que ainda se encontra na cidade.⁴⁶

Segundo Ramos *et al.* (1996), em julho de 1841, a Câmara municipal da Vila de Araraquara define e encaminha ao presidente da província de São Paulo as divisas do distrito da Capela Curada de Brotas. Ainda segundo as autoras, a povoação tornou-se distrito de Araraquara em 1841 e em 1846 seria elevada à freguesia. Em 1852, um ofício do delegado da polícia de Araraquara ao presidente da Província informava a existência de onze fábricas de açúcar na, então, Freguesia de Brotas (Ramos *et al.* 1996).⁴⁷

Em 1853, a Capela de Brotas seria transferida para Rio Claro e, em 1859, elevada à vila, para tornar-se o município de Brotas no mesmo ano. O município já possuía outra igreja, uma cadeia e duas escolas quando as atividades agropastoris de subsistência e pequenas indústrias de cana começaram a dar lugar ao café em sua marcha para o oeste paulista (Ramos *et al.* 1996).

Com a expansão do café para o interior paulista teria se tornado marcante a presença de imigrantes italianos na cidade e, posteriormente, da ferrovia e da energia elétrica. A vida urbana teria crescido em importância com a construção, por volta de 1895, de calçadas e

⁴⁶ A crença portuguesa em sua aparição e milagre reportam ao século XV. Segundo Louro (*apud* Ramos 1996), conta o frei Agostinho de Santa Maria, em texto do Santuário Mariano, que na Vila das Águias, na Província do Alentejo, no Sítio das Abróteas se deu, no dia de seu nascimento, a aparição da santa a um pobre homem que encontrara morta sua única vaca e cujo leite era o sustento de sua família. Desconsolado a tentar aproveitar do animal o que fosse possível com sua faca e amaldiçoando sua vida ele teria sido envolto por uma luz e uma voz o teria confortado e enviado a chamar gente ao lugar, para que quando voltasse encontrasse sua vaca viva. Ela teria também pedido ao homem que lhe dedicasse uma casa. Quando cumpriu com o que lhe havia sido pedido, o homem retornou ao local e encontrou sua vaca ressuscitada e junto dela uma imagem da senhora que falara com ele de pouco mais de um palmo.

⁴⁷ Nas fontes que são, preferencialmente, consultadas sobre a história de Brotas não encontrei mais menções às populações indígenas da região.

passeios atraindo algumas outras fábricas para a cidade. Esta teria sido a fase áurea do município. Além dos equipamentos urbanos, sua natureza era exaltada e motivo de orgulho. Assim como se encontra no Almanach de Brotas de 1906:

A natureza foi prodiga para com o lugar em que havia de se assentar um dia a cidade de Brotas. A menos de 1 quilômetro da cidade e a uns 200 metros da ponte despenham-se em uma bela cachoeira as águas do Jacaré-Pepira... Afora este salto, do qual, materialmente fallando, depende o adiantamento da cidade, outros há no município, muito importantes. Um está situado na fazenda do Snr. Cyro Marcondes de Rezende. No bairro dos trez saltos existem de facto trez saltos, sendo um delles o que fica em terras do Snr. Jeronvino Martins, verdadeiramente medonho. Nesse logar o rio Pinheirinho precipita-se num abysmo de uns 150 metros de profundidade. Este espetáculo é bello e horrendo ao mesmo tempo, fascinante, arrebatador. De somenos importância muitos outros há que deixamos de mencionar. (p.15-16)

Percebe-se neste excerto a importância econômica que já era atribuída ao rio e, principalmente, à sua declividade e aos saltos, tidos como o diferencial da cidade frente a outras cidades que se destacavam economicamente no interior paulista. Entretanto, não somente de energia hidrelétrica e indústrias falam estes periódicos. De forma ambígua, entre o temor e a admiração, já se falava do encantamento que a beleza cênica do rio produzia em seus residentes e visitantes.

É esse o pensamento que me vem á idéia quando vejo essa enorme quéda d'agua que, em movimento constante, a mugir como um leão, celebra Brotas e encanta os hospedes que, pasmados, não podem occultar a sensação mysteriosa que lhes invade a alma esse ponto da natureza. Quanta maravilha encerra esse quadro soberbo e estupendo, novo sempre, embora velho, admirado sempre, embora conhecido! E o viajante o admira! Descrevel-o, quem poder?!... A natureza, essa mesma que o poeta em feliz momento chamou a única bíblia verdadeira, tem maravilhas ante as quaes as mais vivas tintas descoram, os artistas da pintura vacillam e tremem e as pennas adamantinas dos poetas silenciam tímidas. E o salto está n'essas condições. Tentar descrevel-o, pallidamente émbora, é tentar o impossível, e a minha penna, comprehendendo isso, revolta-se para não profanar a natureza sublime. De mais nada preciso. Lamartine, o maravilhoso auctor de 'Graziella' diz que há na natureza cousas que não se explicam. Pois bem; o nosso salto é uma d'ellas [...] (Almanach de Brotas de 1906, p.119-120)

Embora os adjetivos atribuídos e os sentimentos despertados pelo *rio de corredeira* não se diferenciem sobremaneira dos que encontrei atualmente, seu uso e expectativa mudaram. O rio, além de ser visto como o recurso a ser utilizado pelas indústrias para o crescimento da cidade – “Ahi estão nossas soberbas cascatas do Jacaré Pepira a esperar pelas sonhadas fabricas de tecido, pela força e luz; esperança que embalará pelos tempos em fora os corações brotenses patriotas” (p.50) – também inspirava projetos de espaço de lazer e prática esportiva nos moldes do clubismo, que incentivava, além do futebol, a natação em suas águas.

Esperando pelas fábricas, ter-se-ia vivido em função do café até sua crise definitiva e com ela a crise dos clubes. Entre 1898 a 1910, despontaria a pecuária na região estimulada pela superprodução de café e a queda de seus preços internacionais. A criação de gado é impulsionada em decorrência da I Guerra Mundial, quando ocorre o aumento pela procura de carne em conservas e congelados (Oliveira Junior, 2003).

Nas décadas de vinte e trinta, apesar de o transporte rodoviário chegar à cidade, segundo Ramos *et al.* (1996), devido às pragas, geadas e a quebra da bolsa de Nova Iorque, poucas fazendas conseguem permanecer sobrevivendo do café. Muitas delas passam a priorizar a pecuária, outras o cultivo de algodão e outras, ainda, se desdobram em sítios e chácaras em negociações com companhias de loteamento. Há uma mudança importante no número de pessoas que passa, desta forma, a viver na zona urbana e também evasão para outras regiões.

Após um período de estagnação econômica e do trabalho com algodão e gado, que, segundo Ramos *et al.* (1996), não absorveu toda a mão de obra local, a hegemonia do café é substituída novamente pela da cana de açúcar. Desta vez incentivada pelo Proálcool, e acompanhada pela pecuária e o plantio de laranja. Seguindo esta nova fase de prosperidade, segundo Agnelli (2006), na década de 1960, o turismo começa a despontar informalmente junto ao movimento de famílias locais, parentes e amigos visitantes, sendo o Rio Jacaré o principal atrativo da visitação da cidade.

Na década de 1970, de acordo com a autora, mais precisamente em 1978, teria sido cogitada a transferência da capital do Estado de São Paulo para o interior. Através de relatos ela afirma que esta possibilidade incentivou loteamentos e a criação de bairros, como o do Patrimônio, que se destinariam a atender o grande fluxo de pessoas esperado com a mudança política:

o idealizador disso daí é um professor da USP de São Carlos, o Corsini, e a ideia dele é que aqui seria a região ideal, havia algumas áreas que haviam sido levantadas [...] chegou até ser feita a demarcação da área, mas daí a própria Assembleia não aprovou e passou (Di Francisco Junior citado por Agnelli, 2006, p.60).

A autora relata que depois dos loteamentos muita gente de São Paulo comprou terrenos em Brotas. Embora, segundo moradores da cidade, o loteamento tenha permanecido quase vinte anos totalmente parado, este evento parece significativo para a mudança do cenário de serviços da cidade, visto que os lotes passaram a assumir a função de casa de descanso e férias.

Com a crise do Proálcool, a cidade se vê novamente em dificuldades econômicas e é abordada por um curtime, mas faz a opção pela sua não instalação. Em seu lugar, a implantação do turismo⁴⁸ é proposta. Decisão que fora considerada de viés ambientalista pela comunidade brotense.

Embora a indústria agropecuária ainda se destaque como uma das principais atividades do município, segundo o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010⁴⁹, atualmente, a maior porcentagem do produto interno bruto da cidade é atribuído ao setor de serviços. Além disso, o mesmo senso diz que apesar da economia ser predominantemente caracterizada pela agropecuária nos últimos anos, atualmente de seus 21.580 habitantes, apenas 2.981 residem na zona rural, enquanto 18.599 na zona urbana. Isto está provavelmente relacionado ao processo de implantação do turismo em Brotas.

2.4 Sobre a política e o ecoturismo brotense

O que aconteceu em Brotas também foi um movimento relacionado a um movimento global. Era a época em que a ECO92⁵⁰ tinha acabado de acontecer. Alguns jovens daqui estavam ligados ao que estava acontecendo no mundo e ao mesmo tempo preocupados com a falta de uma perspectiva, de futuro e a necessidade do êxodo. E começamos a pensar porque não o ecoturismo, já que a própria ECO92 nos apresentava essa possibilidade porque a cidade vivia de cana e laranja e o Pró Álcool estava entrando em declínio, a agricultura em decadência, o município em crise econômica, os jovens indo embora de Brotas porque não tinha emprego aqui (Di Francisco Junior).

A fala de meu interlocutor está em acordo com o que afirmam Foladori e Taks (2004), entre outros autores. Antes de meados da década de 80, os problemas ambientais eram locais, regionais ou nacionais. Contaminação de rios, desmatamento, poluição ambiental urbana, depredação de espécies animais e vegetais, efeitos de produtos químicos sobre a saúde, por exemplo, eram vistos como problemas discretos.

A partir de meados dos anos 1980, entretanto, a mudança climática tornou-se o denominador comum de toda a problemática ambiental. Tudo passaria a estar ligado ao clima,

⁴⁸ Segundo Barretto (2003), o turismo consiste no deslocamento de pessoas que, por diversas motivações, deixam temporariamente seu lugar de residência, para visitar outros lugares. A autora afirma que a atividade dos turistas ocorre mediante a utilização de uma série de equipamentos e serviços especialmente implementados para esse tipo de visitação, o que configura um negócio e um mercado. Entretanto, no artigo de abertura do Dossiê sobre Turismo da revista *Horizontes Antropológicos*, advoga que o turismo não pode ser analisado apenas da perspectiva dos paradigmas econômicos, mas também de sua dimensão ambiental e socioantropológica, uma vez que o fenômeno é atividade humana e nunca se sabe como e para onde irá se expandir, nem como uma sociedade reagirá à presença dos turistas ou como os turistas reagirão à sociedade que os hospeda.

⁴⁹ www.ibge.gov.br/censo2010/

⁵⁰ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

e a redução do aquecimento global passou a ser o objetivo da política ambiental internacional. Segundo Tommasino e Foladori (2001), a mudança climática unificou os diversos problemas ambientais, pois a ideia de que ninguém fica alheio às mudanças climáticas (levando-as a aparecerem como uma preocupação de todos) unificou ideologicamente grandes porções do globo.

Há, no ocidente, com todas as ressalvas antropológicas ao termo e na falta de outro melhor, atualmente a potencialização de tipos de política e governo que tendem a considerar, ora mais ora menos, dependendo do contexto, o meio ambiente, o clima e os seres não humanos. Não se vêem apenas uma biopolítica e uma anatomopolítica, assim como as definiu Foucault (1987, 1988), mas talvez também uma *ecopolítica*,⁵¹ mais próxima das elaborações de Latour (1994, 2004) e que pode ser caracterizada por suas inúmeras iniciativas formalizadas⁵² em outros contextos, a qual modificou sobremaneira as mentalidades e sensibilidades às questões relacionadas ao meio ambiente em nível global. Processo que não

⁵¹ Apesar de sua enorme importância, este não é o tema do presente trabalho, pois quando defini a discussão sobre a concepção de aventura como o seu principal objetivo esta reflexão passou fazer parte de seu pano de fundo. Furto-me, então, a oportunidade de enfrentar o desafio de debater esta questão em nome da objetividade e organização do presente texto. Mas sinalizo a concepção de natureza neste universo e seu contexto “ecopolítico” como possibilidade para investigações futuras. Para uma introdução ao tema, ver: McCORMICK, John. *Rumo ao Paraíso. A história do movimento ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992; MILTON, K. 1997. “Ecologias: antropologia, cultura y entorno”. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, 154. LITTLE, P. “Environments and environmentalisms in anthropological research: facing a new millennium”. *Annual Review of Anthropology*, 28: 253-284, 1999; SCOONES, I. “New ecology and the social sciences: What prospects for a fruitful engagement?” *Annual Review of Anthropology*, 28: 479- 507,1999; FOLADORI, G. “Una tipologia del pensamiento ambientalista”. *Revista de Estudos Ambientais*, (1):42-60, 2000 e MIRANDA, E. E. *O descobrimento da Biodiversidade. A ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI*. São Paulo: Loyola, 2004.

⁵²Tais como: em Abril de 1968 a criação do Clube de Roma para debater assuntos relacionados à política internacional e o meio ambiente e a elaboração, por sua iniciativa, do relatório *The Limits to Growth*, em 1972, seguida da Conferência de Estocolmo, considerada a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD); em 1979 a realização da Convenção de Berna (sobre proteção de habitat) e a Convenção de Genebra (sobre a poluição atmosférica); em 1983 a criação da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, que em 1987, criou uma nova declaração universal sobre a proteção ambiental, publicada sob o título *Nosso Futuro Comum*, e propôs uma definição para o conceito desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade: “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades”; em 1988, o *Toronto Conference on the Changing Atmosphere* assim como, em 1992, a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento no Brasil, apelidada Eco-92 ou Rio-92, vista como a compreensão definitiva da urgência e importância da questão e que potencializaria discussões sobre o tema em território nacional. Além dos inúmeros protocolos propostos ao longo destas décadas, entre os quais: em 1983, protocolo de Helsinque sobre a qualidade do ar, em 1987 o Protocolo de Montreal sobre substâncias que destroem a camada de Ozônio e, em 1997, o Protocolo de Quioto para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa. Além da criação de ministérios e secretarias do meio ambiente pelos governos de diversos países e do crescimento vertiginoso do número de organizações não governamentais relacionadas à causa.

poderia deixar de repercutir em versões brasileiras⁵³ e que teria possibilitado as ações que serão descritas a seguir.

De acordo com Di Francisco Junior (2008), desde 1983, Brotas não é exceção a esta tendência e é incluída na Área de Proteção Ambiental (APA) de Corumbataí, perímetro da APA Corumbataí/Botucatu/Tejubá que engloba os municípios de São Carlos, Analândia, Brotas, Itirapina, Corumbataí, Ipeúna, Rio Claro, Dois Córregos, Torrinha, Mineiros do Tietê, Barra Bonita, Santa Maria da Serra, São Pedro, Charqueada e São Manuel.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente,⁵⁴ uma área de proteção ambiental (APA) é uma área em geral extensa, “com um certo grau de ocupação humana, considerada como sendo dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas.”

Ainda de acordo com o Ministério, a instituição de uma APA pela União, estados ou municípios, tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais em seu perímetro. Ela pode ser estabelecida em área de domínio público e/ou privado, não sendo necessária a desapropriação das terras. No entanto, as atividades e usos destas áreas estão sujeitos a um direcionamento específico. Em particular, sobre a APA Corumbataí o Ministério do Meio Ambiente considera:

[...] que as áreas apresentam um conjunto de condições ambientais que ainda preservam elementos significativos da flora e da fauna; que as “cuestas” nelas contidas constituem-se num importante divisor de águas, nascendo em suas encostas muitos rios e várias fontes hidrotermais de importância econômica e medicinal; que estas áreas ainda não foram atingidas pelas indústrias, prevalecendo nelas as atividades do setor primário e terciário; que o conjunto paisagístico por elas formado, além dos seus valores ambientais intrínsecos, constitui-se em anfiteatros naturais de grande beleza cênica.⁵⁵

⁵³Em 1977, foi defendido um trabalho de pós-graduação em Antropologia sobre o tema, a dissertação de mestrado de Márcia Leite Nunes pelo Museu Nacional, intitulada *Anões Contra Gigantes: O Movimento de Defesa da Ecologia no Bairro da Gávea, Rio de Janeiro*. Outro caso mais recente seria o do estudo *'Quem ama cuida'. Participação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: O caso da Itaipu binacional*, de 2008, tese de doutorado de Roberto Salviani pelo Museu Nacional. Para uma discussão mais geral sobre o tema e simultaneamente mais voltada para a região amazônica ver: Keck, M. e Hochstetler, K. *Greening Brazil: Environmental Activism in State and Society*, 2007.

⁵⁴ http://www.ambiente.sp.gov.br/apas/cd/PDF/APA_Corumbatai-botucatu-Tejupa.pdf

⁵⁵ A concepção de paisagem também poderia ser uma discussão a ser enfrentada por este estudo, entretanto, pelos mesmos motivos expostos anteriormente, para maior discussão sobre o tema da paisagem ver: CAUQUELIN, A. e JEUDY, H. P. *Dialogue sur la nature et le paysage*. Ethnologie Française, CNRS/Réunion des Musées nationaux, 3, (19), 1989, pp. 209- 214; HIRSCH, E. and O'HANLON, M (edited) *The anthropology of landscape. Perspectives on place and space*. Oxford: Clarendon Press, 1995 e CAUQUELIN, A. *L'invention du paysage*. Paris: PUF, 2000. E para uma análise de região próxima à deste estudo: NARDY, R.M. de C. *Caracterização ambiental de áreas cênicas como subsídio para o planejamento das atividades turísticas: o caso de município de Analândia, SP*. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, 1999.

Os atributos ambientais considerados dignos de proteção pela APA Corumbataí, ainda segundo o Ministério do Meio Ambiente, são as cuestas basálticas, os morros testemunhos, a vegetação remanescente de Mata Atlântica⁵⁶ e Cerrado, os recursos hídricos superficiais e as nascentes de rios, espelhos d'água, represas, rios de corredeira e cachoeiras, além de seu patrimônio arqueológico.

Criada por decreto estadual,⁵⁷ de 8 de junho de 1983, a APA, ou a condição de pertencimento a ela, passou a interferir na concepção de *natureza* brotense, entre outros fatores, na medida em que deflagrou, desde 1984, atividades de preservação, educação ambiental e negócios, ditos, sustentáveis no município.⁵⁸ Isto quer dizer, incentivou e possibilitou ações de mecanismos de participação comunitária e de gestão ambiental, como o COMDEMA - Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (criado em 1984). Em teoria, a *natureza*, muito representada pelo rio, neste contexto, não estaria mais lá para servir ao crescimento urbano, mas para ser considerada de modo sustentável no desenvolvimento humano. As antes desejadas fábricas não teriam mais lugar no rio Jacaré, o que estimularia o setor de serviços.

Segundo Di Francisco Junior (2008), no Brasil, desde 1985, este movimento ecologista mundial leva à discussão formal sobre o ecoturismo. Sendo, em 1987, identificada a primeira iniciativa de direcionar a atividade ecoturística no país através do Projeto de Turismo Ecológico do IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis) em parceria com a EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo).

Ainda no que se refere às políticas ecológicas, de acordo com Oliveira Junior (2003), a Carta Magna promulgada em 1988, incorporou a questão ambiental sob a Política Nacional do

⁵⁶ O tema da Mata Atlântica é muito presente nas discussões sobre meio ambiente no Brasil, para saber mais: *Da Biodiversidade: políticas e representações da Mata Atlântica*. Tese de doutorado defendida por Leonardo Costa de Castro pelo Museu Nacional em 2003.

⁵⁷ n. 20.960

⁵⁸ Agnelli (2006) afirma que Brotas estaria em uma APP (Área de Preservação Permanente) e que pelo Código Florestal – Lei nº 4.771 de agosto de 1965 a atividade turística no município de Brotas não poderia acontecer dentro desta área. Mas a autora mesma cita uma fala em seu estudo que explica tal situação: “O que falta realmente para atender o processo de normatização seria algumas licenças ambientais em APP que não dava para tirar porque não existia uma resolução CONAMA específica para você fazer pequenas obras em APP, e saiu agora em abril [2005] essa resolução, então já existe no DPRN uma resolução CONAMA que já permite você encaminhar projetos de baixo impacto dentro de área de APP, então hoje a gente já consegue fazer o licenciamento de escadas para descer para o rio para embarque e desembarque dos barcos para regularizar as trilhas, então essa parte é uma parte que está caminhando na prefeitura.” Meus interlocutores, entretanto, contam que todo leito de rio e mata ciliar são APP no Brasil. Seu entorno, no caso o do rio Jacaré, seriam APA. Para desenvolver o que se propunha para a o Rio Jacaré Pepira e a APA Corumbataí em Brotas foi preciso um processo de discussão que levou a legislação a fazer concessões com relação à APP do Rio Jacaré, por entender que isto levaria a maiores chances de sua preservação.

Meio Ambiente – PNMA, amparada na Lei Federal nº 6.938/81, que dispõe de instrumentos que buscam a consecução dos princípios de sustentabilidade.⁵⁹

Em Brotas, segundo Agnelli (2006), a partir de 1986, foram realizadas várias reuniões com a população local, prefeitos, vereadores e representantes de entidades sociais e governamentais para discutir formas de solução para a conservação da *natureza* na área do Rio Jacaré Pepira via COMDEMA. E em setembro de 1986 foi constituído por ele o ‘Consórcio Intermunicipal para Defesa e Preservação da Bacia do Rio Jacaré Pepira’ – CODERJ. De acordo com a autora, o primeiro consórcio do Brasil formado exclusivamente para estabelecer políticas para a preservação e o manejo de recursos naturais de uma bacia hidrográfica,⁶⁰ com a participação dos 13 (treze) municípios banhados pelo rio.

O consórcio teria nascido de acordo com Agnelli (2006) de um projeto de João Batista Negrão, Antonio de Padua Bertelli e, o então prefeito, Pedro Ragassi.

Como estavam surgindo atividades no sentido de preservação, tendo como centro o Rio Jacaré, muita coisa não dependia de uma ação local e sim de uma ação mais geral, assim, surgiu a ideia de se fundar um parque, sendo que no início da coisa não foi um Consórcio. E aí que entrou o CEPAM,⁶¹ na primeira reunião que nós tivemos para falar sobre isso daí, para discutir essa ideia da criação de uma área intermunicipal de preservação onde abrangesse toda a bacia do rio Jacaré. A gente pensava num parque ecológico, tanto é que a primeira matéria publicada sobre esse assunto foi no jornal o Estado de S. Paulo, de um jornalista de Bauru, e que ele dizia assim: ‘nasce o parque ecológico do Rio Jacaré’. Ele já foi um pouco adiantado na ideia. Porque quando ele soube desse movimento, ele esteve aqui em Brotas e numa entrevista onde estávamos nós três a gente tinha uma ideia de fundar um parque, essa era a ideia da gente. O CEPAM que nos alertou de que um parque não poderia ter esse tipo de aglutinação, porque um parque precisaria ser desapropriado, e que essa figura jurídica não cabia ou era inviável devido a certos detalhes, então o pessoal da área jurídica do CEPAM fez um estudo da parte jurídica de que tipo de aglutinação poderia ser feito. Foi quando surgiu a ideia de se estabelecer um Consórcio, porque o Consórcio não obrigava a você ter um limite de ação, porque uma nascente que ficasse a uma distância muito grande da parte central que seria o rio Jacaré, mas que direta ou indiretamente acabasse escoando nessa área teria que fazer parte disso daí [...]. (João Batista Negrão citado por Agnelli, 2006, p.60-61)

Ainda em 1986, de acordo com Agnelli (2006), teria sido realizada uma reunião com a participação da Secretaria da Agricultura, para a discussão de um programa chamado Programa Pró-Várzea. E teria sido definida a participação da UNICAMP em projetos de pesquisa do Consórcio que possibilitassem o reflorestamento das margens do rio Jacaré

⁵⁹ conforme o artigo 9º desta Lei sob Decreto nº 99.224 de 06/06/1990.

⁶⁰ Este não é um tema desconhecido, para maiores informações ver a tese de Cardoso de Macedo, Maria Lucia. *A Democracia das Águas na sua Prática: o caso dos Comitês de Bacias Hidrográficas de Minas Gerais*. Museu Nacional. 2003.

⁶¹ Centro de Estudos e Pesquisas em Administração Municipal: Fundação Faria Lima.

Pepira, a partir da identificação das espécies nativas dessas áreas e da implantação de um viveiro de mudas sediado em Brotas, para recomposição de matas ciliares no todo da Bacia.

Além disso, teria sido feita a descida de barco pelo rio Jacaré Pepira, de Brotas ao Rio Tietê, com a participação da Polícia Florestal, da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB), da UNESP de Rio Claro, da Companhia Energética de São Paulo (CESP), do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), da Divisão de Proteção dos Recursos Naturais (DPRN) e das prefeituras de Brotas e Bocaina. Nesta ocasião, teriam sido desenvolvidas atividades de levantamento fotogramétrico, recolhimento de amostras botânicas e geológicas, observação de fauna e flora e marcação dos pontos críticos das áreas ribeirinhas afetadas pela devastação. O material produzido por esta iniciativa encontra-se arquivado na CETESB e é ele que informa os documentos e *website* da prefeitura de Brotas.

Segundo relatos, nesta época, os primeiros viajantes autônomos, ou mochileiros,⁶² informados pelos pesquisadores e estudiosos que mapeavam e faziam levantamentos sobre a geofísica e bioma da região, passaram a chegar na cidade em maior número. Os comerciantes locais e outras pessoas que procuravam melhores condições de vida e trabalho, assim como José Carlos de Francisco Junior, começaram a identificar a situação como oportunidade de negócio:

O primeiro turista que normalmente chega num local que está despontando é visto como meio malucão porque ele é um mochileiro. Mas eu não acho que ele seja tão malucão, ele tem é um perfil mais desbravador, expedicionário, independente, com experiências de vida e de corpo, de trilha, acampamento e as vezes interessado em descobertas científicas. Então, houve uma troca muito grande com esse turista inicial, que até ajudou a definir os roteiros. Ele é fundamental na descoberta de um potencial, ele é o que faz as coisas pela primeira vez.

Agnelli (2006) afirma ainda que, em 20 de julho de 1987, teria sido solicitada ao governador uma audiência para reivindicar o aproveitamento das áreas de lazer nas correntes de água e o auxílio financeiro para o tratamento dos esgotos lançados na bacia e a proposta do Programa de Ecoturismo do Departamento de Parques e Áreas Naturais – DEPAN teria vindo na direção desta demanda. Acreditava-se na possibilidade simultânea de conservação dos recursos naturais, recreação em contato com a *natureza* e criação de uma nova fonte de recursos financeiros para os municípios integrantes do Consórcio.

De acordo com Agnelli (2006), teria sido publicado em 1990 pela Fundação Faria Lima – CEPAM, o relatório das atividades realizadas pelo consórcio até então, contendo

⁶²Para uma discussão sobre este fenômeno: Mathews, Amie. Backpacking as a rite of passage: Victor Turner and Youth Travel Practices. In: St John, G. *Victor Turner and Contemporary Cultural Performance*. 2008.

também os projetos que seriam desenvolvidos na Bacia do Jacaré Pepira. Entre eles, o Projeto Piloto do Programa de Ecoturismo consistia no que pretendiam que fosse a “organização do acesso aos recursos naturais da região,” seguindo as seguintes etapas: “levantamento do patrimônio histórico, artístico, arqueológico, paisagístico, turístico e dos recursos naturais de cada município integrante do Consórcio;” “treinamento e preparação dos recursos humanos envolvidos no projeto;” “seleção das áreas apropriadas para o desenvolvimento do projeto;” “elaboração dos roteiros turístico-ecológicos; estudos de demanda turística;” “adequação do equipamento receptivo turístico; implantação dos roteiros turístico-ecológicos;” “divulgação dos roteiros turístico-ecológicos;” “supervisão do funcionamento do projeto;” “verificação das metas atingidas para posterior aperfeiçoamento do projeto.”

Mas segundo Di Francisco Junior (2008), desde 1991, o consórcio perdeu expressividade e diminuiu suas atividades. Então, com a possível instalação do curtume na cidade, como o COMDEMA estava com as atividades enfraquecidas e praticamente desativado, foi constituído o “Movimento Rio Vivo,” uma ONG que tinha como objetivo ampliar a participação da comunidade e retomar as discussões e também as ações de educação ambiental. Batista Negrão relata à Agnelli (2006):

Em quase todas as cidades do interior teve um curtume, porque era uma atividade muito rudimentar. Como se matava animais, então o couro tinha que ser aproveitado, então quase todo lugar teve um pequeno curtume; isso geralmente ficava próximo da cidade, não dentro, mas próximo da cidade. Mas no caso específico do curtume Cantucio, quando ele foi construído, ele ficava num bairro afastado de Campinas. Campinas cresceu, como todo mundo sabe, e engoliu tudo aquilo, ele acabou ficando no meio dessa zona de crescimento, e se tornou inviável aquela atividade, pois produz um mau cheiro horrível, além de outros problemas; o cheiro é insuportável no curtume. Então eles foram sendo obrigados a desocupar aquela área. Então em 1990, esse pessoal comprou uma área relativamente próxima da cidade, com intenção de trazer o curtume para cá. [...] De 1991 a 1992, foi quando eles tentaram aprovar uma planta para trazer a atividade para cá em definitivo, daí que começou esse movimento contrário. (p.65)

Acusada por muitos de tentar barrar o crescimento da cidade, a ONG apoiava-se nas iniciativas do COMDEMA e CODERJ ao reforçar o turismo⁶³ como alternativa de desenvolvimento para o município.

⁶³De acordo com Barretto (2003) embora os primeiros turistas fossem nobres europeus entre os séculos XVI e XVIII, certa democratização do turismo aconteceria no século XIX e o turismo contemporâneo, de massa, praticado também pela classe média, se iniciaria na década de 1950. Embora a Organização Mundial de Turismo indique que o movimento turístico internacional é realizado por 10% da população mundial, o que denuncia a limitação da democratização citada acima, a autora afirma que, na década de 1970, já prevalecia entre organismos internacionais de desenvolvimento, a ideia de que esta atividade estava destinada a salvar as economias do “terceiro mundo.”

Quando nós conseguimos juntar um número expressivo da população, de pessoas representativas, com estudantes, universitários, com profissionais liberais, pessoas do comércio, enfim não só um número, mas um pessoal formador de opinião, pessoas da cúpula da cidade, a nata intelectual da cidade, então a gente percebeu que tinha que se organizar num tipo de associação. Então, daí é que surgiu a ideia de se construir em 1992 uma ONG, e hoje ela existe legalmente na Secretaria do Meio Ambiente como “Movimento Rio Vivo.” (Batista Negrão citado por Agnelli, 2006, p.65)

De acordo com Agnelli (2006), é eleito prefeito de Brotas, em 1993, Orlando Pereira Barreto, considerado um grande incentivador da implantação da atividade turística no município. Batista Negrão é convidado a ser secretário do Meio Ambiente, e propõe metas de atuação dentro da área de preservação. Nota-se um ampla aliança política que chega à administração da cidade.

Ainda segundo a autora, em 1993 o município de Brotas dá início ao processo de fomento ao turismo e o Movimento Rio Vivo passa a realizar “expedições” que tinham como objetivo levantar o que se chamou de *patrimônio natural* do município, além de avaliar e documentar a possibilidade de exploração do Turismo Ecológico em Brotas.

A primeira apresentação do levantamento se deu em uma exposição fotográfica realizada na cidade após a catalogação, durante a qual, segundo Oliveira Junior (2003), os moradores locais questionavam se o que viam era realmente o município de Brotas. Muitas cachoeiras estavam em propriedades privadas e não eram acessadas pela população como um todo. Para iniciar o trabalho com o ecoturismo foi preciso convencer os proprietários destas terras do retorno financeiro e outros benefícios que a abertura de suas propriedades à visitação poderia trazer.

Foi feita uma primeira exposição de fotografias desse material e foi uma coisa até pouco divulgada, só foi dado um toque no jornal regional. Depois dessa exposição e dessa chamada no jornal regional, começou a aparecer os turistas. Então, o povo batia na casa da gente, domingo de manhã ‘ah vocês que são da galera do Rio Vivo, que sabe onde é tal cachoeira’, e daí a gente levava o pessoal para ver, e daí a gente começou a sacar que isso poderia se transformar, a gente já estava trabalhando de graça e informalmente, de uma maneira errada, então precisava transformar isso de verdade em produto. (Eva Firmino Santana citada por Agnelli, 2006, p.73)

Segundo Oliveira Junior (2003), um mestre em Agronomia, numa reunião da referida ONG, teria sugerido tomar as rédeas do processo de turismo na cidade abrindo uma empresa. Três jovens que acabavam de entrar na faculdade e um colegial aceitaram o desafio. Surgia assim a Mata D’entro. José Carlos de Francisco Junior, entrevistado por Agnelli e autor de um

estudo de pós-graduação sobre o turismo brotense ora citado, também me concedeu uma entrevista, na qual afirma:

Nós nem conhecíamos todo o potencial pra ecoturismo da região na época, então, montamos a empresa para fazer o levantamento dos atrativos da região, que era um levantamento basicamente das cachoeiras, que eram setenta, e nem as pessoas da cidade conheciam e lançar na mídia as descobertas. E a mídia queria reportagens pós Eco92, então, foi muita mídia espontânea. E daí foi evoluindo muito rápido. Além do fato de que, antes disso, já havia aqui o COMDEMA,⁶⁴ o Consórcio do Rio Jacaré,⁶⁵ que eram coisas que já vinham ao longo do tempo. E para a não vinda do curtume, o que nós tínhamos apresentado como alternativa ao prefeito para a geração de empregos e renda na cidade foi o ecoturismo. Então, algumas pessoas do Movimento Rio Vivo criaram a primeira operadora de ecoturismo da cidade que foi a Mata D'entro (Di Francisco Junior).

Além da desconfiança sobre as imagens da exposição não serem de Brotas, outras correntes opostas à implantação do turismo preconizavam que a cidade seria invadida por forasteiros que não teriam compromisso com seu patrimônio e que isso levaria ao aumento da desordem e da insegurança.⁶⁶ O argumento dos envolvidos no processo de implantação do turismo, embora assumam alguns aspectos negativos do processo, no entanto e obviamente, corresponde ao contrário:

A gente não tinha referência, foi tudo muito no feeling, no escuro, por isso teve muitos erros e muitos acertos, [mas] na moral da história a gente até se saiu bem. Enfim, o momento foi importante porque se plantou essa semente de meia dúzia para um público maior, “essa molecada que ficava brigando na rua, vivia enchendo a cara de cachaça, jogava lixo na rua, não aceitava gente de fora, aquela coisa de picuinha, essas pessoas mudaram a mentalidade. Hoje elas são profissionais que trabalham e têm esse intercâmbio com os turistas. Abriu a cabeça, foi uma série de ganhos nisso (Relato de Eva Santana para Agnelli, 2006).

Em Setembro de 1993 é criada, em Manaus, por ocasião do *evento World Congress On Adventure Travel & Ecotourism*, a Associação Brasileira de Ecoturismo, que seria a

⁶⁴ COMDEMA - Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente.

⁶⁵ Consórcio Intermunicipal para Defesa e Preservação da Bacia do Rio Jacaré Pepira – CODERJ.

⁶⁶ Segundo Talavera (2003), em resposta ao fenômeno de massa e à sua crítica, no final da década de 1980 assistimos à formalização de uma miríade de novos turismos, ou do que se chamou de “turismo alternativo.” Turismos que são concebidos como “na natureza,” em paragens desabitadas ou com pouca ocupação humana, entornos rurais ou junto a pequenas populações tradicionais. Atividades denominadas *turismo rural, ecoturismo, turismo étnico, turismo cultural, turismo social, turismo de aventura*, entre outras variações. Propiciadas por um conjunto de novos valores, preocupações, condições de vida e exigências de mercado, segundo Talavera (2003), na construção destes tipos de turismo, destacam-se as ideias de responsabilidade, sustentabilidade e autenticidade. Entretanto, embora tenham sido apresentados como “experiência que permite tanto a anfitriões como a convidados desfrutar positivamente do encontro,” assim como previam alguns brotenses, sua implantação também gera consequências negativas das mais distintas, que vem sendo problematizadas em diversos estudos sobre ecoturismo, com destaque no Brasil, para o de Baducci Júnior (2003) sobre o Pantanal e o de Prado (2003) sobre a Ilha Grande.

primeira organização não-governamental de ecoturismo do Brasil. Segundo seu *site* oficial,⁶⁷ uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por finalidade: “fazer do turismo um instrumento eficaz de desenvolvimento econômico e conservação dos recursos naturais e culturais do Brasil”, “promover a capacitação e treinamento de profissionais e empresários para atender o mercado e elaborar e implementar estudos, pesquisas e projetos”. No ano seguinte, o Brasil publica sua definição oficial para *ecoturismo*:

Ecoturismo é o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (EMBRATUR/IBAMA, 1994, p.19)

Di Francisco Junior (2008) afirma que, conseqüentemente, em 1994, estabelecem-se diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo. Além disso, no mesmo ano, é criado um comitê para coordenar o Programa Nacional de Municipalização do Turismo, cujo objetivo era promover a municipalização do turismo através da conscientização de que a população local seria a maior beneficiária das ações turísticas realizadas em seus municípios. Em Brotas, estas atividades passaram a ser organizadas dentro dos pressupostos não só do ecoturismo, mas também do que se chamou de *turismo ativo e turismo de ação*:

Quando a gente estava com a empresa, era um grupo de meia dúzia de pessoas e a gente fazia tudo. Então, eu lembro que nessa ocasião eu administrava a agência e os meninos eram guias. O Ju, o Renato, a gente fazia tudo, não tinha gente, e assim a gente sacou que precisava abrir esse leque e envolver mais pessoas, foi quando fizemos o primeiro curso de guias, eu e o Renato que ministramos. Fizemos uma grande pesquisa, com SEBRAE, com EMBRATUR, e todo material que a gente pegava era outra coisa porque o povo do turismo era um turismo de massa, uma outra história. Pegava as fitas de vídeo, eram umas mulheres de *tailleur* dentro dos ônibus, falando de vegetação, não era o que a gente fazia aqui... (Eva Firmino Santana citada por Agnelli, 2006).

A Mata D’entro, a partir da procura crescente por Brotas e seus serviços, encabeça esta iniciativa no Brasil e passa a fazer experimentações para a criação de um modelo de *ecoturismo ativo* em Brotas que culmina com a ideia de um *turismo esportivo na natureza*.

⁶⁷ <http://www.ecobrasil.org.br>

CAPÍTULO 3. COMO NASCE UM CAMPO DE PESQUISA: SOCIOGÊNESE DA AVENTURA EM BROTAS⁶⁸

3.1 *Ecoturismo + esporte radical + segurança = turismo de aventura*

Apesar do ecoturismo brotense ter superado qualquer expectativa em termos de número de visitantes, não havia recompensado aqueles que teriam sido os primeiros empreendedores a acreditar no projeto, os criadores da Mata D'entro. Assim como relatado a seguir, as noções de *turismo esportivo* e *aventura* passam, então, a ser pensadas como um diferencial e uma alternativa para que a empresa recuperasse seu lugar no *ecoturismo*. Quem narra essa passagem é novamente José Carlos di Francisco Junior:

Nós tínhamos levantado as cachoeiras; e o que a gente fazia? Levava os turistas para caminhadas, observação e banho de cachoeira. Só que as cachoeiras começaram a ficar conhecidas e os turistas começaram a ir sozinhos, e os donos das cachoeiras a cobrar entrada direto dos turistas. Então, depois de a gente fazer toda a catalogação, ninguém mais precisava da gente. Aí a gente percebeu que a empresa não tinha nenhum produto dela mesma, que a catalogação não podia ser uma atividade, mas apenas um começo. Além disso, a gente percebeu que a beleza de Bonito (MS) e outros destinos estavam despontando no ecoturismo. E começou a pensar o que de diferente em ecoturismo a gente poderia oferecer, que as pessoas precisassem da gente e de Brotas pra fazer. Aí entrou a questão da aventura, do aparecimento do esporte radical misturado com ecoturismo, não tinha muita definição pra isso, isso era 1995, mais ou menos.

A *aventura* seria, portanto, participativa e performativa⁶⁹, no modelo da prática esportiva, relativa a *embodied practices*, como sugerem Cater e Cloke (2007). Mas a história

⁶⁸O esboço deste capítulo foi apresentado no GT de Antropologia do Esporte da IX Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) em Curitiba e sua primeira versão foi apresentada em reunião da linha de pesquisa Corpo, Gênero e Sociabilidade do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Esporte e Sociedade (NEPESS) da Universidade Federal Fluminense em Niterói. Agradeço a todos que participaram de sua discussão nestas ocasiões, em especial a Simoni Guedes, Maria Verónica Moreira e Matías Godio por sua atenção e Luiz Rojo e Martin Curi por sua leitura e ajuda constante.

⁶⁹ Arrisco dizer que as práticas de *aventura* promoveram até um novo tipo de jornalismo e cinema. Por ocasião do Festival Brasileiro de Filmes de Aventura, Turismo e Sustentabilidade de 2010, pude observar um fórum de discussão entre os cinegrafistas, roteiristas e produtores em que se discutia a possibilidade de criar uma articulação específica para a defesa dos interesses desse tipo de profissional que segundo eles “põe o pé no barro”. No sentido da importância dos estilos de vida ativos e da centralidade da idéia do “fazer junto com o guia”, a *aventura* parece forjar também um jornalismo esportivo participativo, como no caso do programa Zona de Impacto da Sportv, no qual frequentemente os repórteres realizam a matéria ao aprender uma nova modalidade, e performativo, como no caso do programa Aventuras com Renata Falzoni, no qual a jornalista é também ciclista e oferece informações sobre pedaladas desde sua bicicleta em movimento. Além destes tipos de programas de notícias há também uma série de programas no formato de seriados que retratam expedições e/ou as práticas isoladas de *aventura* dos seus âncoras. Este seria o caso dos programas do canal Multishow: Kayak, com Pedro Oliva que é canoísta, e Extremos, que eventualmente muda de âncoras a cada temporada. Nota-se nessas produções uma tendência ao uso de câmeras pequenas e projetadas para a confecção de imagens em movimento, notadamente a Go Pro, especificamente criada para a realização de imagens de esportes. Este

da opção pelo termo *aventura* para designar o tipo de turismo a que Brotas se voltou teria ainda mais uma peculiaridade. É preciso escrutinar o processo reflexivo que soma ao estatuto de *radical* a preocupação ambiental e associa o esporte à preocupação com a *segurança*, como explicitado no relato de T. C., ex-militar, *condutor de turismo de aventura e coordenador de técnicas verticais*:

Quando Brotas começou, se usava o termo ecoturismo e esporte radical, mas isso acabou atraindo realmente pessoas radicais pra cá. Pessoas que não estavam preocupadas com segurança. Então, se ele vai pular de uma pedra, como ele é radical, ele já vai pular logo de cabeça. Ele vem sem equipamento pra fazer o rio e é isso que causa os acidentes. E isso assustou um pouco a gente na época. E por isso a gente trocou o radical pelo aventura. Juntou o pessoal do meio na época e conversou sobre esse perfil mais ousado que a propaganda atraía e até pra não deixar acontecer acidentes, manchar mesmo a beleza e a magnitude de toda a natureza de Brotas, e por consenso nos decidimos a tirar essa ideia de radical.

Segundo este e outros relatos, não se tratava apenas de repelir o perfil e a imagem de *radicalidade*, mas de atingir e até mesmo de produzir um perfil de *turista* disposto a pagar pelas atividades oferecidas pelas *agências*, já que aquele que se considerava *radical* era ávido por autonomia em suas práticas. Nesta busca, notaram uma demanda de certos *clientes* pela importância de um *resgate* do contato com a *natureza* e com a *família*, e entenderam que este seria o *público alvo* a atingir e não mais os *mochileiros*, que buscavam formas de viajar a baixo custo.

Chegou uma época em que a gente começou a notar que outro público também já estava vindo pra Brotas. Porque na década de 1980 praticamente não existia turismo, mas agora era como se o litoral fosse a varanda, e nós fôssemos o quintal de São Paulo. Então, notamos muitos paulistanos vindo nos finais de semana com um perfil de público familiar e disposto a gastar mais, além do perfil jovem. Então, na prática, várias formas de turismo se misturaram, e na primeira *Adventure Fair*, em 1999, nós já começamos a pensar em definições que remetessem a prática simultânea de todas essas formas de turismo. Pra você saber que aqui tem um turismo de ação, mas que você pode praticar com a sua família. Então, pensamos: o que nós podemos oferecer pra esse público? Primeiro, atividades mais rápidas, para que eles pudessem fazer uma de manhã e uma à tarde e pudessem aproveitar ao máximo nossos diferentes produtos em um final de semana. Então, elas foram sendo desenvolvidas para que tivessem uma duração controlada, fossem mais estruturadas, pra que o turista de São Paulo saiba que ele vai conseguir acabar e voltar no horário. Esse é um turista que quer retomar o contato com a natureza e quer emoção, mas ele não está engajado a ponto de enfrentar riscos de desaparecimento, lesões graves ou morte, ele quer garantias de que vai sair da experiência ileso. Então, nós decidimos tirar o radical, pra oferecer isso a ele, como se fosse um parque de diversões da natureza ao ar livre.

equipamento possui uma série de acessórios que possibilitam sua fixação em capacetes, guidões ou pranchas de surfe. A imagem, o registro visual, parece ter uma importância ímpar nestas práticas, não só como atestados de que se esteve lá e realizou tal feito, mas como material de estudo para aprimoramento técnico. Manobras de determinadas modalidades são aprendidas ao redor do mundo ao serem imitadas suas primeiras imagens veiculadas.

Ao longo do tempo, e com as pesquisas - você viu a pesquisa da ABETA sobre o perfil do turista de aventura? - Então, nós notamos que o perfil do nosso turista é o do cosmopolita que quer vir pra cá dar uma energizada, em um feriado ele quer se reconectar com seu passado rural e retomar suas relações familiares, sem deixar de ser ousado e atual (José Carlos di Francisco Junior).

O turista, assim como descrito neste excerto, remete a uma ideia de apropriação controlada e docilizada de práticas e equipamentos a serem consumidos. Em Brotas, a diferenciação nativa entre *radical* e *aventura* posiciona a *aventura* mais próxima à noção de turismo, apaziguada nas técnicas e na rotinização das normas dos SGS (sistemas de gestão de segurança).

Há um processo político interessante de reificação da noção de *radicalidade*, assim como é operada no campo esportivo, mas embora o discurso seja capaz de realizar esta distinção clara, minha observação de sua vida prática indica que a percepção corporal das noções *radical* e *aventura* se dá como um pêndulo, a figura do turista o alterará mais para a segurança e a do esportista mais para o risco. Essas noções são móveis e variam conforme as circunstâncias.

É interessante notar que os mesmos argumentos contra o termo *radical* encontrados nas falas anteriormente citadas podem ser os argumentos contra o termo *aventura*, para quem prefere outros termos, como *ao ar livre*, por exemplo. Cito, a seguir, um trecho de uma conversa com Guilherme Cavallari, *corredor de aventura, caminhante, cicloexplorador*, escritor e criador do Clube da Aventura Kalapalo, que não se passou em Brotas, mas na *Adventure Sports Fair*, feira anteriormente referida, porque nos traz elucidativa explicação sobre este contraponto:

Talvez essa não seja uma palavra legal. Aventura não diz nada. É até um pouco pejorativo, porque tem uma conotação de falta de preparo, de improviso, ou de aventura amorosa, que é um caso fora do casamento, tem uma porção de elementos negativos e não define nada. Quando você diz outdoor, ao ar livre, diz tudo, estar exposto aos elementos naturais. Porque por exemplo, a maioria da população do mundo hoje, vive em cidades. Então, estar na natureza já é emocionante. Mas quando você chama de aventura, parece que tem que ter muita emoção, muito risco, muita adrenalina em todas as atividades. O que não é verdade e vira uma coisa *fake*. Como se não bastasse fazer uma caminhada em um bosque bonito, como se precisasse ter um tigre solto no bosque. E isso afasta o público, não aproxima o público. São pouquíssimos os praticantes de aventura no Brasil. Nosso mercado é muito pequeno. Na Europa, nos Estados Unidos, eu conheci, em diversas ocasiões, três gerações de uma mesma família fazendo uma trilha comigo. O percentual é maior, porque a abordagem é outra. E tudo faz parte dessa palavra aventura, porque aventura e risco, soam como coisas de jovem, de uma juventude inconsequente. Então, por mais que seja uma palavra impactante, que às vezes eu tenha que incluir na editoria pra vender um livro, afasta, por exemplo, a terceira idade da prática. Ou então, se você passa a mensagem de que a pessoa precisa ter uma puta barraca, uma bicicleta profissional e mais trinta quilos de equipamento, a pessoa desanima e vai jogar videogame. Mas, se você mostra pro cara que ele pode viajar só com a roupa

do corpo, que tem viagens bacanas de um dia, então ele pensa: isso eu consigo. E depois se ele se identificar ele vai se preparar pra uma viagem autossuficiente mais elaborada, uma expedição. Então, pra mim a nomenclatura ideal seria parecida com a de Portugal, desportos ao ar livre, ou, talvez, atividades na natureza. Mas eu acho que não vai mais mudar. Eu tenho as minhas críticas, mas eu já vejo isso forte e até adotei a nomenclatura junto com a minha. Meu livro se chama Manual de Trekking e Aventura.

À partir desta análise de inspiração simmeliana, percebe-se que, embora existam, mesmo em Brotas, diferentes vozes e ações construindo o que se concorda ou não em chamar de *aventura*, a diferença entre *radical* e *aventura*, embora dinâmica, no contexto etnográfico privilegiado por este estudo, está relativamente clara. Elaboraões semelhantes às anteriormente citadas descrevem as posturas envolvidas em ambas as atividades e sugerem que a *aventura*, diferentemente do que é *radical*, deve estar necessariamente ligada à *natureza*, assim como para R. B., *condutor de técnicas verticais*:

Acho que existe uma diferença grande entre o que é radical e o que é aventura. Acho que radical é um tipo de ação que você pode aplicar na sua vida, ou em qualquer esporte. Você faz e pá, é extremo, é inconsequente. Tipo, você faz uma coisa meio maluca ou então uma coisa quase desnecessária. Agora aventura é diferente, é a partir daí, pra diferenciar um do outro, que passa a existir a necessidade de um protocolo de segurança. É aí que vem a mudança em cima do esporte, e que a gente começa a diferir mais o que é um e o que é outro. E a explosão do esporte de aventura, não é só ter adrenalina. É juntar o gosto pelo esporte e pela adrenalina com a necessidade de melhorar nossa vivência no planeta, visando o futuro. Por que se a gente não cuidar da nossa natureza hoje, a gente vai passar apertado. E é daí que vem esse espaço crescente pras profissões, como a nossa, ligadas à educação ambiental.

Os adeptos do termo *aventura* parecem despolitizar o termo *radical*, como se fosse uma ação individual e inconsequente, sem projeto coletivo, sem ideologia. *Aventura*, em oposição, é concebida como engajada, comprometida com a *segurança* e a apropriação responsável ou conseqüente, e até mesmo educativa, da *natureza*. Entretanto, estas formulações eclipsam o fato de que a *aventura* é também confeccionada nos domínios do turismo e do consumismo. E que os *radicais* podem ter sua “bandeira”, que é outra que não a da ecologia, pois talvez esteja mais relacionada à apropriação da cidade, do espaço urbano e público e à afirmação da juventude. Thorpe (2006), por exemplo, fala sobre a associação no mundo anglófono entre os esportes com prancha, a anarquia, o movimento punk e a androgenia. Ao que me parece, os *radicais* no Brasil foram sendo, à medida que a *aventura* era associada à *natureza*, mais associados com as cidades, rampas, corrimãos, arenas, como por exemplo no skate e no *le parkour*. Esses esportes seriam “outros” entre os “outros”

abordados por esse estudo, mas que são aproximados a eles quando em comparação àqueles considerados “convencionais”.

Esta contrastividade deve ser enunciada não como um modelo fixo, mas antes como um modelo móvel, algo sempre passível de mudança. Isto porque quando a figura do turista hegemoniza a prática de *aventura* em detrimento de outras éticas, a segurança e a *aventura* são exaltadas, mas quando se trata dos atletas de Brotas “respeitar a natureza” não exclui a possibilidade de ser *radical*. O *rafting* é considerado por muitos competidores um *esporte radical*, mesmo que afirmem que trabalham com *aventura*. Ou seja, que vivam do turismo como *condutores*. É um jogo perigoso e instável determinar onde acaba a *radicalidade* e começa a *aventura*, e vice-versa. Um jogo em que a *segurança* é importante também para os *atletas*, como se verá na segunda parte desta dissertação, embora correr riscos seja, por definição, uma característica destes tipos de modalidade.

No que nos concerne por ora, a referência à *segurança* nas narrativas dos *condutores de aventura* revela uma categoria muito importante na construção não só da *aventura* brotense, mas da regulamentação da *aventura* no Brasil. O fator *risco* presente nestas práticas leva o Estado a pensar sua responsabilidade pela vida e pelos corpos de seus membros e a se preocupar com a possibilidade de morte, já que é ele que se incumbe dos eventuais resgates. Sendo assim, tecnologias precisaram ser criadas para que se garanta algum controle sobre estas pessoas que se arriscam. É neste contexto que se forja a categoria *segurança* na *aventura*.

Segundo Spink *et al.* (2004), em 1998, a EMBRATUR tornou necessário que as operadoras de turismo celebrassem seguro de responsabilidade para cobertura de dano ao *cliente* e ao prestador de serviço direto e indireto. Estes seguros não estavam previstos pelas seguradoras, acostumadas a segurar vidas e bens por um longo período de tempo e deles excluir aqueles em condição de risco aumentado, em específico, segundo a autora, os praticantes de certos esportes.

Os seguros de um dia foram, então, especialmente criados para este contexto. Sem dúvida, o crescimento da importância do turismo na política governamental se deve ao crescimento do setor em termos econômicos, conforme evidenciado no volume de recursos aí investidos. Sendo de ordem privada, a regulação dos seguros⁷⁰ especificamente relacionados

⁷⁰ Além dos seguros, outras tecnologias criadas posteriormente com o mesmo fim, via Inmetro, foram os sistemas de gestão de segurança, conhecidos como SGS e os grupos de resgate. “O Sistema de Gestão da segurança é baseado na Norma Técnica de referência, a saber: ABNT NBR 15331 – Turismo de Aventura – Sistema de Gestão da Segurança – Requisitos. Esta norma contempla os requisitos mínimos para qualquer empresa de turismo de aventura estabelecer um sistema que inclui: estabelecer a estrutura organizacional,

ao *turismo de aventura* está ancorada na regulamentação das relações entre consumidores e prestadores de serviço, pautada no Código de Defesa do Consumidor, datado de 1990.

Os idealizadores e empreendedores da *aventura* que conferiram a Brotas o título de *capital brasileira dos esportes de aventura* utilizaram o termo esporte como codificador de mensagens de comprometimento, de disciplina, de técnicas adquiridas ao longo de exaustivo preparo e treinamento e como lugar da excelência na utilização de equipamentos. Fato que se tornou um desafio conceitual para uma abordagem acadêmica do fenômeno da *aventura*.

Such a development offers an arena of rich enquiry for academics in the social sciences. In particular it has brought into sharp relief the inadequacy of some of our existing theories on travel and tourism. Most notable is the lacuna identified by Veijola and Jokeinen (1994:149) who bemoan ‘*the absence of the body* from the corpus of the sociological studies on tourism’ (emphasis in original). These adventurous pursuits are fundamentally about embodied exploration of the self, and our toolkit needs to be extended to acknowledge this. Such a task is not as easy as it may appear. To begin with we are crossing into a terrain where the unthought and unspoken are as vital to understanding the negotiation of the experience as the acknowledge recent work on non-representational understandings of lived world (for example Thrift, 1999). Also of interest is the way in which performative theories assist in uncovering the adventure experience (Cater e Cloke, 2007).

A peculiaridade do *ecoturismo* em Brotas exige, entretanto, não apenas a consideração das teorias sobre performance, em geral, mas sobre a performance esportiva, em particular, em uma análise da *aventura* contemporânea brasileira. Isto será retomado nos capítulos a seguir, nos quais não só o *esporte de aventura* brotense será apresentado, como também uma tentativa de trazer para a discussão antropológica a dimensão corporal da *aventura* através do corpo que a investiga. Antes disso, voltemos à cronologia do turismo brotense.

Em 1994, de acordo com Agnelli (2006), a Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo organizou e lançou o projeto de regionalização e interiorização do Turismo. Nesse projeto, os municípios do Estado de São Paulo foram agrupados em 14 núcleos. Brotas foi incluída no Núcleo das Serras⁷¹. Com este projeto, a Secretaria tinha o intuito de incentivar o paulista a viajar dentro do próprio estado. Isto mobiliza a divulgação mais ampla dos atrativos de Brotas e o incentivo à criação de melhor infraestrutura para a recepção dos

atividades de planejamento, definição das responsabilidades, definição dos processos e procedimentos operacionais, monitoramento do sistema, gestão dos recursos para desenvolver, implementar, atingir e analisar criticamente uma política e seus objetivos e metas de segurança.” (<http://www.observatoriodaaventura.com.br/home/?pag=4>).

⁷¹Junto aos municípios de: Águas de São Pedro, Americana, Analândia, Araras, Itirapina, Charqueada, Cordeirópolis, Corumbataí, Ipeúna, Leme, Limeira, Piracicaba, Rio Claro, Santa Bárbara do Oeste, Santa Gertrudes, São Pedro e Torrinha.

turistas na cidade. Pois, ainda segundo a autora, nesse período só havia um hotel, o Casarão e uma *agência turística*, a Mata D'entro.

Em 1995, Dóris Rushmann, professora da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, realiza uma análise do material coletado pelo Movimento Rio Vivo para avaliar a viabilidade do ecoturismo e a elaboração do Projeto para o Desenvolvimento do Turismo em Brotas. Como conta Di Francisco Junior:

E todo esse processo foi inédito no Brasil. Existiam pouquíssimos profissionais em ecoturismo. Turismo de aventura nem se fala, quase não existia. Cursos de graduação e pós graduação, especialização nem se citava. Nós procuramos dissertações e teses e não tinha quase nada, elas eram mais gerais sobre turismo e citavam muito por cima. Então, foi o começo pro próprio Brasil, Brotas foi bem inicial, uma fase de vamos desbravar, vamos ver no que dá e aprender com exemplos da literatura, de documentários de fora e tentar aplicar ao que a gente tinha. E os estudos brasileiros começaram a partir disso, muitos de nós tínhamos feito faculdade ou estávamos fazendo e trouxemos pessoas de nossas universidades pra esse processo, alguns pesquisadores que começaram a fazer trabalhos. Então, tem muito trabalho científico. Lá na secretaria de meio ambiente, foi feita uma biblioteca pra esses trabalhos, todos sobre o começo do processo. E eu comprei uns livros sobre aventura nos últimos cinco anos nas *Adventure Fair* de um pessoal da Educação Física e da Geografia que traz outras referências.

Junto a essas iniciativas se dava a fabricação do *turista de aventura*, figura chave para dar concretude aos projetos políticos daqueles que transformaram Brotas em destino turístico e daqueles que em torno de práticas *radicais* almejavam se profissionalizar no esporte e na *condução* desses turistas.

Eu já tinha feito assessoria de imprensa em São Paulo [...]. Então a gente fez um trabalho de divulgação super seletivo, direcionado, profissional mesmo, a gente só divulgava em tv a cabo, onde o número de pessoas que assistem é menor, o público é bacana, a gente sabe o que a gente queria para cá, isso desde o começo, a gente queria transformar isso aqui numa viabilidade econômica; não adianta trazer farofeiro para cidade que detona e não dá o retorno financeiro que a gente queria, então essa coisa que as pessoas falam que o turista que vem para Brotas é bacana não caiu do céu, teve um trabalho árduo para a gente cativar, são pessoas viajadas, que têm um nível de exigência grande, então, a gente teve esse cuidado em divulgar só em revista especializada, Revista Terra, jornal, no caderno mais bacana, mas nem muito lido, para a gente andar do tamanho das pernas. (Eva Firmino Santana citada por Agnelli, 2006)

Estes julgamentos de gosto e de preferências revelados pelas falas dos empreendedores da *aventura* em Brotas poderiam fortalecer os críticos da *aventura* ao remeter ao processo de diferenciação social, assim como analisado por Bourdieu (2007). Para o autor, a correspondência entre práticas culturais e classes sociais não são o reflexo da estrutura social, mas um produto da educação. O fato de ter sido instituído pela prefeitura, mais recentemente,

o dia do turismo, feriado municipal no qual as pousadas da cidade oferecem um café da manhã comunitário para a população e as *agências turísticas*, organizadas pela ABROTUR, oferecem um número determinado de cortesias aos moradores - cada uma em uma atividade escolhida para aquele ano - e a instituição do dia do *condutor de aventura*, celebrado por um churrasco, que podem ser vistos como políticas de compensação, reforçaria o argumento de que a *aventura* não é implementada para todos justamente porque, entre outras características, ela opera como dispositivo de distinção de classe.

Entretanto, como o leitor verá, quando nos afastamos das falas institucionais, a partir do tópico a seguir e na segunda parte da dissertação, perceberemos que a apropriação da *aventura* por outro tipo de público não pôde ser evitada por sua elite idealizadora. Isto está revelado nas narrativas sobre o “boom” do *turismo de aventura*. Mesmo com esse cuidado na divulgação, não havia mecanismos para impedir o acesso de outros tipos de visitantes e o interesse de outro tipo de população local, não tão “bacana” segundo seus critérios.

3.2 Problemas da *aventura*

Apesar da participação de USP, Unicamp e Unesp no momento seminal do turismo brotense como consultoras e parceiras do Movimento Rio Vivo, o modelo escolar de implantação do *ecoturismo* em Brotas não teria sido suficiente para evitar que a cidade experimentasse situações e problemas análogos aqueles de outras destinações *ecoturísticas*. Crescimento vertiginoso e descontrolado da visitação e, com isso, a invasão de investidores não nativos e o aumento de empreendimentos em desacordo com o projeto inicial para a cidade são alguns deles.

Em 1998, Brotas sentia fortemente as consequências do aumento do número de turistas por *temporada* e foi assinado um termo de cooperação técnica com a Fundação Florestal, entidade ligada ao Instituto Florestal do Estado de São Paulo, elaborando-se, assim, uma agenda ambiental e de controle do produto turístico. Mas, somente em 2001, é efetivamente publicada a Política de Desenvolvimento e do Turismo Sustentável de São Paulo, conferindo autonomia aos governantes municipais para que elaborassem suas próprias diretrizes e leis.

Neste período, entretanto, Brotas já entrava em sua fase de saturação e enfrentava dificuldades. Segundo Agnelli (2006), o turismo em Brotas se desenvolveu freneticamente e chegou a receber, durante o ano de 2002, 130 mil turistas.

No começo a gente controlava a mídia, era uma mídia que os caras vinham e a gente que fazia o contato, eles escutavam o que eu queria que eles escutassem, eles viam o que eu queria que eles vissem, então eles divulgavam o que eu queria que eles divulgassem. Depois de um certo momento, quando Brotas ficou na moda, a gente tinha uma mídia espontânea, é a mídia *free* e que essa você não segura[...] a gente tentava podar dentro do possível, já havia um canal maior via prefeitura, porque algumas coisas passavam por lá, quase tudo na verdade, mas muita coisa você nem fica sabendo, então, esse segundo momento de mídia teve os dois aspectos, positivo de um lado e negativo do outro, porque daí você começa a divulgar demais, começa a vir gente demais. Nesse boom, nesse momento de mídia, de modinha, veio muita gente pra cá, gente bem intencionada e gente mal intencionada. Pessoas que apareciam, não por sacanagem, mas por falta de competência e conhecimento mesmo e faziam besteira. Porque para montar um negócio você precisa de dinheiro, e o povo abria agência aqui como se abria um boteco (Eva Firmino Santana citada por Agnelli, 2006).

Quanto ao monitoramento de impacto ambiental, segundo Magro *et al.* (2002), os problemas mais frequentes relatados por estudos nos sítios turísticos em Brotas foram: erosão e drenagem deficiente, relacionadas diretamente com a localização, a falta de planejamento e manutenção das trilhas que levam às cachoeiras, ou seja, a largura excessiva de algumas trilhas em locais sujeitos a formação de lama, surgimento de trilhas não oficiais e árvores danificadas.

Segundo Agnelli (2006), embora o turismo tenha sido uma alternativa contra a implantação de uma atividade poluidora (como o curtume) ainda seja visto como indústria não poluidora, ele é, de qualquer forma, uma indústria, e como tal, criada para ser lucrativa. Quando se percebeu que a atividade ecoturística gerava ainda mais empregos, rendas e tributos que o curtume, para a autora, houve uma banalização de conceitos técnicos e científicos relacionados ao ambiente. Na ânsia de aproveitar o que foi visto como uma oportunidade e uma demanda de mercado e com o aumento do número de empreendedores no mercado turístico brotense, teria havido um uso indevido dos conceitos *desenvolvimento sustentável*, *turismo sustentável* e *ecoturismo*. Ela conclui que o uso do prefixo “eco” foi atribuído a qualquer empreendimento baseado na natureza com o objetivo de atingir um nicho de mercado cada vez maior, e não necessariamente para protegê-la.

A invenção da figura do *turista de aventura*, esse que geraria a riqueza para a cidade, traz novas preocupações em torno das críticas ambientalistas. Paradoxalmente, toda a discussão em torno da segurança, da *aventura segura* ao homem, pode gerar uma “insegurança ambiental.”

No que concerne aos humanos, entretanto, em seu “Estudo dos impactos negativos ocasionados pela atividade turística junto à população residente no município de Brotas/SP,” realizado pelo Senac de Águas de São Pedro para a prefeitura de Brotas, Bonfato e Rodrigues

(2005) afirmam que apesar de a pesquisa se tratar de um levantamento dos aspectos negativos do turismo, variados fatores positivos foram encontrados.

Os aspectos negativos, tais como aumento do lixo, diminuição da “tranquilidade,” aumento de atividades muitas vezes tomadas por vandalismo, excesso de barulho, excesso de trânsito, aumento da poluição ambiental e aumento da criminalidade, entre as quais, a elevação do custo de vida é referida como a mais preocupante; foram minimizados pelos autores, identificados como pequenos e passíveis de serem mitigados ou cessados a prazo médio de dois anos. Já os fatores positivos, tais como: “empregabilidade e ampliação do mercado de trabalho, aumento do rendimento do município, desenvolvimento cultural e valorização das tradições e do povo brotense, manutenção urbana e preservação do meio ambiente” foram exaltados. O que caracteriza a percepção da atividade turística pela amostra de entrevistados (residentes não envolvidos com turismo diretamente) como benéfica.

Apesar das narrativas sobre este momento caótico do turismo de Brotas terem sido frequentemente operadas enquanto conversava com meus interlocutores, segundo os autores, em resposta à pergunta: como você se sente atingido pela atividade do turismo? 55,3% dos entrevistados responderam “não sou atingido,” 30,2% “sou atingido de maneira positiva” e apenas 14,5% “sou atingido de maneira negativa.” O relato abaixo une impressões dos dois tipos sobre as consequências negativas e positivas do processo turístico de Brotas que, do meu ponto de vista, são mutuamente possíveis e não excluem uma a outra.

E eu fico feliz de ver como meninos que começaram com a gente aos 15 anos hoje, aos 30, definiram suas vidas e suas profissões a partir da aventura. Alguns são professores de educação física, outros militares, bombeiros, né, ou fizeram bacharelado em turismo, fazem mestrado em alguma coisa relacionada com gestão ambiental, essa foi a influência. E houve muita troca entre o turista e a comunidade local. As pessoas ficavam amigas, umas conheciam coisas das outras. Os locais conseguiam contatos, capacitação, oportunidades fora daqui. E aconteceu muito de turistas largarem tudo e virem pra cá abrir um negócio de aventura, ou guiar por um tempo. O turismo proporciona isso. O mais importante são as pessoas, a vontade de se relacionar, de sair do isolamento da grande cidade e do apartamento. E aqui o cara vê que uma pessoa mais humilde pode ter conhecimentos práticos que o executivo não tem e eles conseguem trocar. Mas a gente sabe que tem o risco, que na verdade é a tendência agora, da Disneylândia de aventura, que é a automação. O modelo de operação, os procedimentos bem definidos e o aumento do volume de turistas pode fazer perder isso, as características filosóficas que eram a base no começo. A atividade pelo social e não pelo lucro, o turismo como qualidade de vida da população local proporcionando mais renda, mais práticas esportivas, não só o futebol, para as crianças, a nacionalização dos equipamentos que barateia o esporte, a luta ambiental, esses ideais meio que foram deixados de lado quando virou um negócio. E infelizmente quase tudo passa por esses processos quando surgem outras empresas, concorrência e outras filosofias. E isso faz perder o espírito do local, e não pode perder esse espírito. Antes o condutor de aventura amava e conhecia a natureza, adorava ser ativo fisicamente e gostava da relação com as pessoas, mas hoje em dia não se pode mais dizer que a maioria é assim. (Di Francisco Junior)

A imediata aceitação e o crescimento da demanda pelo turismo que Brotas oferecia deflagra uma crise com o exorbitante número de visitantes que chegam à cidade e culmina com a necessidade de uma maior atuação do poder público brotense sobre estas atividades por meio de projetos de lei que se dignassem a regulamentá-las. Entretanto, segundo Agnelli (2006), com o apogeu quantitativo houve a saturação da destinação e quando Brotas deixou de ser novidade para a mídia, houve uma grande queda no fluxo de visitantes.

Ainda em 2002, a Prefeitura Municipal, o COMTUR, a Eco Associação, ONG envolvida com a formação de polos de ecoturismo no Brasil e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ-USP) realizaram um trabalho de monitoramento do impacto ambiental de alguns sítios turísticos e o levantamento do perfil do turista que visitava o município. Elaboraram, em seguida, o Plano de Manejo do Público Visitante: uso turístico do ambiente natural em Brotas, o Sistema Municipal de Controle da Visitação Turística (SMCV) e a Lei sobre o Licenciamento para Turismo Ambiental. Em 2004, foi criada a Associação Brotense das Empresas de Turismo de Brotas e região, a ABROTUR que, segundo seu *website*, tem como objetivo “fortalecer o destino turístico procurando harmonizar as exigências ambientais, econômicas e sociais do mundo moderno.”

Nesse momento, ainda de acordo com a autora, o poder público local e os empresários procuram estabelecer ações conjuntas. Uma delas é o Projeto Empreender, do SEBRAE, no qual foram discutidos os problemas do turismo local a fim “de uma maior união do *trade* turístico”, que exaltou a necessidade de normatização do turismo, como parte da Política Municipal de Desenvolvimento do Turismo Sustentável.

A normatização representou um fator de promoção de Brotas perante outros municípios brasileiros que pretendiam iniciar ou consolidar um processo de implantação da infraestrutura necessária para a atividade turística. Brotas passa a ser considerada um exemplo para o bem e para o mau (Agnelli 2006):

Hoje já existe o bom senso, como a normatização saiu das próprias empresas, então já existe uma condição mínima de equipamentos, de pessoas, de qualificação, então, todas as empresas já têm essa qualificação mínima, então, já tem praticamente a normatização. [...] A prefeitura está num processo de organização para emissão de voucher [o projeto dos vouchers emitidos pela prefeitura visava controlar o número máximo de visitantes por dia por atrativo], quer dizer, foi contratada uma agente, ela está tentando organizar para efetivamente aplicar a norma que é lei hoje já, e eu acredito que nos próximos dois anos todas as empresas vão ter que estar regularizadas, as empresas novas que veem, que eventualmente podem abrir em Brotas, elas já têm que estar dentro da lei. (Francisco Junior para Agnelli, 2006)

Segundo Agnelli (2006), a normatização foi feita, virou lei, mas não existe fiscalização para averiguar a obediência a essas normas. Entretanto, sua elaboração alavancou uma discussão sobre a necessidade de uma normatização a nível nacional e de um órgão normatizador.

Neste contexto, surge a Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA). A ABETA é uma iniciativa de empresários – com destaque para aqueles de (ou atuantes em) Brotas, que se iniciou com uma lista de discussão na internet, em 2003 – com o intuito de integrar o Conselho Nacional de Turismo e coordenar o Grupo de Trabalho de Turismo de Aventura do INMETRO, para a organização dos conteúdos técnicos desta atividade e elaboração de normas de segurança e manuais de prática. Para isso, a ABETA estabeleceu um diálogo com o Ministério do Turismo, SEBRAE Nacional, Ministério do Meio Ambiente, Embratur e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e assinou, em 2007, parceria com a *Adventure Sports Fair*. Jean Claude Razel, seu presidente em 2010, guia de montanha e proprietário da agência Alaya Expedições de Brotas, assim posiciona essa instituição:

No senso comum, aventura é uma coisa que faça sair do seu ambiente familiar, do seu dia-a-dia, da sua zona de conforto. Claro que pra uns uma aventura é muito forte, e pra outros ela é nada, né, porque cada um tem a sua vivência. Agora em um nível mais filosófico, do que simplesmente o desconhecido, ou uma descoberta, é uma postura frente à vida. É uma atitude. É um estilo de vida. Se você é atraído pelas coisas que não são controladas com leis, com normas e com critérios a toda hora, se você não gosta do juiz dizendo o tempo inteiro como é permitido fazer as coisas, se você gosta de sentir que o amanhã muda, então, você tem um espírito aventureiro. E pra mim hoje, isso deveria ser uma batalha. Porque pra mim a sociedade em que a gente vive é a da cultura do ar condicionado. Quem tem um marketing forte é o shopping center, o controle remoto, o vídeo game, a internet. Então, quem advoga pela cultura da vida ao ar livre? Hoje eu acredito que a única instituição que tá nessa luta é a ABETA, e eu pretendo estar a frente dessa luta porque eu não conheço outra entidade que tenha isso como prioridade. E isso pode ser muito grande, e deve abranger muitas pessoas, porque a aventura pode estar dentro do esporte, do turismo, do bem estar. Então, essa cultura da vida ao ar livre, vai desde uma escalada solo no gelo do Himalaia, até estar sentado na rede assistindo o pôr do sol. Isso é importante pra formação das pessoas porque te coloca em contato com coisas que eu considero essenciais, que são o ar puro, o pé descalço no chão, o ambiente natural em todas suas dimensões, conhecer de fauna, flora, biosistemas, biodiversidade, culturas que vivem nesses sistemas. E um dos aspectos que são melhores na cultura da vida ao ar livre é que ela trata ao invés da saúde - que é um discurso que só fala de doença – a aventura fala de bem estar, de coisas pra não ficar doente. E tem outra coisa que eu também acho que é melhor na cultura da vida ao ar livre que é a ecologia. O discurso ecológico hoje é ecoterrorista. É aterrorizante, que vai acabar tudo, que tá tudo indo pro saco. Então, eu prefiro um discurso que se chama de conservação. O que eu posso fazer hoje no meu dia a dia para melhorar as coisas? De maneira positiva, entendeu? [...] Mas é claro que o turismo de aventura, que é do que a gente fala aqui em Brotas, na Alaya e na ABETA é só uma parte. Então, para viver como negócio, nós tivemos que entrar nessa parte de norma, de lei e tal e tal, porque envolve empregos, sustentação

financeira das empresas. Mas isso é um mal necessário, não é a essência da aventura. É só a estrutura que a viabiliza. As atividades de turismo de aventura são formas de cada vez mais pessoas conhecerem a cultura da vida ao ar livre. [...]

Observa-se nesta fala, assim como em outras, que eventualmente não aparecerão nesse texto, que esta concepção de *aventura* tem precedentes na “história da cultura ocidental”, assim como sugere Dias (2009):

A aparição do esporte nos termos em que o conhecemos esteve associada, em larga medida, aquela reação à cultura iluminista que ganhou corpo entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. Tem-se aí um elemento que pode mesmo ser apontado como uma das principais condições de possibilidade para a própria efetivação histórica do esporte, o que inclui também, evidentemente, as atividades na natureza. Essa reação valorizava o corpo e os sentidos como contrapartida à primazia da racionalidade típica do *ethos* moderno. Uma das suas formas de expressão mais bem acabadas foi o romantismo. E não por acaso alguns dos principais representantes desse movimento estabeleceriam relações diretas com o esporte. Jean-Jacques Rousseau, tido como o pai fundador do movimento, tinha no alpinismo e na apreciação da natureza um dos seus principais hábitos [...] vê-se o desejo de retomar os aspectos mais sensoriais da vida através de experiências corporais. Era como um impulso de negação daqueles elementos que, pouco a pouco, passariam a definir e determinar, caracteristicamente, os principais traços da cultura ocidental. Contrariamente, o espírito romântico celebrava a vida no campo e ao ar livre em contraste às aglomerações urbanas que já se anunciavam. Do mesmo modo, a integração com a natureza ao invés da fé iluminista em dominá-la e subjugar-la. Estes eram o *pathos* do discurso romântico que marcariam uma poderosa estrutura discursiva, que se pretendia contrária em quase tudo aos valores dominantes. Nesse sentido, o romantismo, tanto quanto as experiências na natureza, assumiriam um estatuto de rebeldia, de indisciplina e de contestação à ordem. Estar na natureza, ou mais ainda, estar na natureza de maneira romântica era – e é ainda – uma forma de rebelar-se contra a civilização, exibindo toda sua insatisfação frente a esse modo de vida (p.94-95).

Mas a centralidade da natureza como valor não é uma exclusividade da noção de *aventura*, como alerta Torgovnick (1999) sobre o encanto do Ocidente pelo “primitivo” no século XX. Seu trabalho remete, em maior ou menor grau, a diversos outros fenômenos, tais como o veganismo, a Nova Era, o neoxamanismo, o naturismo, entre outros.

Assim como no naturismo, estudado por Rojo (2012), a concepção de natureza na *aventura*, como aquilo que foi “perdido” pela adesão ao “progresso”, parece conter alguma herança do pensamento romântico de forma peculiar. Conjuga a intenção de integração homem/natureza com a crítica da vida nas grandes cidades e a construção de um modo de vida em harmonia com a paisagem natural com uma idéia de natureza concebida como entidade que precisa ser protegida e conservada e que, no caso da *aventura* em Brotas, ao mesmo tempo, é fonte de renda, porque sua imprevisibilidade é a tônica da *aventura*.

Assim como na comunidade naturista Colina do Sol, em Brotas menções à beleza e importância da natureza intocada não excluem a possibilidade, vista como necessidade, de alguma ação humana sobre a paisagem. Mas, assim como sugere o autor, descarto a alternativa mais simplista de classificar como hipocrisia esta aparente contradição e tento compreender os diversos projetos em convívio a partir dos quais o significado de “natureza” se constituiu nesse contexto. Mas, ele inspira um olhar mais crítico, na medida em que, como sugerem Descola e Pálson (1996) a própria noção de proteção/conservação/preservação da natureza repõe a distinção natureza x cultura muito mais do que a questiona.

De volta à ABETA, em sua especificidade, embora diga ter como objetivo estimular a oferta segura e responsável destes tipos de atividades de aproximação e “fusão” com a *natureza*, através do programa Aventura Segura - que afirma ser uma campanha pelo consumo consciente do *turismo de aventura* que evitaria acidentes graves, desaparecimentos e mortes, assim como degradação ambiental - a necessidade de sua existência e a adequação de sua atuação não é consenso.

Segundo alguns de meus interlocutores há ainda muita discussão em torno da adequação de um órgão regulador deste tipo. Por exemplo, a ABETA é interpretada em alguns contextos como tendendo a dificultar o acesso à *aventura* à população local, encarecendo as atividades com taxas, seguros e obrigatoriedades, implantados de forma a prezar pelo lucro das *agências turísticas* e não respeitando formas locais de interação com a natureza. Suponho que isto se dê porque as formas locais de interação com a natureza passam a ser vistas pela ABETA como maneiras “inseguras” de fazê-lo, mais experimentais e menos domesticadas, mais *radicais*, portanto, em comparação às formas desenvolvidas em fóruns e debates e testadas pelo INMETRO.

Pude presenciar uma discussão sobre os procedimentos da *aventura*, na qual, pessoas de dada localidade - que consideram que as cachoeiras nas quais trabalham suportam um número de visitantes maior que aquelas em que outros trabalham - não queriam ter seu lucro diminuído em função da regulamentação que privilegiaria o número mínimo na norma. Ou seja, neste caso, estas pessoas eram acusadas por aquelas que queriam definir um número mínimo e não máximo, de estender para além do adequado, em termos de sustentabilidade e preservação ambiental, as dimensões da exploração de sua *base de operação*.

Além disso, há relatos e também pude presenciar situações nas quais os *condutores* são sobrecarregados pelo aumento excessivo no número de *clientes* por atividade na *alta temporada*. O que, segundo eles, aumenta o tempo de atividade e, conseqüentemente pelo cansaço, as chances de erro.

3.3 Oficialmente *Aventura*

Além das contestações advindas da própria área turística sobre a ABETA, há certo incômodo por parte das entidades esportivas diante de sua criação. Seus representantes se questionam sobre quais seriam as consequências da atuação desta associação para suas modalidades. Por ocasião do I Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, o CBAA, em 2006, presenciei ânimos exaltados em uma mesa redonda que teve como tema a regulamentação das *práticas de aventura* com participação de representantes de entidades esportivas e turísticas. Embora o próprio evento procure afirmar esporte e turismo indefinidamente como campos de atuação profissional em *aventura* e a minimizar o conflito utilizando, ao invés do termo *esportes* ou *turismo de aventura*, o termo *atividades de aventura*, outro termo que englobaria os dois, e que reforça a fluidez de noções neste campo sempre em movimento, a dúvida sobre como os esportes e práticas que se desenvolveram independentemente do turismo seriam incorporados nas dinâmicas a serem regulamentadas pela ABETA era uma preocupação gritante.

Em outras palavras, se perguntavam: porque as instituições esportivas teriam que se subordinar a um órgão do campo do turismo? O receio, segundo aqueles que questionavam, seria submeter histórias de paixão por uma atividade, alto nível de conhecimento técnico e dedicação a seu aperfeiçoamento e disseminação, desdobrados nas federações e confederações esportivas, a uma dinâmica identificada a uma oportunidade de negócio a ser explorada por quem não dedicava sua vida à *aventura*.

A reação de entidades esportivas às iniciativas da indústria do turismo junto aos *esportes de aventura* e a nomeação de Brotas como a *capital brasileira dos esportes*, e não do *turismo, de aventura*, por agentes do turismo foi crucial para deflagrar a ação junto ao Conselho Nacional do Esporte (CNE), que culminou com a definição brasileira oficial para *esportes radicais e de aventura*.

Encaminhada através do documento “Esporte de Aventura: Carta de São Paulo” de 25 de agosto de 2005, a proposta de criação de uma comissão especial para a conceituação, organização e desenvolvimento dos *esportes de aventura* no país, apresentada pelo presidente da Associação Brasileira de Parapente; apoiado pela Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada e Confederação Brasileira de Orientação ao CNE fora aceita, e recomendado no dia 09 de abril de 2007:

Art. 1º Que se identifique no País como:

I – Esporte de aventura: O conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas em interação com a natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado. Realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidos com a sustentabilidade socioambiental.

II – Esporte radical: O conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas a partir de sensações e de emoções, sob condições de risco calculado. Realizadas em manobras arrojadas e controladas, como superação de habilidades de desafio extremo. Desenvolvidas em ambientes controlados, podendo ser artificiais, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidos com a sustentabilidade socioambiental.

Como se vê nas definições oficiais, no que as assemelham, estes esportes são vivenciados “a partir de sensações e de emoções”, “sob condições de risco calculado”. E no que as diferenciam, as práticas de *aventura* seriam “vivenciadas em interação com a natureza”, “realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra)”, “como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes”. Enquanto as práticas radicais seriam “realizadas em manobras arrojadas e controladas, como superação de habilidades de desafio extremo” em “ambientes controlados, podendo ser artificiais”.

Esta definição oficial só reforça minha hipótese sobre a centralidade da ideia de *natureza* na prática da *aventura*. Entretanto, a acusação de uma falta total de vínculo entre empreendedor do turismo e prática de *aventura* não foi observada durante o trabalho de campo para esta pesquisa, assim como demonstra o tópico a seguir.

3.4 Turismo Esportivo, mas poderia ser esporte turístico

É preciso primeiro proceder a uma digressão no texto para chegar a este ponto. Junto à Mata D’entro, primeira *agência turística* de Brotas, que promovia, a princípio, caminhadas em trilhas e visitação de cachoeiras, surgiam outras empresas locais como a Vaca Náutica, que nos leva de volta à invenção do *boiacross*, assim como a apresenta Samuel Almeida, o Samuka, *condutor de rafting*, *coordenador de águas brancas* e competidor pela equipe Bozo D’água:

Eu, como a maioria que começou no *rafting*, fazia boiacross. Todos desciam o rio de boia porque era uma tradição na cidade. Tanto que tinha até uma competição na cidade que se chamava Super Boiacross. E, na verdade, não era quem chegava primeiro que ganhava. As descidas eram em grupo, então, o grupo que era mais animado, divertido e tinha as fantasias melhores ganhava. Então, se eu não me engano, os primeiros turistas que começaram a descer o rio de boia, vinham descer nesses grupos. E o grupo mais forte nessa competição era o que chamava Vaca Náutica, tanto que tem até hoje, quer dizer, hoje é uma agência, né? Porque eles organizavam grupos tão grandes, que eles convidavam pessoas de fora da cidade pra vir descer. E aí outras pessoas passaram a saber, vir e pedir pra descer também.

Face às duas empresas locais - uma que tinha no *trekking* (Mata D'entro) e a outra no *boiacross* (Vaca Náutica) as suas atividades principais – se posicionaram duas empresas de “forasteiros” especializadas em outros dois conjuntos distintos de técnicas: a canoagem (Canoar) e as *verticais* (H2Omem). Estas quatro empresas, competindo entre si, deram origem a dois tipos de *condutores de aventura* e ao formato atual das *agências turísticas* de Brotas, que passaram a oferecer a maior variedade possível de atividades de *aventura*.

Em quase todas as *agências turísticas* há, atualmente, uma divisão em departamentos, cada qual com seus especialistas e *coordenador*, a partir deste critério: um para as chamadas *técnicas verticais* (*rapel*,⁷² *cachoeirismo*,⁷³ *canionismo*,⁷⁴ *arvorismo*,⁷⁵ *tiroleza*⁷⁶ e escalada: relação com a *altura*, portanto, estabelecida basicamente através da utilização de cordas e administração de nós) ao qual as trilhas foram incorporadas; e outro para *técnicas de navegação e canoagem em rios de corredeira*, ao qual o *boiacross* foi incorporado junto ao *acquaride*,⁷⁷ o *duck*,⁷⁸ o *rafting*⁷⁹ e o *kayak-rafting* ou *KR*,⁸⁰ correspondentes ao termo *águas brancas*.

⁷² Rapel é uma palavra proveniente do francês "recuperar" utilizada para batizar a técnica de descida de um vão livre em ângulo positivo ou negativo, com o auxílio de cordas e outros equipamentos para a descida de paredões e até cachoeiras (atividade conhecida como "*cascading*" ou cachoeirismo), criada a partir das técnicas do alpinismo.

⁷³ Descida de cachoeira através do uso de técnicas verticais, seguindo ou não o curso d'água, comumente o rapel.

⁷⁴ Quando mais de um rapel em leito de rio, somado a trechos de caminhadas, saltos e navegação ou natação entre eles caracteriza a exploração de um cânion.

⁷⁵ Travessia entre o topo de árvores através de plataformas, cabos de aço, escadas de madeira e tirolesas.

⁷⁶ Atividade que utiliza um cabo aéreo ancorado horizontalmente entre dois pontos, pelo qual o praticante se desloca deslizando através de roldanas especiais conectadas a uma cadeira de alpinismo.

⁷⁷ Pode ser utilizado como sinônimo de *boiacross*. Em Brotas a diferença entre os dois é o equipamento, enquanto, como o nome já diz, o *boiacross* utiliza uma boia, no *acquaride* utiliza-se uma pequena prancha desenhada para esse fim.

⁷⁸ Caiaque inflável.

⁷⁹ Termo derivado do inglês *raft*, balsa. É considerado uma das modalidades da canoagem e utiliza-se de remos individuais de uma pá. Atualmente é praticado em embarcação inflável, o chamado *bote* que, dependendo de seu tamanho, acomoda números diferentes de remadores. Em Brotas utiliza-se com turistas o mesmo *bote* utilizado no *rafting* competitivo que acomoda de quatro a sete remadores. O *bote* é feito com plásticos (PVC ou Uretano), e revestido com borrachas (Hypalon, tecido de fibra de poliéster, ou Neoprene), para resistir ao atrito com pedras e galhos. Os tamanhos dos *botes* variam de 12 a 20 pés (3,65 a 6,09 metros) de comprimento e um *bote* atual pode pesar de 60 até 90kg. A escolha do bote é feita de acordo com o número de pessoas que se quer transportar

O primeiro conjunto de técnicas tem sua origem no Brasil relacionada ao projeto “H2Omem.” Idealizado em 1989 por Nelson Barreta, Marisa Góes e liderado por Carlos Zaith,⁸¹ um grupo de espeleólogos (exploradores de cavernas) paulistas, que se dedicou a uma atividade, supostamente, nova no Brasil, a exploração e inventário de quedas d’água, rios em garganta e cânions com uso de *técnicas verticais: o cachoeirismo e canionismo*.

Segundo seu *website*, em 1994, após mais de uma centena de locais explorados e de uma extensa lista de divulgação na mídia impressa e eletrônica, a pedidos, o grupo decidiu criar cursos e saídas para leigos na região central paulista e passou a realizar a *condução de turistas* nas cachoeiras de Brotas. Em 1998, de acordo com o site, na “Capital da Aventura” e em meio ao “boom do turismo ativo” foi instalada sua própria *agência*, a “Brotas Outdoors/H2Omem”⁸².

Em 1989, também surgia em São Paulo a Canoar, *operadora de descida de rios de corredeira* que teve influencia decisiva para a importação da prática do *rafting* em Brotas. O nome Canoar surgiu pela primeira vez em 1986, com a criação de uma pequena fábrica de caiaques que, em 1988, seria contratada para realizar descidas de caiaque com leigos, que aconteciam no rio Juquiá, em Juquitiba, à uma hora de São Paulo. O que caracterizou uma transição na empresa da produção de equipamentos para a *promoção de eventos*. José Roberto Pupo,⁸³ fundador da Canoar, em entrevista ao website Ecoviagem⁸⁴ relata ainda outra transição, a do caiaque ao *rafting*:

Em 83, eu trabalhava com crianças, era professor. Um professor amigo meu fabricava caiaques e falou: "Zé, eu fabrico caiaques. Vou fazer um para você." A gente fez um caiaque, começou a descer e foi uma paixão. Tanto que até larguei um pouco o que fazia e quis ser atleta; queria fazer agronomia e fui para a educação física. De lá até hoje, não parei mais. E o *rafting* veio da necessidade de ter gente para descer o rio comigo. Eu sempre tinha que convencer alguém para descer de caiaque comigo e era difícil. Quando eu fui competir canoagem [fora do país], eu via, nos lugares onde ia, botes infláveis e empresas operando com *rafting*. Eu me animei de comprar um bote, não para montar uma empresa, mas para descer com meus amigos, porque era mais fácil levar a namorada, o amigo, a irmã... Isso foi em 88. Continuei levando os amigos para as descidas. Em 90, o Clube Hebraica me

e o *nível do rio* (sua mensuração será explicada oportunamente), botes menores são mais instáveis para passeio, porém mais rápidos para competições.

⁸⁰ Bote inflável para até quatro pessoas dispostas em uma coluna.

⁸¹ Fotógrafo profissional, graduado na Faculdade de Belas Artes em 1984 e especializado em fotografias ao ar livre.

⁸² A ABCânion – Associação Brasileira de Canionismo foi criada em 2000, tendo Zaith como presidente de 2001 a 2004.

⁸³ Canoísta, licenciado em Educação Física pela Universidade de São Paulo foi competidor e vice-campeão sul-americano de canoagem, técnico da seleção olímpica de canoagem para os Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, posteriormente, tricampeão brasileiro de *rafting* e, atualmente, é *corredor de aventura*.

⁸⁴ <http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/entrevistas/ze-pupo-71.asp>

pediu para fazer uma descida comercial, para levar umas pessoas do clube. Assim começou a parte comercial da Canoar, o *rafting*.

Segundo o website da Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa),⁸⁵ a primeira operadora de *rafting* brasileira, a TY-Y Expedições, iniciou suas atividades em 1982, no Rio Paraíba do Sul e Rio Paraibuna, ambos em Três Rios, estado do Rio de Janeiro. Mas, segundo argumento da CBCa, sua iniciativa focava *turistas* estrangeiros e por isso não houve repercussão da modalidade no Brasil.

Além disso, o *rafting* era feito com um remo central controlado pelo *guia*. A Canoar, então, teria sido a primeira empresa a importar botes feitos para que todos os *clientes* participassem na sua movimentação com remos individuais, o que trazia para a atividade a noção de *ação* e *esporte* no lugar da de passeio. E ainda mais do que isso, esse envolvimento de todos na movimentação do bote subjetivou a noção de *aventura*. Cada um com seu remo, vive simbolicamente a “totalidade” da experiência sensível de *descer o rio*. De passageiro a *remador*, as solicitações corporais são outras. A emoção de estar dentro do bote ganha plasticidade e maneirismos pessoais em “doses homeopáticas de *radicalidade*” introduzidas na prática turística.

Há uma grande eficácia no oferecimento de um remo ao turista. Na medida em que propõe esse investimento corporal também por parte dele, mesmo que o guia seja capaz de *conduzir* o bote sozinho, o turismo de *aventura* parece aproximar a distância entre o *guia* e os *turistas* em um simulacro de participação. Nesse sentido, mesmo que em muito menor escala, sua também responsabilização pelas técnicas e manejo dos artefatos ali em jogo traz a conotação necessária de ação ao passeio. Estes movimentos corroboraram com o momento que o ecoturismo vivia em Brotas:

A gente não ia conseguir concorrer com a cachoeira do cara, então, indo pra cachoeira o que a gente poderia fazer que só a gente fizesse? *Canionismo*. Indo pro rio o que poderia ser diferente? O *Boia-cross*. Aí a gente começou a pesquisar fora, fazer uma busca, o que é que existe de atividade de água que tem chamado atenção? Fomos descobrir o *rafting* dos Estados Unidos, como faziam isso e vimos que existiam alguns outros já começando no Brasil, como a Canoar no rio Juquiá, em Juitituba (Di Francisco Junior).

⁸⁵ Segundo o site da CBC, o primeiro registro de descida de *rafting* no mundo data de 1869. Nesta época, John Wesley Powel - um dos expedicionários mais conceituados da história americana - organizou uma expedição no rio Colorado/EUA, em barcos de madeira com remo central. Já o *rafting* com finalidade comercial foi realizado somente em 1909 pela Julio's Stone's Grand Canyon, mas os botes ainda eram rígidos, de madeira. Os primeiros botes infláveis apareceram nos EUA, em 1936. Durante os anos 60 e 70 o esporte passou por um período de estagnação, retomando o impulso a partir de 1980 com o surgimento do bote *self bailer*, confeccionado com materiais mais leves e resistentes.

Após três anos de experiência, a Canoar passou a se dedicar a expedições e *conquista* de rios de diferentes dificuldades. Nesta altura, a empresa já havia constituído uma equipe de 20 *instrutores* e atuava na formação de atletas canoístas e também na formação de *instrutores de rafting*, oferecendo cursos. Um *guia* da primeira geração da Mata D'entro foi, então, enviado a fazer o curso de formação de *instrutores* da Canoar⁸⁶ para depois disseminar seu conhecimento.

Buscamos os conhecimentos deles e também inventamos os nossos trazendo pessoas que já praticavam pra nos passar o básico e adaptando pra nossa realidade aqui. O Jean Claude, o francês, por exemplo, quando veio pro Brasil se tornou nosso especialista em alpinismo na Mata D'entro, porque ele era guia de montanha em Chamonix, depois ele se tornou meu sócio e trouxe a Alaya, empresa dele, pra cá e acabou incorporando a Mata D'entro, que hoje é só uma marca de roupas. Então, voltando, a gente já tinha a experiência de descer o rio de boia de caminhão, nós frequentávamos o rio, ele fazia parte da infância de todo mundo. E a gente queria explorar isso, uma coisa nossa, inventada aqui, mas sabíamos que não ia ser uma boa ideia dar uma boia preta pra um turista e mandar ele descer como a gente descia. Então, encapamos essas boias pra elas não estourarem e importamos o capacete do skate, colocamos o colete salva-vidas junto e começamos desenvolvendo a atividade que chamamos de boiacross. E depois pro *rafting* a gente foi ver onde conseguir o bote. A gente sabia que tinha rafting em Juquitiba e no Rio de Janeiro, mas que os botes eram importados e que em Bonito eles usavam aquele bote bem grande, o River Dragon, pra passeios, e ele era produzido no Brasil. Aí a gente foi na fábrica do River Dragon, que chamava Flex Boat e disse: olha, a gente quer um desses só que pequeno. E eles fabricaram pra nós. Nós trouxemos e começamos a atividade. Assim nós vimos que não era o equipamento ideal, que precisava melhorar. Então, importamos um, levamos na fábrica e dissemos pra eles: pode picar, pra descobrir como fazer um igual. E foi assim que eles produziram o primeiro bote de *rafting* nacional. E aí fomos trazendo gente aqui, fazendo curso ali, visitando outros lugares. E assim começou. E hoje já existem cinco fabricantes de bote no Brasil, vários de colete e capacete e nossos meninos, os primeiros a fazer nossos cursos de guia, que eram crianças naquela época, quando a gente começou e não sabia nada, são hoje os campeões mundiais.

Além do *rafting* turístico, a Canoar também teve importância capital para o *rafting* competitivo, na medida em que, devido ao envolvimento de José Pupo com o esporte, tanto como atleta quanto como técnico, ele incentivou campeonatos internos anuais na empresa, organizou competições oficiais, montou a equipe brasileira que participou do primeiro campeonato mundial em 1999 e incentivou a vinculação do *rafting* à Confederação Brasileira de Canoagem. Neste contexto, alunos de canoagem e dos cursos de *guia* ou turistas que se interessavam pelo treinamento e prática competitiva eram convidados ou instruídos a montar ou completar equipes para estes campeonatos. Assim como conta Rafael Alexandre, o Leão,

⁸⁶ Este guia era Fábio Lourenção, o Fabinho, que se tornou posteriormente membro da primeira formação da equipe Bozo D'água.

professor de educação física, condutor de rafting, atleta de caiaque-pólo, canoagem polinésia e competidor de *rafting* da Bozo D'água:

Eu sou professor de Educação Física. Mas eu comecei a trabalhar com *rafting* antes, com 18 anos. Logo que eu entrei na faculdade eu nadava, mas um amigo meu, que já trabalhava com *rafting*, o Serginho, me chamou pra participar de um campeonato interno realizado pela empresa dele, a Canoar, pra clientes, depois que eu tinha feito uma descida comercial com ele como turista. Aí logo abriu um curso pra aprender a conduzir e eu fiz. E do *rafting* eu fui fazer várias outras modalidades de canoagem, caiaque, caiaque-pólo e canoagem havaiana. Por que o que eu gosto mesmo é de competir. Bom, mas a Canoar tinha várias bases. A principal é Juquitiba, tem no Rio também, Socorro e Brotas. E eu conheci Brotas através da Canoar.

Assim, e pela iniciativa de outras escolas de canoagem, mas principalmente de outras *agências turísticas*, cada qual com sua equipe de *rafting* competitivo, formada por seus *guias*, o cenário competitivo se ampliou. Em 1996, foi realizado o primeiro Campeonato Brasileiro de Rafting, no qual a Canoar iniciou uma série de vitórias. Já no âmbito das expedições e conquistas de rios, em 1998, a Canoar introduziu seu *rafting* no Jacaré-Pepira (Brotas) e firmou parceria com uma nova *agência* local, a Brotas Aventura.

Neste mesmo ano, em que o número de *agências* passou a aumentar vertiginosamente, Brotas conquistou o selo turístico da EMBRATUR, tornando-se oficialmente uma cidade turística (Agnelli 2006). Mas, além disso, uma série de eventos esportivos aconteceram em Brotas e corroboraram para a divulgação do município e para a sua construção enquanto cidade esportiva. Entre eles, eventos de *mountain bike* e *corrida de aventura*, aparentemente incentivados pelo FERA - Festival de Esportes de Aventura, que ocorrera em São Paulo em 1997, segundo Uvinha (2001), realizado pela ESPN Brasil como prévia dos X-Games⁸⁷ Brasil (mais uma vez note-se aqui o embaralhamento entre as noções de *radicalidade* e *aventura* nos eventos esportivos).

Entretanto, como explicitado na introdução deste trabalho, o *esporte de aventura* preconiza o desconhecido, a exploração. Por este motivo, não se pode fixar estas provas em apenas uma localidade. Parece haver uma ideia cumulativa de *natureza* neste contexto, no sentido de que a natureza do *evento* deste ano precisa ser diferente da *natureza* da prova do ano que vem, para haver surpresa, o imponderável, *aventura*. Mais uma vez, vê-se que embora a *radicalidade* vá sendo descartada em nome da *aventura*, esta última precisa de doses de *radicalidade* para manter-se como *aventura*.

⁸⁷ X seria uma derivação de eXtreme, do inglês.

Assim, o quadro dos *eventos de aventura* em Brotas diminuiu na medida em que sua *natureza* passou a ser vista como excessivamente conhecida, muito controlada, já domesticada. E houve uma periferização de Brotas pelo *aventureiro autônomo* e pelo *esportista* mais experiente, embora ela tenha sido descoberta pelo turista comum. A exceção é o rio Jacaré Pepira, que se consagra entre os mais desafiadores rios do Brasil e parece nunca perder a graça entre os *rafteiros* quando tem início a *cheia*, ou *alta temporada*.

Especificamente em Brotas, dois esportistas tiveram influência expressiva no formato assumido pela *aventura*. Tanto Pupo quanto Zaith se consideravam esportistas, eram referências em suas modalidades e divulgavam suas atividades comerciais como turismo. Sua presença alavancou não só o processo de divulgação da cidade, como também a divulgação da cidade promoveu suas modalidades esportivas no país ao mesmo tempo que corroborou para a invenção do ofício de *condutor de turismo de aventura*.

CAPÍTULO 4. DO AVENTUREIRO PROFISSIONAL AO PROFISSIONAL DE AVENTURA

Contrariamente à opinião das instituições esportivas, os *condutores* referem a ABETA como a maior incentivadora da profissionalização de seu segmento, ao menos em Brotas. E os termos e a estrutura adotados pela ABETA se replicam em suas falas utilizados positivamente, assim como no relato de A. R.:

Com o segundo grau, um curso de formação de condutor, outro de gestão de qualidade e um de sistema de gestão de segurança agora eu também abri minha empresa de consultoria e manutenção pra turismo de aventura. Porque eu sempre queria padronizar, criar procedimentos, deixar as atividades mais profissionais e aí eu fui em 2005 na feira de aventura [*Adventure Sports Fair*] e conheci o programa Aventura Segura [da ABETA] e a normalização que estava acontecendo e pensei: é isso. E de lá até hoje eu tenho estudado isso, participado de seminários e crescido junto com o segmento. Então, eu acho que eu subi de patamar, por isso eu não quero mais trabalhar só com o meu corpo: segurar a corda, remar o bote... Eu quero também trabalhar com a minha cabeça, pra melhorar pros que tão vindo pra aventura.

A *aventura* e os cursos de capacitação de *condutores de aventura*, com destaque para os que são certificados ou oferecidos pela ABETA, são referidos como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional pela maioria das pessoas que buscam trabalhar com *aventura* e que se classificam entre as classes média baixa e baixa, geralmente com pouca escolaridade. Assim como explica C. J. *condutor de turismo de aventura* e entusiasta dos *sistemas de gestão de segurança* e dos *grupos de salvamento*:

No meio do interior sertanejo o pessoal gosta de mandar uma *cachaçada* pra baixo, cerveja, e vai fazer o quê? Não tem opção. Se você não gosta da escola, ou você vai cortar cana, colher laranja ou vai ser pedreiro. Se não estudar, não tem outra opção. É trabalho braçal mesmo. E quando vê, caiu na cachaça. E aí a aventura chegou na cidade estruturada como uma opção de trabalho, uma opção mesmo de ganhar dinheiro com uma coisa que a gente gostava... Eu gostava de fazer o quê, na cidade, quando mais novo? Nadar no rio, curtir a noitada, conhecer pessoas. E o turismo é isso, né. Só que você tem que ganhar responsabilidade por *operar* estas atividades. Você ganha conhecimento, vai buscando técnica, vai ficando mais responsável e cada vez mais fora de riscos, vamos dizer. Faz os cursos, conhece os equipamentos, os seguros. Mas é claro que a minha primeira motivação pra buscar isso foi a adrenalina da coisa, né? Porque é gostoso. Então, quando eu cheguei pra aventura eu queria curtir, mas mudou, isso virou ganho de conhecimento, porque tudo que eu não sabia eu comecei a ganhar dentro do esporte que eu escolhi pra fazer. Viajar... muito. Viajei o país inteiro tive chance de conhecer do sul até o nordeste. Vários pontos que o pessoal paga fortuna pra ir e eu nunca ia conseguir, eu fui ganhando alguma coisinha, trabalhando, dando curso de salvamento, porque eu fui buscar conhecimento de tudo isso.

Aventura, portanto, ganha outra face, a do trabalho, oportunidade de emprego ou coisa que o valha, uma concepção que se adequa a política de transformar Brotas em *cidade da aventura*. Em Brotas ela é entendida, então, como adequada a gostos, limitações e habilidades que corresponderiam ao “*ethos*” prático do operário ou trabalhador braçal. Mas, detém um *status* diferenciado daquele do colhedor de laranja e cana e do profissional da construção civil, ocupações comuns às classes mais baixas da cidade. Aqui vale à pena uma digressão ao prólogo desta dissertação, pois quando se fala em *profissional da aventura* atualmente, em Brotas e no Brasil, fala-se de alguém muito diverso do amante aventureiro analisado por Simmel e do *aventureiro profissional* criticado por Lévi- Strauss em *Tristes Trópicos*.

Até agora foram analisadas as falas e, por consequência, a concepção de *aventura*, prioritariamente daqueles que foram os empreendedores da *aventura* em Brotas. Embora inquestionavelmente envolvidos com a prática, seu perfil socioeconômico correspondia ao de profissionais liberais egressos de universidades consideradas boas, com vivências internacionais ou ao de universitários da cidade preocupados em revitalizar o mercado de trabalho local para sua atuação futura.

Entre os *profissionais de aventura* provenientes das camadas socioeconômicas mais privilegiadas, a *condução* pode ser uma atividade temporária, vista como um ofício-brincadeira eventual ou um trabalho da juventude. As instituições de nível superior procuradas por aqueles que pretendem se manter em contato com o mercado da *aventura* são, na maioria das vezes, aquelas que dispõem de cursos de Administração, Publicidade, Turismo e Educação Física, carreiras vistas como sucessoras possíveis da *condução*.

Com o ingresso nas carreiras de administração ou publicidade almejam ter seu próprio empreendimento, ocupar cargos de liderança ou gerência nas *agências*. No caso dos “turismólogos,” aqueles que desejam continuar a *conduzir* procuram se tornar *coordenadores de área*, os outros passam ao departamento de vendas ou de marketing.

Entre os *profissionais de aventura* das camadas média-baixas é comum que após um período na *condução*, sejam buscadas outras carreiras, salvo algumas exceções, como tem ocorrido frequentemente com a de policial militar, via corpo de bombeiros. As carreiras universitárias também tem sido acessadas. Mas, visto que é entendido que os cursos universitários não oferecem a qualidade técnica da formação “na prática,” o diploma, para aqueles que não tinham o suporte financeiro familiar ou a oportunidade de sair da cidade, pouco interferia na condição de trabalho com *condução*.

O que acontecia é que a nova carreira se tornava simultânea ou preterida em relação à *condução* na *alta temporada* porque, na maioria dos casos, apesar de oferecer certa

estabilidade, remunerava menos que a *condução*. Entretanto, este malabarismo das carreiras é necessário visto que a hora do trabalho com *aventura* é mais bem paga, ainda que a existência de *clientes* seja mais esporádica, fazendo com que na *baixa temporada* haja uma valorização de ocupações mais estáveis e na *alta*, a *aventura* seja preferida. No caso daqueles que cursam Educação Física é comum trabalharem durante a semana em escolas, clubes ou academias, com carteira assinada, e continuar a conduzir nas férias, finais de semana, folgas ou “janelas,” horários livres entre uma aula ou turno e outra/o.

Este era o caso de Paulinho, que encontrei um dia muito nervoso a fumar em frente à sua escola de atuação. Ele me contou que lutava na reunião de planejamento para que as aulas fossem aglutinadas em um turno ou outro, o que permitiria encaixar *descidas* para completar o orçamento. Mas como a coordenação da escola resistia, ele não sabia o que era melhor, se continuar a dar aulas e auferir salário fixo e décimo terceiro ou voltar a trabalhar exclusivamente com o *rafting* já que cada turno isolado pagava melhor do que a hora/aula.

Neste item, entretanto, pretendo focar a realidade dos *profissionais de aventura* que não seguem estes perfis. Ou seja, os *condutores de turismo de aventura* de baixa escolaridade.

Carnicelli e Schwartz afirmaram, em 2005, que 60% daqueles que chamaram os autores de *instrutores* ou *guias de rafting* de Brotas estariam na faixa dos 17 aos 25 anos e 70% teriam como maior grau de instrução o ensino médio. Embora eu tenha encontrado muitas combinações possíveis de níveis de escolaridade, classes econômicas e trajetórias de vida, em 2011, entre os *profissionais da aventura* em Brotas, aqueles que se consideram *condutores de turismo de aventura*, se confirmou a predominância do ensino médio, por vezes incompleto, como nível de educação formal e, por vezes, até ensino fundamental incompleto, como era o caso de C. J.:

Estudei até a oitava série só, né? E o que eu não gostava de estudar em escola... Por exemplo, geografia, eu não curtia muito, viajando com aventura eu fui obrigado a aprender. Até geologia, por causa dos tipos de rocha em que se pode fazer *ancoragem*... Fui obrigado a aprender sobre *natureza*, árvores, quais resistem mais, menos, biologia, fauna, flora do lugar, um monte de coisa. E acabei entrando de cabeça no que eu não gostava. E percebi que na verdade eu só não gostava daquele meio de estudar, né? Que tinha outro meio de aprender as coisas.

Além disso, a *aventura* também recebe um fluxo de pessoas vindas da experiência nas forças armadas. Muitos *condutores* referem o exército como o local de aquisição de conhecimentos e de atuação possível para aqueles que se identificam com os temas do desafio físico e exploratório e da sobrevivência na selva, que também são encontrados na *aventura*. Isto não é novidade entre estas práticas e também é relatado na literatura nativa. A *corrida de*

aventura seria uma modalidade que assume esta bagagem e existem narrativas que afirmam que o próprio *rafting* teria sido criado como estratégia de guerra, assim como apresentado anteriormente. A. R. é um, entre outros, exemplos nativos:

Eu sou de Leme, e eu gostava muito de acampar, ficar no meio do mato com os amigos de bairro, de escalar, de fazer rapel, adoro caminhar, fazer trilha. Aí surgiu essa paixão na prática, como esporte mesmo. Aí meu parceiro de escalada veio pra Brotas mais ou menos em 1992. E depois ele me trouxe junto e a gente começou a vir fim de semana, feriado, temporada, aí comecei a trabalhar, mas ainda meio como *hobby*, que era um jeito de fazer sem pagar coisa que a gente não tinha equipamento pra fazer sozinho. Fiquei seis anos na força aérea, mas sempre tinha esse segundo emprego, onde eu unia o útil ao agradável. Aí resolvi largar e ficar só com o segundo emprego pela minha paixão pela natureza e pelos desafios diários e fiquei até agora. Cheguei aqui com cinco reais no bolso dormindo num quatinho de coisas de uma agência. Virei condutor de turismo de aventura, fui crescendo, consegui dividir o aluguel de uma casa com um amigo. Depois conheci minha esposa, virei coordenador, construí uma família e hoje estou abrindo minha empresa.

Neste contexto específico, o serviço militar obrigatório teria fornecido elementos para o posterior trabalho com *aventura*. E na *aventura*, estas pessoas teriam encontrado a oportunidade de utilizar seu saber ambiental, disposição prática e condicionamento físico sem a conotação bélica, entre outras características óbvias do contexto militar.

Por outro lado, entre os *condutores* estão não apenas aqueles que já tinham experiência prévia com motivos e técnicas semelhantes aquelas da *aventura* e queriam transformá-la em ofício, mas também pessoas que se iniciaram na *aventura* a partir dos cursos de formação de *condutores*. Seja porque buscavam um emprego na cidade ou porque gostariam de se tornar adeptos destas modalidades como práticas de lazer, os cursos de *condução* oferecidos pelas *agências* foram a estratégia encontrada para a aquisição dos conhecimentos técnicos. Esse é o caso de D. E., que foi *condutor* e atualmente trabalha no departamento de vendas de uma *agência turística*:

Eu era técnico em química, mas o clima de São Paulo, o estresse, fez com que eu e minha família começássemos a procurar uma cidade do interior pra morar. E alugamos uma casa aqui por seis meses para ver como seria. Aí eu comecei ver descerem o rio e a perguntar como fazia. Por que eu era molecão, queria brincar com os outros meninos adolescentes da minha idade, só que eu não sabia, e eles me disseram que tinha cursos que ensinavam, que eram cursos de condução. Mas, mesmo assim eu fui fazendo. Eu queria fazer por diversão, porque eu sempre gostei de esporte, eu queria brincar mesmo. Mas aí eu fui aprendendo primeiros socorros, como desvirar um bote, a ler linha d'água. Então, eu queria fazer isso pra me divertir, mas era tanta informação que tinha que ter, que isso também poderia ser uma fonte de renda e eu pensei: melhor ainda! E eu comecei de uma hora pra outra, sem equipamento nenhum, não tinha nem roupa de neoprene e era inverno. Mas foi muito legal. Porque o curso foi bem intensivo e depois de uns cinco meses, eu já me sentia compreendendo a parte técnica.

Nos dois excertos anteriores se percebe uma ideia muito comum entre os *condutores de aventura* que proporciona uma reflexão acerca das teorias sobre os fenômenos do divertimento e da prática esportiva. A proposição de Elias & Dunning (1985), de que o lazer (orientado para a satisfação pessoal e o prazer) seria diferente do tempo livre (que pode conter necessidades como o descanso e a higiene e obrigações familiares, religiosas ou políticas entre outros compromissos de outra ordem) parece não se aplicar ao caso de Brotas, onde a *condução* é representada como trabalho-lazer, trabalho que se faz por prazer. Seja porque foi no contexto laboral que encontraram a formação técnica necessária para a prática que almejavam enquanto lazer, seja porque foi através da empresa empregadora que puderam dispor de todo equipamento - que seria impossível obter sozinho - necessário a esta prática prazerosa.

Brotas tornou-se polo e passou a atrair não só aqueles interessados em consumir uma *aventura conduzida*, mas também os que almejavam trabalhar com ela, porque, no limite, procuravam vivê-la integralmente. E é neste sentido que a experiência em Brotas pode não se encerrar na cidade, pode ser expandida e pode levar à circulação, assim como sinaliza E. B., estudante de turismo e *condutor de vertical*, no excerto abaixo:

Eu fazia curso de Turismo e Hotelaria na faculdade em Santa Catarina e nunca tinha tido contato com aventura, aí tive a oportunidade de fazer um estágio com arborismo. E como eu sempre gostei de mato, cresci em sítio, achei interessante entrar nesse ramo, porque durante a faculdade eu trabalhava de garçom e era sempre a mesma coisa. E eu sempre tive vontade de fazer uma viagem, assim meio louca, mais longa. Então, eu já tinha ouvido falar muito de Brotas, por causa do trabalho. Pesquisei e descobri que era um dos melhores lugares do Brasil pra trabalhar com isso. E deu certo de eu vir. Depois eu tranquei a faculdade porque eu quis ficar mais. E estou aqui há dois anos e dez meses agora. Aprendi a guiar primeiro *tirolesa* e *boiacross*, depois *rafting* e *canionismo*, coisas que eu nunca teria a chance de aprender talvez estando lá na faculdade. Eu nunca esperei tanto, tanta coisa que teve pra aprender aqui, e que agora eu sei, e isso pode me abrir portas. Não é todo mundo que sabe fazer isso e, aonde eu for, eu vou ter esse diferencial de saber mexer com essas coisas. Porque é tudo muito novo no Brasil, vai crescer, né? E ano que vem eu volto pra faculdade pra terminar, e aí, depois eu tenho vontade de ir pra Pucón no Chile trabalhar com isso, que lá também é um polo. Ou talvez Costa Rica que tem muito *rafting* e tirolesa, por que eu quero aprender o espanhol, né, e agora eu queria uma viagem pra fora do país.

Além de atrair investimentos de fora, Brotas passou a atrair pessoas de outras localidades que passaram a procurá-la como escola de *aventura*, ou seja, para adquirir uma formação profissional em *aventura* ou viabilizar uma vida de *aventura* que não seria possível com qualquer outro emprego, como opção de lazer ou apenas como atleta competitivo, visto que não há *esporte de aventura* profissional no Brasil, assim como explicita P. Z.:

Minha profissão é uma consequência do conhecimento que eu tinha do esporte canoagem. Um meio que eu encontrei de usar meu esporte e conviver com a natureza no meu dia a dia. Fazer essa união, trabalhar, ter com o que sobreviver, mas não precisar deixar o meu esporte e a natureza.

Os motivos relatados pelos *condutores* para a procura de tais atividades são os mais diversos, mas, entre outros temas, o do privilégio da proximidade de sua atividade laboral em relação à sua prática de lazer ou esporte divide lugar com os temas do contato com a *natureza*, do trabalho diretamente com pessoas e da satisfação de proporcionar a elas um momento agradável, saudável e, por vezes, onírico. Mais uma vez, D. E. empresta seu ponto de vista para a explicitação desta questão:

É importante atuar em uma empresa que tem relação com o meio ambiente, além de ter consciência e passar isso pras pessoas. E o turismo de Brotas começou justamente por causa da questão ambiental. Todo atleta e condutor de aventura tem uma cultura ambiental legal. Quem vive disso, sem excluir ninguém, do condutor ao empresário tem paixão pela natureza. Seja a pessoa que tem um curso superior ou que só tem primeiro grau, isso é o que se tem em comum, e é o que nos move a continuar trabalhando com isso, porque não é a questão financeira. Não tá dando dinheiro assim pra ser a questão financeira. É essa coisa meio mágica mesmo do trabalho com a natureza. Você nunca vai ver essas pessoas jogando lixo no chão, cortando árvore onde não pode. E Brotas é o grande exemplo disso [também conta a história do curtume]. Foi passando realmente de um pro outro. E eu adoro ver meus filhos brincando de pé descalço, eu prefiro levar eles pra um ecoparque do que pra um parque de diversão tipo *playcenter*. E além disso, tem muitas outras coisas envolvidas, como saber trabalhar com pessoas. A importância de você estar lidando com o sonho de alguém. As pessoas não vêm pra cá só descer um rio, mas pra se sentir um super atleta. Pra se livrar do estresse, mas também pra parecer um herói na frente do filho. E o próprio condutor é visto e colocado como um herói. Aquele que faz parte da história da vida dessas pessoas, em um momento que marca. Então, é como se você pegasse uma pessoa que nunca viu uma bola na vida e colocasse ela pra marcar o pênalti de uma final de campeonato e ela fizesse o gol. Mas, mais ainda que isso, numa arena em que ela pudesse não sair viva. Você leva a pessoa a ter emoções que ela não poderia ter sozinha. Isso é ser condutor de aventura.

Entretanto, na convivência mais detida com meus interlocutores, as narrativas mais romantizadas deram lugar àquelas menos glamurosas e às condições materiais de uma *aventura* precária. Dificuldades recorrentes apareceram como constitutivas na vida de um *condutor de turismo de aventura*. Assim como relata M. L., jardineira e *condutora de turismo de aventura* usualmente em *trilhas, arborismo e tirolesa*:

Eu sou de Goiás, morei no distrito federal, no mato grosso, mas aí eu estava trabalhando com coisas que não deram certo. Aí eu tive a oportunidade de fazer dois cursos de condutor no Mato Grosso, já segundo as normas da ABNT, ou seja, isso é a profissionalização do turismo para os guias. E eu ouvia falar muito de Brotas, que aqui o turismo era profissional e eu vim. No primeiro e segundo dia eu dormi no banheiro da rodoviária. Aí depois eu conheci o pessoal da agência e me deixaram ficar no barracão de equipamentos, aí fiquei um mês lá e depois eu fui embora de

volta pra Goiás. Aí eu voltei de novo e dormi na rua outra vez, mas dessa vez eu continuei procurando emprego, perguntar, pedir, receber um não, um talvez, e na terceira semana eu já estava de carteira assinada. Mas fora do turismo, né, que no turismo não assina não. Então, eu sou jardineira durante a semana e condutora de aventura nos finais de semana, porque eu amo mesmo. Porque não dá pra pagar todas as contas só com turismo... Tem quem consegue, mas tem que se acabar de trabalhar tem que saber guiar quase todas as atividades e isso quando aparece a oportunidade de trabalhar todo dia, porque aqui a escala roda, né? E por causa da baixa temporada fica sempre ruim. É mais fácil se sustentar de turismo quando é sozinho, eu acho, mas eu tenho duas filhas. Só que eu amo a natureza, eu amo o contato com a natureza, eu amo fazer trilha, fazer rapel, fazer arborismo, acho que às vezes eu fico mais deslumbrada que o cliente.

Os *condutores* relatam que além da baixa remuneração e informalidade de sua atividade, as *agências* ao oferecerem os cursos de formação criavam relações de dependência e expectativa de fidelidade que beiravam à gratidão e subserviência, tamanha era a fragilidade das condições de trabalho. Para tentar minimizar os efeitos da dependência ante as *agências* foi idealizada a Associação Brotense de Condutores de Turismo (ABCT). A ABCT ficaria incumbida das tarefas de treinamento e manutenção na formação dos *condutores* e as *agências* contratariam os serviços da associação. Dessa forma, equacionariam melhor e tornariam mais impessoalizada a tarefa de arregimentação dos *condutores* e a administração da escala de trabalho, bem como cumpriria estipular uma espécie de piso do serviço prestado, evitando os constrangimentos impostos pelas *agências*.

Todavia, o projeto da associação não se desenvolveu a contento e, atualmente, atua junto à prefeitura, sem a autonomia inicialmente pretendida. Nos anos de 2010 e 2011, a associação auxiliou a prefeitura na realização do I e II Seminário Técnico em Condução de Aventura, que ocorreu na semana do *dia do condutor de aventura*,⁸⁸ para *condutores* atuantes e residentes em Brotas, com o objetivo de atualizá-los em relação aos novos protocolos e exigências para a atuação em *aventura* e prepará-los para a *alta temporada*. Assim como narra A. S.:

Quando foi criada a associação, pelo que eu sei, foi ideia do Buza, né, o Lázaro, aquele mais velhinho da EcoAção. E muitos abraçaram a intenção que era ter uma central de guias. Pra todas as agências que precisassem de guia ligar lá e a central mandar o guia. Pra agência não poder escolher, não fazer desfeita pra um, privilegiar o outro. E pra todos poderem descer pra mais de uma agência, porque às vezes a gente não tá na escala daquela agência naquele dia, vai ficar sem ganhar, mas ela também não quer que nós desça pro concorrente dela, entendeu? Mas, aí ficou meio assim, porque tem instrutores que não gostam de uma agência, tem birra com outro condutor que é coordenador de outra e acho que foi por esse ponto que não funcionou.

⁸⁸ Dia 26 de Novembro.

Carnicelli Filho (2006) analisa as condições de trabalho no *rafting* e afirma que assim como a de outros profissionais do lazer, os *rafteiros* optam por tarefas nas quais aliam o prazer decorrente da vivência destas atividades à remuneração. Embora esta seja a primeira impressão, assim como a formulei em termos opostos à teoria de Elias & Dunning (1985) sobre o lazer, a visão do autor é um tanto superficial e idealizada. Para aqueles que tomam a *condução* como um emprego de juventude, que têm projetos e condições de implementá-los a proposta do autor parece adequada, mas para aqueles oriundos das classes “baixas” o sentido pode ser outro, daí almejarem o fortalecimento de uma categoria profissional com a referida associação.

A *aventura*, tal como é representada em Brotas pelos *condutores*, é muitas vezes referida como prazerosa. Mas aqui cabe ressaltar a importância de confrontar as narrativas com as práticas para uma compreensão mais abrangente do objeto de estudo. Se, por um lado, o enfrentamento do risco é tido como divertimento, por outro lado, quando a *aventura* é problematizada enquanto trabalho suas exigências podem ser vistas pelos *condutores* como uma demanda desgastante: “Às vezes eu nem durmo em dia anterior ao *canionismo*, é muita responsabilidade trabalhar com a vida das pessoas, é gratificante pelo que elas sentem, mas elas não fazem ideia da tensão que a gente passa.”

Esse dado corrobora com aquele de Carnicelli Filho (2006), quando afirma que o sentimento de responsabilizar-se pelo *cliente* é tensionado ainda mais pela forma como se converte em comprometimento com a *agência* empregadora: “além de vivenciarem por si mesmos as fortes emoções de uma atividade de aventura, devem zelar pela segurança dos clientes das agências e garantir que esta seja uma atividade agradável, segura e prazerosa, para que eles voltem a procurar aquela respectiva agência.” (p. 254) Porém, o autor não avança na análise de tal aspecto.

Para colaborar com tal discussão é importante, então, relatar que presenciei situações eventuais nas quais os *condutores* eram persuadidos a aceitar *clientes* que estavam acima do peso ou abaixo da altura permitidos, a operar com um grupo maior que o recomendado em determinada atividade, a iniciar a operação em horário não adequado, com o nível do rio muito alto e até a participar de atividades que não se sentem preparados para *operar* na falta de outro *condutor* mais experiente. Estas situações aconteciam tanto por imposição direta dos donos das *agências*, no sentido de não perder *clientes* ou de agradar a um amigo ou parente, bem como por influência do *coordenador da atividade*, por não querer comunicar ao *proprietário da agência* que cometeu um erro de escala ou que não dispõe de funcionário apto para determinada operação. Estas situações são mais tensas nas atividades em que há

exposição a ambientes naturais mais desafiadores e que são consideradas mais complexas, portanto, mais arriscadas como o *canionismo* e o *rafting*.

Certa vez, quando esperava para acompanhar um *canionismo*, ouvi uma conversa entre um *condutor* e o *coordenador da atividade* em que o primeiro dizia pensar que a atividade para a qual foi recrutado se tratava de uma *tiroleza* e que ele não se sentia confortável para fazer um *canionismo*. O *coordenador* argumentou, por sua vez, que ele só faria a *segurança*⁸⁹ e que tal procedimento consistia numa ação “muito simples,” e que como ele mesmo o havia treinado, sabia que ele era capaz. Ele pediu pra que o *coordenador* escolhesse outra pessoa, que foi até a recepção e fez algumas ligações, mas ninguém estava disponível. Relutando muito, o *condutor* acompanhou a equipe até a *base de operação*, mas se trancou em um pequeno cômodo dentro do barracão de equipamentos dizendo estar muito nervoso. A equipe de *condutores*, do outro lado da porta, tentava assegurá-lo de que ele era capaz de fazer a assistência, porém, resistente e contrariado, saiu e seguiu para longe com as mãos na cabeça. Nesse momento, uma *condutora*, que voltava com um grupo que havia realizado uma *trilha*, ouviu os apelos do *coordenador da atividade* para que substituísse o *condutor* e, pega de surpresa, respondeu que tinha outro compromisso. Por fim, diante da insistência do pedido, que vinha, inclusive das outras pessoas da equipe, acabou aceitando a tarefa. Nessa atividade um *cliente* deixou que sua jaqueta se aproximasse do freio e ficou preso no meio da descida. O *coordenador da atividade* teve que resgatá-lo.

Os proprietários de algumas *agências*, por sua vez, relacionam estas situações de coação às dificuldades do empreendedorismo, que julgam ser custoso no Brasil. Entre as dificuldades mencionadas, aliás, queixa comum entre empregadores, aparecem os custos trabalhistas, a impossibilidade de manutenção de funcionários registrados e as oscilações da economia e suas sazonalidades, bem como a dita concorrência considerada “desleal” por parte de outras *agências* que ofereceriam o serviço turístico por um preço muito inferior, já que não investem da mesma forma em formação de *condutores* e na qualidade dos equipamentos.

Outra queixa que recai diretamente sobre os *condutores* fragilizados por essa situação de instabilidade é de ordem ética. Os proprietários e administradores de *agências* criticam sua suposta falta de comprometimento e evasão constante. Esta conduta é naturalizada muitas vezes sob a égide do *espírito aventureiro*. Certo dia, ao procurar por um dos *coordenadores da agência* onde convivia, ouvi da recepcionista:

⁸⁹ *Fazer a segurança* significa monitorar do chão a velocidade da descida do cliente pelo rapel com sua corda acoplada ao equipamento do *condutor* e passando por um freio em mãos. No *canionismo*, além daquele que faz a segurança é preciso haver aquele que faz a ancoragem, ou seja, que através de nós posiciona a corda no topo da cachoeira e acopla o cliente à essa corda posicionando-o para a descida.

Ele não trabalha mais aqui não. [E você sabe onde eu posso encontrá-lo?] Ih minha filha, eles tem espírito aventureiro. Eles não param não. Trabalha um pouco vai viajar. Ele estava na Argentina semana passada, agora estava aí, mas não sei se já foi embora de novo e nem pra onde...

O *espírito aventureiro* é, portanto, a categoria nativa para coragem, desapego, vontade de viajar, mas também aquela que explica tudo aquilo em *aventura* que não pode ser esmiuçado ou aquilo de que não se conhece a causa. Entretanto, quando perguntados sobre o porque da circulação, os *condutores* referem também descontentamento com as condições de trabalho, tais como a remuneração e as relações hierárquicas. Estas narrativas frequentes que ouvi em Brotas no período da pesquisa não corroboram para a afirmação de Carnicelli Filho (2005) sobre os trabalhadores de *rafting*, que afirma que mesmo com a ansiedade e tensão inerentes à sua tarefa, os guias de *rafting* se mostram alegres e confiantes nos momentos que antecedem as atividades, sugerindo que a atividade, por ser de *aventura*, não se tornaria monótona com o passar do tempo.

Ora, se o próprio autor identificou que os *condutores* responsabilizam-se por proporcionar prazer aos clientes, parecer sempre alegre, sereno e controlador de todos os riscos pode ser uma autoimposição, recurso para a execução satisfatória do trabalho ou, como relatei, exigência dos proprietários das *agências* que os querem sempre solícitos e dispostos diante dos turistas. Catre e Cloke (2007), em sua análise sobre Queenstown, considerada por muitos a capital neozelandesa da *aventura*, sinalizam para um processo semelhante ao descrito para o caso de Brotas:

The ideals of adventure are further inscribed at the level of the sites at which adventure activity takes place. Fundamental to this process is the presence of guides, who are the gatekeepers for the negotiation of these experiences. The participants have an expected idea of the person who will lead them through the activity – typically active, outdoorsy, knowledgeable and larger than life, acting as the exemplars of the bodily habitus expected of and desired by tourists’ (Cragg, 1997:115). This image is enhanced by the company advertising; in one of the most blatant examples we found, an advertisement for a jetboat ride markets the company’s driver as being ‘personality plus’, clearly referring to their distinctive characters, enhanced by company dress. Evidence suggests that adventure operators seek to employ individuals who conform to a particular kind of look that corresponds to tourist’s expectations. In addition, these guides undoubtedly enhance the desire to ‘look good’ during the practice of the activity (p.15).

Ademais, mesmo sem considerar os relatos realizados em conversas com os diferentes *condutores* com quem convivi, pude participar de momentos de pouca descontração, onde o tédio e o descontentamento, mesmo diante dos *clientes*, davam a tônica da atividade

profissional. Numa das descidas de *rafting* que acompanhei, pude presenciar o descontentamento de um *condutor* que, ao seu juízo, considerava os *clientes* daquele momento muito ruins, porque não exibiam coordenação motora necessária para mínima manipulação dos remos e sequer prestavam atenção às suas instruções. Tal desgosto era externado sem meias palavras: “Olha, mas que saco viu, vou fazer força sozinho mesmo, pra chegar logo e acabar essa tortura!”

Esses contratempos que alcançam inclusive os turistas sugerem fortemente que a rotinização da *aventura* na sua forma mais acabada como atividade turística regular faz com que o glamour que por muito tempo sustentou as narrativas em torno dela, principalmente nos *eventos*, ganhem dimensões de uma atividade comum norteadas por relações trabalhistas tensas. As condições pouco ideais de sua execução, enfim, são problematizadas pelos próprios *condutores*:

O pessoal tá cansado. Não tem mais tanta alegria sabe? Não sei se é exaustão do tanto que a gente faz força, tem que carregar e descarregar tudo, todo dia, às vezes três vezes por dia. Dói a coluna, ombro, pulso, hérnia. Ou é pressão que vem de cima. Porque agora tem que fazer papelada pra tudo, contar e recontar tudo, assinar um monte de papel diferente, e não pode esquecer de nenhum, por causa da regulamentação. Ou porque o dinheiro é ruim e a gente vai se decepcionando. O pessoal tá cansado de ter que fazer três descidas por dia com o rio baixo. Porque o cliente não entende, ele acha bom, mas pra gente não dá mais a mesma vontade, o bote vai devagar, fica parando em tudo que é pedra, não dá pra curtir. E aí o trabalho perde a parte de bom que tinha em comparação aos outros trabalhos. E até alguns clientes que já fizeram outros *raftings* em cheia acham meio sem graça e a gente fica meio assim e perde aquela integração boa que pode ter com o cliente. Vira esporte de linha de produção, perde a adrenalina (Fala copiada de meu caderno de campo que tinha sua identificação borrada por um pingo de água do rio Jacaré, provavelmente a anotei ainda no ônibus na volta de uma *descida*, ocasião que provocou outros borrões ao longo do caderno de campo).

Tais relatos contrastam com visões mais idealizadas da prática de *aventura*, tais como as descritas por Souza (2004) em seu estudo de mestrado realizado na área da educação física, mas informado pela psicologia social e os estudos do imaginário. A autora afirma que a solidariedade é a tônica do *rafting*: “Cada pessoa que está no barco procura dar o melhor de si, realizando as manobras [...] conforme manda o instrutor, com a intenção de solucionar o problema de todos, que é o deslizar pelo rio e passar pelas corredeiras com o máximo de segurança, alegria e prazer.” Ela afirma ainda que o mais solidário dentro dessa atividade esportiva é o *guia*.

Do meu ponto de vista, o que os *guias* estão fazendo é trabalho e não solidariedade. Proferem comentários sobre *clientes preguiçosos, desengonçados, frescos* ou *fracos* que a autora parece ignorar. A partir dos dados deste estudo, não se pode afirmar que, como quer a

autora “Os discursos dos praticantes de *rafting* mostram que todo o esforço empregado durante a descida é compensado com muita alegria e diversão” (p. 119). Nem sempre.

A autora afirma que o *rafting* tem por característica a intencionalidade zero, a não ser a conquista do prazer momentâneo, mas não foi isso que percebi entre os *rafteiros* de Brotas que referem como uma de suas maiores motivações para a adesão ao *rafting* o encontro de um emprego e a intenção de se introduzir no *rafting* competitivo. Quando o cotidiano e o trabalho consistem em deslizar corredeiras, como no contexto da *aventura* em Brotas, o prazer está mais concentrado no trocar de rio ou na *alta temporada*. Assim como o *rafting* no rio Isère, em Savoie, na França, embora oferecido no modelo de cursos, a repetição pode ser percebida em Brotas como monotonia, principalmente na *baixa temporada*:

The craft and the whitewater groups of one company will thus always enter the river at the same place, navigate along the same trajectories (in the vein), stop at the same sites, and land in the same way. This very strict “shaping” of whitewater commercial products may be considered as a veritable standardization of the activity. However, this spatial restriction in the activities of the instructors does not come from ignorance of what the river has to offer: asked about the stopping points used by the other companies. If this standardization is systematically operated, it is because it offers many advantages. It allows for the anticipation of technical difficulties and a sufficient amount of time for the necessary maneuvers to be completed by inexperienced clients. It always uses the same locations that are recognized permanently, which is important in a milieu where diverse submerged objects, regularly transported by the river, may be dangerous in navigation. It also tacitly distributes the clients and prevents the overcrowding of certain stopping points (Mounet e Chifflet, 2003: 275-276).

Outra questão ou preocupação bastante recente para os *condutores de aventura*, na medida em que o próprio campo da *aventura* é novo, e visto que a primeira geração de *condutores* está chegando à faixa dos trinta aos quarenta anos de idade, é a aposentadoria e sua relação com os referidos cansaço e desgaste do corpo. Arrisco-me a dizer que a carreira do *condutor*, assim como, de modo geral, a dos atletas de alto rendimento, é abreviada se comparada a outras profissões e que sua recolocação no mercado da *aventura* é difícil. Segundo Lucas Silva, o Coré, *condutor de rafting*, *coordenador de águas brancas*, criador, capitão e técnico da equipe Bozo D’água, além de instrutor da escolinha de *rafting* da Associação Brotense de Esportes Aquáticos:

Eu acho que só dá pra guiar no máximo até cinquenta anos, que é a idade que o condutor mais velho que a gente conhece aqui têm. Mas, isso sem competir, porque se competir aí já dá bem menos, porque no meu caso além de trabalhar eu compito, e já estou cheio de lesão, acho que só aguento mais dez anos. Todo mundo que compete tem lesão, lesão cervical, lombar e torácica, ombro. E só vi aposentar por idade ou invalidez aqui. Só tem dois que pagam autônomo.

Os *profissionais da aventura* vêm percebendo algo que já é senso comum no pugilismo (Wacquant, 2002), que para além da boia, do remo, da corda e do bote, o corpo é seu principal instrumento de trabalho. É preciso usá-lo sem levá-lo à exaustão porque, no final das contas, são anos investidos na aquisição de, para usar mais uma expressão bourdiana, um capital-corpo que é dificilmente convertido em outro tipo de capital.

Carnicelli e Schwartz (2005), por sua vez, se questionavam pertinentemente sobre a outra ponta da linha cronológica. Referiam que jovens com menos de 18 anos eram frequentemente recrutados para o trabalho. Verifiquei que atualmente há uma maior preocupação com esta questão, mas é possível que os menores de idade, principalmente aqueles mais altos e fortes, sejam incorporados como *assistentes*, *aprendizes* ou *estagiários* nas *operações*. Entretanto, como em toda circunstância, há exceções e épocas em que eles podem atuar eventualmente como *condutores*. A maioria dos *condutores* de Brotas fala sobre o trabalho muito precoce na *condução*, consequência de sua prática de *boiacross* por lazer. Como nos conta A.S.:

Eu fazia boia, descia por descer, né? Aí o cara da Vaca Náutica falou: - Já que você tá descendo por descer mesmo, já sabe descer, desce trabalhando, leva umas pessoas com você, que você me ajuda e desce ganhando. Aí eu comecei, e era pivetinho ainda e olhava bastante os caras mais velhos fazendo *rafting*. Aí eu cresci um pouco e também quis fazer e fui vendo que o *rafting* dava mais dinheiro. Aí eu fiquei só no *rafting*. Aí, me chamaram pra minha primeira competição com a Equipe El Nino, da Vaca Náutica, e eu fui pra conhecer. Eu tinha acho que uns quatorze anos, da minha equipe eu era o mais novo, mas eu fui e já gostei. Aí comecei a trabalhar, competir, mas nada muito sério. Aí depois eu saí da Vaca Náutica e fui pra Brotas Aventura, que era a agência com quem a Canoar tinha parceria e atuava. Então, eu conheci caras que competiam bem mais sério, bem mais forte do Brasil, que eram da equipe Canoar Master. Eles já tinham ido pro mundial e todos os dias eu ficava olhando fotos dos caras. Aí eu também quis aquilo pra mim. Antes essa coisa de idade era mais misturada. Antes não era um problema trabalhar sendo menor de idade. Mas depois de um tempo, 2002 ou 2003, já tinha que ser maior pra descer com cliente ou acima de dezesseis ou emancipado. Porque começou a ter muita procura, o *rafting* começou a ficar muito exposto e teve que ser mais organizado. E tinha muita criança fazendo. E aí os donos de agência começaram a pensar, vai que acontece alguma coisa, né? Quem vai ser responsabilizado? Vamos andar no caminho certo, ter regras. E os condutores mais velhos já decidiam meio que assim: se o rio tá muito cheio, não dá pros mais novos descerem e depois eles decidiram não descer com cliente nenhum mesmo.

Neste sentido, Carnicelli (2005) se referia à falta de entidades responsáveis que regulassem estas situações e garantissem melhores condições de trabalho, remuneração e oportunidades para os funcionários do *rafting*. E considerando as informações oferecidas nos cursos, insuficientes para lidar com todos os acidentes e imprevistos possíveis, os autores

estranhavam que não houvesse um órgão institucional competente no sentido de garantir a adequação dos cursos oferecidos pelas *agências*. Como não consegui realizar os cursos, não posso discutir sobre esse ponto, apenas lembrar que, atualmente, como já se viu, é a ABETA que assume este papel. O que não significa que esta fluidez da idade no exercício da profissão tenha deixado de existir.

O momento que ainda se observa, portanto, é o de uma espécie de proletarização da *aventura*. Não obstante, observam-se egressos das classes trabalhadoras tendo acesso à *aventura* na medida em que se precisou de mão de obra para explorar a *aventura* como turismo e aquecer o mercado do entretenimento voltado para a *natureza*.

A profissionalização no âmbito da *condução de aventura* abriu um caminho, ainda que nas franjas de um processo tido como precário no setor de serviços, que acabou viabilizando a prática como lazer e/ou esporte competitivo por frações das classes menos favorecidas, alternativas dentro do campo da *aventura*, arranjos criativos que muitas vezes permitem a esses *condutores profissionais* se tornarem *aventureiros* para além de Brotas e participarem na composição de uma ideia mais geral sobre *aventura* no Brasil e no mundo.

4.1 A boia, o remo e a corda

Antes de continuar é importante explicitar o porque do formato deste tópico. Quando cheguei na cidade de Brotas, descobri que ela estava em *baixa temporada*, quando os *condutores* só são acionados, de acordo com uma escala de trabalho, quando há agendamento e/ou compra de atividades. Como apresentado na introdução deste estudo, minha inserção prática na *aventura* brotense se deu, em parte, através das dinâmicas de formação de *condutores*. Apreender a linguagem de trabalho dos *condutores* me levou a manejar também uma linguagem instrumental, que fala de *clientes* e *condutores* em *operações* e de seus protocolos. Essa linguagem não se refere a determinada pessoa, mas a situações estatísticas e hipotéticas e a padrões de conduta designados para lidar com elas. Por este motivo, a escrita desse tópico assume a forma de um manual, ou seja, forma como as informações técnicas foram adquiridas na experiência direta da antropóloga. Voltemos à descrição, então, neste tom.

Se um *condutor* trabalha tanto com *vertical* quanto com *águas brancas*, quando fala de sua profissão, ele se autodenomina *condutor de turismo de aventura*. Quando ele trabalha exclusivamente com um tipo de atividade, ou com uma atividade específica, ele pode se

autodenominar *condutor de vertical* ou *condutor de rafting*, por exemplo. Estes dois tipos de *condutores* podem ser identificados também por seus instrumentos e vestimentas.

Os *condutores de vertical* são identificados, além do capacete, pelo uso das cadeirinhas, espécie de cinto que, além da cintura, envolve também as coxas do usuário, permitindo pendurar-se em uma corda através de uma alça frontal e permanecer na posição, como se estivesse sentado em uma cadeira. Além da alça frontal há neste cinto alças laterais que permitem transportar mosquetões, freios, pequenas cordas de espessuras, cores e comprimentos diferentes, entre outros equipamentos.

Além destes equipamentos, o *operador de vertical* precisa fazer uso de cordas de dezenas de metros. No caso de Brotas, as cordas são vistas sendo transportadas nas costas, braços e mochilas nas bases de operação. Além de carregadas, elas são objeto de cuidado já que têm vida útil comprometida por seu estado de conservação. O tempo todo se fala sobre a importância da conservação da corda, afinal, possui uma capa, parte externa, e uma alma, parte interna, (metáforas próprias do campo e incorporadas como terminologia oficial⁹⁰) formadas por fios trançados. Há uma forma certa de enrolar a corda para guardá-la, portanto, que não aplica tração em seus fios. Não se deve pisar na corda para não forçar areia e pequenas pedras em seu interior que podem romper os fios da alma e é, por isso, também que é importante lavá-la antes de guardar. Também não é recomendado deixar que a corda fique em contato direto com a rocha enquanto tracionada para que o atrito repetitivo não leve à ruptura de sua capa.

Há dois tipos de cordas: a estática e a dinâmica. A dinâmica é mais utilizada em *escalada*, modalidade em que há maior frequência de quedas e que não é tão presente em Brotas. No *canionismo*, utiliza-se a corda estática, já que quedas não são esperadas, apenas o deslizar, pela corda com ajuda de um freio, equipamento atrelado à cadeirinha, movimento chamado rapel, ou ação de *rapelar*. A diferença crucial é que a *escalada* é considerada uma técnica de ascensão e o *rapel*, que seria a forma de voltar de uma escalada, mas ação principal no canionismo, é considerado uma técnica de descida.

Em Brotas, os *clientes* treinam o *rapel* simples em uma plataforma seca, para depois serem levados à cachoeira. E com eles é utilizado o chamado auto-seguro (duas pontas de corda de aproximadamente um metro de comprimento com um mosquetão em cada ponta afixadas na alça central da cadeirinha). Isto porque o que garante que um *cliente* que

⁹⁰ Uma antropologia dos objetos poderia calhar também nesse campo onde as cordas têm *alma* e são *linhas de vida*, mas este seria empreendimento para toda uma nova pesquisa. Reservo a discussão sobre agência, então, para o momento em que discuto a relação com o rio, no último capítulo.

escorrega na beira da cachoeira não seja levado pela correnteza é a chamada *linha de vida*, um cabo fixado na rocha de forma a manter os *clientes* no topo da cachoeira, no qual se acopla um dos mosquetões da *cadeirinha*. Para passar de uma *linha de vida* a outra só se abre o mosquetão da *linha* de origem quando o outro estiver devidamente travado na próxima *linha de vida*. Assim, um *cliente* se aproxima da cabeceira da cachoeira junto do *coordenador da atividade* que é aquele responsável por confeccionar os nós que atrelam o freio do *cliente* à corda e, antes disso, aquele que instala a corda em que se vai deslizar até a base da cachoeira, a chamada *ancoragem*. Em *bases de operação de turismo de aventura* ou cachoeiras muito visitadas por esportistas fixa-se com furadeira, assim como na escalada, as chamadas chapeletas ou grampões que ficam permanentemente disponíveis à aplicação de uma *ancoragem*. Se não se dispõe ou concorda com este recurso da *ancoragem* em pedras, a ancoragem provisória em árvores ou determinadas formações de pedra que propiciam o entalamento, de equipamentos desenhados com esse fim, são procuradas. Assim como explica, mais uma vez A. R.:

Alguns canionistas esportivos não concordam com o uso de chapeletas porque isso já é uma degradação, você muda a rocha, ela não fica como você encontrou, então eles fazem um trabalho com as possibilidades do rio, mas quando você não tem uma alça por onde passar a corda ela só é utilizável em uma direção, ou seja, não há *back up*, porque depois você precisa conseguir soltar ela lá de baixo. Quando é uma exploração todos estão descendo pelo cânion juntos, não se pode deixar uma corda pra trás, primeiro porque vira lixo e segundo porque você pode precisar dela num próximo momento não há quem volte pra recolher, então várias combinações de nós e outros equipamentos são pensados pra conseguir auxiliar nisso... mas sempre vai ter alguém que tem que se arriscar mais que os outros pra tornar possível.

Para fazer uma *ancoragem* em uma *operação com turistas* é comumente utilizado o *sistema de ancoragem* em pontos fixos na pedra e o sistema de aplicação de nós chamado de *redundância* ou *backup*, basicamente descrito como segue: “Se você está preso por um ponto, você não está preso por nenhum, se você está preso por dois pontos, você está preso por um, se você está preso por três pontos você está preso por dois.” Ou seja, com os *clientes* é comum fazer mais de uma *ancoragem* no caso de alguma se soltar por erros na confecção do nó, fratura da rocha ou qualquer outra eventualidade.

O *cliente* é responsável por segurar sua corda que está colocada para correr dentro do freio com a mão que tem mais habilidade e atrás do tronco, deixando-a deslizar dentro da mão ele se permite ser direcionado para baixo, assim como foi ensinado pelo *condutor*. Mas, se ele soltar a corda rápido demais ou se soltar completamente a corda haverá alguém *fazendo a segurança*, como rapidamente apresentado anteriormente. Este *condutor de vertical* que dá

segurança é chamado de *assistente*. Ele fica atrelado à extremidade da corda que chega ao chão de maneira que também é capaz de freá-la, no caso de uma falha do *cliente*. Ele deve observar a descida de todos com cuidado e também os sinais do *coordenador da atividade*. Há um sistema de comunicação por gestos amplos designado a estas situações. Usualmente braços afastados, um para cima, outro para baixo ou uma mão tocando a cabeça, são mensagens à quem *faz a segurança*. Devido à distância do topo à base da cachoeira, que pode superar os cinquenta metros em Brotas, e ao barulho da água eles podem chamar a atenção um do outro através de um apito que carregam como equipamento obrigatório de segurança atrelado ao capacete.

A forma de fixar o freio à corda e a corda à superfície da cachoeira, a *ancoragem*, é a administração de nós. Há uma cartela enorme de tipos de nós e de trançados complexos para as mais variadas situações, e compreender seus usos e significados extrapola os propósitos desta dissertação. O que interessa aqui é que os detentores desse saber extremamente complexo são os *condutores de vertical*.

Quando passei a participar da formação em *vertical* ganhei um pedacinho de corda do *coordenador* que me disse que eu deveria treinar e memorizar tantos nós quantos eu pudesse e sempre que passava por mim perguntava quantos nós eu já sabia. Pedia que os mostrasse e depois começava a elaborar diversos problemas para que eu resolvesse: “E se você não tiver uma das pontas da corda disponível como você faria este mesmo nó?”; “E se você tivesse que descer pela corda e não pudesse voltar ao topo da cachoeira para buscá-la, que nó você usaria para correr por ele e depois desfazê-lo lá de baixo?” Eu nunca conseguia responder a essas perguntas, ele acabava demonstrando com enorme facilidade e saía enquanto eu pensava na complexidade daquelas situações hipotéticas, mas muito possíveis para eles.

Se estiverem vestidos com roupas e calçados de tecidos próprios à imersão em água, como a *lycra* ou o neoprene no inverno, chamado também *roupa de borracha*, que têm o objetivo de manter o calor corporal quando em contato com a água e o vento, significa que eles têm um *cachoeirismo* ou *canionismo para fazer*. Se estiverem vestidos com bermuda ou calça de tecido comum significa que vão operar uma *tirolesa* ou *arvorismo*. Não consegui memorizar mais do que três nós, mas por mais admiração que tenha nutrido pelos “trançados da aventura” as circunstâncias já apresentadas acima me levaram a deixar as *bases de operação de vertical* e me aproximar mais dos *condutores de rafting*. Antes de descrever suas atividades cabe falar sobre os acidentes, que também influenciaram em minha decisão de passar a acompanhar apenas o *rafting*.

Acompanhando um *canionismo*, uma vez, uma *cliente* viu uma aranha no paredão de rocha enquanto descia e por medo soltou a corda muito rápido para afastar-se dela. O *condutor* assistente que *fazia a segurança* estava distraído e ao travar a corda abruptamente, quando a cliente chegava muito perto das pedras pontiagudas da base da cachoeira, foi jogado pelo impacto para frente e caiu dentro da água, o que o levou a ficar bastante sem graça. Neste dia fiquei me perguntando se aquele que *dava segurança* não deveria estar atrelado a um ponto fixo.

Há outras duas intercorrências que podem acontecer por falha do *cliente*, caso ele não obedeça a posição correta de descida, com o peso do corpo para trás e as pernas estendidas contra a rocha, de forma a manter o tronco afastado da corda: o cabelo ou a roupa do *cliente* podem se aproximar do freio, e correr junto com a corda para a parte interna do equipamento, travando a descida e causando, no caso do cabelo, desconforto, ou até, caso não seja controlado à tempo, *escalpelamento*. Nestes casos, o *coordenador da atividade* precisará se *clipar* à corda e descer até o encontro do *cliente* para soltar sua roupa ou cabelo do freio, sem soltá-lo da corda, para esta operação outra série complexa de nós é designada. O outro acidente possível mais frequente é aquele que é fatal, quando cheguei em Brotas os interlocutores me disseram que isto aconteceu uma única vez, com uma cliente. Nesse caso os boatos indicavam que a *cliente* soltou a corda e não controlou a velocidade de sua descida e o assistente estava distraído ou o equipamento de segurança falhou, não conseguindo impedir sua queda contra o chão. Mas outra possibilidade de acidente se dá com a administração equivocada ou confecção errada de nós ou *ancoragem*.

Enquanto estive na cidade um dos *condutores de vertical* que conheci, e que também utilizava seus conhecimentos para trabalhar com alpinismo industrial faleceu numa dessas ocasiões, dizem, por sua própria falha. Antes de terminar de revisar esta dissertação outro *condutor*, desta vez em *operação turística* de canionismo em Brotas, também faleceu, aparentemente, por seu próprio erro. As mortes não são esperadas e são muito lamentadas, mas não tive acesso a estas situações que me permitisse melhor problematizá-las. Apenas percebi que há certo reforço dos *condutores de rafting*, quando ocorre uma morte, de que no *rafting* nunca houve uma, embora tenha havido no *bóiacross*. Entretanto, os *condutores de águas brancas* não demoram em esclarecer que estas mortes acontecem em *descidas de bóia* autônomas, não guiadas por eles, frequentemente associadas à embriaguês e à entrada em um trecho inadequado do rio, quando ele está muito *cheio*. O *bóiacross* oferecido aos turistas, por sua vez, é considerado uma atividade simples e segura e por isso é *conduzida* por

profissionais menos experientes, já que aqueles que chegam a *conduzir* bem o *rafting* serão sempre solicitados para esta atividade mais complexa. Voltemos, então, ao *rafting*.

Os *condutores de bóiacross* são identificados pelo uso do capacete, do colete salva-vidas e de roupas e calçados com tecidos próprios ao contato com a água, seja o neoprene, a lycra ou os sapatos anfíbios de tipo *Crocs* ou, então, botas de solado emborrachado. Os *condutores de rafting* também, apenas se diferenciam deles por portarem um remo em vez de uma bóia.

Mas, seja quais forem as atividades elas se dão nas chamadas *bases de operação*. Estruturas de recepção, vestiários e armazenagem de equipamentos em sítios de propriedade das *agências de turismo* ou ainda em fazendas, não de propriedade das *agências*, com as quais se estabelece algum acordo. Em algumas delas são oferecidas mais de uma atividade, por exemplo, é possível ter o *circuito de arvorismo*, a *parede de escalada*, a *plataforma de rapel*, e o ponto de saída do *boiacross* e do *rafting* para crianças todos em uma mesma *base de operação*. Ou, então, *canionismo*, *trilhas*, *caiaques*, *cavalgada* e *circuito de tirolesas*. Isto facilita a dinâmica de *clientes* em grupo que queiram fazer atividades diferentes ou mais de uma atividade no mesmo dia.

Facilita também a *operação* na medida em que se pode fixar alguma preparação permanente para cada atividade, como, por exemplo, os grampões fixos para a *ancoragem* das cordas do *canionismo*, ou os cabos de aço e plataformas por onde passam as *tirolesas*.

Os *clientes* destas atividades podem ser encontrados pelos seus *condutores* nas centrais e levados até as bases em carro ou van da *agência*, ou podem dirigir-se diretamente a elas, orientados pelas placas de sinalização instaladas pelas *agências* nas vias públicas e lá passar pelo trabalho de recepção e se encontrar com os *condutores das atividades*. Os *condutores*, na *alta temporada*, se dirigem às suas *bases de operação* afastadas do centro da cidade em carros da *agência* pela manhã e lá permanecem retornando ao final da tarde, após a última atividade, com exceção do *rafting*, como se verá a seguir. Na *baixa*, são acionados em número mínimo e levados até lá apenas quando há compra e agendamento de determinada atividade.

As *agências turísticas* procuram configurar cada atividade de *aventura* enquanto produto: com um tempo de duração e roteiro definido e aluguel dos equipamentos de segurança e seguro de vida inclusos no preço para atender as demandas daqueles que se interessaram por seus serviços.

Apesar de toda a variedade de atividades e experiências de *aventura* oferecidas na cidade, o *boiacross* parece ser o clássico. O *canionismo* e o *rafting*, entretanto, são

considerados o “ponto alto” de cada tipo de *aventura*. Custavam em média R\$85,00 por pessoa e duravam em torno de três a quatro horas, praticamente um período do dia, cada.

Mas apesar de haver *agências* especializadas apenas em *técnicas verticais*, se ouve com frequência que o *rafting* é, no presente, o “carro chefe” do *turismo de aventura*. Para compreender este aspecto da *aventura* em Brotas é importante reforçar que o rio Jacaré Pepira, no trecho que corta o município, é um dos poucos rios de corredeira brasileiros em que é possível *operar*, como eles dizem, ou *descer*, na época da *baixa de chuvas*, quando o volume de água é menor e as pedras ficam mais expostas.

A ideia central do *rafting*, portanto, é *descer um rio*, ou seja, acompanhar seu curso da nascente para a foz, fluir com sua correnteza. E isto é feito em acordo com o nível de dificuldade de cada rio.

Os níveis são atribuídos a cada corredeira e também podem ser chamados de classe. O nível geral de um rio comumente se refere a sua corredeira de nível mais alto, isto somado ao volume de água do dia. Os rios são avaliados em seis níveis de dificuldade: nível I: água corrente com pequenas ondas. Pouca ou nenhuma obstrução; nível II: corredeiras fáceis com ondas de até 1 metro, altas e largas. Passagens claras e óbvias mesmo sem reconhecimento por terra. Algumas manobras básicas são necessárias; nível III: Corredeiras com ondas altas e irregulares. Passagens estreitas que podem requerer manobras complexas. Pode ser necessário *reconhecimento*⁹¹ pela margem; nível IV: Corredeiras longas e difíceis com passagens estreitas que, em geral, requerem manobras precisas em águas muito turbulentas. Um reconhecimento pela margem é geralmente necessário e as condições de resgate podem ser difíceis; nível V: Corredeiras extremamente difíceis, longas e muito violentas. Passagens de difícil identificação. Reconhecimento mais que necessário pela margem e montagem de esquema de segurança; nível VI: Dificuldade do grau V levada ao extremo da navegabilidade, pelo volume e velocidade da água. Apenas para pessoas altamente experientes, após um estudo cuidadoso com precauções tomadas, tais como um cabo resgate atravessado de uma margem à outra, antes de uma corredeira perigosa, onde aqueles que caírem do bote possam se segurar, por exemplo.⁹²

Trechos de níveis I e II são mais utilizados para as atividades de flutuação (*acquaride* e *boiacross*) em que o corpo está muito próximo, se não com partes em contato direto com o

⁹¹ O reconhecimento pela margem além da observação dos padrões (profundidade, quantidade de pedras, linhas de correnteza e volume de água) das corredeiras pode implicar em soltar um bote vazio em algum trecho por determinadas vezes para avaliar seu comportamento, ou seja, em que direção é levado, se vira, e como ajustar isso às necessidades da equipe através das técnicas disponíveis.

⁹² (Adaptado de: < <http://www.brasilturismo.com/esportesradicais/rafting/>>).

rio, e *rafting* com crianças pequenas. Os níveis II e III são mais utilizados com caiaque e *duck*, embora haja atletas nesta modalidade especializados em transpor grandes corredeiras e até cachoeiras. E no *rafting*, utiliza-se o barco que é mais estável, para transpor esperados níveis a partir de III, IV. É possível operar com turistas, de acordo com diretrizes estabelecidas pela ABETA para o *rafting*, em rios de níveis até IV. Mas, nestes casos, entende-se que a atividade demanda mais experiência e força do *condutor*. Quando o nível é acima de V apenas os profissionais poderiam entrar na água para treinar, navegar um nível nunca antes feito ou se divertir, *fazer um bote de balada*, como se diz em Brotas. Nestes casos, há maior preparação para resgate e, diferentemente de uma operação padrão, é preciso estudar da margem antecipadamente o trecho de rio a ser percorrido. A maioria das corredeiras do trecho de *rafting* comercial do Jacaré, mesmo em baixa, é de nível III e IV, segundo os *rafeiros* locais e o Guia de Águas Brancas Rafting no Brasil (Santana, Strnádoová e Borecká, 2011). Ou seja, é um rio desafiador.

Uma vez que os *condutores de vertical* passam o dia nas *bases de operação* em torno da cidade, o centro é, então, mais ocupado pelos *condutores de rafting* ao longo do dia. Isto acontece porque, devido às peculiaridades dos acordos entre os proprietários das terras que acessam o rio no trecho em que ele é mais interessante para o *rafting*, o chamado Baixo Jacaré, e os proprietários das *agências*, as *bases de operação de rafting* não possuem recepção e apenas veículos da *agência* são autorizados a entrar. Desta forma, dada a grande procura, os *clientes de rafting*, em maior número, são agrupados por horários na recepção central da *agência* e são levados ao rio em ônibus.

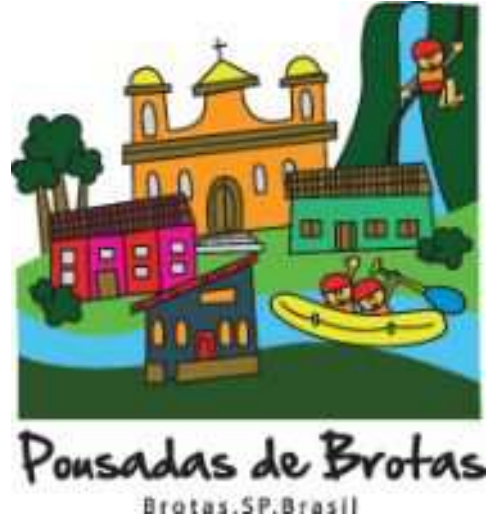
Para viabilizar esta atividade, a partida sempre se dá na unidade central de cada *agência*, onde são passadas as primeiras instruções, tais como: tempo de duração e dinâmica resumida da atividade, usar repelente, usar roupas próprias para o frio no inverno, verificar se sua altura é a mínima permitida para participar da atividade, fazer o pagamento da atividade e preencher o termo de responsabilidade e seguro, alimentar-se e utilizar banheiros antes da partida, entre outras. De lá, os ônibus se dirigem aos locais, usualmente o chamado Sítio do Maurício, onde se pode instruir e treinar os *clientes* em água parada antes de entrar no rio.

A cantoria puxada pelos *condutores* é uma das situações que coloca em operação a categoria alegria, já aludida e que tem muita eficácia sobre os turistas. Claro, enquanto alguns *condutores* cantam, dançam e fazem caretas e outras performances na frente do ônibus, outros podem permanecer sérios e em silêncio no fundo. Mas, assim como nas brincadeiras dentro do rio, como virar o bote propositalmente, jogar água no bote vizinho ou apostar uma corrida

com ele, a alegria é esperada pelos turistas e pela lógica do turismo. Cabe aos *condutores* dançar conforme a música.







4.2 Rafting Sertanejo

Assim como em outros contextos, principalmente atividades profissionais em situações de perigo, estafantes ou que exigem motivação externa, *no rafting* peculiares cantos de trabalho são criados no dia-a-dia da *condução*.

Assim como o futebol historicamente serviu de mote para se representar a vida diária por intermédio do samba, gênero musical hegemônico que por muito tempo melhor traduzia esse esporte no domínio estético musical popular, tal como ocorrera com o tango para o caso argentino (Archetti 2001), o tema da vida feliz porque solta e livre da remada de lazer, mas também a ideia do trabalho-brincadeira e narrativas sobre provações e dificuldades do trabalho com *aventura* frequentemente aparecem adaptadas nas melodias de músicas consagradas pelo gosto popular desta região: o gênero sertanejo, tipo musical que tomou vulto de consumo de massa a partir dos anos 1980 e 1990 no Brasil.

Estou sem namorada
 Estou sem namorada
 E a secura é tão grande
 Estou sem namorada e só penso em
 Remar a todo instante

Quero sair contigo em noite enluarada
 Fazer *rafting* noturno pela madrugada
 E viver a vida com a cara molhada

Uh, remar eu vou
 Uh, uh, uh, uh, uh, uh, uh remar eu vou

Românticos, cômicos ou satíricos, os cantos do *rafting* brotense podem se referir também a outra face da *aventura* já apresentada tópicos antes: a preocupação e responsabilização dos *condutores* com/pela segurança dos *clientes*. O exemplo que permite afirmar isto é a apreensão que perpassa toda e qualquer *descida em rio cheio*.

Quando o rio está *cheio*, o aumento do volume de água e da velocidade da *descida* pode dificultar a realização de manobras precisas e levar o bote a virar. Deixar o bote virar, então, é simultaneamente entendido como um incidente e uma falha do *condutor*. Se isto acontece em um trecho do rio que não oferece perigo, os *clientes* podem retornar ao bote nadando ou com o auxílio do remo do *condutor* sem dificuldade, o evento é considerado corriqueiro.

Entretanto, se isto acontece antes de uma corredeira importante que pode levar os *clientes* a caírem entre pedras e a ficarem presos em correntezas e *refluxos* de água, o

incidente é considerado sério e é preciso fazer uso do equipamento de segurança, chamado *cabo resgate*, da maneira mais rápida possível para evitar que se afastem demasiadamente do bote, que caiam por sobre pedras pontiagudas e quaisquer piores consequências.

Jesus Cristo (3x)
 Eu estava ali
 Olho o primeiro salto e vejo
 O (nome do condutor) que vem descendo
 Olho pra cara dele e o desespero tá aparecendo
 Toda essa multidão com o cabo na mão
 Sem saber o que faz
 Quem poderá dizer o que vai acontecer
 É só você meu pai
 Jesus Cristo (3x)
 (bis)

Apesar dos constantes desabafos nas redes sociais quando em época de rio *cheio*, tais como: “E vem chuva e o psicológico vai indo a milhão,” as letras dos *rafteiros* ilustram também como virar o bote pode ser uma ação intencional como forma de subverter a lógica da *segurança* ou da ousadia na condução, uma brincadeira ou uma consequência da desatenção eventual. As letras relatam como a virada não intencional do bote em um trecho perigoso do rio é recebida pelos idealizadores da *aventura segura*, empregadores ou superiores na hierarquia da *aventura profissional*.

No dia em que eu virei o bote
 O (nome do coordenador) me disse
 (nome do condutor) vem cá
 Passou a mão em minha cabeça
 Roxo que nem beterraba
 Começou a me xingar
 Por onde você for eu vou
 Em seus pensamentos
 Certeza de entrar em minhas orações
 Eu vou pedir a Deus
 Que ilumine os clientes seus

Eu sei que ele é o coordenador
 E como sempre ele tem razão
 Mas não esquece que no primeiro salto
 O meu apelido é (nome do condutor) brincalhão
 Eu sei que um dia ainda vou conseguir
 O primeiro salto quer me contrariar
 Enquanto eu não guiar direito
 No meio da pedra o bote vai virar

As jocosidades do sertanejo do *rafting* eclipsam algo muito presente e que não pode ser confessado no cotidiano, mas que um dos *condutores* mais jovens postou em seu perfil de

uma rede social: “o que eu mais tenho medo... é de começar a ter medo”. E o medo é colocado por eles nos cantos tanto do ponto de vista do próprio *condutor*, como também do ponto de vista do *cliente*.

Como um louco
O (nome do condutor) desceu remando que nem louco
Como um louco
Repleto de fratura e de torção

Entrei numa fria
Quando o (nome do coordenador) indicou
O (nome do condutor) para ser meu guia
Os meus olhos se encheram de lágrimas
Pois virar eu já sabia
Eu não sei o que eu to fazendo aqui
Ai, ai, ai, ai

Socorro!
É o (nome do condutor) que está guiando
Se bobear ele tá virando
Por favor não me deixe só

Ai, ai, ai, ai
Socorro!
É o (nome do condutor) que está guiando
Não vá embora estou pagando
Por favor não me deixe só

A *virada do bote* em um local tranquilo quando o rio está baixo, pode ser uma brincadeira, um recurso do *condutor* para surpreender os leigos e gerar a *emoção* que o rio não está proporcionando. Entretanto, tanto em situações de competição como de descida com *clientes* quando o rio está *cheio*, ela pode equivaler ao pior cenário esperado, principalmente se ocorre em um trecho do rio que dispõe de muitas pedras pontiagudas e corredeiras altas em sequência.

No caso do *rafting* competitivo não só as lesões e a morte são temidas quando se cai do bote, mas a perda certa da prova, já que desvirá-lo leva tempo, e ter toda a equipe dentro dele é imprescindível para a pontuação ao cruzar a linha de chegada. Nesses casos, muitas vezes a habilidade de se manter no bote equilibrado é comparada à habilidade do peão que monta touros, isso porque na posição de *condução* e *competição*, como se verá a seguir, o *rafteiro* precisa estar sentado na lateral do bote para gerar o torque necessário às manobras com o remo, o que o leva a estar, quanto mais difícil a *condução*, mais inclinado para fora do bote, relegando às pernas e abdome a função de manutenção do equilíbrio e permanência na posição. Portanto, brincadeiras que mimetizam a narração dos rodeios, tais como esta retirada de uma rede social de um *rafteiro* que passou uma temporada no sul, são frequentes: “Aoooo

meu povo, seguraaaaa, que hoje é o menino vindo do interior de São Paulo versus o rio das Antas”.

Outra situação que pode ser tão grave quanto a *virada* é quando o bote *enrosca* em uma pedra, ou seja, ele trava com o peso dos tripulantes contra um trecho mais raso e pára. Ao tentar tirá-lo, dependendo do formato da pedra, ele pode *entrar em wrap*. Isso significa que o bote fica preso em uma pedra exposta de forma que a correnteza o encaixe contra ela como se a abraçasse. É possível que uma equipe sozinha não consiga vencer a força da água e liberar seu bote, como alternativa ela pode usar o cabo resgate preso a algo na margem para fazer uma alavanca e puxá-lo em direção diferente à da correnteza. Mas, em competição o *cabo resgate* usado configura desclassificação imediata.

No *rafting* turístico outras duas situações evitadas ao máximo, salvo os momentos de *remanso*, água tranqüila, em que se pode “pregar peças” nos *clientes*, e que são mais freqüentes que a virada do bote são a perda do remo por algum *cliente* e a queda de um ou mais *clientes* do bote. Em qualquer caso, a ética *rafteira* propõe a solidariedade para com qualquer vida no rio e também para o bom andamento das *descidas comerciais*. Diz-se que independente de trabalhar em *agências* diferentes, no rio todos são iguais e devem se ajudar, tanto nos casos mais simples, quanto na feitura de um resgate. Mas em tópicos a seguir se verá que nem sempre a prática corresponde à teoria.

Engraçados e críticos, os cantos dos *rafteiros* retratam não só os valores e as expectativas das rotinas dos *condutores de rafting*, como também entrevêem as disposições técnicas da prática e o *rafting* enquanto saber-fazer. Saber usar o cabo resgate, saber sobreviver à queda do bote, saber que há corredeiras que se deve descer com o barco de frente, de lado ou que podem ser descidas de costas. Em suma, também pode-se ler sobre técnica nos cantos *rafteiros*.

Era de frente
Mas foi de lado
Quando eu olhei
O bote estava virado
(bis)

Assim como Toledo (1996), acredito que estes cantos “traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal.” Que “para além da gratuidade e obviedade [...] devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em versos, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes.”

(Nome do condutor) cra cra
 (Nome do condutor) cra cra
 Não entra aí você não sabe cair
 (Nome do condutor) cre cre
 (Nome do condutor) cre cre
 Não entra aí que o refluxo não dá pé
 (Nome do condutor) cri cri
 (Nome do condutor) cri cri
 Não entra aí que você não sabe sair
 (Nome do condutor) cro cro
 (Nome do condutor) cro cro
 Não entra aí que o refluxo dá nó
 (Nome do condutor) cru cru
 (Nome do condutor) cru cru
 Não entra aí que o refluxuuu
 Vai virar o seu...

(quando os clientes se horrorizam, eles completam a frase com “bote”)

Antes mesmo de entrar nos ônibus, as músicas podem começar a ser cantadas na Avenida Mario Pinotti, a rua que concentra o maior número de *agências*. Equipados, ou seja, vestindo seus equipamentos de segurança e prontos para o trabalho ou treino, *condutores de rafting* de diferentes *agências* ganham a avenida saídos dos barracões de equipamentos de suas respectivas *agências* e dão um colorido peculiar ao espaço público com os tons de seus capacetes, lycras, coletes salva-vidas e remos.

4.3 Frente!, Ré!, Segurou!, Piso!: Rotinas de Condução

Feita a carga, ou seja, após o preparo de todo o equipamento (coletes, capacetes e remos para os clientes, rádio, cabo resgate, água potável e o kit de socorros de urgência) e de empilhado o número suficiente de botes ou outras embarcações nos reboques nos barracões de suas respectivas *agências* - habilidade incrível uma vez que as pilhas de botes podem ser tão altas quanto os próprios ônibus e eles precisam ser capazes de escalá-las e permanecer em seu topo para posicionar as embarcações que são jogadas do chão pelos outros nas posições mais altas, prendendo-as com fitas e cabos ao reboque - os *condutores de rafting* aguardam, na avenida, pelos ônibus que os levarão à atividade.

Conversam entre si, sentam-se ao chão, externam jocosidades ao cantar as aludidas músicas e outras sertanejas enquanto esperam pelos ônibus que os levam até o ponto de partida da atividade, aproximadamente dez quilômetros distante do centro da cidade. Este trecho do rio dispõe de corredeiras condizentes com a expectativa daqueles que pretendem praticar *rafting*. Neste caso, quedas que podem chegar a mais de três metros de altura, ou seja,

aquelas que, por seu tamanho são percebidas como oferecendo algum perigo, em seus termos aquelas que “dão adrenalina,” mas que são transponíveis e possíveis de navegar.

Antes de separar os *clientes* em grupos e destinar cada grupo a um *condutor*, enquanto eles descarregam e enchem os botes com uma bomba de ar e separam o número necessário de remos, coletes e capacetes por bote, o *coordenador da atividade* demonstra aos *clientes* as técnicas de remada, flutuação⁹³, no caso da embarcação ser deixada por acidente ou para se refrescar, e resgate a serem utilizadas, se necessário. Alongamentos são brevemente ministrados pelo *coordenador* e depois cada grupo com seu *condutor* ocupa um bote no açude ao lado do rio para treinar na prática as demonstrações, antes feitas pelo *coordenador*, e em acordo com comandos que serão utilizados pelo seu *condutor*. Neste momento, o *condutor* os incentiva a criar um “grito de guerra” que será usado no rio sempre que um desafio for superado, elevando os remos e tocando suas pás, como em uma comemoração. Segundo os *condutores*, para dar mais *emoção* à descida e motivação aos *clientes*.

Cada *condutor* é responsável por saber direcionar o bote que lhe fora atribuído de maneira a transpor de forma segura as corredeiras. Para tanto, ele posiciona metade dos clientes de cada lado do bote e se utiliza de comandos com os quais orquestrará os turistas em suas ações com este objetivo. Os comandos mais utilizados são: “Frente” (significa remar para frente), “Ré” (remar para trás), - pode ser preciso usar o comando “Esquerda frente, direita ré” e vice-versa, para fazer o bote virar em uma ou outra direção – “Parou” (parar de remar), “Segurou” (parar de remar e segurar com a mão de fora do bote, por cima do remo - para travá-lo e evitar que ele acerte os companheiros de bote - na corda que circunda o barco e inclinar o corpo para dentro dele, para evitar cair para fora com o impacto de uma queda ou pedra) e “Piso” (quando este impacto é muito intenso e segurar apenas não é suficiente, tornando-se preciso que o inexperiente cliente deixe o equilíbrio instável do assento lateral, sentando-se no fundo do bote e parando de remar).

Durante a descida do rio os botes são acompanhados por *safety kayaks*, que auxiliam na segurança e em um eventual resgate. Quanto maior o número de botes maior o número de *safeties*. Mas o usual é um à frente do grupo e outro depois do último bote que pertence a esse grupo. Além da segurança, um fotógrafo, que pode fazer as vezes de *safety kayak*, usualmente acompanha a descida em caiaque e depois vende suas fotos.

⁹³ Esta posição que visa evitar afogamento e choques contra pedras - corresponde à deitar na água de barriga para cima, a cabeça apoiada contra a aba flutuante do colete salva-vidas, braços estendidos à noventa graus para os lados para facilitar o equilíbrio, quadril o mais alto possível e pernas e pés flexionados - é chamada *posição de corredeira*.

As corredeiras menores são descidas remando e nas corredeiras maiores é preciso fazer *piso*. Dependendo do *condutor*, pequenas variações podem acontecer, tais como: descer uma corredeira de costas, ele passar da parte de trás para a da frente do bote para fazer graça em uma foto, ou virá-lo propositalmente.

Em alguns trechos os *clientes* são estimulados a remar mais intensamente para ultrapassar outro bote, a jogar água nos botes vizinhos ou, em trechos calmos, a descer do bote para nadar ou flutuar com a correnteza. Além disso, eles podem fazer um *surf*, isto é, colocar o bote onde a corrente de água o mantém na mesma posição deslizando por debaixo dele, mas balançando-o e jogando água dentro dele.

Dependendo do nível do rio, pode-se parar o bote em uma corredeira chamada Escorregador, formada por uma única pedra longa e lisa, para descer sentados, como no brinquedo infantil, utilizando apenas o colete salva-vidas. E dependendo da *agência* há parada para uma pequena tirolesa que fora construída de forma que cruza o rio a fim de permitir observar de cima algumas de suas corredeiras e adicionar esta *emoção vertical* à atividade.

Por isto, e também porque as cordas são usadas em resgates e transposição de trechos de rio de difícil navegação, é preciso que os *condutores de rafting* tenham domínio mínimo do manejo dos equipamentos de *vertical* e dos tipos de nós. São eles que desembarcam os *clientes* no ponto da *tirolesa* (que é fixa, ou seja, não demanda técnicas de *ancoragem*), percorrem com eles a trilha até sua plataforma, os *equipam* e *desequipam* e manejam a *tirolesa*. Depois disso, as cadeirinhas são guardadas em um *saco estanque*, compartimento impermeável utilizado para levar tudo o que não pode ser molhado, e se retoma o curso do rio.

No final da atividade, pede-se aos *clientes* que retirem e agrupem os seus equipamentos. Enquanto os *condutores* os organizam no reboque, ou seja, *fazem a carga*, é oferecido suco ou água, e, no inverno, chocolate quente ou pinga com mel em uma cabana rústica que fica em frente ao ponto onde o ônibus vem buscá-los.

Em seguida, são encaminhados ao ônibus enquanto os *condutores* perguntam se gostaram da experiência e se farão algum outro passeio. Durante o trajeto de volta à *agência* as fotos da descida são passadas no monitor do ônibus, se os *condutores* estiverem dispostos, ao som das músicas compostas por eles, cantadas e batucadas nos bancos. Chegando ao *barracão de equipamentos da central*, o *coordenador da atividade* comumente agradece a participação dos *clientes* e explica o procedimento para a compra das fotos e demais itens de interesse tais como camisetas da equipe ou souvenirs temáticos e alguns equipamentos oferecidos pelas lojinhas das *agências*. No barracão, antes de se trocarem, os *condutores*

guardam os botes e remos e lavam e penduram coletes e capacetes. Em sua maioria, deixam a *agência* em bicicletas.

Nos finais de semana, feriados e *alta temporada*, o trecho da avenida onde estão localizadas as empresas que oferecem *aventura*, é tomado pelos *turistas* e *condutores* de *rafting* que entram e saem das *agências* no começo e final da manhã e da tarde. Se uma competição está próxima, as equipes podem treinar das sete às oito e meia da manhã, aqueles que são escalados seguem para uma descida às nove, se há *clientes*, outra às duas da tarde, depois do almoço fornecido pela *agência*, da qual retornam aproximadamente às cinco e meia e às seis e meia estão de volta à água no trecho do rio próximo à *agência*, para um treino até aproximadamente às oito da noite.

Ou seja, esses *condutores-atletas* saem da *aventura segura* e, por vezes, até entediante de suas rotinas de trabalho, para sua também controlada rotina de treinamento. Como bem diz a palavra rotina, embora os treinos também possam ser repetitivos são, entretanto, a condição de possibilidade da *aventura* em rio cheio ou em um rio extremo e desconhecido, seja por ocasião de um empreendimento de lazer, seja uma competição.

4.4 Conduzir e Competir em Brotas

Na concepção da *International Rafting Federation* “rafting is a human activity conducted on running rivers requiring physical skill using paddle and oar power in soft crafts and which is generally accepted as being a social, commercial and competitive sport”. Para a prefeitura municipal de Brotas, o *rafting* é uma “atividade turístico-desportiva de descida de botes infláveis em corredeiras.” O esporte está, portanto, sempre contido nas definições de *rafting* mesmo que seja ocasional e turístico.

Entretanto, no que se refere à sua versão competitiva, no Brasil, apesar de ele ser considerado uma modalidade da canoagem, a Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa), não se ocupa da questão conceitual e não se debruça sobre uma definição que se atenha à versão exclusivamente esportiva do *rafting*. Parece, ao contrário, definir em seu *website*, justamente o *rafting* turístico e utiliza-se de termos considerados ultrapassados por meus interlocutores: “O *rafting* consiste na descida de rios em botes infláveis. Os integrantes da embarcação remam sob o comando de um instrutor, responsável pela orientação do grupo durante o percurso.”

Diferentemente do que está posto no site da CBCa, os atletas que encontrei em treinos diários, muitas vezes, duas vezes por dia, no Rio Jacaré, se preocupam com a diferenciação

das atividades. Isto está refletido em frases tais como: “Mas competir é uma coisa, né, conduzir é bem diferente.” Embora, sejam, eles mesmos, *condutores de rafting turístico*, tenham assim conhecido o *rafting* e aceitem que ser *condutor* facilita o *rafting* competitivo; para eles *competir* e *conduzir* são ações muito distintas. Lucas Paulino da Silva, o Coré, 30 anos, *condutor de rafting*, *coordenador de águas brancas* e criador, técnico, capitão da equipe Bozo D’água e idealizador da “escolinha de rafting” da Associação Brotense de Esportes Aquáticos explicita este ponto:

Quando você conduz a embarcação é só a sua visão, você tá conduzindo e passando comandos pros clientes pra fazer aquilo que você tá pensando, que são manobras bem seguras, mais lentas e antecipadas. E às vezes só você faz força. E quando você tá competindo, tem mais cinco pessoas dentro do bote que tem o mesmo conhecimento e força que você, então, você não precisa fazer aquela manobra tão antes perdendo velocidade, você pode chegar mais em cima pra fazer a manobra, aproveitar mais o impulso, ser mais rápido. Mas, ao mesmo tempo, se cada um pensar em fazer de um jeito, seguir uma a sua própria estratégia, o bote não vai pra lado nenhum. E uma coisa ajuda na outra, mas vai ter gente que vai ser só boa em competir e gente que vai ser só boa em conduzir.

À primeira vista, é possível perceber isso apenas considerando a quantidade de pessoas e seu posicionamento no bote. Um bote de turistas pode ter até seis deles sentados, três de cada lado, em sua lateral, contra o apoio que cruza o bote de um lado a outro, chamado *banana*, com os pés dentro de bolsos no piso do bote, chamados *finca pé*, e que permitem maior estabilidade e fixação ao bote e evitam que se caia para fora dele. Atrás, se posiciona uma sétima pessoa, aquela que é responsável por direcionar o barco, em seus termos, aquele que *faz o leme*: o *condutor*.

Em termos técnicos a principal diferença da *competição* para a *condução* são as remadas chamadas *remada em jota* e *varredura*. Elas são as duas principais técnicas para mudanças na direção do bote. Depois de muito se esquivar, um grupo de *condutores* e atletas assim me explicou sua diferença:

As duas servem pra consertar a direção do bote, mudar ele de posição, colocar no ângulo. A varredura você rema mais aberta assim com o remo inclinado, longe do bote, faz uma meia lua. A remada em jota, você faz um jota, ué? [Mas, eu não entendi como eu escolho fazer uma e não a outra.] Ah! Só você tando num bote mesmo. Peraí. A remada em jota você usa quando você tá guiando e pediu pros clientes “parou”. Na varredura você tem um efeito mais rápido, pra virar o bico do bote pro lado contrário pra entrar numa baliza, por exemplo. As duas são remadas de correção, mas na remada em jota também tem propulsão, você vira menos porque você ao mesmo tempo impulsiona o barco pra frente. Direciona e empurra. A jota você sozinha consegue por o bote em algum lugar. Você leva o bote sozinha. Você endireita e rema “frente” ao mesmo tempo. Já a varredura é quando o bote tá escapando pro seu lado e você tem que arrumar, mas se você ficar abrindo a

varredura no bote sem ninguém remar o bote fica girando na volta, ele não vai pra lugar nenhum.

A ideia no *rafting* turístico é deixar-se levar pelo fluxo do rio, contemplar a paisagem, se exercitar com o remo e se divertir com os desafios do trecho escolhido, na medida em que sentir medo pode ser uma brincadeira. Mas não é comum encontrar turistas dispostos à *virada* do bote em ponto em que se pode chocar contra pedras ou ficar preso entre elas ou ficar submerso por muito tempo.

No caso do *rafting* esportivo e competitivo há certa disposição em pagar esse preço, se necessário. Já que a ideia central é fluir com a correnteza no maior fluxo de água possível, em lugares “nunca antes navegados” ou aproveitando-a como impulso para realizar determinado percurso no menor tempo possível. E há um investimento no sentido da aquisição de técnicas de sobrevivência para estas eventualidades.

O treino de apneia é o mais comum, visto que, como me explicaram, o rio pode segurar a pessoa submersa por um tempo antes de soltá-la para a superfície. O *refluxo* é um efeito do movimento da água entre pedras que faz exatamente isso. Tive a oportunidade de participar de um treino em que éramos colocados um de cada vez, em um *refluxo*. Segurados por uma alça do colete salva-vidas pelo treinador e içados por ele depois de um tempo submersos, para simular a situação de abandono em corredeira, em que podem haver *refluxos* sequenciais, logo éramos mergulhados de novo e de novo, com cada vez menos tempo entre um mergulho e outro. As instruções eram manter-se calmo, deixar o corpo relaxado para não desperdiçar oxigênio e aguentar o máximo possível embaixo d’água. Acho que essa foi a única competência em que tive mais facilidade que os juniores, em virtude do meu treinamento nos *caldos* do surfe. Alguns deles cumpriam a tarefa com naturalidade, mas os mais novos pareciam bastante assustados e sem fôlego quando eram içados.

Cair do bote é uma possibilidade sempre presente porque os atletas dificilmente fazem “Segurou,” ou “Piso”. Ou seja, no contexto competitivo, em suas diferentes provas, deve-se cumprir determinados percursos e/ou tarefas em menor tempo que os adversários, daí a equipe procurar nunca parar de remar. Cair do bote é evitado com a força das pernas e tronco e com o fino equilíbrio que se adquire. Diferentemente dos *clientes*, que colocam os pés no *finca pé*, os atletas usualmente os posicionam nos vãos entre o piso e a lateral do bote e entre o piso e a *banana* e o piso a lateral e a *banana* porque isso permite projetar mais o tronco para fora do bote e conseqüentemente aplicar mais força no remo. Quando há uma onda ou corredeira muito grande que possa fazer a embarcação pular, eles inclinam o tronco para trás para

minimizar o salto e o desequilíbrio, quanto maior a corredeira, mais deitados ficam contra o bote.

Caderno de Imagens 4: Rotinas de Condução



Foto 17. Condutores equipados desfazem a carga (Foto: Marília Bandeira).



Foto 18. Simultaneamente o *coordenador* da atividade instrui os *clientes* sobre as técnicas de remada e segurança e posição de resgate (Foto: Tiago Surian).



Foto 19: Alongamento (Foto: Tiago Surian).



Foto 20: No lago cada *conductor* treina seu grupo de *clientes*. (Foto: Tiago Surian).



Foto 21: *Clientes* fazem “Piso” sob comando do *conductor* que posa para a foto (Foto: Tiago Surian).



Foto 22: *Clientes* levantam os remos e proferem seu “grito de guerra” por incentivo do *conductor* em comemoração a boa *descida* (Foto: Tiago Surian).

PARTE 2: Corpos, técnicas e a formação do *atleta de aventura*

CAPÍTULO 5. QUANDO SER *ESPORTISTA* É DIFERENTE DE SER *ATLETA*

Correspondendo a esse padrão de movimento e posicionamento do bote, nas dinâmicas do *rafting* esportivo existem duas possibilidades. Entre os *rafteiros* há os que procuram *conquistar rios*, ou seja, navegar em diferentes rios de águas turbulentas com grandes rochas e desníveis, sempre à procura de combinações extremas de pedras, quedas e volumes de água e trechos de rios nunca antes navegados. Como diria Geertz (1989), de maneira absorvente entregues à prática em que seus investimentos, em estudo da região, aquisição de equipamentos, viagens, força e destreza corporal necessárias para a realização do feito, antes de se prestarem a qualquer outro fim, são o fim em si mesmos, são os que dizem fazer isto por esporte. Estes seriam os *esportistas*. Neste caso, o que é esporte não está relacionado ao profissionalismo, mas a uma experiência mais subjetiva, de fruição, próxima da noção nativa de lazer. Nesse caso, expressões corriqueiras como “faço isso por esporte” são emprestadas ao senso comum da *aventura*.

Entretanto, se os *rafteiros* se dedicam a realizar esta navegação no menor tempo possível, cronometrados e fiscalizados por árbitros, contra uma ou mais equipes e com tarefas complementares a serem realizadas entre balizas artificiais, que desafiam a capacidade de manobrar o bote e remar sem ou contra a correnteza, a serem realizadas em alguns trechos de um rio selecionado por entidades esportivas, dentro da estrutura de um campeonato do qual são consagrados campeões, para que suas performances sejam comparadas em relação à de outras equipes de maneira a comporem ranking formalizado; estes seriam os *rafteiros atletas*. Aqui atleta e esporte ocupariam o mesmo campo da disciplina e competição.

A *aventura* mexe com essa grade classificatória tão mais nítida em outros esportes (amadores de um lado, e atletas profissionais de outro) na medida em que ainda não há *esporte de aventura* profissional no Brasil. Os praticantes de *rafting* em Brotas operam essa distinção entre *esportistas* e *atletas* ora utilizando o termo esporte como algo não sério no sentido de que é feito para o divertimento, ou do campo do lazer, ora como algo extremamente sério, do campo das disciplinas e do profissionalismo. Entretanto, *esportistas* não se aproximam de *turistas*. Os *esportistas* são praticantes autônomos, não precisam pagar alguém para levá-los, pelo contrário, preferem locais não comerciais e cada vez mais “desafiantes” (claro que como toda regra a exceção são locais em que é preciso das

informações de um guia local, mas ele será acionado como membro da equipe, não como *condutor*).

Já os *atletas* são os competidores, interessados em ver seus desempenhos mensurados, a produzir comparações entre si, sobretudo entre equipes. São os que se dedicam aos campeonatos regulares. A maioria dos *rafteiros*, entretanto, é capaz de ocupar as duas posições indiscriminadamente, conforme o contexto.

Souza (2004), em seu estudo de mestrado em educação física sobre o *rafting* procurou conhecer, através do que chamou de etnografia interpretativa, os sentidos da “aventura, do risco e da vertigem” encontrados nos discursos daqueles que denominou seus “participantes.” A autora afirma ter realizado uma análise destes discursos como aparecem em revistas especializadas e *websites* de *aventura*, além de observações, para aquilo que chama de “descrição densa” nos rios Jacaré Pepira e Paraíba do sul, e entrevistas com doze indivíduos, chamados por ela, “praticantes de *rafting*.”

Contudo, a autora diz que as pessoas entrevistadas foram selecionadas por participarem de uma descida de *rafting*, no mínimo, pela segunda vez. Ou seja, ela não esclarece quais dentre eles precisavam ser *conduzidos* e quais eram autônomos na *descida* de um rio, diferenciação que identifiquei fundamental para aqueles que a operam. Não se sabe, portanto, se seus interlocutores viviam o momento de seus primeiros contatos com a prática do *rafting*. Suspeito que sim, visto que os excertos de falas retiradas das revistas e *sites*, salvo as exceções em que se pode identificar temas próprios à *condução*, quase sempre remetem a situações de turismo ou passeio do ponto de vista daquele que é *conduzido*.

Além disso, Souza (2004) chama indiscriminadamente seus interlocutores de *rafters* ou *remeiros*. Segundo minhas observações, aquelas pessoas que se dedicam ao *rafting* em Brotas são chamadas *remadores* ou *rafteiros*, grafia que aprendi em suas redes sociais na internet. E em Brotas são *rafteiros* não só aqueles que têm autonomia para fazer do *rafting* uma prática esportiva, expedicionária ou competitiva, mas para fazer do *rafting* locus de seu trabalho, ponto de diferenciação que é de extrema importância nas relações estabelecidas entre os dois tipos de praticantes de *rafting*: o *esportista* ou *atleta* e o *condutor*, e ainda um terceiro: o *cliente* ou *turista*.

Portanto, ao problematizar o *rafting* há que se diferenciar os *condutores* dos *turistas*, os *esportistas* dos *condutores* e os *esportistas* dos *atletas*, ainda que todas estas categorias possam ser vividas por uma mesma pessoa. Por exemplo, o interesse em compor ou auxiliar uma equipe competitiva de *rafting* no campeonato mundial de *rafting* pode ser não apenas a vitória, a consagração e o prestígio dos pares, como também a possibilidade de participação

nos *workshops de condução e certificação* de guias (*Guide Training and Certification*, cujo programa se encontra em anexo). Estes tipos de cursos são eventualmente oferecidos nos países sede do campeonato mundial de cada ano pela companhia organizadora, a *International Rafting Federation* (IRF).

Esta certificação internacional obtida junto ao órgão maior do *rafting* mundial confere prestígio ao *condutor* em sua localidade de origem e argumento para negociar o valor da sua *descida*, além de caracterizar permissão ao profissional de *rafting* para *conduzir* em qualquer rio do mundo, já que assegura que sua formação está em acordo com as regras da IRF. É importante observar esses detalhes para identificar com acurácia as matizes envolvidas entre trabalho, lazer e esporte na noção de *aventura*.

5.1 Anônimos supercampeões: os “palhaços da água” e o campeonato mundial

Até aqui procurei apresentar as noções de *turista*, *condutor*, *esportista*, e *atleta*, categorias operadas no universo da *aventura* em Brotas. Este tópico tratará em contraponto fundamentalmente dos *atletas de rafting*, ou seja, da face competitiva da *aventura* e, mais precisamente, da constituição de uma equipe vitoriosa e sua escola competitiva no sentido do que Elias e Dunning (1985) consideram a orientação dominante no desporto moderno em nível mundial “uma crescente competitividade e seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados.”

A equipe Bozo D’água, prestigiada na cidade, cujo documentário *Living in Harmony* (s.d.) trata da conquista do bicampeonato mundial de *rafting*, apresenta-os como heróis brasileiros, mas também como meninos brotenses que “levam o riso no nome.” Lucas Paulino da Silva, o Coré, 30 anos, *condutor de rafting* e *coordenador de águas brancas*, criador, técnico, capitão e *proa esquerda* da equipe Bozo D’água será o informante privilegiado nesse e nos próximos tópicos e conta como este nome foi atribuído à equipe. Filho de um caminhoneiro baiano, já falecido, e de uma dona de casa brotense, mora com sua mãe e sua tia e é noivo há sete anos. É tão sério quanto forte. Certa vez, enquanto acompanhava uma *descida* com os *clientes* o vi resgatar um que tinha caído do bote, pegando-o pelo colete com apenas um braço e devolvendo-o ao bote como um sache de chá tirado de dentro da xícara e acostado no pires. No excerto abaixo ele justifica a jocosidade do nome da equipe:

Naquela época nós era tudo mais novo, tudo mulecaço. Era brincalhão, não tinha tanta seriedade. E devido a gente não ter os equipamentos, era cada um com capacete de uma cor, colorido, colete, cada um com a sua lycra, a gente ficava

parecendo assim uns palhaços nas competições, sempre alegres, coloridos e brincando, né? Que a gente gosta de ser alegre. E aí nós tinha que inventar um nome e lembrou do palhaço Bozo e pensamos que pôr alguma coisa que tivesse água era bom, e foi assim... ficou Bozo D'água.

Embora remeta ao tema da alegria, já discutido, e a brincadeira e a ludicidade emprestem alguma graça ao nome da equipe que lidera, o envolvimento cada vez mais sério com o desporto é uma das marcas distintivas da prática da equipe. A forma de participação no desporto operada por estes atletas de *rafting de Brotas* se orienta muito mais para a busca de resultados do que por divertimento e prazer. Ou melhor, o prazer está no pódio e não somente na participação, na medida em que é o pódio que viabiliza a continuidade de participação.

Nota-se inevitavelmente, nesse contexto, o reforço de uma “ética do trabalho duro” correspondente às condições de possibilidade das equipes advindas de classes trabalhadoras, em oposição aos muitos que, egressos dos extratos mais endinheirados, defendem a condição amadora na *aventura*. Aqui o projeto que norteia os *condutores-atletas* brotenses é que o esporte se torne cada vez mais profissional. Os componentes da equipe Bozo D'água explicitam que há muito desejavam tornar-se *atletas profissionais*. Antes do *rafting*, a primeira aspiração de muitos deles era ser jogador de futebol.

Eu quis fazer esporte, porque eu sempre gostei de esporte. Eu tinha um irmão que fazia esporte e por isso era bem reconhecido na cidade. Ele jogava no time da cidade, era goleiro. Sempre me espelhei nele, porque ele não bebia, não fumava. Apesar de a família ser bem humilde, ter dificuldade, eu escolhi o caminho do esporte, não das drogas ou do crime, porque a gente escolhe o caminho que a gente quer, por mais que seja difícil. Então, eu vi que ele conseguiu e que eu também poderia conseguir. E ele sempre me deu apoio, me deixou estudar. Então, eu comecei a praticar futebol na escola, depois passei pela escolinha e depois joguei no time da cidade e fui campeão regional e estadual amador. O time da cidade era bom, mas faz três anos que o time não participa mais de campeonato nenhum. [Então você queria ser jogador de futebol?] Tinha um sonho, né?! Até por causa do meu irmão e do pessoal que dizia que eu tinha futuro, mas não deu porque eu não tinha dinheiro. Aí depois eu fui pro judô. Também me saí bem. Comecei a ganhar uns campeonatos, mas em seguida já veio o *rafting* e aí foi muito rápido, logo eu comecei a trabalhar, depois a competir e a ganhar (Coré).

Mais do que *esportistas* estas pessoas aspiraram tornar-se *atletas*, e o futebol foi, assim como para muitos meninos no Brasil, a sua primeira tentativa. Mas as narrativas sobre a decepção com o *futebol* logo são substituídas por narrativas que exaltam as características peculiares do *rafting*. Nesse sentido, nas palavras alegóricas de Souza, (2004) o *rafteiro* teria uma imagem heroico-mística na qual figuras humanas dominam a energia móvel da água. Segundo a autora, enfrentando a fúria das águas essas pessoas operariam em um “schème de transcendência,” de ascensão: “descer rio abaixo é subir em autoconhecimento, no

autodomínio, é reconhecer na força do rio a própria força interior,” temas que correspondem à figura do herói, que é apresentado como aquele que conseguiu vencer suas limitações pessoais, locais e históricas. É tentador aproximar os *rafteiros* de Brotas a essa epopéia heroica na medida em que, de certa forma, como *profissionais da aventura*, assim como apresentei nos primeiros capítulos, foram forjados como salvadores da cidade de Brotas e do rio Jacaré.

Entretanto, se acompanharmos de mais perto a trajetória da equipe Bozo D’água não poderemos concordar com a autora quando diz: “O Brasil é um país que costuma saldar com festas homéricas seus heróis esportistas quando voltam vitoriosos de uma batalha.” Embora não questione a importância e presença da figura do herói em nossas sociedades ocidentais, e sua versão do herói-atleta, esta afirmação só faz sentido para alguns esportes, sobretudo aqueles que galgaram certo nível da espetacularização. Embora esforcem-se em vestir a bandeira do país, vejo na Bozo D’água muito mais o *rafting* como dispositivo de um orgulho local, brotense, do que propriamente algo que absorvido pela identidade nacional.

Isto porque ao acompanhar as equipes relacionadas a Bozo D’água no Campeonato Brasileiro, como se verá a seguir, e de volta a Brotas, notei que a vida dos atletas não muda muito. Certamente há notícias sobre a vitória na imprensa local e quando o retorno era de um campeonato internacional com vitória uma placa de homenagem oferecida pela prefeitura e um desfile em carro de bombeiros. O orgulho de ser brotense é atualizado com as conquistas da principal, porque mais vitoriosa equipe da cidade, mas apenas uma ou outra reportagem para um ou outro canal de televisão ou rádio de alcance nacional acontecem.

Embora as condições materiais de existência dos atletas da Bozo D’água não mudem muito, elas melhoram um pouco. Há uma pequena distinção de remuneração entre eles e os outros *condutores* no mercado dos *profissionais de aventura*. Isto porque enquanto a maioria dos Bozo D’água trabalha em uma mesma *agência*, que usa suas imagens e troféus para publicidade junto aos turistas, eles recebem quinze reais a mais por *descida* e tem prioridade na *escala*. Ou seja, se um *condutor* de *rafting* recebe, como era na época, R\$50 por *descida*, aquele que é membro da Bozo D’água recebe \$65⁹⁴. Além disso, são convocados *condutores* “não Bozo D’água” somente após todos os Bozo D’água já terem sido consultados sobre sua disponibilidade e encaixados.

⁹⁴ Em 2012 quando voltei à cidade por ocasião do campeonato brasileiro fui informada de que o valor pago ao *condutor* por *descida* teria passado a ser R\$70 e que como a parceria da Bozo D’água com a *agência* em questão havia terminado os atletas não mais gozavam de melhor remuneração que os demais.

Mais recentemente, para além da recompensa financeira, os membros da equipe conseguiram bolsas integrais para estudar inglês na escola *Wizard*, visto que muitas vezes não dispõem de ninguém que faça às vezes de intérprete nas viagens, e também bolsas na academia de musculação *Active Gym* para complementar os seus treinos. Mas não só isso é esperado, o pertencimento à *aventura* em Brotas, assim como o pertencimento ao *gym* do gueto de Wacquant (2002) “permite que a pessoa se destaque do anonimato da massa e, portanto, atraia a admiração e a aprovação da sociedade local.”

Assim como os pugilistas que “saboreiam o fato de pertencer a uma pequena confraria,” reputada por sua bravura física e por sua rudeza; eles apreciam saber que “são diferentes das outras pessoas,” eles são *rafteiros* e isso promove uma satisfação, marcada nas insígnias que vestem.

Em específico sobre a equipe, os *rafteiros* da Bozo D’água dizem que ela é sua família, que são mais próximos entre si que de seus próprios parentes consanguíneos e não vacilam em dizer que priorizam a equipe independente das consequências, tais como perdas financeiras e a falta de perspectiva profissional futura. Não consigo ainda compreender bem o porque, mas acredito que de alguma forma a dedicação à equipe e à modalidade seja prazerosa, e porque é ela que garante a vitória, que também é prazerosa em sua exposição para o resto da comunidade a qual pertencem.

Entretanto, há momentos em que os *atletas* oscilam com relação ao que sentem sobre sua situação. Ora referem cansaço, decepção e perda da esperança de que consigam melhores condições para o *rafting* no quadro das modalidades esportivas profissionais e melhores condições de vida para si. Ora falam em como viabilizar, mesmo que às vezes acumulando dívidas, o esporte que amam já é um ganho. Falam do *rafting* como a melhor, em alguns casos, única possibilidade de satisfazer sua vontade de viagens, de conhecer outros lugares, rios, o mundo. E falam também sobre a satisfação de se distinguirem como os melhores do mundo na prática a que se dedicam.

Quem é atleta já faz um bem pra ele, porque um atleta geralmente não bebe, não fuma, não vai estar arrumando confusão, então, já é um bem pra sociedade, você aprende a conviver em sociedade porque você tá sempre com a equipe, aprende a respeitar, aprende a ter limite, aprende a ser disciplinado e se você não tá fazendo mal pra ninguém você só tá fazendo o bem, porque você tá fazendo bem pra si próprio, tendo saúde, tendo disciplina. E geralmente quem não é atleta só quer beber, só quer fumar, só quer fazer bagunça, arrumar briga pra rua, quebrar as coisas e se você é atleta você tem mais limites, sabe o que pode e o que não pode, por isso eu acho que isso devia fazer a gente merecer o apoio das pessoas e a oportunidade de poder continuar fazendo o que a gente gosta. Mas ninguém vai falar assim: “eu vou te registrar, você vai trabalhar aqui comigo e quando for época de campeonato eu te libero pra viajar”. Sabe? Se a gente tivesse esse apoio, se as pessoas dessem

esse reconhecimento facilitava. Mas ninguém diz: “como você é bicampeão mundial, vou arrumar um serviço que dê pra deixar você treinar todo dia”. Por isso que a gente não consegue ter carteira assinada também, se bem que aqui muito pouca gente assina, e por isso que a gente queria que o esporte fosse profissional.

Note-se também nessa fala a exaltação de uma moral atleta como sinônimo de bom caráter, ou o que o valha. Já vimos como os julgamentos de valor são importantes em Brotas e acredito que este possa ser seu reflexo no campo competitivo. Um tipo de justificação da escolha esportiva através da exaltação de seus componentes morais.

Além disso, a identificação do *rafting* enquanto atualização do *boiacross* o permitiu receber essa conotação de produto local, “coisa dos meninos de Brotas.” Ele é referido em suas trajetórias de vida como uma opção “natural” e adequada na medida em que eles *desciam o rio* desde crianças e o *rafting* tornou-se seu ofício na adolescência.

Eu queria ser atleta, né? Como todo menino, queria jogar bola, mas na minha época o futebol aqui já era muito mercenário. Não era só uma questão de jogar bem. Era uma questão de ter dinheiro. Se tinha dinheiro, se tinha agente, ficava. Se não, já era. Aí eu vi que futebol não ia dar, porque eu não tinha dinheiro. E como eu já trabalhava com o *rafting* quando o pessoal começou a sair pra competição eu vi ali a oportunidade de ser atleta, né? Em 1998 ou 1999 eu tinha dezessete anos e a escola trouxe nós pra fazer uma descida. Aí eu tinha um amigo que já trabalhava e ele estava precisando de condutor. E aí, na minha primeira descida trabalhando, que a gente diz que era estágio, né?! A gente descia com outro condutor, quando não tinha curso, pra ele ver como a gente se saía... e eu já peguei o rio cheio. Mas acabei me saindo bem. E aí já me contrataram e eu fui aperfeiçoando na prática. [Mas você não fez curso antes do estágio? Como você sabia fazer isso?] Não. Porque eu já tinha o conhecimento de descer de boia, que eu já descia por conta própria antes, pra brincar, então, eu já tinha a ideia. A maioria dos meninos da cidade brincam de boia porque é de graça, o trecho é fácil de chegar, dá pra ir andando, e acaba aqui na ponte do centro da cidade. Se você passar aqui de fim de semana vai ver sempre alguns. Aí em três meses no máximo teve o primeiro campeonato aqui em Brotas e me convidaram pra remar na equipe, na equipe El Niño da Vaca Náutica, que foi onde eu comecei. Aí depois eu fui pro brasileiro que foi em Piraju. Aí em 2000 eu já fui remar em outra equipe. E aí em 2002 eu montei a Bozo D'água pra gente remar em Apiúna, Santa Catarina. Eu convidei os meninos porque as duas outras equipes de antes tinham desmanchado e eu gostava de competir, não queria que acabasse. E eu sabia que a gente tinha chance de chegar no pódio. E fui chamando as pessoas que eu sabia que se dedicavam um pouco mais e nós ficamos em quarto. Aí em 2003 entraram o Samuel e o Fabinho e nós tivemos nosso primeiro título (Coré).

Esta fala matiza a impressão mais comum de que o *rafting* seria uma prática restrita à elite no Brasil. Neste contexto, o futebol, convencionalmente visto como prática popular, é que é visto como operador de exclusão. E o *rafting*, não obstante todas as dificuldades em suas trajetórias de vida, que ainda serão narradas, é representado em Brotas como a modalidade que possibilitou criar estratégias de participação esportiva. Assim como conta

Samuel Almeida, o Samuka, *condutor de rafting, coordenador de águas brancas*, presidente da Associação Brotense de Esportes Aquáticos e *proa direita* da Bozo D'água:

Em 2003 o Coré me chamou pra montar a Bozo D'água. Me chamou e chamou o Fabinho e a gente ganhou o brasileiro. E antes qualquer equipe que se inscrevia podia ir pro mundial, mas por coincidência foi a primeira vez que o campeonato nacional valia a única vaga pro mundial e a gente foi. Então, eu realizei dois sonhos, logo no primeiro ano, ganhei o brasileiro e ia pro mundial. Só que a gente não tinha dinheiro, não tinha nada, não tinha apoio. E a gente teoricamente sabia remar só o ABC, né? Do nosso jeito, não tinha nenhuma técnica. Aí a gente foi pedir ajuda pros caras que já tinham ido pro mundial, que eram mais experientes e falamos: - ajuda a gente, né? Dá uns toques aí pra gente. E aí o cara vira e fala: - A gente cobra quatrocentos reais por pessoa pra ensinar. Aí a gente falou, muito obrigado, mas a gente vai no que a gente sabe. E foi no que a gente tinha, né, que era força. E no nosso primeiro mundial a gente já ficou em terceiro, que tinha sido a melhor colocação do Brasil em toda a história, mas contamos com a sorte. A primeira prova era de força, o *sprint* a gente ganhou. Aí o tiro a gente ficou em oitavo. Mas no slalom que é pura técnica a gente foi muito mal. E o descenso que era resistência a gente foi até onde deu, porque o dinheiro já tinha acabado e a gente estava vivendo de *miojo* e bolacha, mas as outras equipes foram mais inconstantes ainda, então deu.

A *aventura* permitiu, neste contexto, a formação de uma equipe que se torna um expoente mundial em sua modalidade, e que se diferencia das outras no universo da *aventura* a partir de sua caracterização socioeconômica. Perguntados por mim sobre porque acham que foram capazes de se manter por anos invictos em todas as competições em que participaram, inclusive as internacionais, a despeito de sua desvantagem em termos financeiros com relação aos adversários, eles frequentemente referem como motivo, junto da união e dedicação, a humildade, não só no sentido de não se projetar sobre as outras pessoas como superiores a elas, virtude que congrega a simplicidade, a modéstia, a cordialidade e o respeito, mas a humildade própria daqueles que vivem na escassez.

Este dado demonstra como a *aventura* concebida como prática de domínio exclusivo de uma elite não é a única face da *aventura* no Brasil. Assim como está apresentada por este campo de pesquisa ela é apropriada e recriada por aqueles que interagem num contexto esportivo global onde ainda não há profissionalismo e num contexto local onde interessar-se por ser *atleta* está relacionado não à conquista do tempo livre numa sociedade que liberaria cada vez mais os indivíduos das tramas do trabalho, mas relaciona-se justamente a tomar o esporte como trabalho⁹⁵, projeto e sonho de “melhorar de vida” com a notoriedade.

⁹⁵ Note o leitor que desde 2009 uma personagem importante desta história é a docente do curso de Educação Física da UFSCAR Profª. Dra. Ana Cláudia Duarte, a quem eles chamam de “Doutora”. Ela me contou que o secretário de esportes de Brotas da época, formado em educação física, fazia um curso de especialização na instituição e comentou sobre a equipe e suas queixas freqüentes com dores e lesões. Tendo desenvolvido uma técnica de manutenção postural e se dedicado ao tema da saúde no esporte ela procurou ajudar a equipe e com o tempo percebeu não só sua falta de noções de treinamento – ela afirma que seu treino equivalia a “remar o bote

Quando não são exclusivamente *condutores*, normalmente trabalham em áreas afins e como professores ou treinadores em suas modalidades, mas é ainda mais difícil conciliar os treinos e as viagens de competição com as exigências da vida profissional paralela. Rafael Alexandre, o Leão, *meio direito* da Bozo D'água, elucida as dificuldades deste tipo de vida:

E eu tinha uma equipe competitiva de caras de São Paulo que se desmanchou por diversas dificuldades de horário pra treinar. A gente competia contra o pessoal de Brotas, mas aí quando a minha acabou, eles me chamaram pra ser da equipe deles. E as coisas foram aparecendo e eu fui fazendo. Então, eu sempre viajei a trabalho ou competindo. Acho que nunca viajei só por lazer. Só que é muito complicado, porque pra ser atleta no Brasil a gente praticamente tem que pagar, aí eu comecei a dar treino, dou aula de musculação, *personal*, e desço rio conduzindo nos finais de semana, só que sempre que tem campeonato, é muito tempo fora, e agente acaba perdendo os alunos. Então, eu não sei mais como vai ser.

Diferentemente do que afirma o antropólogo francês David Le Breton (2009) sobre o que chama ora de esportes radicais, ora de esportes de risco, ora de *glisse*, nos quais haveria “oposição declarada às atividades baseadas no treinamento, na disciplina, na competição, elas são individuais e valorizam o prazer (p. 90)”; minha experiência em Brotas, sobretudo a partir da equipe Bozo D'água e sua escola, mostrou que a modalidade coletiva, o formato do esporte disciplinado para o alto rendimento, a competição formal e a representação nacional são operados e esperados nesta *aventura*. Esses temas são acompanhados por outros que se referem a apoios, patrocínios e bolsa-atleta, como destaca Samuka:

Ficamos muito surpresos, porque no brasileiro a gente nem tinha equipamento, cada um foi com o que tinha, um de cada cor, com remos de competição usados, meio remendados. Mas, no último dia do brasileiro, o cara da Hidro, que é uma empresa de equipamento de esportes aquáticos, disse que se a gente fosse pro mundial ele ia nos apoiar até a gente desmanchar. Então, pro mundial a gente já foi com colete e capacete dele. Mas aí em 2005 a gente perdeu o brasileiro pra uma equipe do sul e

com toda a força até miar”, ou seja, todo treino era treino máximo, que eles não tinham o conceito de dos diferentes objetivos e diferentes treinos e que era importante provar a força “puxando o bote” mais que os demais. Ela diz que Coré já havia desmaiado no bote duas vezes em competições devido ao seu hábito de interromper a respiração para exercer o máximo de força possível na remada e que também por isso ele desenvolvera uma hipertensão funcional - como também seus problemas com a falta de recursos para alimentação, acomodação e uma equipe técnica. Ana diz tê-los incentivado a criar uma associação e para isso os emprestou um modelo de estatuto, e os aconselhou a não se vincularem a apenas uma *agência* visto que isso os impossibilitava de pedir apoio e vender suas camisetas aos *clientes* de outras, além de ter estimulado a criação de um trabalho de base, ou seja, a escolinha. Além emprestar o cartão de crédito e ajudar no inglês ela procura realizar um trabalho nutricional e postural incentivando-os a remar dos dois lados, para dirimir os problemas do esforço repetitivo e porque acredita que esta também pode ser uma qualidade tática: a possibilidade de utilizar o braço descansado. Acredita que a característica mais marcante da equipe é a resiliência, testemunhou ao acompanhar competições que alguns, no começo, vão sem dinheiro algum e comem o que lhes é dado, que por vezes passam os dez dias de viagem comendo macarrão com sardinha e que dormem onde for preciso. Ela toma como projeto exigir que a CBCa chame a equipe campeã brasileira no campeonato mundial e lute para que o *rafting* se torne olímpico. Ela acredita contribuir com a educação dos *rafteiros* ao incentivá-los a ver o *rafting* competitivo como profissão e o esporte como representação da pátria e instiga Coré a cursar Educação Física.

perdeu a vaga pro mundial e os apoios. Aí eu fiquei desanimado e fui guiar no Jalapão, fiquei lá cinco meses. Aí o Fabinho me mandou um e-mail falando que eles iam pro panamericano na Costa Rica. Aí quando a gente ganhou o panamericano de 2006, a Zefir nos deu um bote. E aí quando as agências tinham mais clientes do que bote, a gente alugava o nosso pra elas e foi juntando um dinheiro pra comprar outros botes pras outras equipes que estavam se espelhando e treinando com a gente e cada um que a gente comprava ia alugando. Aí a gente ganhou o brasileiro de novo em Juquitiba, aí foram voltando os apoios. Aí em 2007, o brasileiro foi em Brotas e valia vaga pro mundial. E as pessoas da cidade e o prefeito na época, que era o Dú, que sempre acreditou e investiu nas nossas passagens, mas por ver mais de perto se animou mais. Então, a gente pensou, não podemos deixar passar essa oportunidade! E a gente treinou muito, deu sorte e ganhou o nosso primeiro mundial. Mas aí mudou a gestão e na nova prefeitura não sabiam bem se ajudavam ou não, demoraram um pouco pra aceitar. Aí também teve um amigo nosso da cidade que deu a ideia das camisas. Porque o pessoal não aguentava mais a gente pedindo ajuda. As pessoas pensavam assim: A gente vai dar dinheiro pra esses moleques que não fazem nada irem passear, brincar. Aí ele falou: - Em vez de vocês andarem por aí pedindo, vocês tinham que oferecer alguma coisa em troca. Aí começamos rifando coisas. E outro falou assim: - Vou fazer uma arte, um logo pra vocês colocarem numa camisa e não vou cobrar nada. Aí vocês vendem a camisa e isso também vai promover a equipe. E depois começamos a organizar uns jantares com o apoio de uns bares e restaurantes. E aí mesmo que a gente cismou que tinha que ganhar esse mundial pra provar pro povo que ajudava que a gente não ia passear, nem brincar, que era sério. Aí a gente voltou com o título. Aí no segundo mundial as pessoas ajudaram melhor, mas ainda era pessoal pequeno. Um barzinho dava cem reais, outro cinquenta, as pessoas comprando camisa. E às vezes não vendia muita camisa, que o pessoal da cidade não aguentava mais camisa nossa e sobrava quarenta camisas e tinha que pagar do bolso. Aí a gente percebeu que vendia melhor pra turista, que o povo daqui já tinha muita camisa nossa. Então, a gente começou a mostrar a camisa no ônibus de *rafting* e explicar pro pessoal que a gente conduzia que era uma lembrança e ao mesmo tempo que ia ajudar a gente a ser os melhores do mundo. Que a gente não queria ser só mais um guia, que a gente queria se destacar e trazer isso pro país.

Mesmo com uma série impressionante de vitórias conquistadas com pouquíssimos recursos e uma narrativa dramática que poderia interessar à mídia, a Bozo D'água ainda não alcança o reconhecimento “nacional” que almeja. André, o Mãozinha, que se mudou de Santos para Brotas em 1996, devido à aposentadoria de seu pai e se tornou vendedor em uma *agência* em 2000, se interessou por *conduzir* nas usas folgas como vendedor e competir e depois de começar a cursar Educação Física, ajudou na preparação física da equipe Bozo D'água, como instrutor de musculação na academia em que trabalhava, sendo convidado a compô-la em 2005, mas que já não pode mais fazer parte dela devido à sua transição de *condutor* para a carreira de policial militar⁹⁶, mas participa agora de uma de suas equipes secundárias, elucida esta questão:

O esporte cresce na cidade, em Brotas, mas nacionalmente ele deu uma parada. E a gente tá tentando entender o porque. Antigamente tinham dezesseis equipes masculinas adultas em um campeonato brasileiro. Mas as equipes antigas deixaram

⁹⁶ É interessante notar que quando cheguei em Brotas ele era membro titular da equipe.

de competir porque a sequência de vitórias da Bozo D'água é muito grande. São muitos anos invictos. E como é amador no Brasil, infelizmente eles não treinam porque tem que trabalhar e remar. E é nítido quem treina e quem não treina. Você vê que os nossos meninos junior nesse campeonato fizeram o segundo melhor tempo da competição na primeira prova, ou seja, como eles treinam sempre, eles fizeram melhor tempo que as equipes sênior, adultas, menos a Bozo D'água. E eu acho que é importante na sua pesquisa você analisar a dificuldade de patrocínio pra esse determinado esporte. Porque a canoa havaiana tem um crescimento enorme? Eu fiquei pensando que é porque ela tá crescendo em grandes centros como São Paulo e Rio, porque pode ser praticada em água parada e tem a coisa da praia. E o rafting perde espaço. As pessoas pensam que é muito difícil fazer rafting, e não é. Mas, eu acho que o grande problema é a mídia. Porque como a gente tem estado sempre no topo parece que os caras não vêem notícia nisso, não vêem renovação, mas isso não é verdade. Tem muito trabalho aqui, é um projeto muito grande. É dar a oportunidade de esses meninos conhecerem o mundo. Tem muita coisa nova desde quando você chegou aqui. Agora a gente tem um campeonato mundial junior e entendeu a importância disso pra continuação do esporte. Nossos muleques já são campeões mundiais, já rodam o mundo competindo. E mais que isso já sabem a importância de defender nosso Brasil. De dizer eu sou seleção brasileira. E o esporte resgata a criança da rua, da droga, dá lazer, mas dá disciplina. Ensina a ter objetivos e planejar pra conquistar, ensina a vencer e perder, que são as dificuldades da vida. E também dá cultura, que são os países que você vai conhecer e as línguas que vai ter que aprender na marra. E eu poso falar mais ainda hoje porque eu sou policial militar e pego crianças de quatorze anos com fuzil na mão. E ao mesmo tempo aqui a gente tem crianças de quatorze anos já viajando pra fora do país. O esporte tem esse poder. Ele transforma, te mostra outras realidades nas viagens que criam outras perspectivas de vida. A minha vida mudou. Ela é uma coisa antes e outra depois da Bozo D'água. Você não acha isso importante? Por isso, esse ano a gente já colocou as categorias mirim e fraldinha no campeonato brasileiro, entendeu?

No campeonato brasileiro de 2012, realizado em Brotas, ouvi os atletas da Bozo D'água conversando sobre sua preocupação com esse cenário. Afirmavam perceber uma diminuição no número de equipes participantes no campeonato e que alguns de seus atletas haviam dito que não tinham condições de treinar tanto quanto a Bozo D'água e que sua hegemonia os desestimulava, pois sabiam que gastariam dinheiro com a ida aos campeonatos sem retorno e sem sequer ter chance de pódio. Estas informações faziam com que os atletas da Bozo D'água pensassem junto ao representante da Confederação Brasileira de Canoagem em criar novas categorias como a estreante adulto e a máster, para incentivar a formação de novas equipes e trazer de volta ao cenário competitivo as antigas.

Mas, além disso, os atletas da equipe em questão dizem ter dificuldade em redigir seus pedidos de patrocínio e em entender os trâmites das poucas empresas dispostas a patrociná-los. Referem também não ter tempo e ter dúvidas sobre como manter atualizados canais de divulgação em mídias alternativas como a internet. Quando por ocasião de algum acordo com alguém disposto a fazê-lo, e que se coloca como apoiador da equipe é comum que uma porcentagem do patrocínio seja solicitada por tais “serviços.” Ou seja, o *rafting*

brasileiro, só por sua classificação como prática esportiva alternativa, não está livre dos conflitos e assimetrias de poder que podem permear os contextos esportivos.

Em Agosto de 2011, a equipe Bozo D'água, bicampeã mundial e tetracampeã da copa europeia de *rafting*, conquistou o octacampeonato brasileiro na modalidade e se classificou para o campeonato mundial na Costa Rica. Neste mesmo ano, a prefeitura de Brotas lançou a campanha “Brotas: o melhor *rafting* do mundo,” paradoxalmente a equipe perdeu seus maiores patrocinadores e não conquistou outros. Talvez a Bozo D'água possua melhor equipe do que aparato produtor de símbolos a serem partilhados, nos termos de Damo (2006), e ainda interesse apenas, e no máximo, à sua cidade de origem. Falta ao *rafting* espectadores e, portanto, público alvo para os patrocinadores e a mídia.

Este também foi o tema dos discursos na entrega do prêmio Outsiders “aventureiros do ano de 2011” oferecido pela revista *Go Outside*. Atletas de modalidades distintas salientavam a importância da homenagem e da revista especialmente para estes tipos de modalidades realizadas na natureza, as quais, por definição, não é possível circundar com um público espectador.

Por isso, a realidade da Bozo D'água nos dá a pensar mais uma questão conceitual: a impossibilidade de classificar os esportes rigidamente em olímpicos e não olímpicos. Há de fato uma ideologia distinta daquela do olimpismo como pano de fundo das práticas de *aventura*, mas suas realidades concretas podem operar associações entre as duas. Antônio José Salvatti, o Zé Prego, *condutor de rafting, coordenador geral de uma agência de turismo de aventura e meio esquerdo* da Equipe Bozo D'água elucida esse fato.

A falta de patrocínio, de incentivo, pra alimentação principalmente acho que é o que mais peca pra equipe. Quando a gente tem a bolsa atleta dá um alívio. Mas antes não existia e a gente já tá sem de novo. Porque a gente teve que fazer a renovação, já foi mandado, a papelada. Já estava toda pronta, mas a gente tem que ficar esperando a boa vontade dos caras e nem sabe se vão renovar. Tipo, que nem ano passado que só saiu a aprovação em Maio, a gente ficou cinco meses sem bolsa. Agora isso é sempre um ponto de interrogação que a gente tem. A gente nunca sabe se sai ou não sai. Antes do mundial do ano passado, tinha dia que a gente chegava no rio com a roupinha de treinar e tinha que sair de lá cada um pra um lado correndo atrás de dinheiro, porque se não tivesse o dinheiro pra chegar lá, de que adiantava treinar? A gente não treinou tanto quanto podia e devia por causa disso e ainda tem gente que cobra que agente não conseguiu o tricampeonato. E isso porque? Porque além da bolsa que tá em espera, os dois únicos patrocinadores grandes que a gente conseguiu ter a Mahle e a Itaipu, uma teve uma crise no Brasil e largou e a outra mudou a presidência e largou porque disse que ia focar a canoagem olímpica. E, por exemplo, o Coré, que é um cara que se dedica integralmente a equipe, se deixar ele faz coisa pra equipe dia e noite. E não tem dinheiro de família, sem a bolsa o que ele vai fazer? Ele vai precisar deixar a equipe de lado pra poder arrumar como comer, pagar as contas. E isso é uma pena. Ele vive a equipe, sabe? Ele é um ponto acima de todos nós. E eu sofro por ele. Porque não é como muitos no Brasil que tem a bolsa e treina duas três vezes por semana uma horinha por dia. Mas, não é isso.

Você vê ele na ponte sete da manhã treinando com a gente, as nove saindo pra descer com cliente, as duas da tarde treinando a molecada, as sete da noite com a gente de novo e depois desce rio de manhã e de tarde no fim de semana e no domingo a noite ensina quatro meninas que querem treinar. Entendeu? Ele não faz só pra ele. O *rafting* dele não é só pra ele. Isso é o que mais chateia, que mais indigna, que mais deixa triste, sabe? Um dia a gente perder um cara desses que incentiva tanto. E tudo porque o *rafting* não é um esporte olímpico. Ninguém divulga o *rafting*. Não tem mídia. Por isso a gente tá tentando que vire modalidade de demonstração no Rio.

Enquanto o *rafting* não se torna esporte profissional e/ou olímpico, há uma cadeia de reciprocidades operada no *rafting* da Bozo D'água. E a maneira como redistribuem seus ganhos: trabalho voluntário na escolinha, *vaquinhas* para aquisição de equipamentos a serem utilizados também pelas outras equipes e levar o máximo de equipes possível às competições são preocupações que refletem na forma como as viagens acontecem: “Se a gente tem dinheiro pra ficar no hotel e a equipe Junior, ou as outras só tem dinheiro pra acampar, nós vamos acampar todo mundo e usar o resto do dinheiro pra todos.” Ou então: “E agora sempre que a gente consegue um apoio a gente procura dividir ao máximo, usa o dinheiro que sobra pra alguma coisa pra todo mundo, por exemplo, reforçar a alimentação. Porque a gente foca mesmo em estar juntos e a gente sabe que um dia a gente vai ter que parar e que os juniores, são eles, que vão dar continuidade ao nosso sonho. Que o foco que eles tem hoje era o mesmo foco que agente tinha quando começou.”

Quando a situação financeira da equipe é um pouco melhor, dividir mais dinheiro entre mais pessoas faz com que as condições de transporte, hospedagem e alimentação permaneçam limitadas. Esta partilha dos patrocínios e por vezes até bolsas-atleta e dedicação a formação de novos *rafteiros*, não só diz respeito à intenção de dar continuidade à equipe, mas serve como um dispositivo de manutenção daquilo que chamam de humildade, segundo eles, o motivo pelo qual, junto à força, união e dedicação, conquistam suas vitórias. Isto transparece na reza dos *rafteiros* da Bozo D'água:

Ó senhor meu deus,
 Dai-me apenas aquilo que vos resta,
 Aquilo que ninguém vos pede,
 Dai-me a fome,
 Dai-me a sede,
 Dai-me o medo,
 Dai-me o frio,
 Mas, dai-me,
 Acima de tudo,
 A fé,
 A força,
 A coragem,
 A vontade de vencer.
 Uns tem mas não podem,

Outros podem, mas não tem,
 Nós que temos e podemos agradecemos ao senhor,
 Protege a Bozo D'água em mais um (campeonato da ocasião),
 Amém.

Com o aniversário de dez anos da equipe, em 2012, novas estratégias para a continuação da equipe são cada vez mais pensadas. Entre elas estão o fortalecimento da Associação Brotense de Esportes Aquáticos e de sua escolinha de *rafting* vinculadas afetiva e politicamente a Bozo D'água, porque ambas criadas por membros da equipe, assim como narra Samuka:

A gente fez a ABEA mais pra arrecadar verbas pra ajudar nossa equipe, pra escolinha e pra organizar campeonatos pro pessoal que tá começando. Só que a gente abriu, mas a gente só pode ter recurso do governo e de empresas depois de dois anos. Por enquanto é mais os atletas e as crianças e pais de crianças os associados, né? A gente cobra por ano acho que dez reais, mais pra poder ter algum equipamento pra dar treino. E aí a gente espera que a prefeitura entre com recurso pra poder remunerar o pessoal que sempre teve ajudando, no caso o Coré, né? Porque a ideia da escolinha e da associação é dele e ele tem trabalhado de graça com instrução e treinamento. Então, nós tivemos a ideia de eu ser o presidente da associação pra depois quando puder, a gente contratar ele pra ser como se fosse o professor da associação, que é o que ele sempre já foi, mas nunca ganhou pra ser. O mais certo é isso, né? Porque é ele que dá aula. A gente só dá uma ajuda de vez em quando e ajuda mais ele a arrumar as coisas pra levar os pequenos pro campeonato. Mas quem dá aula todo dia é ele. E a gente registrou como local provisório da associação ali o barracão de equipamentos do fundo da agência que é onde a gente se troca, guarda nossas coisas e se reúne, mas mais porque o dono cedeu esse uso por um tempo pra gente. Mas, a gente espera que depois a prefeitura articule um barracão pra gente guardar o equipamento e ter um telefone. Que eu acredito que possa acontecer pro ano que vem, né, a gente espera.

Como a prefeitura não cedeu aos pedidos por uma sede para a ABEA, quando retornei à cidade para uma visita depois da defesa desta dissertação, aqueles que tinham bolsa atleta dividiam o aluguel de uma casa, que havia vagado perto das *agências* e do Parque dos Saltos, com esta finalidade. Nesta mesma ocasião, na beira do rio, assistindo ao campeonato brasileiro, ouvi membros de duas equipes de fora da cidade conversando entre si e o que diziam era em defesa do esporte amador. Reprovavam a alta competitividade das equipes de Coré, dizendo ter vergonha de trazer os juniores para ver aquilo. Neste caso, se referiam a atitude lida como antiesportiva da mãe de uma atleta de Brotas que as repreendeu por emprestarem seu bote a uma equipe que teve o bote furado. Em oposição elogiavam-se ao dizer que faziam o esporte por amor, por divertimento e pela participação e não pela bolsa atleta.

Pode ser que estejamos testemunhando o surgimento, disseminação e consolidação do *rafting* e das *práticas de aventura* no país, mas por enquanto, ao contrário de outras modalidades que constroem patrimônio e arregimentam milhares de pessoas em torno de si, o *rafting* competitivo brasileiro vive basicamente de pequenos investimentos pessoais, venda de camisetas e apoio de prefeituras e pequenos comerciantes. Neste contexto, os atletas se vêem impelidos a forjar um corpo mais forte que a falta: a falta de equipamentos, de estrutura, de apoio, de dinheiro. Mas o seu discurso da falta não exclui a possibilidade de vitória e as alternativas criativas que desenvolveram para conquistá-la nesta conjuntura.

Em seu clássico texto sobre as técnicas corporais, Mauss (2003 [1935]) estabeleceu que o corpo é um conjunto de técnicas e estilizações que são respostas criativas a determinadas solicitações impostas pela vida social. Sevcenko (1992) dirá que os esportes são testemunhos e protagonistas de um tempo. Nos tempos modernos, segundo ele, as solicitações do corpo devem estar coadunadas às noções de velocidade e ao advento das novas tecnologias da segunda revolução industrial e das grandes guerras. Archetti (2001), por sua vez, em seu livro ensaístico sobre os esportes introduzidos pelos britânicos na Argentina concomitantemente com elementos da modernização, a construção de estados nacionais e a internacionalização da economia demonstra que além do futebol e do boxe, no polo e no automobilismo argentino se encontram os motivos da natureza selvagem e do risco de morte na prática esportiva.

Enquanto o polo argentino traz à tona a importância de uma natureza ímpar como forja de campeões, na formação de *polistas criollos* na lida com os cavalos, de maneira aproximável ao que acontece com os *rafteiros* de Brotas; o automobilismo, segundo o autor, se constituiu a partir de elementos do turismo, evidentemente não do *turismo de aventura* que ainda não havia sido criado, mas de um turismo conhecido como “turismo de carretera,” que consistia em uma nova possibilidade: viajar em automóvel. Com a fixação do automóvel como veículo de transporte e a abertura dos primeiros caminhos, ainda muito rústicos, para sua passagem, segundo Archetti (2001): “los autos recorrían el territorio nacional y al hacerlo no solo lo descubrían sino que permitían la apropiación concreta de esse paisaje por parte de las máquinas, seus pilotos y sus públicos.”

Em uma aproximação possível com aquele contexto, poderíamos dizer que, em alguma medida, também os *esportes de aventura*, suas novas técnicas e tecnologias permitem uma re-visão e re-apreensão não só do país e do mundo, mas também do corpo, do risco e da natureza a partir de valores contemporâneos.

As fronteiras entre *rafteiros* esportistas amadores empreendedores forasteiros e seus empregados, são borradas em Brotas, contexto local em que os *competidores* são treinados não nas viagens de lazer internacionais, mas na lida com os *clientes*. Engendrada nas contemporâneas preocupações ecológicas, demandas por uma economia sustentável crescente importância da ludicidade, mas também na possibilidade de atualização da relação do brotense com o rio Jacaré e do atleta com a nação está esta *aventura* contemporânea.

A *aventura* dramatiza a possibilidade de subversão de certas convenções esportivas e regras sociais, suas relações de poder e hierarquias. No entanto, funda tantas outras. Em Brotas, a do *rafting* sobre o *bóiacross*, a da *natureza exótica* sobre a *natureza domesticada*, a do *condutor* que faz do *desfrute do rio* seu trabalho, mas que se sujeita nessa dinâmica às *temporadas* e à informalidade profissional.

Neste contexto, os *atletas de rafting* da Bozo D'água operam uma *aventura* local e laboral em seu cotidiano, mas também uma *aventura* competitiva internacional, reforçada pela recente vitória do campeonato mundial de 2011 pela primeira equipe Junior treinada por Coré, a partir da escolinha da associação. Esta circulação internacional através dos campeonatos é aquilo que conecta a Bozo D'água e a *aventura* brotense à ideia mais geral de *aventura* que introduziu este trabalho. Ou seja, consagrarem-se como os melhores *rafteiros* do mundo é o que os permite acessar certos códigos, por exemplo, relacionados à ideia mais geral de *aventura* operada nos *eventos de aventura* e que este trabalho procurou problematizar. Os tópicos a seguir não retomarão tais abstrações, as quais já receberam bastante espaço e atenção, ao contrário, procurarão aprofundar-se nas rotinas do aprendizado do *rafting* e suas técnicas com o intuito de problematizar a corporalidade na *aventura*.

5.2 Onde estão as *rafteiras*?

Se meu corpo foi o lugar de onde escrevi a próxima descrição, preciso salientar que ser uma pesquisadora (e não um pesquisador) em campo me ofereceu um ponto de vista privilegiado para perceber dinâmicas de gênero no *rafting*, na medida em que elas me afetavam sobremaneira. Quando cheguei à cidade e procurava um lugar para começar o trabalho etnográfico, após algumas participações como *cliente*, ao tentar iniciar cursos de formação de *condutores* que nunca aconteceram e depois de algumas observações diretas na beira do rio, tal como relatei na introdução deste trabalho, procurei acompanhar as *operações* junto aos *turistas* desde o ponto de vista dos *condutores* e também os treinos de *rafting* das equipes competitivas não só porque acreditava ser importante para a apreensão da noção de

aventura, enquanto ideia prática, compreender suas técnicas, ou seja, experimentá-las em meu corpo para melhor descrevê-las, como também porque aprendia a importância do *rafting* competitivo em Brotas, em específico da internacionalmente vitoriosa equipe Bozo D'água. Associadas a esta equipe de referência, informalmente e basicamente por camaradagem, estavam outras seis equipes: as adultas masculinas Bozo D'água 2 e Jacaré que Pira, a adulta feminina Brotas 40° e as juniores masculinas Brotas Bozo, Mulekes de Brotas e Meninos do Rio.⁹⁷

Na ocasião em que fui apresentada ao técnico das equipes, aquele que me introduzira surpreendeu ao dizer: - “Olha, é essa a menina que eu te falei, já que ela quer saber como são as coisas por aqui, bota ela pra treinar, porque ela já foi atleta, e, olha aí, o tamanho dela,⁹⁸ deve *dar conta*.” O técnico imediatamente explicaria que a equipe feminina de *rafting* estava desfalcada para o campeonato brasileiro que aconteceria em quatro meses,⁹⁹ mas que teria que conversar com as meninas sobre minha entrada na equipe. Eu expliquei a ele que competir não era meu objetivo na cidade e que não tinha intenção de interferir em qualquer dinâmica de treinamento. E que, além disso, eu nunca havia remado qualquer embarcação, não tinha experiência nenhuma, muito menos competitiva, com qualquer tipo de remo. Para um tempo tão curto de treinamento até o campeonato, muito provavelmente eu não responderia como o esperado ao período de treinamento disponível, mesmo que treinasse diariamente, visto que eu já tinha dores crônicas advindas das minhas duas hérnias de disco e ruptura de ligamentos em um joelho mal operado. Ele disse que isso não seria problema, que só duas hérnias não fariam diferença junto aqueles que têm entre seis e sete hérnias de disco, e que a ruptura de ligamentos do joelho não interferiria muito, visto que lidavam como a ruptura de ligamentos principalmente no ombro, articulação diretamente envolvida no gesto esportivo do *rafting*.

Nota-se que estava em jogo quanta dor se poderia suportar, tema francamente orientado na chave de um discurso masculinizante.¹⁰⁰ Resolvemos assim: ele procuraria

⁹⁷ Soube que no final de 2011 uma equipe Junior feminina foi montada.

⁹⁸ O tamanho se referia aos meus 1,80m e 78kg.

⁹⁹ O campeonato brasileiro ainda é disputado por equipes que, em sua maioria, representam as *agências turísticas* empregadoras de seus componentes. Há exceções como a Bozo D'água, que atualmente tem seus componentes trabalhando em variadas *agências* e, por isso, e já que nenhuma delas tem os apoiado financeiramente, apresenta-se como representando Brotas, a sua cidade. Entretanto, outras equipes de Brotas, ou seja, mais de uma equipe de uma mesma cidade, podem participar do campeonato visto que o esporte ainda tem poucos adeptos, não há muitas competições estaduais e dificilmente haveria campeonato se houvesse esse tipo de restrição. Isso significa, por exemplo, que São Paulo ou o Rio Grande do Sul que dispõem de um número um pouco mais elevado de equipes às vezes promovem disputas para consagrar o campeão do estado, mas isso nada tem a ver com as vagas no campeonato brasileiro.

¹⁰⁰ Depois de conhecer os meninos da equipe Junior e interagir com eles além dos treinamentos nas redes sociais, encontrei muitas referências desse tipo às lesões e sua capacidade de suportá-las, como essa, retirada da página de um deles no *facebook*:

alguém experiente para completar a equipe titular e, se necessário, eu seria reserva da equipe. Isto esclarecido comecei os treinamentos.

É interessante notar que a equipe feminina de *rafting* Brotas 40° é composta por apenas duas mulheres da cidade. As outras cinco, apesar de em algum momento já terem estado em Brotas para *conduzir*, *treinar* ou buscar formação não mais encontram lá seu lugar na *aventura*. Isto se dá por dois motivos principais. Notei que o grau de escolaridade das meninas tende a ser maior que dos meninos. E que há maior preocupação com o vestibular, o curso superior e uma carreira futura estável. Por isso elas se ausentam de Brotas e vão a São Carlos, Jaú e Rio Claro fazer *cursinhos*, cursos pré-vestibulares. Depois, é comum que mudem para cidades onde existem cursos superiores, nas quais são aprovadas e, eventualmente, vêm a trabalhar em outras áreas. O segundo motivo, entre aquelas que permaneceram na área, seria a indisposição em continuar o trabalho com *aventura*, especialmente com *rafting*, em Brotas, devido à hostilidade deste ambiente frente à condição feminina. Chego a este dado já que elas trabalham com *turismo de aventura* e com *rafting* em cidades de outros estados.

As narrativas sobre a hostilidade com o feminino em situações de condução se referem a diferentes feminilidades em diferentes contextos. As assimetrias de gênero instituídas nesse campo esportivo notadamente se destacam em dois contextos: a) as mulheres heterossexuais sofrem algum assédio e constrangimento público segundo o que eles chamam de *cantadas* ou *xavecos*, o que não é visto com muita seriedade, ou como algo grave, na medida em que estas abordagens insistentes são naturalizadas na chave de *gracinhas*¹⁰¹ e b) entre as mulheres homossexuais há relatos de que até mesmo as condutas de solidariedade quando no rio em *operação* com *clientes* são subvertidas para demonstrar o descontentamento com sua presença. Além disso, independentemente da orientação sexual narrativas sobre inabilidade e fraqueza da mulher principalmente em situações em que é preciso carregar equipamentos pesados (como os botes que chegam a pesar noventa quilos cada) e de

Durmi um pocooo, pq jajaa o Treeino vaii see Loco...
#Vem Erniaaa... kkkkkkk

¹⁰¹ É dito que há certo alvoroço em relação às mulheres novas na cidade, que são objeto de investimentos de sedução e disputas entre alguns *rafteiros*. A forasteira é vista como o prêmio e a prova na competição de quem será capaz de seduzi-la, tarefa que atesta a eficácia da masculinidade em outras esferas que não a atuação no rio, mas que está relacionada a ela na medida em que o corpo musculoso e a postura corajosa são acionados como mecanismos de distinção nessa disputa. Situação à qual também fui submetida e que cessou apenas quando tive uma conversa franca e certamente ríspida, sobre como gostaria de ser tratada dali para frente e que me fez perder interlocutores.

navegação em rio *cheio*, que demandaria maior resistência do condutor contra a força da água, são perceptíveis.

Explico melhor. Diz-se que no rio não há *agência* ou *condutor* isolados diante de uma situação de perigo e necessidade de resgate. A ética nesses casos é a da ajuda mútua. Entretanto, por exemplo, quando o *cliente* de uma *condutora homossexual*, que já há algum tempo referia certa “perseguição” ou implicância por parte de alguns *condutores* homens, perdeu seu remo e o mesmo foi levado pela correnteza, ao invés do *condutor* do bote pelo qual o remo passou muito próximo, pegar o remo e devolvê-lo ao *cliente* do bote de origem, este *condutor* fez o gesto de “se fudeu” para a *condutora* e deixou o objeto passar, sinalizando que ela deveria se esforçar para buscá-lo.

Além destas agressões operadas sutilmente no contexto da *condução* e insinuações constantes de que a mulher, em geral, não reúne as competências físicas necessárias ao trabalho com *rafting*, há as agressões mais diretas às homossexuais quando por ocasião de uma divergência ou desentendimento. Nestes casos, a discussão técnica dá lugar a insultos seguidos de gestos ofensivos como: “Chupa aqui, que é disso que você tem que gostar” e “Até que você tá com uma bundinha gostosa, vem aqui que eu vou te ensinar a ser mulher direito.”

Assim como o futebol de várzea (Damo 2006), o *rafting* é praticado em Brotas para mostrar quem é homem, “qualidades” tais como coragem e força são continuamente performatizadas desde perspectivas masculinas. O *rafting* também “não é praticado para manter a forma, mas para mostrar quem está em forma” (Damo 2006) e a musculação, acessada seja em academias de ginástica, seja de maneira gratuita em aparelhos antigos da prefeitura disponíveis no ginásio da cidade, é um recurso muito apreciado para manter-se apto ao *rafting*. Neste sentido, os corpos hipertrofiados aludem às noções de força, valentia e resistência a dor associados à heterossexualidade masculina, à homossocialidade e a um padrão sexualizante e heteronormativo de comunicação.

Sendo assim, em Brotas as diferenças de sexo parecem ocupar papel central na construção das identidades de gênero e as diferenças biológicas entre homens e mulheres são condição de desigualdade na *aventura*. Na maioria das vezes, o lugar das mulheres é a recepção das *agências*, a “casa.” Enquanto a “rua” e o rio são espaços masculinizantes. Evidente minoria, quando se tornam *condutoras* as mulheres acabam relegadas às atividades consideradas mais simples e que exigem menos força física, tais como a *trilha*, a *tiroleza* e o *arvorismo*. *Condutoras de rafting* e *canionismo* conformam exceção, no segundo caso elas fazem *segurança*, nunca a *ancoragem*, e não conheci nenhuma *coordenadora* mulher. Especialmente no *rafting* a resistência à presença de mulheres *condutoras* é gritante, exceção

feita às competidoras, como mencionarei mais adiante. E embora haja sempre referência a uma *condutora de rafting* que se tornou *dona de agência*, este caso é único e isolado.¹⁰²

No período em que permaneci em campo houve por alguns meses apenas duas *condutoras de rafting operando*. E elas eram estrangeiras. Por ocasião de um campeonato mundial de *rafting*, elas conheceram o *dono da agência* de Brotas que acompanhava a equipe que a representava e foram convidadas a trabalhar por uma temporada.

Após um período de reconhecimento do rio *na baixa*, elas passaram a me confessar certo estranhamento junto aos procedimentos adotados pelos *condutores* de Brotas. Por exemplo, quando se carrega o bote do reboque ao rio ou do barracão de equipamentos ao reboque, ele pode ser levado por quatro pessoas, duas de cada lado, cada uma segurando-o pela corda que o circunda com a mão mais próxima a ele ou elevado e apoiado no ombro de cada uma, dividindo seu peso. Entretanto, os *condutores* de Brotas preferem na maioria das vezes, carregar o bote equilibrado na cabeça entre duas pessoas posicionadas em seu centro, uma na frente e outra atrás. Eles afirmam que dessa forma o transporte é mais rápido e eficiente. As *condutoras*, por sua vez, me diziam que esta demonstração de força é desnecessária, na medida em que provoca mais desgaste e possibilidades de lesão nos *condutores* e que em outros lugares do mundo aonde *conduziram*, mesmo entre homens não era feito desse modo. Mas ao falarem sobre isso com os *condutores* passaram a ser hostilizadas, sendo chamadas de preguiçosas, aquelas que *dão migué*, ou de fracas, que *não dão conta* de carregar seu bote.

Quando uma delas não se sentiu apta a descer o rio, pois sentia dores nas costas e o rio estava cheio, o que demanda maior esforço por parte do *condutor*, e pediu para ser substituída, respondendo a um padrão que ela entendia como de *segurança* e responsabilidade pelos *clientes*, seu prestígio foi ainda mais abalado. Demonstrar receio, medo, dor, lesões ou cansaço como argumento para não *descer o rio* é dar chance ao desprestígio. É possível confessar tudo isso aos pares, mas para continuar sendo considerado um deles é preciso *descer* mesmo assim, em uma demonstração de superação e em acordo com a ética masculina e do trabalho.

Embora tenha presenciado estas dinâmicas entre *condutores* e *condutoras*, quando no *rafting* competitivo, como apenas duas das meninas da equipe com a qual eu competiria permaneciam na cidade e se preparavam para o vestibular e, por isso, divergiam em horários e treinariam apenas nas duas semanas anteriores ao campeonato, fui introduzida no *rafting* via

¹⁰² Não tenho dados sobre ela devido ao fato de que sua *agência* era concorrente direta daquela que primeiro me acolheu e não quis estar entre as duas para não causar mal entendidos.

treinos das equipes masculinas adultas secundárias, completando o bote no qual algum componente faltava.

As equipes competitivas se configuram com seis (R6) ou quatro (R4) pessoas no bote, três ou duas de cada lado. Todas elas sentam em sua lateral, mas com uma perna por cima e outra por trás do apoio perpendicular chamado bisnaga ou *banana*, na posição chamada *cavalinho*, de forma que consigam projetar o tronco mais para fora do bote e aplicar mais força e amplitude no movimento com o remo, que não é feito de plástico e alumínio como o dos turistas, mas de fibra de carbono, ou outros materiais que garantem leveza e precisão nos movimentos. A ocasião de meu primeiro treino pode ser conhecida através de um trecho do meu caderno de campo:

Em um sábado frio de Julho de 2010 acompanhei uma descida com Coré, como “cliente,” e quando voltamos à *agência* alguns adultos o esperavam para um treino noturno. Eu perguntei de súbito se já poderia participar e ele disse que sim. Os *condutores* que estavam naquela descida e iam pra suas casas me vendo caminhar em direção ao rio no meio dos atletas perguntaram se eu iria daquele jeito. Eu respondi que sim. Zulu, acenando com a cabeça de um lado pro outro que não, imediatamente tirou e me deu a sua lycra dizendo: -“Você vai precisar disso.” Muriçoca na sequência fez o mesmo com seu corta vento e me disse que o trouxesse de volta cedo no dia seguinte. Agradei e fui ao treino. Mesmo com as roupas emprestadas e depois de muitas remadas, o frio era intenso. Não sei o que seria de mim sem sua ajuda. Talvez tivesse que pedir para sair do treino e ir embora. Pensava: - Tenho que ir à casa dos meus pais buscar minha lycra de surfe e comprar alguma roupa de borracha. Enquanto ouvia: - Olha o *migué*! Não para! Não para! Não podia parar de remar e os ombros queimavam. Sustentar aquela posição desconhecida já é difícil o suficiente e ainda tenho que tentar atender as instruções de aplicar mais força com o braço de cima quando a pá do remo está na água enquanto era meu braço de baixo que automaticamente fazia mais força. Podia jurar que estava em sincronia e de repente ouvia o grito da margem: - Marília, tá fora! Bate Junto! Eu não sabia o que fazer pra realizar algo que me parecia estar sendo realizado. Coré grita: “Marília não quebra o punho!” Ardem os punhos, apoiar a haste do remo com os dedos começa a ficar cada vez mais difícil, os dedos afrouxam, se abrem e o remo escapa. Dói meu punho da mão esquerda, a mão de baixo. E essa história de não mexer o cotovelo?! Como é que não se vai mexer o cotovelo ao remar??!! Parece impossível! Acho que eu não caibo naquele movimento, ou seria naquele remo? E que vontade de mudar de posição! A perna da frente formiga. Mas eles me dizem que é preciso aguentar. Sempre odiei ficar dormente. Não tem outra opção? Eu parava de remar pra tocar minha perna e reanimá-la, mas era repreendida. Que aflição!! O *rafting* certamente se trata, além da remada, de suportar esse posicionamento esdrúxulo, quase estático, dos membros inferiores. Pernas dormentes, controle isométrico do tronco e braços sempre ativos. Nunca há descanso para os braços.

Esse primeiro treino durou aproximadamente três horas. Obviamente, eu não conseguia acompanhar a velocidade das remadas, nem continuar remando durante todo o tempo do treino. No segundo treino, comecei a sentir dores mais intensas no punho esquerdo. Depois do terceiro treino não conseguia mais segurar o remo com a mão esquerda. Desenvolvi

uma tendinite e acabei imobilizada por um mês, ao qual se seguiu outro mês de fisioterapia. E pensava: - “Onde estava com a cabeça de achar que poderia acompanhar um treino masculino adulto de uma modalidade que nunca pratiquei?!” Mas era mais ou menos assim que acontecia com todos aqueles que se interessavam pelo *rafting* competitivo, à revelia das noções científicas de condicionamento físico e periodização de treinamento. A diferença é que a maioria daqueles que começava a treinar já *conduzia*, ou seja, já estava em alguma medida treinado no principal gesto da modalidade.

Não fui pressionada a treinar com dor, mas certamente o desenvolvimento de minha tendinite foi uma decepção instantânea para as equipes e lido como um atestado de inabilidade para o *rafting*. Apesar de “ser grande,” ou da minha aparência ter sido percebida como atlética, sucumbir à dor foi tido como falta de vigor físico.¹⁰³ Na sua linguagem, eu não *dei conta*.

Mas apesar de o “dar conta” - ou seja, coloca-se o pretendente a *rafteiro* na prática e se ele se vira bem, ele será um bom *rafteiro* – aparecer como se fosse uma capacidade inata apenas amparada pelas dicas sobre a percepção do ambiente e de aparentemente não existir uma preocupação pedagógica ou com progressão de treinamento para seu fornecimento, tais como aquelas operadas pela educação física formal e escolarizada; a maioria dos *atletas de rafting* de Brotas opera os valores da eficácia e do rendimento, da disciplina e treinamento, da dedicação e perseverança.

Diferentemente do futebol, estes valores não vêm eclipsados pela ideia de dom/talento. Pode-se supor que isto se dá porque em Brotas seus contornos foram forjados desde o princípio nos ditames do mundo do trabalho. Se o dom não aparece espontaneamente como constitutivo deste ou daquele *rafteiro*, ao menos no período em que lá estive, a ideia de *conjunto* foi muito frequente.

O “saber, compreender, julgar e reagir tudo ao mesmo tempo” (Wacquant, 2002, p.118), em sua forma plural, somado ao equilíbrio de peso entre os lados do bote e a complementaridade de funções/posições no bote é o que se chama de *dar conjunto*. A interpretação de toda a equipe sobre determinado comportamento do rio de maneira muito semelhante e a opção de uma mesma resposta possível a ele, imediata ou antecipatória, somada ao *bater junto*, ou seja, precisão e sincronia na execução da remada, colocar e tirar o remo da água no mesmo instante, nesse sentido, seria mais do que o *entrosamento* conhecido

¹⁰³ Esta questão da participação do antropólogo em um campo esportivo como estratégia de pesquisa, a possibilidade de lesões e suas implicações na investigação é discutida em mais detalhes por Robert Sands em *Sport Ethnography* (2002).

do senso comum do futebol. É como se apenas uma pessoa *conduzisse* o bote, tamanha a concisão e a coerência nas ações de seus remadores e, conseqüentemente, em seu fluxo, ou seja, *é remar como um só*. As ideias de *bater junto* e *remar como um só* equivalem à sincronia absoluta da remada e não passam pela consciência discursiva e pela explicitação que envolve reflexão.

É claro que nem todas as equipes *dão conjunto*. O que notei nos dois campeonatos que presenciei é que a Bozo D'água parece ser aquela que mais se aproxima da perfeição sincrônica, por isso, em Brotas e entre eles eu não ouvia muita verbalização sobre a *leitura e descida do rio* depois que ela havia acontecido. Entretanto, presenciei discussões e até mesmo brigas e rupturas entre componentes de outras equipes devido a discordâncias quanto à *leitura do rio*, ou porque alguma de suas ações provocou um resultado pior no trajeto do bote rumo à linha de chegada. Certa vez ouvi uma discussão assim:

Rema seu filha da puta! Como é que você me dá uma varredura depois da última baliza? Quer me foder? A gente deve ter perdido uns trinta segundos por sua causa.

Durante o tempo que passei em recuperação, enquanto percebia a importância das habilidades adquiridas apenas no treinamento, na repetição e no trabalho junto à equipe, preocupavam-me o afastamento das instruções técnicas e a diminuição do tempo de que dispunha para compreender as ações corporais do *rafting*. Conversei com Coré sobre meu retorno exigir menos intensidade e volume de treinamento e ele, então, sugeriu que eu retornasse ao *rafting* através da *escolinha*.

Na *escolinha* havia equipes juniores iniciadas no *rafting* há aproximadamente um ano e iniciantes como eu, de variadas idades, embora eu fosse, de longe, a mais velha - eu tinha 26 anos e a maioria dos meninos entre 15 e 16 - e a única mulher. Os meses em que pude acompanhar sua dinâmica reforçaram a primeira impressão obtida sobre a questão de gênero.

Embora desencorajados pelo treinador, os palavrões e jocosidades operados refletiam a forma como eram tratados pelos homens mais velhos da cidade, em geral, mas também por muitos *condutores* e alguns *atletas*, e exprimiam sempre certa preocupação com, ou impunham a alguém, uma passividade sexual simbólica. Os meninos, em contextos variados de treinamento e competição, se tratavam por *viado*, *bixinha*, *gay* e *arrombado*. E de tempos

em tempos alguém era visto como merecedor de um *cuecão*.¹⁰⁴ Seja porque não ajudou a carregar o bote, seja porque demonstrou medo, seja, simplesmente, porque estava distraído.¹⁰⁵

Quando passei a participar da escolinha alguns deles preocupavam-se em controlar os outros: - “Olha a moça molecada, vamos parar com isso.” Mas estas dinâmicas foram muito frequentes até o dia em que o técnico surpreendeu três deles tirando a força a cueca de outro pela cabeça na minha frente. Ele levantou a voz e imediatamente o empreendimento vexatório cessou. No seu sermão muito da inadequação daquele comportamento era relacionado à minha presença e ele encerrou assim: - “Eu não quero mais saber disso. Vocês tinham que estar alongando ao invés de ficar fazendo besteira. Ela é uma professora e agora quando me chamam na *agência* ou quando tenho que ver as coisas de patrocínio vocês tem que obedecer ela também, como se fosse eu, ela vai ser que nem mãe suas.”

Alguns deles passaram a me chamar de mãe desde então e embora uma situação totalmente imprevista e aparentemente um erro estratégico em campo, já que esse acontecimento poderia impor mais distância e uma dinâmica hierárquica entre nós, ele pôde ser contornado com minha ida a uma festa a fantasia a convite deles. Isso rendeu uma proximidade muito positiva com os juniores que passaram a me incluir mais em suas rotinas e a se relacionar comigo virtualmente pelas redes sociais.

Entre eles, finalmente, me senti um pouco mais confortável em campo e a construção dos dados se tornou mais fluida. Alguns deles foram especialmente gentis e atenciosos e com certeza experimentei a amizade em campo.

Pode-se identificar no *rafting* brotense a mesma dinâmica apresentada por Toledo (1996): a “identificação do esporte com a virilidade masculina proporciona relações jocosas

¹⁰⁴ Puxar a cueca vestida na pessoa para cima até rasgá-la entre as nádegas, tirando-a pela cabeça.

¹⁰⁵ A ocasião dos campeonatos dá margem, em certa medida, à ampliação destas práticas pela proximidade e intimidade que o transporte em ônibus e a hospedagem em alojamentos promovem. No ônibus independentemente da presença de mulheres, confessaram-me algumas delas, são assistidos filmes pornô, contadas piadas de teor homofóbico, bem como são investidas chamadas de atenção verbais às mulheres transeuntes. Além disso uma espécie de rito de iniciação ao universo competitivo ao qual são submetidos os juniores, ou quaisquer outros componentes das equipes, do sexo masculino, que pela primeira vez participam de um campeonato, denominado *pás-cú* reforça o argumento. Intrigada, após perguntar a muitos meninos que se recusaram a responder, descobri através das meninas que consistia no passar de pasta de dente no ânus do neófito, não sem luta. Neste universo heterossexual e homofóbico é justamente o lugar que não pode ser tocado que deve ser marcado pelo rito, para mostrar o quanto eles suportam carregar as marcas da masculinidade lá operada mesmo em momentos de total provação e maximizar a masculinidade de todos ao manipularem espaços ou partes do corpo que não podem performatizar outros gêneros. Além disso, ser passivizado pela equipe, e somente por ela, embora não sem oferecer resistência, seria uma forma de acionar a soberania da equipe sobre cada atleta individualmente. Soube posteriormente que este rito não é exclusividade do *rafting* brotense, mas muito comum também em trotes universitários e diversas outras modalidades do esporte brasileiro, em que aquele que debuta é marcado como um deles. Soube também, embora nunca tenha passado por isso, que estes ritos não são exclusividade do universo masculino, são performatizados também na marcação da feminilidade. Entre algumas equipes de *rafting* feminino, me contaram, passar Gelol no mamilo era seu equivalente.

por vezes agressivas que os levam a resguardar suas mulheres destes espaços” (p.67). Ou seja, saber sobre estas dinâmicas masculinizantes e perpetuá-las está diretamente relacionado a evitar que as mulheres adentrem estes espaços. Não que não haja outras formas de se fazer homem em Brotas, e não só porque me propus a etnografar as dinâmicas da *aventura*, acredito que o *rafting* é um fortíssimo dispositivo de masculinidade local. Mais uma vez parafraseando Damo (2006), ousou afirmar que em Brotas os meninos *descem o rio de boia*, não só porque o rio está lá disponível à experimentação lúdica, mas para “fazerem-se meninos.” E os homens *descem o rio de bote*, antes de buscarem ser *condutores* ou *atletas*, “para fazerem-se homens”¹⁰⁶.

Digo “no *rafting* Brotense,” pois por ocasião do campeonato brasileiro de *rafting* de 2010 (em Extrema, Minas Gerais) pude conhecer equipes de outras localidades que aparentemente não operavam tais valores da mesma maneira. Pelo contrário, por vezes, opunham-se a certas posturas dos “meninos de Brotas”. Entretanto, estes comportamentos também eram referidos como *coisa de muleque*, no sentido de ações esperadas dos homens em geral, não problematizadas como exclusividade do *rafting*, nem do universo esportivo. Esta comunicação e ritual sexualizantes, fariam parte de padrões de conduta e comportamento verbal, assim como os descreve Toledo (1996), que reportam-se aos temas e características da sociedade brasileira: representação de uma certa proeminência da condição masculina, estereótipos sociais, desigualdades, hierarquias.

No que se refere às mulheres, tive contato irrisório com elas, restrito a alguns poucos dias de treinamentos e aos quatro dias do campeonato anteriormente referido. Logo, não posso sugerir nada sobre a especificidade de gênero no que se refere à concepção de *aventura*. Mas embora não tenha participado de nenhuma prova, ser reserva de sua equipe me permitiu acessar dois mundos: os treinamentos no rio de dentro do bote e a estrutura dos eventos competitivos.

¹⁰⁶ E é por isso que não há a necessidade de uma periodização da introdução dos aspirantes a atletas ao treinamento. É como se esses brotenses já fossem previamente treinados.

Caderno 5: Contrastes (treino, trabalho e diversão)

Foto 18: Treino de R4 da equipe junior no Parque dos Saltos. Com o rio baixo e no trecho de remanso o dos equipamentos de segurança não é imprescindível. Note os holofotes instalados na ponte para os treinos noturnos (Foto Marília Bandeira).



Foto 19: Grupo de boiacross comercial chega no meio do treino



Foto 20: Adultos em *bote de balada* com o rio Jacaré em *nível cinco*. Note que, apesar de usarem os equipamentos de segurança como esta situação se caracteriza mais como divertimento, embora um desafio, os remos utilizados não são os de competição, para não serem danificados (foto: Diego Ortiz).

CAPÍTULO 6. EVENTOS COMPETITIVOS, ROTINAS DE TREINAMENTO E TÉCNICAS

6. 1 O Campeonato Brasileiro de Rafting de 2010 desde meu diário de campo

Vinte e Um de Outubro de Dois Mil e Dez. Quando cheguei à estação rodoviária Tietê, em São Paulo, vinda do aeroporto de Guarulhos e de um Congresso em Santa Fé, Argentina, que coincidiu com o período de *reconhecimento do rio*¹⁰⁷ em Extrema, Minas Gerais, ainda não tinha recebido o endereço do alojamento que esperava há mais de uma semana por e-mail. Ninguém atendia os celulares como de costume. Nem o técnico, nem os adultos homens, nem as mulheres, nem os juniores. Entrei no site da Confederação Brasileira de Canoagem e li um informativo sobre o ônibus para o rio sair todos os dias do ginásio de esportes, imaginei que este poderia ser o alojamento e para lá me dirigiria quando chegasse à cidade, em busca de maiores informações. Eu chegaria à noite do último dia de reconhecimento e na manhã seguinte iniciariam as provas. Ao chegar na rodoviária encontrei numa casa de internet dois juniores com camisetas da Bozo D'água que me disseram que o alojamento era mesmo o ginásio, embora as equipes masculinas de Brotas estivessem hospedadas, com os *botes*, em uma casa mais próxima ao rio. Levaram-me até o ginásio para encontrar a equipe feminina. No ginásio acontecia a reunião geral, antes da abertura do campeonato na praça da cidade, da organização com os capitães de cada equipe. Neste momento o organizador havia pedido aos capitães que chamassem os demais membros de suas equipes para preencher novamente a ficha de inscrição que havia sido preenchida *online*, mas que não poderia ser usada por problemas no site da confederação. Isto possibilitou ouvir toda a reunião. Não é comum que todos os membros das equipes sejam autorizados a participar, pois é entendido que muitas pessoas geram tumulto quando há necessidade de deliberação sobre alguma mudança nas regras, nas provas ou sobre situações excepcionais. Na reunião se falava dos problemas com o transporte dos botes. Nem todas as equipes dispunham de carros para levá-los até o rio - e sofriam com as condições alternativas que encontravam para isto, tais como carregá-los a pé e ter que largá-los no chão de tempos em tempos para descansar, o que provocava furos - e sobre conseguir reboques emprestados com pessoas da cidade para usar no

¹⁰⁷ Entre os remadores pode haver um líder e eles podem conversar entre si sobre o que fazer, durante um percurso ou prova. Mas, normalmente a estratégia a ser utilizada, ou seja, a interpretação sobre a corredeira a ser aplicada, é negociada e acordada nos dias que precedem a competição em um período que é chamado *reconhecimento do rio*. Assim, no dia da prova se poderá concentrar em ser o mais sincrônico, e veloz possível, dentro do que fora estabelecido e em resposta ao imponderável. O silêncio é mais bem visto que o falatório sobre o que deve ser feito. O senso comum do *rafting* preconiza: “quem fala muito rema pouco” ou “se tem fôlego pra falar é porque não tá fazendo a força que deveria na remada.”

ônibus cedido pela prefeitura, além do próprio organizador colocar seu carro à disposição, dentro dos limites de suas próprias tarefas. Além disso, conversavam sobre o que havia acontecido durante o *reconhecimento do rio*. Quantos botes viraram, quantos atletas caíram dos botes em quais trechos, se houve lesões, quais eram as partes rasas do rio e o que deveriam evitar na competição para minimizar os riscos. Outro tema era a *seca* inesperada e o nível baixo do rio. A esperança de chuvas nos dias seguintes acenava para a possibilidade de manter os trechos das provas mais longas, selecionados durante a época do planejamento do campeonato (época de *cheia*). Caso contrário, haveria mudanças nos locais de largada e chegada das provas. Houve também recomendações sobre entrar em silêncio no local das provas que aconteceriam pela manhã devido ao fato de aquela área ser propriedade de um hotel fazenda e de a permissão para a realização da prova ter sido difícil de conseguir frente ao argumento do incômodo aos hóspedes. Surpreendeu-me o desabafo do organizador que se desculpava por não poder oferecer melhores condições para o campeonato, visto que a CBCa havia autorizado apenas a ele trabalhar no evento e com orçamento muito restrito. Apresentou a única pessoa com quem dividia o trabalho de organização, um funcionário cedido pela prefeitura. Falou sobre como isto limitou a estrutura que poderia oferecer aos atletas, principalmente a alimentação – o café da manhã consistia em dois pães com mortadela, uma maçã ou banana e café com leite, o almoço se limitava a dois pães com mortadela e suco artificial e o jantar, visto como a refeição importante do dia, já que não haveria provas após seu acontecimento, servido no refeitório do ginásio, era apresentado como uma refeição completa com arroz, feijão, carne, legumes e salada. Apesar de deixar claro que sentia fortemente as restrições do evento, afirmou a importância de, embora ter que sacrificar sua estrutura já precária, poder oferecer pela primeira vez um prêmio em dinheiro aos primeiros colocados do campeonato “para ajudar com os custos do campeonato mundial”: sete mil reais¹⁰⁸. E ressaltou, também para minha surpresa, de igual valor para a equipe masculina e feminina. Supondo que seriam R\$ 2.500 para a equipe adulta masculina campeã, R\$2.500 para a equipe adulta feminina campeã e R\$2.000 para a equipe Junior campeã, já que não havia inscritas na categoria Junior feminino; e que cada equipe tem em média sete pessoas, sendo que o campeonato mundial demandava passagens aéreas internacionais, fiquei pensando que a ajuda ainda era bastante irrisória, talvez nem pagasse a taxa de inscrição do campeonato. Intrigada com a informação e pedindo maiores impressões dos atletas fiquei sabendo que o campeonato mundial também não oferece prêmio em dinheiro ou equipamentos. Fiquei me perguntando sobre o que levava estes homens e mulheres a investirem, muitas vezes, o pouco que tinham sem ganhar

¹⁰⁸No Brasil não se forma uma seleção nacional de *rafting*, a equipe vencedora do campeonato nacional é aquela classificada para representar o país no mundial.

praticamente qualquer compensação financeira. Mas ainda tinha que encontrar um colchonete, visto que tinha esquecido de colocar o meu no ônibus como havíamos combinado, depois de usar um banheiro sem porta ou assento e de um banho gelado, condições dos vestiários do alojamento. No primeiro dia do evento as meninas acordariam às 4:30, pois estavam inseguras sobre que estratégia usar no trecho da primeira prova e desejavam navegá-lo novamente. Saímos a pé do alojamento, cada uma com seu remo em punho - o meu, emprestado, era o remo reserva da equipe - em direção à saída da cidade e depois de uma subida em estrada de terra, em torno das 5:20 chegamos na casa onde dormiam as equipes masculinas com os botes. Usaríamos um deles emprestado, já que a equipe feminina não possui um. Procurando-o na garagem junto aos outros botes encontramos dois dos juniores dormindo dentro de dois deles. Depois de ajustarmos sua calibragem com uma bomba, as meninas pediram que eu passasse silicone no casco, para que elas não ficassem com as mãos escorregadias logo antes do treino. O que eu nunca havia visto, mas elas me explicaram que era para ajudar o bote a deslizar na água. Eu nunca havia feito isso e fui executando a tarefa conforme suas indicações. Depois elas se posicionaram em volta do bote e cada uma segurou a corda que o circunda para levá-lo ao rio e eu fiquei com todos os remos. Combinamos revezar de tempos em tempos quem carregaria os remos, o que correspondia à tarefa mais leve. No caminho algumas discussões sobre a forma de carregar o bote e se ele deveria ser solto no chão para um pequeno descanso começaram. Ao chegar ao trecho mais próximo ao rio, com subidas e descidas, passagens estreitas entre galhos e barrancos, a tensão se intensificou. Eu nunca havia carregado um bote nestas circunstâncias e neste trecho eu compunha a equipe que o fazia enquanto ouvia reclamações sobre minha inabilidade. O peso, a dificuldade em manobrar o bote e as diferentes opiniões sobre como transpor um obstáculo com ele levava a insultos mútuos e eu procurava me manter em silêncio. Ao chegarmos à margem elas me pediram que ficasse com as mochilas em um local protegido e se dirigiram à água. Depois de um tempo, Coré chegou e se juntou a elas que atravessaram para a outra margem e novamente ergueram o bote para carregá-lo até o ponto da largada. A partir deste momento, da posição em que eu estava com as mochilas e os equipamentos reservas já não conseguiria observar mais nada a não ser sua rápida chegada de mais ou menos trinta em trinta minutos. Eventualmente elas me pediam que filmasse o trecho que era capaz de capturar. Aparentemente elas erravam a direção em um trecho e seu bote acabava preso nas pedras de uma parte rasa do rio, o que as faria perder tempo para soltá-lo e correr riscos de queda, já que teriam que descer e empurrá-lo. Enquanto elas procuravam acertar a navegação nessa corredeira, as outras equipes começavam a chegar. Os atletas normalmente aproximavam-se com seus botes, encontravam um local abrigado do sol, quando possível, para deixá-lo e observavam as

corredeiras discutindo entre si sobre suas condições naquele dia, ou então, iam para a outra margem e treinavam a descida. Nesse ínterim, um microfone foi instalado e uma caixa de som passou a “animar” os atletas com música, muita da qual sertaneja. As demais equipes de Brotas chegaram juntas e uniformizadas. Frente a outras equipes pareciam uma multidão realmente intimidadora. Antes das provas se iniciarem, Coré me perguntou se desejava remar para que ele elaborasse uma estratégia e me encaixasse na prova mais adequada às minhas capacidades. Eu lhe disse que estava ali pela pesquisa e que não tinha a intenção de atrapalhar o rendimento da equipe, por isso, se ele não achasse que eu poderia melhorá-lo, que eu ficaria a observar de bom grado. Ele me perguntou se estava certa disso, já que o justo, em sua opinião, por eu ter pago a taxa de inscrição no campeonato, seria que eu participasse de ao menos uma prova. E eu confirmei que sim. Assumi, então, a função de cuidar dos pertences das atletas, buscar água e comida, filmar suas descidas ou a de eventuais adversárias diretas e levar e trazer recados, passando assim os dias inteiros à margem do rio. Esta dinâmica me expôs novamente às *gracinhas* operadas pelos adultos homens e também ao padrão um tanto intempestivo de comunicação, para os meus critérios, operado pela equipe feminina, que passava a conhecer. Depois de alguns dias sofrendo constrangimentos destes dois tipos e de uma crise de choro escondida, ao ser segurada pela cintura na fila do refeitório, ultrajada e descontrolada, fui até a mesa dos adultos e disse-lhes na maneira de xingamentos que não aceitava tais abordagens. Como já mencionei, depois disso perdi muitos interlocutores que sequer me cumprimentavam. No último dia, ao final da última prova, os juniores, que já haviam manifestado pena de mim, por não ter entrado na água sequer uma vez, gentilmente perguntaram se eu gostaria de experimentar descer as corredeiras do trecho das provas curtas, quando elas acabassem. Respondi sem refletir que sim, pensando que finalmente teria algo prazeroso do que me lembrar. Entretanto, enquanto dois deles que se compadeceram da minha situação tentavam convencer um terceiro a formar um R4 comigo, e com pressa, porque o bote que usavam era emprestado pela equipe adulta e os adultos gritavam da outra margem que iriam embora e os deixariam sozinhos para carregar o bote de volta à casa, um deles esqueceu o capacete ao entrar no bote. Imediatamente, começou a ser repreendido por vários adultos que gritavam da margem –“Seu moleque, quer morrer? Sai daí agora! Se você não sabe usar seus equipamentos não pode ficar aí sozinho! Seu *oreia seca*, vai ter que aprender!” Ele obedeceu, desconcertado, e ainda levou uns tapas ao sair do rio e continuou sendo advertido. O bote foi retirado da água e começou a ser carregado. Os juniores olharam para mim como quem se desculpa e se apressaram em ajudar a carregar o bote, ainda levando broncas. Mas quem devia desculpas a eles por ter os incentivado a fazer algo não previsto pelo grupo era eu. Experimentei remorso e constrangimento pensando nas

consequências da situação para eles. Acredito que por todas essas situações o campeonato foi a situação mais extenuante em campo. Mesmo sem entrar de fato na água, tanto física como emocionalmente, fiquei esgotada. E mesmo com o encerramento festivo devido às vitórias - todas as categorias foram ganhas pelas equipes de Brotas treinadas por Coré e aquelas que não compuseram o pódio conquistaram boas colocações - a sensação era a de que estava fora de lugar também nas comemorações. Sensação que se reforçou na hora de retornar a Brotas, pois não havia assento disponível para mim no ônibus das equipes. Pelo que entendi, alguns apoiadores e espectadores haviam, na última hora, as acompanhado, ocupando os assentos de quem não havia ido com o ônibus da prefeitura. Fui, então, para a rodoviária da cidade e voltei sozinha a São Paulo chateada. Apesar de todas as tensões pelas quais passei parecia não ter aprendido nada sobre as técnicas. Na pior das hipóteses, esse campeonato poderia ter sido ideal para a confecção de ótimas imagens sobre o *rafting* competitivo, mas eu não dispunha do equipamento fotográfico necessário.

Meus sentimentos à parte, relendo estas anotações, percebi o quanto esta incursão, especialmente a última situação vivida, elucidou a importância e presença da *segurança* na *aventura*, seus equipamentos, técnicas e protocolos no enfrentamento do imponderável – com os quais acenei no prólogo - mesmo no ambiente competitivo, e que consegui entender a ordem e as características das provas desta competição, que estão conforme a descrição do tópico a seguir.

6. 2 Um campeonato de rafting segundo suas regras

Uma competição de *rafting* que ocorre segundo normas da Federação Internacional de Rafting e da Confederação Brasileira de Canoagem¹⁰⁹ consiste em disputas de navegação em botes infláveis divididas obrigatoriamente em quatro disciplinas, dispostas necessariamente na ordem: *tiro*, *sprint* paralelo, *slalom* e *descenso* ou descida, em inglês chamadas: *sprint*, *head to head* ou H2H, *slalom* e *downriver*.

O *tiro* consiste na descida de um trecho de corredeira do rio que tenha entre um a três minutos, no menor tempo possível. A ordem de descida é determinada por sorteio. O *sprint* paralelo é realizado em um trecho do rio, usualmente o mesmo trecho do *tiro*, em que se possa realizar o *scout* (observação das corredeiras pela margem). No *sprint* paralelo, a largada deverá ser realizada sempre com dois botes lado a lado, com condições iguais de performance

¹⁰⁹ Este tópico foi escrito com base no cruzamento das descrições do caderno de campo com as normas da IRF e da CBCa disponíveis em seus websites.

tanto quanto possível. A equipe mais rápida da bateria precedente sempre terá a escolha da *linha* de largada. A ordem de equipes que competirão entre si pode ser determinada pela classificação do tiro ou pela ordem do menor ao maior tempo de descida em uma bateria de uma equipe por vez que precede a primeira bateria de duas equipes. Supondo que há dezesseis equipes inscritas, elas são agrupadas de acordo com a tabela a baixo:

1ºx09º	3ºx11º	5ºx13º	7ºx15º
2ºx10º	4ºx12º	6ºx14º	8ºx16º

Então as disputas seguem na ordem da tabela abaixo:

Quartas de final 1 = vencedor da eliminatória 1 contra o vencedor da eliminatória 2

Quartas de final 2 = vencedor da eliminatória 3 contra o vencedor da eliminatória 4

Quartas de final 3 = vencedor da eliminatória 5 contra o vencedor da eliminatória 6

Quartas de final 4 = vencedor da eliminatória 7 contra o vencedor da eliminatória 8

Do nono colocado em diante a classificação corresponderá ao tempo que levaram para cruzar a linha de chegada. Em seguida, acontece uma nova série de baterias chamadas semifinais, das quais somente as quatro equipes vencedoras participarão. As equipes derrotadas na fase anterior, classificadas entre 5º e 8º lugar, receberão a pontuação de acordo com o tempo das quartas de final. As semifinais são agrupadas da seguinte forma:

Semifinal 1 = vencedor das quartas de final 1 contra o vencedor das quartas de final 2

Semifinal 2 = vencedor das quartas de final 3 contra o vencedor das quartas de final 4

Os dois perdedores disputarão a 3ª e 4ª posição competindo entre si e os dois vencedores das semifinais competem um contra o outro na grande final do *sprint* paralelo. A prova seguinte é o *slalom*, que é a prova de agilidade e controle do bote entre balizas. Cada prova deve ter no mínimo oito e no máximo quatorze balizas distribuídas igualmente para a direita e a esquerda, com no mínimo duas e no máximo seis contra a correnteza. As que devem ser passadas no sentido da correnteza devem ser preferencialmente pintadas em verde e branco e aquelas contra a correnteza devem ser pintadas preferencialmente em vermelho e branco. Cada duas balizas próximas forma o que se chama de porta, que deve ter uma largura mínima de 2.50 m e um número. A passagem pelas portas deve ser realizada em ordem numérica. Uma passagem será considerada correta se todos os membros da equipe estiverem

no bote e suas cabeças passarem entre as balizas. O objetivo nesta prova é fazer todas as passagens no menor tempo possível. Se algo não estiver em acordo com as regras da prova, penalidades em tempo são adicionadas ao tempo de execução da prova:

- Toque na baliza = 5 segundos
- Uma ou mais pessoas não passarem a cabeça por entre a porta = 50 segundos
- Passar pela porta no sentido errado = 50 segundos
- Passar ou tocar uma porta com numeração superior = 50 segundos
- Passar com a equipe incompleta pela chegada = 50 segundos
- Passar com bote completamente virado por uma porta = 50 segundos
- Deslocamento intencional de uma baliza = 50 segundos

A última prova de um campeonato é o descenso (ou descida), que dura entre 20 e 60 minutos dependendo das corredeiras e do acesso ao rio. O objetivo nesta prova é realizar o percurso antes das demais equipes, além de ser uma prova de resistência física. A largada acontece em grupos entre 4 e 8 botes dependendo da situação do rio. Se for possível iniciar a prova com 8 botes simultaneamente, esta hipótese deve ser escolhida. As equipes podem selecionar sua posição de início de acordo com os pontos conseguidos anteriormente, do mais pontuado até o menos pontuado. Os grupos dão a largada, um imediatamente após o outro, em baterias organizadas da mais pontuada em diante. Assim como no *slalom*, punições em tempo podem ser acrescentadas ao seu tempo final de prova.

Para definir o ganhador da competição, o sistema de pontuação das provas soma 1.000 pontos. O ganhador é aquele que obtém o maior número de pontos. O tiro vale 100 pontos. O *sprint* vale 200 pontos. O *slalom* vale 300 pontos. E a descida vale 400 pontos. O vencedor é aquele que acumula a maior quantidade de pontos na soma das quatro provas. As equipes, em cada modalidade, receberão pontuação de acordo com sua classificação, com a seguinte distribuição:

01° lugar 100%	02° lugar 88%	03° lugar 79%	04° lugar 72%	05° lugar 69%
06° lugar 66%	07° lugar 63%	08° lugar 60%	09° lugar 57%	10° lugar 54%
11° lugar 51%	12° lugar 48%	13° lugar 45%	14° lugar 42%	15° lugar 39%
16° lugar 36%	17° lugar 34%	18° lugar 32%	19° lugar 30%	20° lugar 28%
21° lugar 26%	22° lugar 24%	23° lugar 22%	24° lugar 20%	25° lugar 18%
26° lugar 16%	27° lugar 14%	28° lugar 12%	29° lugar 10%	30° lugar 08%

A descida, como prova mais valiosa em um campeonato, revela a conexão desta estrutura competitiva rígida com o tema do presente estudo. Nos documentos da IRF, em anexo, leem-se frases como: “A descida é a disciplina mais exigente de todas e consequentemente possui o sistema de pontuação mais alto;” as quais corroboram para a minha hipótese de que esta valorização se dá pelo fato de que esta é a prova que mais se aproxima à *aventura*. O público e os juízes não podem acompanhar todo seu percurso, ou seja, no formato de uma jornada é a prova menos controlada e, consequentemente, mais próxima de uma navegação de expedição. Além disso, o formato das competições ajuda a vislumbrar as rotinas dos atletas e a forma como os treinos dos quais participei são estruturados em Brotas.

Caderno de Imagens 6: Cenas de Competição

Foto 21: Equipe feminina carrega seu bote até o local da largada em Extrema (MG)



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 22: Atletas realizam o *scout*, estudo da corredeira pela margem do rio.



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 23: Sprint no Campeonato Brasileiro de 2012



(Foto: Sérgio Prieto)

Foto 24: Sprint Paralelo em Brotas



(Foto: Sérgio Prieto)

Foto 25: Slalom no Parque dos Saltos



(Foto: Marília Bandeira)

Foto 26: Apesar da importância da sincronia, no *slalom*, como as cabeças devem passar entre as balizas quaisquer movimentos necessários são bem vindos e produzem configurações como esta.



(Foto: Marília Bandeira)



Foto 27: Largada do descenso junior masculino em Brotas (Foto: Marília Bandeira).



Foto 28: Em trechos das provas note o *safety* a postos com o *cabo resgate* em mãos (Foto: Marília Bandeira).



Foto 29: Equipes se sucedem na corrida em direção à chegada (Foto: Marília Bandeira).

6.3 A rotina de treinos na Escolinha de Rafting do Coré

A maioria dos treinos é realizada no trecho do rio que toca o perímetro urbano da cidade, chamada Parque dos Saltos, perto da ponte onde há um grande trecho de água calma, antes das grandes quedas que dão o nome ao parque e que são usualmente não navegáveis, objetos de contemplação desde mirantes que compõem o parque. É nesse trecho que acontecem os treinos mais rápidos, frequentemente duas vezes por dia para os adultos perto da fase de competições e uma vez por dia para os juniores com exceção da segunda-feira que normalmente é o dia de folga dos *condutores*. Apresentarei, entretanto, a agenda de treinos que melhor acompanhei, ou seja, a da escolinha de *rafting*.

De terça a sexta-feira os treinos acontecem das 14 às 17 horas. Estão sempre sujeitos a cancelamentos de última hora, atrasos ou antecipações devido ao caráter voluntário do trabalho do técnico e aos inúmeros problemas pelos quais se responsabiliza enquanto técnico e capitão da Bozo D'água e *coordenador de águas brancas* de uma *agência turística*.

Usualmente, os treinos começam com um alongamento no barracão de equipamentos da *agência* que guarda os remos e o bote que usam, emprestados pela Bozo D'água. Depois de levarem o bote até o rio, aproximadamente dois quarteirões ladeira abaixo, às vezes apoiado em uma estrutura de metal com rodinhas, às vezes carregando-o, é feito um aquecimento no rio que corresponde à execução bem lenta, por vezes pausada, do movimento de remada.

Após o aquecimento, o qual pode ser estendido caracterizando um treino de técnica de remada no qual são corrigidas as posições de ombros, cotovelos, quadris, tronco e cabeça, é chamada atenção para a forma como o remo deve entrar (*em ataque*, ou seja, com a *pá* inclinada para frente no sentido de um ângulo de quarenta e cinco graus com a água, com o objetivo de atingir maior *alcance* para a remada) e sair da água (sem jogar água para cima, o que, segundo eles, empurraria o bote para baixo gerando mais atrito), e quaisquer outros detalhes. Com o intuito de ajustar sua sincronia, a remada pode ser dividida em duas etapas, com uma pausa entre elas: a *puxada*, tempo em que o remo permanece dentro da água, e a *fase aérea*, tempo que leva para ser colocado de volta à posição inicial.

Concluído o treino técnico, tem início o treinamento de *resistência*, ou seja, de movimento cíclico de longa duração e intensidade moderada. Em uma remada mais ritmada, rema-se contra a correnteza até um ponto acordado e, depois a favor dela, de volta ao ponto onde o bote é colocado na água, completando círculos. Dependendo da equipe e da fase do ano muitas voltas são feitas sem descanso e em distintas velocidades, mas cada vez em

velocidade mínima mais elevada. Isto porque a resistência é a capacidade física necessária no *descenso*, prova de maior pontuação de um campeonato. Como fazer uma volta pode levar quase meia hora, e não é possível acompanhar todo o percurso da margem, Coré por vezes passava a instrução e nos deixava completando esta tarefa sozinhos, por vezes vinha dentro do bote, se faltava alguém, remando em seu lugar ao mesmo tempo que fazia correções técnicas, por vezes sentado ao fundo sem remo apenas a observar e corrigir.

O fato de que este momento do treino é o que dura mais e aquele que se observa do parque por apenas alguns segundos, enquanto estive fora do bote, antes de negociar minha participação ou afastada por lesão, imagine o leitor o tipo de observação possível: via-os por um instante e seguiam-se longos minutos sem nada para ver a não ser os inúmeros mosquitos, borrachudos e mutucas, a me ter como banquete. Na verdade, estar dentro do bote também não evita as picadas de insetos e a água que espirra eventualmente, além do suor, o repelente. Depois de seqüenciais reações alérgicas, passei a usar no rio roupas cada vez mais grossas e de mangas longas e para os tornozelos, curiosamente a parte do corpo sempre mais atingida pelas picadas, um meião de futebol, que enrugado evitava um pouco as picadas.

Finalmente, o dia de treino é concluído com o treino de *potência*, também chamada *explosão* corresponde ao movimento mais forte e rápido possível, nesse caso a remada. Para esta habilidade o exercício simula a prova de *sprint paralelo*, apelidada *bater remos*. Mesmo desengonçada essa era a parte que mais gostava no treino. A simulação de dois botes disputando o primeiro lugar em uma corrida, situação em que a estratégia é jogar o bote para cima do outro para ocupar primeiro a melhor *linha* de correnteza do rio traz a sensação, porque ela só dura alguns segundos e acontece em comparação com outra equipe, de que de fato estamos dando tudo de nós. Quando o choque acontece os remos dos atletas dos lados opostos de dois botes podem se bater, bater nas mãos que o posicionam e também no rosto e tronco que podem estar mais inclinados para fora com a aplicação intensa de força. No regulamento, é proibido acertar o oponente com o remo, por isso o rosto e o tronco são evitados, mas os dedos nunca escapam, ficam roxos e às vezes incham. Eles dizem que é assim mesmo.

Essa última parte do treino pode ser substituída, em dias intercalados, pelo treino de *slalom* que é feito na parte do rio em que estão pendurados arames de margem à margem para comportar o encaixe das balizas. Esse trecho também é o mais iluminado em treinos noturnos. Normalmente nesse trecho Coré pode ficar à margem dando as instruções e cronometrando cada volta entre as balizas. Esta é a parte mais complexa tecnicamente, visto que as manobras

devem ser feitas na maior velocidade possível e pequenos erros podem levar a perder a passagem para uma próxima baliza.

Em todas as modalidades correspondentes a cada uma dessas etapas do treinamento em situação de campeonato, entretanto, há a presença de corredeiras e a habilidade fundamental para navegá-las é ser capaz de *ler o rio*. Como se verá nos tópicos a seguir, a situação em Brotas que propicia o treinamento desta habilidade não é encontrada nesse trecho monótono do rio, mas a quilômetros de distância desse ponto, no trecho que contém as corredeiras navegáveis.

Como a maioria dos atletas não tem carros e reboques para levar seus botes até lá, e os juniores nem carteira de habilitação, a descida que se faz com os turistas é aproveitada para este treino. Como veremos, *ler o rio* é treinado nessas condições, sempre que houver oportunidade, mas usualmente nos finais de semana, quando há mais turistas e é possível pegar uma carona no ônibus das *agências* que vão até lá. Por isso, segunda-feira é o dia de folga dos *rafteiros*.

6.4 Leme, meio e proa: sobre trabalhar alto ou baixo

As diferentes posições dos *rafteiros* no bote, também chamadas de *peças*, correspondem a funções complementares. No caso do R6, chamadas *proa*, *meio* e *leme*, cada uma delas *direita* ou *esquerda*. No R4 não há *meio*.

Grosso modo, o *proa* determina o ritmo e tamanho da remada, o *meio* é, como eles dizem, “o motor do barco,” remador que nunca para, e que substitui os demais quando eles precisam fazer acertos de direção com remadas menos intensas e em posições que não impulsionam o bote para frente, e o *leme* seria aquele que, contando com a habilidade dos demais em não tirar o barco de rumo, o direciona em pequenos ajustes finos, ou responde mais agudamente a situações inesperadas de desvio, tais como choques com pedras, outros botes, necessidade de contornar uma baliza ou mudança abrupta no volume de água. Segundo Coré:

O proa tem que ter boa leitura de rio pra posicionar a embarcação. Também teria que ter força, resistência e explosão porque ele trabalha às vezes mais baixo e às vezes ele tem que trabalhar mais alto na remada pra corrigir a embarcação. [Como assim, alto e baixo?] Baixo é quando ele tem que dosar mais a força que os outros pra não empurrar o bote pro outro lado e o barco voltar pra posição e alto é o contrário, quando o barco tá sendo empurrado pela força do outro lado e ele tem que aumentar a força dele pra endireitar, pro barco voltar ao posicionamento. Então, a gente trabalha com duas peças. São dois meios, dois leme e dois proa. Se o objetivo é

levar o barco em uma direção, um leme tem que estar subindo e outro descendo. Eles tem que ter a mesma visão, pensar igual, mas ao contrário. [E como é que faz pra aprender a pensar igual?] Ah, isso é com o tempo, muito treino, bastante conversa, chegar na prova e traçar uma linha. Porque eles têm que ter uma boa leitura de linha, de onde vai passar. Conseguir identificar onde tem mais água, onde tem menos pedra, onde tá mais rasa a água pra poder botar a embarcação onde eles querem. E se na hora o combinado dá errado tem que improvisar, se deu algum imprevisto. O meio a gente chama mais de força, né? Porque ele tem que dar tração, dar suporte pros lemes manobrar e pros proas colocar ritmo. E acompanhar também porque tem que fazer sempre os movimentos juntos pra não desgovernar o barco e não fazer atrito. Se o proa recuar ele tem que recuar, se o proa acelerar ele tem que acelerar, mas sempre fazer a remada mais longa que o proa.

Quando se participa da escolinha, Coré usualmente seleciona os alunos mais experientes e os coloca no *leme*, ou seja, na popa do barco. A partir deles, que são aqueles já capazes de direcionar o bote, monta as equipes para o dia de treino. Os segundos mais experientes, ou melhor condicionados, ficam na proa, pois são eles que dão o ritmo às remadas e precisam ser capazes de mantê-la para a imitação dos demais. Os iniciantes, como eu, podem se sentar cada dia em uma posição diferente com intuito de perceber em qual delas se ajustam melhor, mas quase sempre começam pelo meio.

Por vezes, Coré interrompe o treino e nos muda de lugar. Sempre que um iniciante ocupa uma posição nova, em seu lado oposto na posição correspondente deve estar alguém mais experiente a quem ele usará como espelho (referência). Alguns fazem comentários sobre a melhora ou piora do bote, embora eu não sentisse diferença alguma.

Como não cheguei a completar minha aprendizagem no *rafting*, pelo contrário, fiquei muito aquém do que esperava e do que era esperado por eles, estruturei os tópicos a seguir principalmente através daquilo que era dito, e menos em função daquilo que vivi. Em suma, tendo por base as instruções de meu técnico Coré. A seguir apresento uma tabela construída a partir das características que os *rafteiros* de competição entendem como necessárias a cada posição.

Tabela 2. Posições do *Rafting*

Especialidade	Características: atributos físicos e técnicos
Proa	Boa <i>leitura de rio</i> ¹¹⁰ , bom ritmo, bom uso dos diferentes tipos de remada
Meio	Força, envergadura, resistência, sincronia e boa <i>leitura de rio</i>
Leme	Boa <i>leitura de rio</i> , sincronia

¹¹⁰ Expressão que será problematizada no tópico a seguir.

Além da posição, cada atleta tem seu lado no bote. Melhor se remar dos dois, mas esta capacidade é rara. Normalmente o que se observa é o rendimento melhor de um lado que de outro. Tanto a escolha da posição, quanto do lado são frequentemente referidas como uma descoberta despojada. Algo “natural” assim como narra Coré:

O primeiro lado que você senta você meio que acostuma. Sempre tem um lado que a gente tem mais facilidade ou que pega o jeito mais rápido. Eu acostumei na esquerda e quando eu fui remar direita eu não conseguia, doía todo o corpo o ombro não ficava bom.

Entretanto, estes discursos do acaso eclipsam temas comuns a outros esportes de alto desempenho, como os treinamentos frequentes e extenuantes e o controle de peso, aspectos que sinalizam o quanto o corpo do *rafteiro* é também construído. Quando fala de sua equipe e de como a constituiu a partir da negociação entre os *rafteiros* pelas posições, Coré deixa transparecer isso:

Vamos colocar assim: as peças mais pesadas do bote normalmente são os meios, eles têm mais envergadura pra ter mais remada. Então, tem que equilibrar o peso do bote à partir deles. E depois tem que equilibrar os lados. Por incrível que pareça hoje no nosso lado esquerdo todos têm 1,75m, os três, e em média 75 à 80 kg. E o outro lado tem uma variação maior de 70 à 80 kg e diferença de estatura de 1,65 à 1,82. Mas a gente se preocupa, porque hoje tem variação de peso de lado de coisa de 10 quilos. A esquerda é um pouco mais pesada que a direita, então, a gente procura cobrar de ninguém passar dos 80kg e, de preferência, ficar o mais leve sendo o mais forte possível. Porque os mais leves levam vantagem nas provas de resistência, por isso a gente busca um meio termo de 75 à 80 kg, assim a gente consegue ter um pouco de tudo: força, resistência, explosão e flexibilidade, que tem que ter também pras provas de slalom. Porque nós temos quatro provas diferentes no *rafting*, é como no atletismo, se você pega uma prova de 100 metros, os corredores são todos fortes, mas eles vão correr só cem metros, não a maratona. Então, nós buscamos o meio termo, precisamos ter os quatro biotipos em cada um. E é difícil. Hoje eu procuro selecionar meninos mais leves e fracos, porque por serem mais leves eles já tem mais tendência pra resistência e tem flexibilidade mais fácil e a força ele vai ganhando naturalmente ao longo do tempo. Mas, dependendo do campeonato você pode ter um ou dois reservas, então, você pode usar a estratégia de trocar peças com características diferentes, pra cada prova.

Quando iniciei os treinamentos junto aos adultos não sabia que lado escolher, mas a posição era clara, todos sugeriam que eu começasse pelo *meio*, não só por causa de meu peso elevado, mas também porque parecia ser o que interfere menos e precisa ter menos acuidade no direcionamento do bote. Consequentemente é o que faz mais força bruta, mas eu acreditava que essa era minha única virtude e que não seria um problema.

Depois dos primeiros treinos percebi que no lado direito eu tinha muita dor lombar (entrava em pré-crizes das hérnias de disco) e no joelho esquerdo (meu joelho machucado)

que era o que ficava para baixo nessa posição, portanto suportando mais peso. Descobri, então, que do lado esquerdo esses dois desconfortos eram diminuídos sobremaneira e assim escolhi meu lado. Meu posicionamento poderia mudar ao longo do tempo de treinamento e dependendo da equipe que fosse compor, mas o período limitado de campo não me permitiu chegar a esse estágio.

Mesmo depois de acertado meu lado tinha a sensação de que meus braços não cabiam na remada. Ou que minhas proporções não serviam para aquele tipo de remo. A frustração já era ruim o suficiente nos treinos de fundamentos, mas piorava exponencialmente nos treinos de *slalom*. Coré nos provia com instruções sobre como contornar as balizas, mas eu nem reconhecia aquelas palavras que dirá então os ajustes nas ações corporais que elas deveriam promover. Sentia como se atrapalhasse o treino das equipes e perguntei várias vezes se ele não queria que eu deixasse o bote. Ele respondia pacientemente que procurasse imitar meu companheiro da frente. Mas isso me confundia, pois ora ele me incentivava a mudar o padrão da remada e a puxar a água de lado, como o *proa* fazia, ora ele gritava pra que eu não perdesse o padrão básico de remada enquanto o *proa* fazia isso. Não entendo ainda em qual situação proceder de cada forma. Certamente, se tivesse aprendido a *ler o rio* entenderia estas variações.

Embora haja especificidade em cada uma das funções ou posições de *rafteiros* em um bote é preconizado que todos em uma equipe competitiva saibam, com maior ou menor habilidade, *ler o rio*. Ou seja, que todos são responsáveis pelo direcionamento do bote em quaisquer circunstâncias.

6.5 Ler o rio e entender com o braço

Fazer leitura de rio é uma coisa que vem com o tempo. E quanto mais rios você conhecer, melhor vai ser sua leitura. Você observa assim: tem que ver a corredeira em geral, a entrada, o final e depois o que tem. Por exemplo, tem uma corredeira forte, mas mais reta e depois tem um remanso. Então, nessa você pode relaxar mais ou arriscar, porque depois é um trajeto calmo, se der algo errado você não compromete ninguém e dá tempo de consertar. Agora, se tiver uma corredeira forte, um intervalo curto e depois outra corredeira forte, aí não dá pra arriscar, porque se um cara cai ele vai descer sem a proteção do bote dois conjuntos de pedras diferentes (Samuka).

Através de minha iniciação no *rafting* percebi que sua modalidade de inteligência mais marcante se chama *ler o rio* e o saber-fazer a ela atrelado se chama *descer o rio*. É possível que se saiba *ler*, mas se o corpo não responder no momento certo não se sabe *descer*.

Ser capaz de *ler o rio* equivale de certa forma a ter o “olho de boxeador” apresentado por Wacquant (2002):

Cada gesto, cada posição do corpo do pugilista, possui, com efeito, uma infinidade de propriedades específicas, ínfimas e invisíveis para aquele que não tem as categorias de percepção e de apreciação apropriadas, e que os conselhos de DeeDee só fazem veicular. Há um “olho de boxeador” que não se pode adquirir sem um mínimo de prática efetiva do esporte, e que, por sua vez, a torna significativa e compreensiva (p.138).

A diferença principal, entretanto, é que através do olhar do *rafteiro* não só a remada de um adversário ou companheiro pode ser avaliada para sua apreciação ou resposta corporal como também a *natureza* precisa ser decodificada. Para que haja *rafting*, precisa haver *leitura de rio*. Para estudarmos a *aventura*, portanto, é preciso fazer essa dupla consideração: é preciso recordar *As técnicas Corporais* de Mauss (1950 [2003]), texto em que preconiza que se deve trabalhar com a ideia de que as ações corporais constituem uma modalidade de linguagem, nexos corporais e uma gramática instituída por aqueles que os desempenham. Mas também é preciso desenvolver estratégias analíticas para lidar com o fato de que a *natureza* é concebida e apropriada nesse contexto como arena esportiva.

No primeiro caso é preciso considerar a dificuldade da conversão do gesto esportivo em discurso¹¹¹, pois assim como o problematiza Bourdieu (1987), “o esporte é, junto com a dança, um dos terrenos em que se coloca com acuidade máxima o problema das relações entre a teoria e a prática, e também entre a linguagem e o corpo.” Ainda segundo o autor, o ensino de uma prática corporal encerra um conjunto de questões teóricas de primeira importância na medida em que “as ciências sociais esforçaram-se por fazer a teoria das condutas que se produzem, em sua grande maioria aquém da consciência”. E esta também é uma questão do *rafting* brotense, assim como o manifesta Coré:

Tem pessoas que falam bem, que são inteligentes, que entendem tudo, que na teoria é uma maravilha, mas chega na prática e não sai. Ela não executa. Então, eu preciso, tanto pra competir, como pra conduzir, de pessoas que executam, que se viram na prática, que não vão se meter, ou meter o cliente em roubada, que se safam e que depois podem ir adquirindo a teoria com o tempo. Elas não sabem como e porque elas fazem, mas elas fazem. Eu não preciso num primeiro momento que a pessoa entenda o movimento, mas que ela execute, que ela ponha em prática. Então, se ela consegue fazer, eu consigo trabalhar ela pra depois ela entender o que ela tá fazendo e aí explicar pro cliente ou pro companheiro se for preciso, e às vezes o contrário não dá. E tem pessoas que entendem os dois, que já são boas de fazer e explicar.

¹¹¹ E ainda mais, não só a conversão de movimentos em palavras, mas em linguagem sociológica: “com meus punhos e minhas vísceras, e estando eu mesmo tomado, capturado e cativado por ele, será que eu conseguiria retraduzir essa compreensão dos sentidos em linguagem sociológica e encontrar as formas expressivas adequadas para comunicá-la, sem com isso amenizar suas propriedades as mais distintas?” (Wacquant, 2002, p.15).

Automatizar a conversão da *leitura à descida do rio* é o aprendizado do *rafting*. Este tipo de elaboração não é novidade no âmbito esportivo. Para o futebol é sabido que: “a lógica do jogo, notadamente prática, demanda processos de percepção extremamente ágeis, como se o sujeito pensasse com o corpo – com os pés nesse caso.” (Damo 2006, p.331). Analogamente ao que está descrito para o futebol, no *rafting* isto está posto pela expressão *entender com o braço*.

Ainda segundo o autor, os esportes são seguidamente subestimados pelas ciências sociais a partir do entendimento equivocado de que suas ações propriamente ditas não seriam ações sociais, na medida em que algumas representações nativas, constituídas a partir de disciplinas como a biomecânica, por exemplo, contribuíram com a dificuldade de verbalizar a intencionalidade de determinados gestos e faz crer que eles são desprovidos de sentido, quando o mais correto seria supor que eles o contêm e retém. Assim como no futebol em que, de acordo com ele, “o jogador faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo,” no *rafting* esta disposição e automatização são incorporadas através de dispositivos que dotam os corpos de possibilidades de produzirem movimentos adequados à *leitura do rio*, instantaneamente: *raffeiros entendem com o braço*.

Em um entre os poucos treinos que realizei com a equipe feminina, no treino de *slalom*, não conseguíamos realizar o movimento correto de contorno de uma baliza. Depois de muitas tentativas em vão, Coré tentava explicar o que deveríamos fazer, mas ele de repente caiu em si: “É que não dá pra falar direito porque isso não é de entender com a cabeça, é de entender com o braço.”

Ou seja, pensar é agir. É automático, reflexo, instintivo. Segundo Wacquant (2002): “o corpo e a mente funcionam em simbiose total.” O corpo “do boxeador pensa e calcula por ele imediatamente, sem passar pela intermediação – com o atraso que isso envolve e que poderia ser caro – do pensamento abstrato, da representação prévia e do cálculo estratégico.” (p.117) Esta questão é levada ao limite pelo autor quando sugere mudanças metodológicas para a apreensão desses fenômenos e propõe a “participação observante” enquanto metodologia para abordagem de “culturas cinéticas”:

O domínio da teoria tem muito pouca utilidade, uma vez que o gesto não está inscrito no esquema corporal; e é somente quando o golpe é assimilado no e pelo exercício físico repetido *ad nauseam* que ele se torna, por sua vez, completamente claro para o intelecto. Há de fato uma compreensão do corpo que ultrapassa – e precede – a plena compreensão visual e mental. Somente a experimentação carnal permanente que constitui o treinamento como complexo coerente de “práticas de

incorporação” permite que se adquira esse domínio prático das regras [...] A assimilação do pugilismo é o fruto de um trabalho de aperfeiçoamento do corpo e do espírito, que, produzido pela repetição ao infinito dos mesmos gestos, procede por uma série descontínua de deslocamentos ínfimos, dificilmente demarcados individualmente, mas cujo acúmulo, ao longo do tempo, produz progressos sensíveis, sem que se possa jamais separá-los, nem datá-los, nem medi-los com precisão (Wacquant, 2002, p.89/90).

Meu problema específico em campo referente a esta questão foi o fato de não ter conseguido *aprender a ler o rio* nem *entender com o braço*. E Sautchuk (2007) ajuda a pensar essa situação em sua antropologia inspirada em uma ecologia da interação, da prática e da ação. Para o autor, em sua análise sobre duas técnicas de pesca no estuário do Amazonas “ao se posicionar ou transitar pelos lagos, o laguista existe no ambiente de acordo com as projeções de sua percepção e sua capacidade de ação”. Mas ele não se refere à percepção passiva de um ambiente exterior objetificado. Demonstra, ao invés disso, como é preciso considerar a percepção como uma forma de ação. Perceber leva em conta não apenas as possibilidades de movimento de quem percebe, mas também as dos outros seres que agem em um ambiente. Para Sautchuk (2007), “os não humanos (animais, elementos naturais e artefatos) não são apenas objetos do conhecimento, mas também participantes no processo de formação de um neófito”. Ou seja, não aprendi a *ler o rio* porque não sabia como agir nele, no bote, com o remo e em relação à equipe.

O autor baseia-se na antropologia de Ingold (2000), em particular quando aborda temáticas marcadas pela noção de *skill*, que também pode ser particularmente interessante para uma análise do *rafting*. Sob influência de uma corrente de estudos sobre o desenvolvimento motor denominada ecológica, segundo a qual não se deve pensar no desenvolvimento de “padrões motores” intrínsecos ao organismo que surgiriam como ações cada vez melhor automatizadas face às informações colhidas no ambiente como num modelo de *input* (percepção) e *output* (ação), o autor sugere pensar a motricidade e a percepção em contextos dinâmicos e não estandardizados e considera o ser humano enquanto um sistema aberto de interações com o ambiente.

Considerando os argumentos de Wacquant (2002) e Sautchuk (2007) como premissas epistemológicas e depois de conviver com os *rafteiros* de Brotas não posso, portanto, concordar com a forma excessivamente teórica e desconectada de contextos práticos e dados etnográficos com que Elias & Dunning (1985) concebem a relação do homem com a natureza, no que definem como prática esportiva:

O desporto pode traduzir-se num combate entre seres humanos que lutam individualmente ou em equipas. Pode ser uma luta de cavaleiros e de uma matilha de cães em perseguição de uma raposa veloz. Pode assumir a forma de uma corrida de esqui, desde o cimo da montanha até o vale, um tipo de desporto que não é só um confronto entre seres humanos mas é, também, um desafio com a própria montanha coberta de neve. Assim é o montanhismo, em que seres humanos podem ser derrotados por uma montanha ou, depois de muitos esforços, podem atingir o topo e gozar a sua vitória. O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos (p.83-84).

Embora, para retomar o entrelaçamento das questões de gênero com a noção de natureza de uma perspectiva do simbolismo e das representações sociais, nota-se que ao mesmo tempo em que a *aventura* é um tipo de contato com a *natureza* e fusão com ela, ela pode ser também um repositor de assimetrias não só entre homem e mulher, como também entre cultura e natureza. Não podemos esquecer, assim como mostra a realidade sociológica anteriormente descrita, que a idéia de *conquistar* ou *fazer* o rio por homens fortes, viris e experimentados, mais do que uma fusão com ele alude, à primeira vista à sua subjugação (touro a ser domado). Assim como se dá com as mulheres. Ou seja talvez a participação das mulheres ainda seja tão reduzida porque há um par oposto pelo gênero homens (condutores/esportistas/atletas) *versus* natureza (mulheres)¹¹².

A idéia da conquista da natureza e de mulheres é muito antiga em nossa tradição ocidental e assumiu contornos próprios muito relacionados às idéias de viagem e exploração nas Américas. São os conquistadores homens que penetram o Brasil, a floresta, enfim, a mata feminilizada¹¹³. Que é subjugada embora também perigosa, imprevisível, ameaçadora, assim como são as *águas brancas*.

Talvez haja um resíduo simbólico da conquista e exploração na terminologia e conduta da *aventura*. Mas é preciso perceber também que um novo tipo de interpretação sobre a *natureza*, mais coadunado com os valores e saberes contemporâneos, principalmente aqueles da crença na crise ecológica, coexiste com ele. Talvez estejamos testemunhando um período de transição das linguagens e atitudes ou apenas mais uma das ambigüidades dos fenômenos humanos. E esta pode ser uma crítica aos defensores da *aventura*, para que estejam conscientes de seu duplo estatuto.

Voltemos aos dados mais técnicos desta pesquisa que não permitem dizer que os *rafteiros* concebem o rio como adversário ou a *natureza* a partir de uma rivalidade com ela.

¹¹² Devo esta reflexão ao Prof. Dr. Felipe Vander Velden.

¹¹³ Isso sem falar do esporte como campo privilegiadamente masculino. Some-se os dois e temos o quadro de gênero desta *aventura*.

Observe a explicação de Coré sobre a *leitura do rio* que é feita através da identificação de *linhas d'água*, que corresponde à percepção dos movimentos de diferentes correntezas, e os tipos de remadas que se usa em acordo com seus efeitos no bote:

Linha é o seguinte: você ver uma água mais parada, uma água que tá mais ondulada, uma água que tem espuma, uma água mais rápida. Então, você consegue identificar. Na água mais rápida, ela te leva pra frente, na água rápida, então, você tem que pôr mais velocidade que a água, você tem que fazer uma remada mais curta. Você usa ela como uma esteira de aeroporto, ou você deixa a esteira te levar ou você pode correr em cima da esteira e chegar antes. Você usa o ritmo dela, mas você tem que remar mais rápido que ela, você pode por um ritmo pra ir naquela velocidade que é o que a maioria das equipes consegue, ou você põe um ritmo pra ir a mais que aquela velocidade. Na água parada já é o contrário, você tem que remar mais longo e mais lento, pra tirar o bote da inércia, senão ele patina. Por isso a gente diz que é um esporte radical ou um esporte de risco. Porque é na natureza e ela pode mudar a todo instante. O rio pode estar baixo e, do nada, se chove ele enche e muda tudo, todas as linhas mudam e você vai ter que mudar tudo aquilo que você planejou.

A *leitura* mais específica do rio é realizada através da identificação e comparação das características de suas diferentes *linhas d'água*. Esta avaliação é feita para culminar com a decisão de qual *linha* posicionar o bote, ou seja, qual *linha* usar para o objetivo que se quer cumprir. Na *condução* de turistas, uma *linha* mais lenta e segura; na competição, a *linha* mais rápida. É claro que em algum momento de uma competição a *linha* mais rápida pode ser evitada por ser muito arriscada e em algum momento da *condução* a *linha* mais lenta pode não ser usada por ser muito monótona. Mas o que fica claro é que em momento nenhum da instrução técnica a *natureza* ou o rio são referidos como em oposição ao *rafteiro*. Pelo contrário, o *rafteiro* parece querer fundir-se com o rio, compreender suas características para aproveitá-las de forma a fluir e fruir nele.

Para ensinar seus discípulos a *ler o rio* e treiná-los para o *descenso*, além das dinâmicas menos formais da *descida de boia*, no que trata da navegação específica com o bote, Coré aproveitava as descidas com poucos *clientes* para iniciar os juniores. Visto que os treinos regulares da escolinha aconteciam apenas no trecho urbano do rio, trecho sem corredeiras, nas ocasiões em que Coré era escalado para descer com *clientes*, ou precisava acompanhar todas as *descidas* por ser o *coordenador da atividade*, no horário dos treinos, quando possível ele nos levava junto, não só para aproveitar a carona no ônibus da *agência* para ir até o trecho das corredeiras navegáveis, mas também para aproveitar a estrutura de uma *operação de rafting* que dispõe de contingente e equipamentos para resgate e do registro de cada um que está no rio em um seguro, anteriormente mencionado, prezando assim pela

lógica da segurança, mesmo nas situações de treinamento e no contexto esportivo e com especial zelo pelos neófitos.

A organização desse treino junto aos *clientes* que, aliás, não notam a diferença na dinâmica, variava muito. As equipes mais experientes desciam sozinhas e as equipes mais inexperientes eram dissolvidas em botes com *condutores* já formados, tanto melhor se eles fossem membros das equipes competitivas adultas. Os meninos, então, eram encorajados a *fazer leme*, ou seja, o direcionamento desses botes auxiliados pelos *condutores* experientes, o que além de um treino de navegação também equivalia a um estágio de *condução*. O trecho de meu caderno de campo a seguir ilustra uma dessas ocasiões:

Hoje Coré me deixou acompanhá-lo em uma descida com clientes sentada atrás do bote ao seu lado na posição de condução. Senti-me um pouco mais confiante com minha remada e por isso mais relaxada na situação e experimentava algum prazer em desfrutar de minha nova condição, que talvez caracterizasse um avanço técnico definitivo. Depois de lhe fazer perguntas e receber correções passávamos por um remanso observando outra embarcação quando o bote exatamente onde eu sentava tocou sutilmente uma pedra maior ao fundo do rio e eu fui projetada à água instantaneamente. Caí do bote no local menos provável, como uma fruta “caí de madura”. Não acreditava que tinha caído do bote pela primeira vez em uma situação tão ridícula e na frente dos clientes. Apressei-me a nadar em direção a ele e me esforcei pra conseguir subir de volta sozinha embora não houvesse perigo de ser tragada pela próxima corredeira, mas queria testar se era capaz de não precisar da ajuda de Coré, que estava posicionado de forma atenta para meu resgate, mas ao mesmo tempo dava-me o tempo para que treinasse retornar sozinha ao barco enquanto segurava respeitosamente o riso. A esse ponto eu já não me molhava tanto por ter aprendido a controlar melhor a forma como a pá do remo bate na água, e não carregava mais toalha e mudas de roupa comigo. Ao final da descida, com frio, não pude acompanhar as conversas e interações de costume, voltei para casa encharcada.

Nessas descidas, eram identificados pelos mais velhos aqueles, entre os iniciantes, que tinham mais habilidade e força para o controle do bote e que liderariam, ou melhor *conduziriam*, seus colegas ou futuros clientes. Quando era o momento de se autonomizarem na *descida*, principalmente para serem capazes de participar de seu primeiro campeonato, as primeiras *descidas* sozinhos eram feitas com a equipe formada, mas com Coré sentado atrás a instruir e observar e pronto para auxiliar em uma emergência. Depois de algumas dessas experiências, Coré os deixava descer sozinhos no bote, mas sempre junto de outros botes *coordenados* por ele.

Pode-se ver neste caso como as dinâmicas de *condução* e *competição*, embora sempre distinguidas no discurso, em Brotas, se complementam na prática, uma torna a outra possível. E não só envolver-se com *condução* proporciona treinos mais profícuos para os juniores, como ser um aprendiz da escolinha consequentemente prepara estes jovens para a *condução*.

Depois que a escolinha passou a existir, a *agência* que a apoia não precisou mais oferecer cursos de formação para *condutores de rafting*, e a mão de obra se renova. Após descerem acompanhados dos *condutores formados* e sozinhos entre si eles passam a descer sozinhos de *kayak* ou *duck*. O que é reconhecido como uma maneira de aperfeiçoar ainda mais a *leitura de rio*, mas também uma necessidade da *agência*. Ao mesmo tempo em que treinam eles ocupam a função de auxiliares na *descida com clientes*, quando chegam à maioridade podem ser oficialmente o *safety*, ou *safety kayak*, ou seja, as embarcações que auxiliam nos resgates e quaisquer situações inusitadas. E, finalmente, tornam-se *condutores*.

Entretanto, não só os outros atletas no rio, os seus companheiros de equipe e a si mesmo é preciso considerar, como também a constante e imprevisível mudança do próprio rio. Se a arena esportiva é inconstante e perigosa os *rafteiros* afirmam que o reconhecimento das condições de possibilidade de um jogo, como o futebol, por exemplo, ou qualquer esporte convencional, seria mais simples que no *esporte de aventura*. Isto porque a *natureza*, neste contexto, além de espaço externo, mundo físico, é tomada como a condição de possibilidade não só da *aventura*, mas da vida. E isto remete não só aos perigos do afogamento, considerados tecnicamente, mas nos leva a uma digressão por capítulos anteriores, nos quais demonstrei que a consideração ambiental é também uma preocupação com a preservação da *natureza* para a continuidade da existência humana.

A *natureza*, para eles, é o máximo entre tudo aquilo que pode ser imponderável, já que é a própria vida e a entidade que dá e tira a vida. Portanto, neste contexto atlético, o reconhecimento que está em operação não é apenas das condições do jogo, mas também da possibilidade de manter-se vivo ao aceitar o desafio esportivo. Nos *esportes de aventura*, de fato, e não apenas imagetivamente, se joga com o adversário e também com a própria existência.

Quando comecei a frequentar a cidade, uma das alunas da Thaís havia encontrado um corpo no rio Jacaré, na propriedade de seu avô. Os comentários pela cidade diziam que ele morreu *descendo o rio cheio de bóia* e embriagado. Esse é um entre outros casos de morte por *boiacross* comentados: “foi fazer graça de corajoso”, “resolveu fazer o rio cheio sem equipamento”... Apesar de tudo o que fala a literatura sobre simulacros de risco e risco calculado e das prescrições de segurança detalhadas pelo presente trabalho, tanto nas práticas de *aventura* mais despojadas quanto no *esporte de aventura* de alto rendimento, completar uma *descida* ou um percurso de prova pode equivaler, literalmente, a ser capaz de sobreviver.

A partir desta chave interpretativa apreende-se que, no *rafting*, o rio, e na *aventura*, a *natureza*, não se constituem como mundo físico apartado, tomado apenas como cenário

concreto de experiências humanas, como se espera da mentalidade “ocidental”, pois são constitutivos dessa experiência na medida em que se percebe uma noção de *natureza* agentiva que não coincide com as narrativas científicas nas quais o homem classifica, domina e transforma sob o signo da razão. Rufus, que foi atleta da Bozo D’água, mas após conhecer sua namorada em um campeonato em Foz do Iguaçu decidiu trabalhar por lá em algumas temporadas e por isso pediu a Coré para compor uma das equipes secundárias, visto que não teria a mesma disponibilidade para os treinos, ao dar uma entrevista a uma repórter da televisão local durante o campeonato brasileiro de rafting de 2012, realizado em Brotas, elucida essa questão:

Muitas vezes o pessoal fala assim: “Mas o rio lá, eu passo tranquilo”. Chega no dia, ou vira o bote, ou enrosca e eu falo: “Tá vendo? Não pode falar mal dele que ele escuta. Tem que sempre tratar bem o nosso rio”.

Entretanto, agência neste trabalho seria um termo potencialmente gerador de confusão, haja vista o número de vezes que já me utilizei da palavra em outros contextos e com outra significação. A centralidade do termo agência na fala nativa, no sentido de *agências turísticas* sugere, então, que se respeite o uso nativo da expressão e procure outro para referir a categoria analítica em questão. Acredito que o termo nativo para isto é a melhor opção.

Em seus termos, o rio é *vivo*, o lócus da ação esportiva está vivo, pode mudar a todo instante à revelia da vontade humana e não necessariamente com o intuito de desafiá-la, muda simplesmente porque está vivo e vida é movimento. Mas, mais do que isso, o rio é tido como uma pessoa não-humana na medida em que seus movimentos se constituem como uma linguagem. Compreender a linguagem dos *rios de corredeira* nesse contexto é a expertise dos *rafteiros*.

Sousa (2004) também já identificara a importância do termo *leitura do rio*. Entretanto, ela o utiliza em seu texto em desacordo com a forma como ele é operado na prática brotense, na medida em que confere à expressão uma interpretação bachelariana no sentido de imaginação sobre o rio, minimizando o fato de que descer uma corredeira, ou uma série delas, é um desafio técnico.

Nesse campo, o rio é visto na matriz das ações de suas águas, pedras e margens, que são também ações sociais. E desta relação entre as ações não-humanas e as humanas é que derivam as técnicas esportivas e de trabalho no *rafting*, simultaneamente de sobrevivência, fluxo ou navegação (técnicas de gerar caminhos) e fruição.

A relação dos *rafteiros* com o rio é uma relação intersubjetiva pessoa-pessoa, mediada pelas técnicas de navegação em corredeira, mas a pessoa no *rafting* é uma pessoa-conjunto. A idéia de pessoa fractal (Wagner, 1991), não no sentido melanésio de parentesco, mas no sentido de que é um conceito de pessoa que não é nem singular, nem plural, ajuda a pensar a *condução* porque há apenas um *leme* a ser considerado. E no sentido de que suas ações são ao mesmo tempo individuais e corporativas - de fato, nesse caso etnográfico encontra-se o ideal de “corporatividade”: a fusão ostensiva de indivíduos em um único “corpo” social - ajuda a pensar a pessoa coletiva na *competição*, a pessoa-equipe, protetizada pelo bote e pelos seis remos que são empunhados “como uma só pá”.

Esta é a beleza e o desafio de um estudo sobre *aventura*. Depois do período de campo me dei por conta de que sua questão fundamental não é apenas aquela tornada clássica por Wacquant (2002), na qual eu apostava no início deste trabalho: “como dar conta, antropológicamente, de uma prática tão intensamente corporal.” Mas, antes como ela se relaciona com questões sobre interação e a percepção do ambiente natural e meios de vida mais sustentáveis em sociedades ocidentais. Além disso, como o faz não apenas através da perspectiva do uso dos recursos naturais com fins econômicos, mas também através da importância de sua apropriação lúdica.

Segundo os *rafteiros*, além das *linhas* é preciso considerar outros tipos de movimentos do rio e suas consequências no direcionamento do bote, em combinação com as *linhas*: a *onda*, o *remanso*, o *refluxo* e o *rebojo*. Mais uma vez, nas palavras de Coré:

Se o trecho é raso, tem mais espuma, tem aquela bateção, faz onda, então, tá indicado ali. A pedra sempre vem antes da onda, porque a água bate na pedra e depois se forma, então, mesmo com a pedra escondida pelo tamanho da onda e a quantidade de espuma você sabe dizer se tá mais raso ou fundo, se dá pra passar ou passa enroscando. E o rebojo é como se fosse o encontro de duas correntes que batem numa água parada e ela acaba se mexendo, forma um redemoinho, a força dela é pra baixo, você não sente apoio nela, ela não te dá sustentação, é uma água instável, que a gente chama de água leve. O refluxo é quando o volume todo de água não consegue passar num lugar estreito e a água bate e volta, essa também faz força pra baixo, aí se você cai, você as vezes não consegue sair de um refluxo sozinho, ou pode ficar preso numa fenda entre duas pedras. E a água pesada que é a água mais pesada é o remanso. O ideal é procurar uma água meio termo, mas mais pra leve, porque é a água da correnteza ela tá em movimento. Mas ela tem que dar estabilidade de você apoiar o remo e a água te devolver a força dela pra você poder impulsionar.

A relação com o rio em Brotas é mais de agonismo ou sinergismo que de antagonismo. A relação antagonista se dá nas competições contra outras equipes e a competição parece ser a mensuração de quem é mais capaz de estabelecer uma boa relação com o rio através do remo

e da embarcação. A relação rafteiro-rio, relação humano/não-humano, é dada no envolvimento prático entre eles.

Aprendi nesse processo que o conjunto rafteiro-remo, assim como o caçador-lança (Ingold, 2000) e o proeiro-arpão (Sautchuk, 2007) é um conjunto humano-prótese que promove um novo estado somático. Um *rafteiro* só o é através de seu remo e bote.¹¹⁴ Neste novo estado somático, e em acordo com os diferentes trechos a serem percorridos em um rio, os *rafteiros* laçam mão de diferentes tipos de remada *frente*, que correspondem genericamente às remadas consideradas *curta*, *média* e *longa* e às distintas combinações de velocidade dos dois momentos da remada: aquele em que a *pá* está em contato com a água e a chamada *fase aérea*. Desta forma, também é entendido que se os remadores forem sincrônicos em ritmo e aplicarem a mesma força, tamanho e direção de remada, o bote minimiza seu atrito com a água e segue sem desvios, e, portanto, sem necessidade de maiores ajustes do *leme*, podendo ser mais um a concentrar sua força em avançar rumo à chegada.

Mas nota-se mais do que a questão da técnica do gesto esportivo, que ela é determinada pelas condições do rio que é *lido* da perspectiva de quem procura *linhas d'água* que fluem entre pedras e bancos de areia e que aceleram ou protegem o bote e não de quem os observa como obstáculos a serem superados. Desse ponto de vista, a relação dos *rafteiros* com o rio é antes da ordem da interação do que da competição.

Na literatura antropológica existente, quase sempre as questões sobre como as pessoas interagem com seu meio ambiente, prática e tecnicamente, são estudadas em sociedades de caçadores e coletores ou em sociedades tradicionais sobre suas técnicas e estratégias de sobrevivência e subsistência. Sautchuk (2007) destaca nesta seara:

autores no cenário contemporâneo, que tomam a técnica como relação não simplesmente utilitária ou adaptativa entre os humanos e o ambiente. Um deles é Philippe Descola (1994, 2005), que considera a técnica no âmbito de uma proposta da antropologia da natureza. Ele rejeita as duas vias opostas que detecta nas abordagens etnológicas da relação do homem com o ambiente: uma que considera a natureza como um objeto sobre o qual os nativos exercem seu pensamento taxionômico e cosmológico; e outra, utilitarista, que postula a determinação da sociedade por seu ambiente, considerando a elaboração simbólica como epifenômeno da adaptação. Contra essas formas de reprodução do dualismo mente/matéria, Descola propõe conceder papel de destaque à prática – entendida como totalidade orgânica, onde aspectos materiais e conceituais estão intimamente ligados (1994: 02-3) [...] Em seu trabalho mais recente, *Par-delà nature et culture*, Descola (2005) dialoga com a antropologia simétrica de Latour (1994), considerando que os humanos formam coletivos com os não-humanos (animais,

¹¹⁴ No *rafting*, a unidade protetizada mais importante não é rafteiro-bote, mas sim rafteiro-remo, visto que não se pode carregar os botes para todos os lugares de atuação no *rafting*. Especialmente no contexto competitivo internacional o organizador de cada campeonato oferece mandatoriamente os barcos a fim de garantir iguais condições de competição através de iguais peso e largura das embarcações.

objetos, espíritos, etc.), e compreendendo a técnica como modalidades específicas de estabelecer relações entre eles. As técnicas seriam então objetivações de relações entre os seres. (p.11)

O *rafting* brotense, portanto, não deixa de imbricar uma e outra questão, a da subsistência e sobrevivência e a interação humana com seu entorno sem, contudo, excluir sua possibilidade lúdica. Para abordar a *aventura* desta perspectiva é preciso reconciliar a literatura sobre práticas esportivas não só com aquela sobre o corpo, mas também com aquela que problematiza a questão em torno do divisor natureza/cultura.

A proposta de Ingold (2000) que parte da premissa que “formas de agir no meio ambiente são também formas de percebê-lo” pode ajudar a pensar ideias práticas como *ler o rio* na medida em que o autor procura “substituir a dicotomia natureza e cultura pela sinergia organismo e meio ambiente” e preconiza que em sua educação sensorial os noviços aprendem a perceber o mundo a partir de dicas chave e descobertas por revelação.

the assumption has persisted that people construct the world, or what for them is ‘reality’, by organising the data of sensory perception in terms of received and culturally specific conceptual schemata. But in recent anthropology, this assumption has been challenged by advocates of ‘practice theory’, who argue that cultural knowledge, rather than being imported into the settings of practical activity, is constituted within these settings through the development of specific dispositions and sensibilities that lead people to orient themselves in relation to their environment and to attend to its features in the particular ways that they do. In the second part of Chapter Nine, I assess the relevance for anthropological understanding of alternative approaches drawn from cognitive science, ecological psychology and phenomenology. Though my conclusion is that anthropology has more to gain from an alliance with ecological psychology than with cognitive science, and that such an alliance accords well with a phenomenology of dwelling, there are still problems to be faced in overcoming the dichotomy between culture and biology, in reconciling a phenomenology of the body with an ecology of mind, and in translating the overall theoretical perspective into a practicable programme of research (Ingold, 2000, p.153/154).

Esta abordagem é especialmente profícua em um campo em que - assim como aquele de povos em que nada se ensina com palavras, mas com convites à experiência - “*ler o rio se aprende descendo*”. Note o leitor a importância da prática para a apreensão teórica do rio. Ou melhor, que não há uma apreensão exclusivamente teórica do rio no *rafting*. *Ler o rio* é uma ideia prática já que a forma como se veem as *linhas* não é suficiente para sua apreensão e isto vai ao encontro de outra premissa de Ingold (2000), a de que é preciso igualar em importância os outros sentidos à visão para apreender técnicas de interação com o meio ambiente às quais não estamos acostumados.

Quero dizer com isso, e a partir da minha experiência corporal, que enquanto estive afastada dos treinos, embora tenha ficado na margem observando por vezes o rio, por vezes o comportamento de homens e botes no rio, buscando enxergar as diferentes *linhas* e pedindo que *rafteiros* experientes que chegassem por perto me apontassem seus fluxos, não cheguei a ser capaz de enxergá-los porque não senti suficientes vezes seu efeito em minha pele, meu labirinto, meu corpo nelas mergulhado e em meu corpo-bote-remo. *Ler o rio* não é ver as diferenças nos movimentos da água, mas saber o que elas podem fazer com o bote e, eventualmente, com o *rafeiro*. Compreendo o que falam os *rafteiros* sobre as *linhas*, mas não enxergo nada a não ser água, bancadas de areia e pedra. Isto me lembra uma anedota neurocientífica contada por um professor sobre um cego que voltou a enxergar e foi levado a um zoológico, mas só viu o macaco dentro da jaula ao encontrar e tatear uma estátua de um macaco. *Ler o rio* é como enxergar com as mãos. As *linhas* do *rafting* só se enxerga com todo o corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação trilhou, com a licença do trocadilho, um longo caminho desde a *aventura* como abstração completa, sua apropriação no contexto esportivo, o exame minucioso da construção de uma comunidade em torno dela, a escolha de uma de suas práticas, o foco em uma de suas equipes até, finalmente, a problematização de sua dimensão técnica.

Ao enxergar essa *linha* em direção ao mais atômico dos dados etnográficos de meu campo de pesquisa, a *leitura do rio*, conheci não os pilares da *aventura* como propunha no prólogo, mas as principais elaborações pendulares que a animam e mantém em movimento. Tais combinações ou pendularidades, e não oposições ou polaridades, que a compõe são, nesse contexto, as relações: ser humano-natureza, homem-mulher, trabalho-lazer, esporte-turismo, risco-segurança, *condução-competição*, *técnicas verticais-águas brancas*, *administração de nós-leitura de rios*.

Em Brotas, onde a *aventura* é um conjunto de técnicas e equipamentos, uma cartela de práticas, um ofício e um *estilo de vida*, mas também um *instinto* e um *espírito humano*; uma idéia preservacionista, cumulativa e agentiva de *natureza* se descortina como seu elemento central porque é sua condição de possibilidade. *Natureza* que é, a um só tempo, local de trabalho, base de operação turística, arena esportiva, espaço de lazer, mas que nem por isso deixa de ser vida, de ter linguagem e de estabelecer relações. Relações consumadas nos corpos que se percebem, por intermédio de equipamentos distintos e através das diversas técnicas forjadas sob a égide da *aventura* com esse fim. Técnicas que definitivamente devem ser privilegiadas em trabalhos futuros, assim como as questões de gênero.

REFERÊNCIAS

ABRAMSON, Allen e FLETCHER, Robert. Recreating the vertical: rock-climbing as epic and deep eco-play. **Anthropology Today**. vol. 23, n. 6, dez., 2007, p. 3-7.

AGNELLI, Selma. **A implementação da atividade turística em Brotas – SP: euforia e declínio**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Centro Universitário de Araraquara, 2006.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond e DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Caracterização conceitual dos esportes na natureza In: ISAYAMA, Helder; GOMES, Christianne; SILVA, Silvio (orgs). **Coletânea do VII seminário o lazer em debate**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 329-338.

ARAÚJO, Mônica. **O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010.

ARCHETTI, Eduardo P. **El potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino**, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, Colección Popular 593, Serie Breves, 2001: 128 páginas.

BANDUCCI JÚNIOR, Alvaro. Turismo Cultural e Patrimônio: a memória pantaneira no curso do rio Paraguai. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 9, n. 20, out. 2003.

BARRETO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 9, n. 20, out. 2003.

BETRÁN, A. O.; BETRÁN, J. O. Análisis de La demanda potencial de las actividades físicas de aventura en la naturaleza en la ciudad de Barcelona. **Apunts**. Barcelona, n. 52, p.92-102, 1998.

BETRÁN, Javier. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. p.157-202.

BONFATO, Antonio Carlos e RODRIGUES, Cristina. **Estudo dos impactos negativos ocasionados pela atividade turística junto à população residente no município de Brotas/SP**, Senac de Águas de São Pedro, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Marco Zero: Rio de Janeiro, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.207-220.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CAMARGO, Wagner. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais GLBTs**. Tese apresentada ao programa de doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

CARNICELLI FILHO, S; SCHWARTZ.G.M. Guias de Rafting: perfil e emoções. **Lécturas educación física y deportes** (Buenos Aires). Año 10 - N° 85, 2005.

CARNICELLI FILHO, Sandro. Trabalho, Responsabilidade e Emoção: A adaptação de instrutores de rafting. In: Schwartz, Gisele (org.). **Aventuras na Natureza: consolidando significados**. Fontoura, Jundiaí, p. 253-262, 2006.

CATER, Carl e CLOKE, Paul. Bodies in action: The performativity of adventure tourism. **Anthropology Today**. v.23, n.6, dez, 2007, p.13-16.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 2002.

COSTA, Carlos Eduardo. **“Vida Universitária”: política, esportes e festas. Uma análise antropológica da sociabilidade estudantil contemporânea**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia social da Universidade Federal de São Carlos, 2007.

COSTA, Vera Lúcia. **Esportes de Aventura e Risco na Montanha: um mergulho no imaginário**. Barueri: Manole, 2000.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de futebolistas no Brasil e na França**. Tese apresentada para ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

DANT, Tim e WHEATON, Belinda. Windsurfing: An extreme form of material and embodied interaction? **Anthropology Today**. v.23, n.6, dez., 2007, p.8-12.

DESCOLA, P. e PÁLSON, G. (orgs.). **Nature and society: anthropological perspectives**. Londres, Routledge, 1996, 1-20.

DI FRANCISCO JUNIOR, José Carlos. **Construção de Cenários e Formulação de Estratégias para o Turismo de Brotas – SP**. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) Curso de Pós-Graduação Latu Sensu – Economia e Negócios do Turismo (2008).

DIAS, Cleber Augusto G. Que Política de Esportes na natureza? IN: ESPINDULA, Brenda (org.) **Políticas de Esporte para a Juventude: contribuições para o debate**. São Paulo. Centro de Estudos e Memória da Juventude: Instituto Pensarte, 2009, p.91-100.

DIAS, Cleber Augusto G. e ALVES JUNIOR, Edmundo D. **Em busca da Aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. EDUFF: Niterói, 2009.

DIAS, Cleber Augusto G., MELO, Victor Andrade de e ALVES JUNIOR, Edmundo D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Rev. Port. Cien. Desp.**, dez. 2007, vol.7, no.3, p.358-367.

DURHAM, Eunice Ribeiro e CARDOSO, Ruth. **A Aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Editora, Paz e Terra, 1986.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERNANDES, Rita de Cássia. Esportes Radicais: Referências para um estudo acadêmico, **Conexões: educação, esporte, lazer**. Campinas, v.1, n.1, p.96-105, jul./dez. 1998.

FOLADORI, Guillermo. Desengenharia. O passivo ambiental na desativação de empreendimentos industriais. **Revista Ambiente e Sociedade**. no.10, p.137-141, Jun 2002.

FOLADORI, Guillermo e TAKS, Javier. Um Olhar Antropológico sobre a questão ambiental. **Mana**, 10(2):323-348, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GEERTZ, Clifford. Um jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa. In: _____. **A Interpretação das Culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge, 2000.

LAGE, Beatriz (coord.) **Boletim Semestral 2009/2 do Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo**. Comtur, Prefeitura de São Paulo, 2010.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Ed. 34: Rio de Janeiro, 1994.

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. EDUSC: Bauru, 2004.

LAVIOLETTE, Patrick. Hazardous Sport? **Anthropology Today**, v.23, n.6, dez., 2007, p.1-2.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Lisboa/São Paulo: Ed.70/Martins Fontes. 1981.

LE BRETON, David. Risco e lazer na natureza. In: MARINH, A.; BHRUNS, H. (orgs.), **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006, p. 116.

LE BRETON, David. **Condutas de Risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Autores Associados: Campinas, 2009.

LIVING IN HARMONY: Equipe Alaya Bozo D'água. A história brasileira da conquista do bicampeonato mundial de rafting na bósnia em 2009. Direção Jean Claude Razel e Pedro Oliva. Produção: Célula. São Paulo, s.d., DVD.

LOURO, Henrique. **Brotas através dos tempos. Subsídios para a sua história 1535- 1985.** Brotas (Portugal), Fábrica da Igreja Paroquial de Brotas, 1985.

MAGRO, Teresa Cristina; VAN BENTVELD, Gytha; Kataoka, Silvia; KOURY, Carlos Gabriel. **Uso Turístico do Ambiente Natural em Brotas: Manejo do Público Visitante.** 2002.

MARINHO, Alcyane e BHRUNS, Heloisa. **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza.** Barueri: Manole, 2006.

MAGALHÃES, M. de Faria. **Dicionário Trilingue: Português, francês, inglês.** Lisboa: Confluência, 1960.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: _____. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1935], p.399 - 422.

MELO, V.A. e Peres, F.F. (2005). **Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro.** Logos.12: 75-92.

MIDOL, N. & Broyer, G. Towards an anthropological analysis of new Sport cultures: the case of whiz sports in France. **Sociology of Sport Journal**, 12, 204-12. 1995.

OLIVEIRA JUNIOR, Arnaldo. **Valoração econômica da função ambiental de suporte relacionada às atividades de turismo em Brotas – SP.** Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade de São Carlos, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA (ABETA). **O Perfil do turista de aventura e ecoturista no Brasil.** 2010.

PAIVA, H. **Esportes Radicais e Sociedade: um enfoque na modalidade escalada.** Relatório de Iniciação Científica apresentado ao Departamento de Educação Física da FEFISA, Santo André, 1999.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes radicais de aventura e ação, conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, v. 12, n. 1, p. 37-55, jan./jun. 2008.

PRADO, Rosane. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 9, n. 20, out. 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BROTAS. Roteiro para diagnóstico turístico de localidade receptora, s.d.

RAMOS, Adriana; BUSSAB, Leila, SOUZA, Mônica e SANSONI, Silvia. **Brotas: cotidiano & história.** 1996.

ROJO, Luiz Fernando. Rompendo Tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo**, 2005, p.41-56.

ROJO, Luiz Fernando. “**Vivendo ‘nu’ paraíso**”: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol. Rio de Janeiro: DÍgrafo. 2012.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e Planejamento Sustentável**. Campinas: Papyrus, 2002. v. 1. 1999.

RUSCHMANN, D. V. M, et al. **Plano de Desenvolvimento Turístico**. São Paulo: ECA - USP, Departamento de relações públicas, publicidade e propaganda e turismo, 1995;

RUSCHMANN, D. V. M, et al. **Plano de Marketing**. São Paulo: ECA - USP, Departamento de relações públicas, publicidade e propaganda e turismo. 1996;

RUSCHMANN, D. V. M, et al. **Projeto de Aproveitamento Turístico da Primeira Cachoeira do Astor**. São Paulo: ECA - USP, Departamento de relações públicas, publicidade e propaganda e turismo, 1996.

SANDS, Robert. **Sport Ethnography**. Human Linetics: Champaign, 2002.

SANTANA, Renato, STRNÁDOVÁ, Kristína e BORECKÁ, Natália. **Guia de Águas Brancas Rafting no Brasil**. Expedições e Imagens: Brotas, 2011.

SAUTCHUK, Carlos Emmanuel. **O Arpão e o Anzol: Técnica e Pessoa no Estuário do Amazonas (Vila Sucuriçu, Amapá)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. 2007.

SCHWARTZ, Gisele. **Emoção e Aventura: expressões intervenientes no estilo contemporâneo do lazer**. Tese de livre docência apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Motricidade da Universidade Estadual Paulista - Unesp - Rio Claro, 2004.

SCHWARTZ, Gisele (org.). **Aventuras na Natureza: consolidando significados**. Fontoura: Jundiá, 2006.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

SEABRA, Fabiano. **Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

SERRANO, Célia e BRHUNS, Heloisa. **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Papyrus: Campinas, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na metrópole**. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

SIMMEL, Georg. “The adventurer” (1911) In: _____. **On Individuality and Social Forms**. Selected Writings. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

SOUZA, Fabiana. **O imaginário no Rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem**. São Paulo: Zouk, 2004. Spink (2004)

SPINK, Mary Jane. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 17(6):1277-1311, nov-dez, 2001.

SPINK, Mary Jane; GALINDO, Dolores; CANÃS, Antonio e SOUZA, Daniella. Onde está o risco? Os seguros no contexto do turismo de aventura. **Psicologia & Sociedade**; 16 (2): 81-89; maio/ago.2004

STIGLIANO, Beatriz e CÉSAR, Pedro. Turismo de Aventura: a busca de seu significado através da análise qualitativa de praticantes. **Turismo: Visão e Ação**, ano 5, n. 11, p. 41-50. abr.-set. 2002.

TALAVERA, Agustín Santana (2003), Turismo Cultural, Culturas Turísticas. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 9, n. 20, out. 2003.

THORPE, H. 'Beyond Decorative Sociology: Contextualizing Female Surf, Skate and Snow Boarding'. **Sociology of Sport Journal**, (2006): 205-228.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP, 1996.

TOMMASINO, H. e G. FOLADORI. 2001. "(In) certezas sobre la crisis ambiental". **Ambiente e Sociedade**, IV(8):49-68.

TORGOVNICK, Mariana. **Paixões Primitivas: homens, mulheres e a busca do êxtase**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

TUBINO, M. J. G. O esporte como fenômeno social importante do século XX e do início do século XXI. In: **Congresso de educação física e ciências do esporte dos países da língua portuguesa**. Galícia: Acoruna, 1998.

UVINHA, Ricardo. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

UVINHA, Ricardo (org.). **Turismo de Aventura: reflexões e tendências**. Aleph: São Paulo, 2005.

VIAJANTES RADICAIS PELO CAMINHO DE LÉVI-STRAUSS. Direção: Jader Lago. Produção: ESPN Brasil e Canal Azul. São Paulo, 2010. (56 min.), DVD.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Cumará, 2002.

WAGNER, Roy. "The Fractal Person". In: Marilyn Strathern e Maurice Godelier (org.). **Big Men and Great Men: Personifications of Power in Melanesia**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ANEXOS



II SEMINÁRIO TÉCNICO DE CONDUTORES DE TURISMO DE AVENTURA

Esta é a 2ª edição do Seminário técnico que tem como objetivo melhorar ainda mais a qualidade da prestação de serviço por parte dos nossos guias/condutores

PROGRAMAÇÃO

De 22 a 24 de novembro:

Curso de Primeiros Socorros

Das 08h00 às 17h00 com intervalo pra almoço.

Local: Centro Cultural. Avenida Mário Pinotti 584 – centro

Dia 24 de novembro:

Churrasco de Comemoração do Dia dos Condutores de Turismo em Brotas

Local: Clube de Campo. Das 17h00 às 22h00.

Limitados aos participantes do Seminário. Acompanhantes R\$ 10,00 necessária inscrição para preparar lista de entrada.

Dia 25 de novembro:

Curso de Conhecimentos Locais, Palestra sobre a APA Corumbataí, Clínica de Pegadas de Animais Silvestres.

Das 08h00 às 17h00 com intervalo pra almoço.

Local: Casa das Máquinas Antonio Carlos Sabino “Tico”

Dias 28, 29, 30, 1 e 2 de dezembro:

Curso de Competências Mínimas de Condutor (CMC)

Das 08h00 às 17h00 – Almoço 1h30

Dias 28 e 29 de novembro no Salão do Sindicato Rural de Brotas (Av Americo Piva, 180)

Dias 30/11, 1 e 2/12 em Campo.

Inscrições Gratuitas na Secretaria de Turismo – 28 vagas máximas

Limitadas a Morador de Brotas e Condutor de Turismo há mais de 1 ano em empresa local. Necessário comprovante de endereço e declaração de prestação de serviço por operadora local. Não possuir CMC presencial.

Inclui: apostilas, certificados, coffee break.

Não inclui: equipamentos para participar do CMC

Inscrições abertas a partir de 13 de novembro de 2011.

Realização: Secretaria Municipal de Turismo.

Apoio: Associação Brotense de Condutores de Turismo de Aventura (ABCT), Bióloga Fernanda Abra, Fundação Florestal, Secretaria de Meio Ambiente, Sindicato Rural de Brotas, Diretoria de Cultura e Corpo de Bombeiros.

Inscreva-se já para o Novo Adventure Camp mais dinâmico e mais aventureiro!

Fotos: Mariana Dias Melchiorini - XMG05 Studio/Seco - Amazon Adventure Camp



2012

o seu festival de aventuras

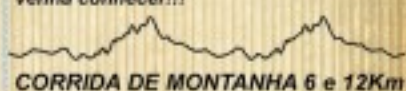
2ª etapa dias 23 e 24 de junho - Brotas SP



Sábado, dia 23 de junho
 09h - Workshops de aventura
 (mountain bike, canoagem, técnicas verticais e orientação)
 14h - Comidas de Montanha 6 e 12km
 (categorias: masculina e feminina)
 19h - Cine Aventura

Domingo, dia 24 de junho
 09h - largada das Corridas de Aventura
 categorias:
 kils, duplas, family, quartetos, master e solo (25 e 50km)

venha conhecer!!!



CORRIDA DE MONTANHA 6 e 12Km

programe-se:
 A terceira etapa será
 nos dias 20 e 21 de outubro!
 veja local no site
www.adventurecamp.com.br

INTROCIDO:



MÍDIA OFICIAL:



informações e inscrições: www.adventurecamp.com.br - T: (11) 3721-5654 / 7439-6587



2º Noite de Massas no Brotas Bar em prol da:

Equipe Bozo d'Água

Data 15/09/11

20:00h



Rafting
Equipe  **BOZO
ÁGUA**

Massas

Escolha entre:

- 1-Fetuccine à Carbonara
- 2-Ravióli de mussarela de búfala ao molho de tomate e majericão
- 3-Garganelli puxado com bacalhau, brócolis, alho e azeite extra virgem
- 4-Spaghetti de pupunha servido com almôndegas de soja ao molho pomodoro (Alimento funcional, novidade no cardápio do Brotas Bar)

R\$50,00

Inclui uma taça de vinho

Sobremesas

Escolha entre:

- 1-Petit gateau
- 2-Prato de sorvete
- 3-Carpaccio de abacaxi com uma pitada de mel de engenho e sorvete de creme

Obrigatório a apresentação deste convite.



(Foto Marília Bandeira)



Pódio da conquista do tetracampeonato panamericano (Foto cedida por Sérgio Prieto).